



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

### **Usage guidelines**

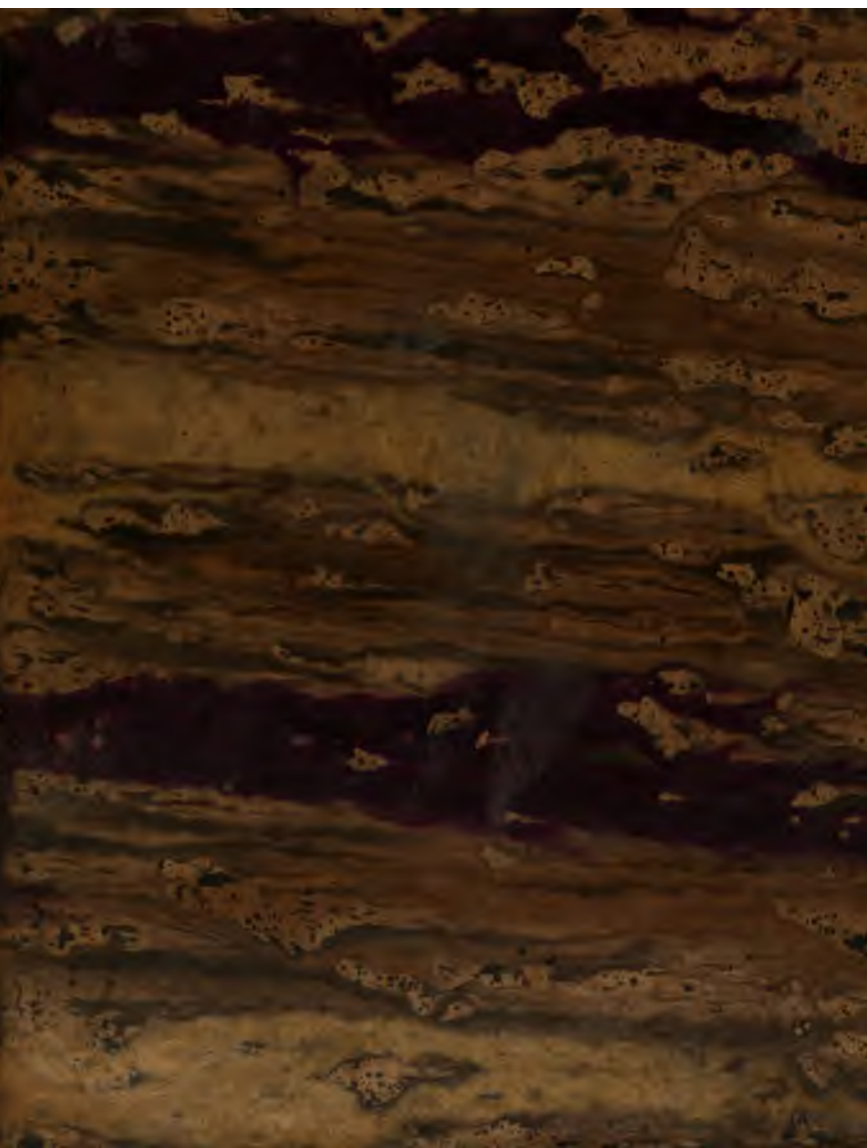
Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

### **About Google Book Search**

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



LIVRARIA POPULAR

A.A. DA CRUZ TOUTINHO

73 - RUA S. JERONIMO

1000 - LISBOA

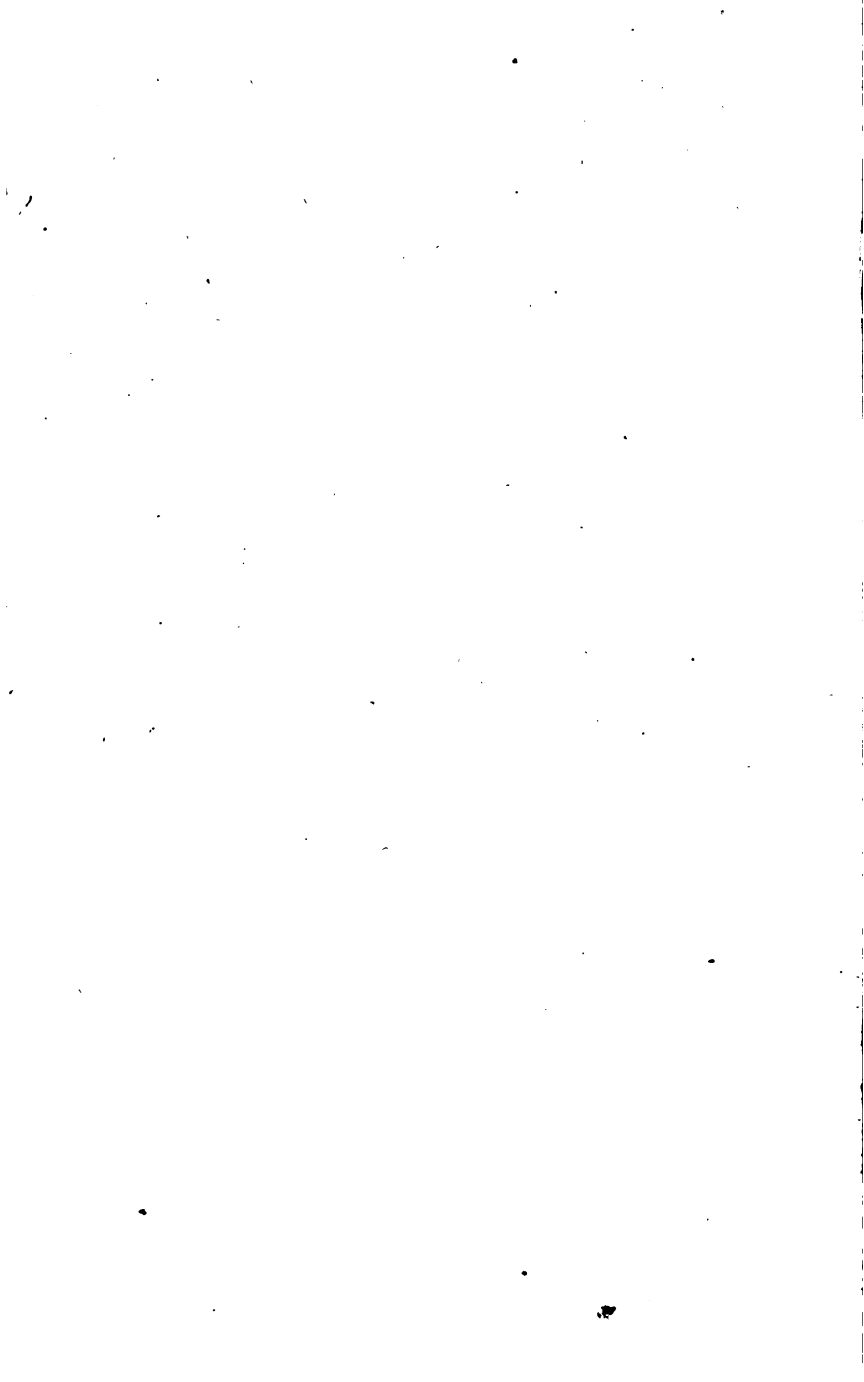


Fry 2 b. 28

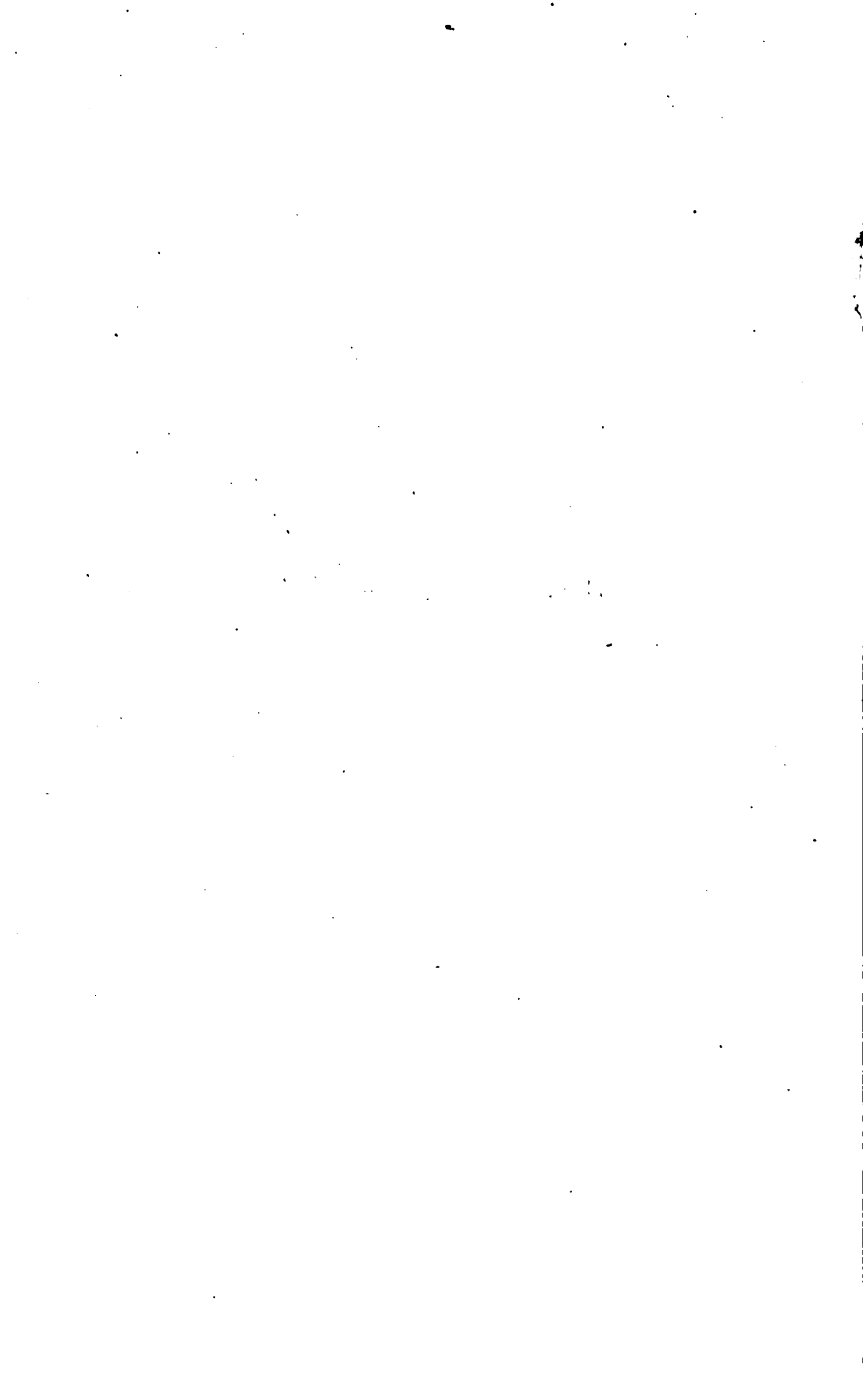
FRY COLLECTION



PRESENTED BY  
THE MISSES ESTHER CATHARINE,  
SUSAN MARY AND JOSEPHINE FRY,  
FROM THE LIBRARY OF  
THE LATE JOSEPH FORREST FRY  
AND SUSANNA FRY



# **OS FIDALGOS DA CASA MOURISCA**



*L. Frey. April 1872*

# OS FIDALGOS

DA

CASA MOURISCA

---

CHRONICA DA ALDEIA

POR

**JULIO DINIZ**



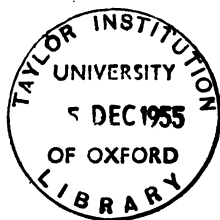
**PORTO**

TYPOGRAPHIA DO JORNAL DO PORTO

Rua Ferreira Borges, 31

1871





# OS FIDALGOS DA CASA MOURISCA

---

## I

A tradição popular em Portugal, nos assumptos de historia patria, não se remonta além do periodo da dominação arabe nas Hespanhas.

Pouco ou nada sabe o povo de celtiberos, de romanos e de wisigodos. É, porém, entre elle noção corrente que, em outros tempos, fôra este paiz habitado por mouros, e que só á força de cutiladas e de botes de lança os expulsaram os christãos para as terras da Mourama. Os vultos heroicos de reis e cavalleiros nossos, que se assignalaram nas luctas d'essa época, ainda não desappareceram das chronicas oraes, onde vivem illuminados por a mesma poetica luz das xacaras e dos romances nacionaes; e hoje ainda, nas dansas e jogos que se celebram nos logares publicos das villas e aldeias, por occasião das principaes solemnidades do anno, apraz-se a memoria do povo de recordar os feitos d'aquelles tempos historicos por meio de simulados combates de mouros e christãos.

Nos contos narrados em volta da lareira, onde nas longas noites de serão se reune a familia rustica, ou ás rapidas horas d'uma noite de estio, na soleira da porta, ao auditorio attento que segue com os olhos a lua em silenciosa carreira por um céu sem estrellas, avulta uma creação extremamente sympathica, a das mouras encantadas, princezas formosissimas que ficaram d'esses re-

motos tempos na península, em paços invisíveis, á espera de quem lhes venha quebrar o captiveiro, soltando a palavra magica.

Falla-se em diversos pontos das nossas provincias, com a seriedade que é propria a uma arreigada crença, de thesouros enterrados, que os mouros por ahi deixaram, na esperança de voltarem um dia a resgatal-os, e já não tem sido poucas as escavações emprehendidas no ávido intuito de os descobrir.

Esta mesma noção historica do povo é a que dá logar a um outro frequente factó. Quando, no centro de qualquer aldeia, se eleva um palacio, um solar de familia, distincto dos edificios communs por uma qualquer particularidade architectonica mais saliente, ouvireis no sitio designal-o por o nome de Casa Mourisca, e, se não se guarda ahi memoria da sua fundação, a chronica lhe assignará infallivelmente como data a lendaria e mysteriosa época dos mouros.

Era o que succedia com o solar dos senhores Negões de Villar de Corvos, que, em tres leguas em redondo, eram por isso conhecidos pelo nome dos Fidalgos da Casa Mourisca.

Não se persuada o leitor de que possuia aquelle solar feição pronunciadamente arabe, que justificasse a denominação popular, ou que mãos agarenas houvessem de feito cimentado os alicerces da casa nobre denominada assim. As pequenas torres quadradas, que se erguiam, coroadas de ameias, nos quatro angulos do edificio, ao desenho ogival das portas e janellas, ás estreitas setteiras abertas nos muros, e finalmente a certo ar de castello feudal, que um dos antepassados d'esta fidalga familia tentou dar aos paços de sua residencia senhoril, devêra ella a qualificação de mourisca, que persistira, apesar dos protestos da arte. Nenhum estylo architectónico fôra na construcção escrupulosamente respeitado; o gosto e capricho do proprietario presidiram mais que tudo á traça e execução da obra; não ha pois exigencias artisticas que me impenham a obrigação de descrevel-a minudamente.

Diga-se porém a verdade; fossem quaes fossem os

defeitos de architectura, as incongruencias e absurdos d'aquella fabrica grandiosa, quem, ao dobrar a ultima curva da estrada irregular por onde se vinha á aldeia, via surgir de repente do seio de um arvoredo secular aquelle vulto escuro e sombrio, contrastando com os brancos e risonhos casaes disseminados por entre a verdura das collinas proximas, mal podia reter uma exclamação de surpresa e involuntariamente parava a contempl-o.

Ou o sol no poente lhe doirasse a fachada de granito, ou as ameias, que o coreavam, se desenhassem como negra dentadura no céu azul, alumiado pela claridade matutinal, era sempre melancolico e triste o aspecto d'aquella residencia, sempre magestoso e severo.

Reparando mais attentamente, outros motivos concorriam ainda para fortalecer esta primeira impressão. O tempo não se limitára a colorir o velho solar com as tintas negras da sua palheta; derrocára-lhe aqui e além uma ameia ou um balastre do eirado, mutilára-lhe a cruz da capella; desconjunctára-lhe a cantaria em extensos lanços de muro, abrindo-lhe intersticios, d'onde irrompia uma inutil vegetação parasita: e esta permanencia de estragos, trahindo a incuria ou a insufficiencia de meios do proprietario actual, iniciava no espirito do observador uma serie de melancolicas reflexões.

E se o movesse a curiosidade a indagar na visinhança informações sobre a familia que alli habitava, obtel-asia proprias a corroborar-lhe os seus primeiros e espontaneos juizes.

Os chamados Fidalgos da Casa Mourisca eram actualmente tres. D. Luiz, o pae, velho sexagenario, grave, severo, e taciturno; Jorge e Mauricio, os seus dois filhos, robustos e esbeltos rapazes: o mais velho dos quaes, Jorge, ainda não completára vinte e tres annos.

A historia d'aquella casa era a historia sabida dos ricos fidalgos da provincia, que, orgulhosos e imprevidentes, deixaram, a pouco e pouco, embaraçar as propriedades com hypothecas e contractos ruinosos, desfallecer a cultura nos campos, empobrecer os celleiros, despoisar os curraes, exhaurir a seiva da terra, transformar

longas varzeas em charneças, e desmoronarem-se as paredes das residencias e das granjas e os muros de circumscripção das quintas.

Filho segundo de uma das mais nobres familias da provincia, D. Luiz fôra pelos paes destinado para a carreira diplomatica, na qual entrou apadrinhado e favorecido por os mais altos personagens da côrte.

Nas primeiras capitaes da Europa, em cujas embaixadas serviu, obteve o fidalgo provinciano um grau de illustração e de tracto do mundo, um verniz social, que nunca adquiriria se, como tantos, de moço se creasse para morgado.

Quando, por morte do primogenito, veio a succeder nos vinculos, D. Luiz podia considerar-se, graças á occupação dos seus primeiros annos de mocidade, como o mais instruido e civilizado proprietario da sua provincia; e como tal effectivamente foi sempre havido pelos outros, que o tractavam com uma deferencia excepcional.

Ainda depois da morte do irmão, D. Luiz, costumado ao viver da grande sociedade e á esplendida elegancia das côrtes estrangeiras, não abandonou a carreira que encetára. Secretario de embaixada em Vienna, casou alli com a filha de um fidalgo portuguez, que então residia n'essa corte, encarregado de negocios politicos.

Ao manifestarem-se em Portugal os primeiros symptomas da profunda revolução, que devia alterar a face social do paiz, D. Luiz mostrou-se logo hostile ao movimento nascente, e abandonando então o seu lugar diplomatico, voltou ao reino para representar um papel importante nas scenas politicas d'essa época.

Ahi tiveram origem grande parte dos desgostos domesticos, que lhe amarguraram o resto da vida.

Os parentes de sua esposa abraçaram a causa liberal.

D. Luiz, com toda a intolerancia partidaria, rompeu completamente as relações com elles, ferindo assim no intimo os affectos mais sanctos da pobre senhora, que sentia esmagar-se-lhe o coração entre as fortes e irreconciliaveis paixões dos que ella com igual affecto amava.

O rancor faccioso foi ainda mais longe em D. Luiz. Impelliu-o á perseguição.

O irmão mais novo da esposa, obedecendo ao entusiasmo de rapaz e á vehemencia de uma convicção sincera, sustentára com a penna, e mais tarde com a espada, a causa da ideia nova, que tanto namorava os animos generosos e juvenis.

Sobre a bella e arrojada cabeça d'aquelle adolescente pesaram as sombras das suspeitas e das vinganças politicas; e D. Luiz, cego pela paixão, não duvidou em fazer-se instrumento d'ellas.

Este era o irmão querido da esposa, que o fidalgo estremecia; mas nem as supplicas, nem as lagrimas d'ella puderam abrandar a força d'aquelle rancor.

O imprudente moço viu-se perseguido, prêso, processado e em quasi imminente risco de expiar, como tantos, no supplicio o crime de pensar livremente. Conseguindo, quasi por milagre, escapar á furia dos seus perseguidores, emigrou para voltar mais tarde n'essa memoranda expedição, que principiou em Portugal a heroica iliada da nossa emancipação politica.

Guerreiro tão fogoso, como o fôra publicista, o pobre rapaz não assistiu porém á victoria da sua causa. Ao raiar da aurora liberal, por que tanto anhelava, cahiu em uma das ultimas e mais disputadas refregas d'aquella sanguinolenta lucta, crivado de balas inimigas, sendo a sua ultima voz um grito de entusiasmo pela grande ideia, em cujo martyrologio se ia inscrever o seu nome.

A morte d'este entusiasta levou o lucto e a tristeza ao solar de D. Luiz. O coração amavel e extremoso da infeliz senhora recebeu então um golpe decisivo; das consequencias d'aquella dôr nunca mais podia ella convalescer. A sua vida foi depois toda para luto e para lagrimas.

Fez-se a paz, implantou-se no paiz a arvore da liberdade; D. Luiz deixou então a vida da côrte e veio encerrar no canto da provincia os seus despeitos, os seus odios e os seus desalentos. Trouxe comsigo um enxame de misanthropos, a quem o sol da liberdade igualmente incommodava, e que tinham resolvido pedir á natureza conforto contra os suppostos delictos da humanidade.

O solar do fidalgo transformou-se pois em asylo de muitos correligionarios, como elle desgostosos e irreconciliaveis com a nova organisação social.

Instituiu-se alli uma pequena corte na aldeia, uma especie de assembleia ou conventiculo politico, que não poucas vezes attraheu as vistas dos liberaes desconfiados e as ameaças dos mais insoffridos. Havia alli homens de todas as condições, e alguns de illustração e sciencia.

A hospitalidade do fidalgo era magnifica. D. Luiz mostrava ignorar, ou não querer saber, qual o preço por que ella lhe ficava. Indifferente a tudo, dir-se-ia sê-o tambem á ruina da sua propria casa, que apressava assim.

A victoria da causa contraria; a morte, em curtos intervallos, de tres filhos, que parecia cahirem victimas de uma sentença fatal; o receio pela vida dos outros; a tristeza e doença progressivas da esposa, a quem aquelles odios e luttas tinham despedaçado o coração; ás vezes uma vaga consciencia da sua situação precaria, e por ventura ainda remorsos pelas violencias, a que os odios politicos o impelliram, quebrantaram o caracter, outr'ora varonil, d'aquelle homem, que desde então começou a mostrar-se taciturno e descoroçoado. A prova evidente de que alguns remorsos tambem lhe torturavam o espirito fora a insolita generosidade, com que recebeu e ganhou permanentemente em sua casa um pobre soldado do exercito liberal, meio mutilado pela guerra d'esses tempos, e que tinha sido o fiel camarada do infeliz manco, contra quem tanto se encarnicára o odio do implacavel realista.

Viera o soldado entregar á esposa do fidalgo uma medalha, ultima lembrança do irmão que lh'a enviara, quando já agonisante no campo do combate. Havia-a confiado ao camarada para que a entregasse áquella, a quem tanto queria.

D. Luiz não só permittiu que o soldado fizesse a entrega em mão propria da esposa, mas deixou-o com ella em larga conferencia, não querendo que a sua presença a reprimisse na ancia natural de saber as menores particularidades da vida e da morte do infeliz, de quem o

emissario fôra companheiro inseparavel. Não se limitou a isso a tolerancia do fidalgo. Viu, sem a menor reflexão, que o mensageiro se demorava alguns dias na Casa Mourisca, e não oppôz resistencia alguma ao pedido, que a esposa mais tarde lhe fez para que o deixasse ficar alli, no logar do hertelão que fallecêra.

Este facto insignificante foi de não pequena influencia nos destinos d'aquella familia.

Os filhos de D. Luiz, creados no meio d'essa côrte de provincia, cresciam sob influencias que actuavam d'uma maneira contradictoria sobre os seus caracteres infantis.

Não lhes faltavam mestres que os instruissem, que muitos eram os habilitados para isso nas salas do fidalgo, refugio de tantos illustres descontentes. Graças a estas especiaes condições, puderam os dois rapazes receber uma educação, difficil de conseguir em um canto tão retirado da provincia, como aquelle era.

Mas, ao lado da lição dos mestres, que, juntamente com a sciencia, se esforçavam por imbuir-lhes os seus principios políticos, aos quaes se atinham como a artigos de fé, havia uma outra lição mais obscura, mas por ventura mais efficaz. Era a lição da mãe e a do veterano.

A esposa de D. Luiz era uma senhora de esmeradissima educação e de um profundo bom senso. Amava o marido, mas via com pezar os excessos, a que o impeliavam as suas opiniões politicas. Educada no seio de uma familia liberal, possuia sentimentos favoraveis ás ideias novas; mas sabia guardal-os no coração, para não despertar conflictos na familia.

Porém, no tracto intimo entre mãe e filhos, trahia-se muita vez essa prudente discricão, e as fidalgas crianças iam recebendo a doutrina, de que os outros lhes blasphemavam como de heresias, e naturalmente, seduzidas pela origem d'onde ella lhes vinha, abriam-lhe de melhor vontade o coração, do que aos preceltos austeros e um pouco pedantescos dos mestres.

Demais, ouviam tantas vezes a mãe fallar-lhes do irmão que perdêra, dos seus sentimentos generosos, do seu nobre caracter e da sua dedicação heroica a bem da causa liberal, que elles, e o mais velho sobre tudo, cos-



tumaram-se a venerar a memoria do tio, como a de um heroe e a de um martyr e a vél-o aureolado de um verdadeiro prestigio lendario.

Para isto porém concorreu mais que outrem o hortelão.

O velho soldado era uma chronica viva das batalhas e façanhas d'aquelles tempos historicos e um panegyrista ardente do seu pobre official, cujo ultimo suspiro recolhêra.

As crianças sentiam-se instinctivamente attrahidas para a companhia do velho, em cujas narrações pintorescas e vivamente coloridas achavam um encanto irresistivel. Feria-lhes fundo a curiosidade a maneira por que elle fallava dos trabalhos da emigração, dos episodios do cerco do Porto, da fome, da peste e da guerra, triplice calamidade que conhecêra de perto, das batalhas em que havia entrado, da bravura do seu amo, e finalmente do Imperador, por quem o mutilado veterano professava um entusiasmo quasi supersticioso, e a cujo vulto a sua narrativa imaginosa dava um aspecto epico e sobrenatural.

As crianças não se fartavam de interrogar aquella testemunha presencial de tantos feitos heroicos.

E assim eram neutralisadas as doutrinas dos pedagogos eruditos, encarregados da educação dos filhos de D. Luiz, e estes iam crescendo affeiçãoados aos principios liberaes, que amavam de instincto, antes de os amarem de reflexão.

Mas dias de maior provação estavam reservados para esta familia.

A munificencia que o senhor da Casa Mourisca mantivera no voluntario desterro, a que se condemnou, obrigára-o a enormes e perigosos sacrificios.

D. Luiz nunca propriamente se occupára da gerencia dos seus bens. Fiel aos habitos aristocraticos dos seus maiores, deixára desde muito a procuradores todos os cuidados de administração, e de quando em quando recebia d'elles a noticia de que a sua casa se estava perdendo, sem que se lembrasse de perguntar a si proprio se não seria possivel oppôr um obstaculo áquella ruina.

O padre Januario, ou frei Januario dos Anjos, velho

egresso, homem de letras gordas, que se estabelecêra commodamente n'aquella acastellada residencia, como em casa sua, era um d'esses procuradores.

Faça-se justiça ao padre, que não era de má fé, nem em proveito proprio, que elle apressava, com mão poderosa, a decadencia de D. Luiz. Mas, homem de curtas facultades e de nenhum expediente financeiro, se obtinha capitaes para o seu constituinte, nas crises mais apertadas, era sempre sob condições de tal natureza, que deixava de cada vez mais onerada a propriedade e mais irremediavel o triste futuro d'ella. Succedeu pois o que era de esperar. Dispersou-se a côrte de D. Luiz. Por muito que fizessem os administradores da casa para a manter no costumado esplendor, cêdo principiaram a transparecer os signaes da declinação. Foi o aviso para a debandada. Uns porque delicadamente comprehendiram que a sua permanencia concorreria para augmentar as difficuldades, com que o fidalgo já luctava; outros, porque aspiravam melhores auras, longe d'alli, em solares menos estremecidos pelo vaivem da adversidade; é certo que todos se foram retirando, a um por um, e deixaram a familia só.

Augmentou com este isolamento a taciturnidade do fidalgo.

Depois veio a doença e a morte da esposa, d'aquella que lhe tinha sido tão fiel amiga, que, para lhe poupar desgostos, até escondia as lagrimas, que elle lhe fazia verter; veio éssa nova dôr atribular-lhe ainda mais a existencia. E ainda não haviam acabado as provações! No fundo do calice estavam ainda depositadas as gotas mais amargas.

D. Luiz tinha por esses tempos uma filha, mimoso legado da esposa, cuja missão consoladora continuava no mundo. Queria-lhe muito o pae! Se não havia de querer! O coração árido d'aquelle velho e o tenro coração d'aquella criança procuravam-se, como para um pelo outro se completarem.

O velho fidalgo, concentrado e quasi rispido para com os outros filhos, se alguma vez teve nos labios sorrisos desanuviados e sinceros, foi na presença da sua Beatriz.

Aquelle desgraçado coração, vazio de affectos, queimado de odios e de paixões esterilizadoras, sentia um grato refrigerio em deixar-se penetrar do suave influxo das carícias da criança, que beijava as faces rugosas do pae e lhe brincava com os cabellos prateados; e muitas vezes, n'esses momentos, lagrimas de desafogo dissipavam a corração que ia na alma d'aquelle homem, que com tanta força sabia odiar.

E não era só o pae que experimentava essa influencia.

Jorge, que de pequeno fôra pensativo e serio, sentia-se tomar por a bondade e ternura de Beatriz. Criança ainda, tinha ella, quando a sós com o irmão, um olhar penetrante e um gesto grave como o d'elle, um espirito para communicar á vontade com o seu. Ella parecia comprehender o alcance do auxilio que poderia receber um dia d'aquelle rapaz sisudo, que a fitava, e elle sentia-se engrandecer aos proprios olhos, lembrando-se de que seria sua missão na vida proteger aquelle anjo.

Mauricio, genio mais impetuoso e impaciente, dobrava tambem a vontade a um aconcho da fragil e delicadâ creatura, em quem um estouvamento seu desafiava lagrimas. E estas lagrimas eram a unica repressão que o continham nos desvarios.

Pois até n'esta filha feriu o Senhor o pobre ancião.

Criança mimosa, colheu-a um sopro da morte, ainda com o sorriso nos labios, e prostrou-a exanime no tumulo.

Fez-se então de veras escuro no espirito do pae:

Quando aquella pequena fada domestica desapareceu, como uma visão vaporosa em contos de magia, foi como que se todos ficassem em trevas. A vida era tão outra! O ente que absorvia os instantes d'aquelles tres homens, a quem todos tres tributavam os seus mais puros affectos e os seus pensamentos mais constantes, desaparecêra, e elles olhavam-se assustados, meio loucos, como se de subito se lhes tivesse apagado a luz que os alumia; sentiam a indecisão do homem, a quem no meio da estrada fulmina inesperada cegueira.

Passada a violencia da primeira dôr, em todos ficou a saudade, negra e concentrada em D. Luiz, melancolica

em Jorge, expansiva e vehemente em Mauricio; e para todos o nome de Beatriz, a recordação dos seus gestos, das suas palavras; era um talisman, cuja efficacia nunca se desmentia. A alma d'aquelle anjo assistia ainda á familia, que o chorava, e á sua mysteriosa direcção obedeciam todos, sem o perceberem:

Morta aos dezeseis annos, Beatriz vivia ainda nos logares que habitava.

Ha entes assim, cuja influencia posthuma lhes dá uma quasi immortalidade, á maneira da luz sideral, que continúa a scintillar para nós, depois de aniquilado o foco que a emittia:

O padre Januario tornou-se desde então a creatura indispensavel, e a companhia exclusiva de D. Luiz, que via n'elle o unico representante da sua antiga corte.

Acerrimo partidario do regimen absoluto, apesar de lhe não ser possivel enfeixar dois argumentos serios em defeza d'elle, o padre Januario passava a vida aproveitando os mais ridiculos ensejos para premissas dos seus corollarios anti-liberaes, artificio com que lisongeava as paixões do seu illustre amo e patrono, e mantinha n'elle o fogo sagrado.

O padre achava-se bem n'aquella vida monotona, que exercia sobre si os mais notaveis effeitos analepticos. Podia dizer-se que elle dividia alli o tempo entre duas occupações exclusivas: comer e esperar com impaciencia as horas da comida:

Uma unica circumstancia asombrava os dias do padre. Era a presença na Casa Mourisca do hortelão, em quem fallamos, e que mantinha com elle uma aberta hostilidade. Frei Januario exasperava-se sempre que o ouvia fallar no Imperador e no Cerco e nos Voluntarios da Rainha e na Carta, com o entusiasmo e a emphase de um soldado d'aquelles tempos. Por vezes rompiam ambos em scenas violentas; por vezes o capellão ia aconselhar ao fidalgo a demissão d'aquelle homem, que ameaçava infectar de liberalismo a familia inteira:

D. Luiz porém, apesar de nunca fallar com o hortelão, não attendia n'estas reclamações o padre. Conservando no seu serviço o veterano, satisfazia a um pedido

da esposa, e não teria coragem para fazer o contrario. Assim perpetuavam-se os conflictos entre os dois, porque nem o procurador supportava as rudes franquezas do soldado, nem este os remoqueos encapotados do procurador.

Tal era a situação da familia da Casa Mourisca na época em que vae procural-a a nossa narração.

Já se vê quão mal assegurado andava o futuro dos dois jovens filhos de D. Luiz. A educação que elles haviam recebido não tendêra a fim algum pratico.

D. Luiz não podia soffrer a ideia de dar a seus filhos uma profissão. A nobre carreira das armas, que mais lhes conviria, estava-lhes fechada pelas ultimas evoluções politicas. Os descendentes dos ultra-monarchicos Negrões de Villar de Corvos não eram para se assalariarem em defeza dos principios e das instituições que abalaram os velhos thronos, firmados no direito divino. Nobre era tambem a carreira ecclesiastica, que muitos dos seus antepassados haviam trilhado, apoiados no baculo episcopal; mas se D. Luiz estava persuadido de que já não havia religião n'este territorio de antigos crentes? e se frei Januario teimava, ensinado pelo mallogro de longas pretenções ás honras de umas meias vermelhas, que só se adiantava nas phalanges do clero quem fosse pedreiro livre!

Assim pois os jovens descendentes do velho realista passavam o tempo cavalgando e caçando nas immedições, e fruindo em sancto ocio uma vida, cujos espinhos todos procuravam occultar-lhes. Caminhavam por estrada de rosas para um fundo precipicio, d'onde lhes desviavam as vistas.

Deve porém dizer-se que não caminhavam ambos igualmente desprevenidos; porque de criança era diverso o character dos dois, e de dia para dia mais a differença se pronunciava.

Jorge, na infancia como na juventude, fôra sempre grave e reflectido. Nos brinquedos tomava para si o desempenho de um papel serio. Era o pae, o mestre, o commandante, o medico, o padre, tudo aquillo que o obrigasse a um porte sisudo e a uma gravidade de homem.

Adolescente, nunca as raparigas do logar lhe ouviram uma phrase atrevida; era sempre uma saudação affectuosa, casta e quasi paternal a que lhes dirigia, ainda quando ás encontrasse a sós nas veredas mais solitárias das devezas ou pinheiraes. Ellas habituaram-se aquella juvenil seriedade, saudavam-n'o como a um velho, fallavam d'elle com acatamento, certas de encontrarem n'aquelle silencioso rapaz um protector na occasião precisa, mas nunca um namorado. E comtudo a figura esbelta de Jorge, a varonil e intelligente expressão d'aquelle rosto bem desenhado e um certo fulgor no olhar, que denunciava energia de character, obrigavam a desviar-se para o vér mais de um olhar feminino, quando elle passava com um livro debaixo do braço ou a cavallo pelos caminhos do campo.

As pessoas da indole de Jorge impoem uma especie de estranho temor ás mulheres, que se afastam d'ellas como de um ser mysterioso, d'onde lhes podem vir perigos desconhecidos.

Maurício, pelo contrario, mal podia dizer de que idade encetára o seu primeiro amor. Com os brinquedos pueris misturára já uns arremedos de galahteio e mais o competente cortejo de arrufos e de ciúmes. Desde então nunca lhe andou o coração devoluto, ainda que tambem nunca tão tomado e absorvido por amores, que o fizesse passar por qualquer belleza feminina, sem uma lisonja e sem um sorriso.

Era popularissimo entre as raparigas da aldeia; todas o conheciam, e elle a todas designava por os nomes. A todas não, que para as feias tinha uma memoria ingrata.

Além d'isso Jorge gastava muito do seu tempo na leitura. Era bem provida a livraria da casa. A educação esmerada da mãe e bom gosto litterario tinham enriquecido a bibliotheca dos melhores modelos da litteratura nacional e da estrangeira. Ahi encontraram os dois rapazes farto alimento para a sua curiosidade. Jorge lia tambem furtivamente os poucos livros, espolio do tio fallecido, os quaes o hortelão guardára como reliquia, furtando-os ao auto de fé a que os condemnaria inevitavelmente a indignação do fidalgo e do padre. N'esses livros aprendeu Jorge a pensar, a comprehender o alcance de certas

ideias e de certas instituições, e a fazer a justiça devida a muitos preconceitos, que lhe haviam imposto como dogmas.

A um espirito d'estes, educado em observar e reflectir, não podiam passar por muito tempo desapercibidos os numerosos symptomas da decadencia que apresentava a Casa Mourisca. Assim, por vezes vinha-lhe ao espirito uma secreta apprehensão pelo seu precario futuro.

Mauricio, imaginação mais forte, natureza mais ardente, character mais frivolo e voluvel, vivia a sua vida de joven fidalgo de provincia; deixava-se ir na corrente dos seus amores faceis, dos seus prazeres e das suas dissipações, allucinado por os sonhos e chimeras de uma fertile fantasia, e não profundava os olhos até o seio obscuro das realidades. A sua leitura era exclusiva de romancistas e poetas. Imaginação nimiamente inquieta, razão por indolencia inactiva, não via, nem quereria vêr, o espectro, que ás vezes apparecia aos olhos do irmão.

Uma circumstancia havia, a que mais que a outras devia Jorge a appareção d'esse espectro, que, á semelhança da sombra do rei da Dinamarca, em Hamlet, ia exercendo uma funda influencia no animo do adolescente.

Esta circumstancia não era só para elle manifesta. Ao viajante, que já suppozemos parado a contemplar o vulto, denegrido da Casa Mourisca, não passaria ella tambem desapercibida.

Na raiz da collina fronteira áquella, onde o solar dos fidalgos erguia as suas torres ameidadas, assentava o mais risonho e prospero casal dos arredores. Era uma completa casa rustica, conhecida por aquelles sitios pelo nome, que por excellencia se lhe dera, da Herdade.

O contraste entre a Herdade e o velho solar era perfeito.

Ella graciosa e alvejante, elle severo e sombrio; de um lado todos os signaes de actualidade, de vida, de trabalho, da industria que tudo aproveita, que não dorme, que não descança; a economia, a previdencia, o futuro: do outro, o passado, a tradição esteril, o silencio, a incuria, o desperdicio, a ruina: a cada pedra que o tempo derrubava do palacio, correspondia uma que se assen-

tava na Herdade para alicerces de novas construcções; aqui desmoronava-se um pavilhão, alli levantava-se um celleiro, uma azenha, um lagar; aos velhos carvalhos, ás heras vigorosas, aos avelludados musgos, aos lichens multicores, severas galas, com que se adornava a casa nobre, oppunha a Herdade os pomares productivos, as ondulantes searas, os prados verdes, as vinhas ferteis e proximo de casa, os canteiros de rosas e balsaminas, onde volteavam incessantes as abelhas das colmeias proximas. Nas amplas cavallariças do palacio, onde outr'ora relinchavam duzias de cavallo das mais apuradas raças, ainda batiam com impaciencia no lagedo dois velhos exemplares de bom sangue, cujo sacrificio a economia não exigira ainda; nas mais modestas cavallariças do casal, duas eguas robustas, promptas para o serviço, e domaveis por uma criança, preparavam-se em fartas mangedouras para frequentes e longas excursões; e ao entardecer abriam-se os curraes a numerosas cabeças de gado, cujos mugidos chegavam até o alto da Casa Mourisca, onde o velho fidalgo muita vez os escutava, pensativo e melancolico.

Este contraste, que apontamos, era a circumstancia que evocava no espirito de Jorge o espectro que o entristecia.

O dono da Herdade fôra pobre, servira como criado na casa dos fidalgos, passára depois a rendeiro de um pequeno casal, mais tarde arrendára uma fazenda maior; chegando enfim a ser proprietario, tornára-se em pouco tempo possuidor de extensos bens, e erà já o chefe d'uma familia numerosa e talvez o primeiro agricultor d'aquelle circulo.

Porque prosperava a Herdade, e porque declinava o palacio? Se de tão pouco se chegára a tanto, como se podia cahir de tanto em tão pouco?

Taes eram, em summa, as vagas reflexões que se asenhoreavam do espirito de Jorge, quando das janellas do seu quarto, em uma das torres do palacio, ou do alto de alguma eminencia, observava a animação, a vida da propriedade do seu antigo criado, e voltava depois os olhos para o vulto silencioso e como adormecido do velho paço dos seus maiores.



## II

Por uma manhã de setembro, límpida e serena, como às vezes são na nossa terra as manhãs do outono, Jorge saiu a pé, a passear pelos campos. Errou ao acaso por bouças e tapadas, seguiu a estreita vereda a custo cedida ao trânsito pela sôfrega cultura nas terras marginaes do pequeno rio da aldeia. Depois, subindo a uma eminencia, parou a contemplar do alto o aspecto do feracissimo valle, que suavemente se lhe abatia aos pés, e no fundo do qual se erguia, d'entre veigas e pomares, a Herdade, de que já fallamos.

Jorge sentou-se sobre uma d'essas enormes moles de granito, que se encontram com frequencia em certos lugares da provincia, soltas pelos montes, como se fossem roladas para alli em remotas eras por mãos de fundibulários gigantes, empenhados em encarniçada lucta. Os olhos dirigiram-se-lhe instinctivamente para a Herdade, onde se fixaram, como se com força irresistivel os attrahisse o espectáculo que via.

Era a época de mais intensa vida nas granjas. Os cereaes, cobrindo as eiras, lourejavam aos raios desantiviados do sol; carros, a vergarem sob o fardo das colheitas, transpunham lentos as portas patentes do quinteiro, chiando estridorosamente; apinhavam-se além em montes as cannas e o folhelho de milho, restos de recentés descamisadas; longas series de mēdas elevavam-se mais longe, á maneira de tendas em um arrabal de campanha; juntas de bois, já livres do jugo, repousavam das fadigas d'aquelles dias de azafama, ruminando em sócego; os

moços da lavoura iam e vinham, atarefados em diversos misteres; e de tudo isto erguia-se um clamor de trabalho, que o socego dos campos e a serenidade do dia deixavam chegar distincto até o alto da collina.

O dono da Herdade, o antigo criado da Casa Mourisca, presidia aquellas tarefas, e em volta d'elle moviam-se, saltavam e riam duas ou tres robustas crianças, com quem brincava um formidavel rafeiro.

E era esta a scena que Jorge contemplava, e que em tão profundas meditações parecia absorvê-lo. De repente distrahiu-o o som dos passos de alguém que se aproximava d'aquelle mesmo logar, em que tão desapercibidamente lhe ia correndo a manhã.

Voltando-se, viu seu irmão Mauricio, que em traje rigoroso e competentes petrechos de caça, e com a esmerada elegancia e apuro, que lhe eram habituaes, subia a collina, precedido de dois ou tres cães de boa raça, que de longe descobriram Jorge e correram para elle, afagando-o, com latidos e cabriolas.

Mauricio, assim avisado e conduzido pelos cães, veio ter com o irmão, exclamando jovialmente á distancia de alguns passos:

— Em flagrante delicto de meditação poetica, o snr. Jorge! Bravo! Já não desespero de te ver um dia fazer versos.

Jorge respondeu, encolhendo os hombros:

— Quem se senta no alto de um monte, depois de subir toda a encosta d'elle sem parar, pôde fazê-lo simplesmente com o prosaico intento de tomar fôlego. Se isto fosse symptoma de poesia, então...

— Pois sim, mas já isso de subir o monte com as mãos vazias, como estás, sem uma espingarda que revele um razoavel fim no passeio, é um symptoma importante. Quem é que se dá ao incommodo de uma ascensão d'essas, quando o gozo da perspectiva que espera encontrar lhe não compensa as fadigas? E quem tem d'essas compensações senão os poetas, que são os unicos que sabem *ce qu'on entend sur la montagne?*

Avez vous quelque fois, calme et silencieux,  
Monté sur la montagne en présence des ciéux?

E, a recitar os primeiros versos da poesia alludida, sentava-se ao lado do irmão, pousava a espingarda, e descobrindo a cabeça, sacudia aos ventos os formosos e bastos cabellos castanhos, objecto de muitos cuidados seus.

Os cães andavam inquietos a farejar por entre as urzes e as tojeiras do monte.

Interrompendo de subito a recitação, Mauricio proseguiu:

— Mas que teima a tua em te mostrares frio ante estas magnificencias! Que escrupulos pôde haver em declarar isto tudo admiravel? Repara como é bem talhado aquelle córte além, no monte; parece feito de proposito para deixar vêr no plano posterior aquella povoação distante, que não sei que nome tem. E alli o campanario, com a sua alameda? Quem teria a feliz inspiração de o assentar tão bem? Onde é que elle ficaria melhor? Parece que andou um gosto de artista a dirigir estas coisas.

E acrescentou, suspirando:

— Ai, na aldeia o scenario bem está, pouco tem que se lhe diga; mas os actores e a comedia que aqui se representa é que são de uma insipidez!

Os instinctos urbanos de Mauricio, cuja indole mal se accommodava á simplicidade campesina, e o fazia suspirar pela vida das capitaes, arrancavam-lhe frequentemente d'estas exclamações.

Jorge, que escutára o irmão sob uma meia distracção e sem desviar os olhos da Herdade, replicou-lhe sorrindo:

— Ha quasi uma hora que estou aqui, e posso jurarte que não tinha notado uma só d'essas particularidades da paisagem que descreves.

— Gostas mais da contemplação em globo. Até isso é de poeta. Analysar minuciosamente as impressões recebidas não é o seu forte.

— Enganas-te ainda; não era tambem o conjuncto da paisagem que eu observava; mas um ponto limitado d'ella, muito limitado.

— Qual era então?

— Olha alli para baixo; a Herdade de Thomé, aquella azafama, aquella gente toda a trabalhar, a vida que alli vae!

— Ora adeus! — exclamou Mauricio — é justamente o que me não roubaria um momento de attenção. Não te estou a dizer que para mim o que ha de insupportavel no campo é a gente que o habita, a vida que n'elle se passa? Faz pena vér que especie de contempladores tem a natureza para estas maravilhas. A indifferença com que estes selvagens encaram tudo isto! Repara, vé aquelle labrego passar lá em baixo na ponte; olha lá se elle desvia a cabeça para algum dos lados, ou se pára um momento para gozar do bello espectáculo que d'alli observa. Olha para aquillo! Selvagem! Pergunta ao Thomé ou a toda essa gente que lá anda em baixo a trabalhar quantas vezes admiraram as bellezas de uma noite de luar, vista do alto do oiteiro pequeno, ou se o pôr do sol lhes produz alguma sensação na alma, a não ser a lembrança de que vão sendo horas da ceia.

Jorge sorria ao ouvir o irmão; e tornou placidamente:

— Que homem este! A poesia precisa de ter quem a entenda e quem a faça; e olha que nem sempre os que a entendem a fazem, nem os que a fazem a entendem. Esta pobre gente do campo é uma parte integrante d'elle; não o contemplam, completam-n'o. Que querias tu? Gostavas talvez mais de que em vez d'essa gente indifferente, que trabalha, estivessem por ahi os montes, os valles e as ribeiras povoados de poetas contempladores como tu? Deves confessar que seria um campo bem ridiculo esse. Se eu até, para que te diga a verdade, estou persuadido de que não encontraria encantos nos logares muito visitados, que ha por as quatro partes do mundo, onde, a cada momento, apreciadores inglezes, francezes, russos e allemães passeiam, soltando exclamações polyglotas, e onde o nosso enthusiasmo nos é prescripto a paginas tantas do GUIA DO VIAJANTE. O que torna os lavradores poeticos é a inconsciencia com que elles o são.

— Vistos de longe. Pelo menos concorda n'isto; vistos de longe, e de muito longe.

— Vistos de longe, sim, que duvida? como tudo o mais. Ao perto tambem muitos d'esses prados são pantanos mal cheirosos, que infectam, e mexe-se uma mi-

ryada de insectos repugnantes n'essa verdura que tanto admiras. Dize-me uma coisa, Mauricio, parece-te que o nosso velho solar prejudica a belleza d'esta paisagem?

— Se prejudica? Ora essa! Adorna-a. Olha que bem que elle sabe d'aquelle fundo que lhe fazem os castanheiros!

— Muito bem, e comtudo, visto de perto, ha lá tristes e prosaicas realidades—observou Jorge, suspirando.

Ao olhar de estranheza, com que, ao ouvir-lhe estas palavras, o irmão o fitou, Jorge correspondeu, dizendo:

— Sim, Mauricio, triste e prosaica realidade para quem o olhar de perto. Ha nada mais triste do que aquelles campos invadidos pelas ortigas, que nós lá temos, do que aquelles pomares mal tractados, e aquelles celleiros em ruínas? Quererás encontrar poesia na nossa pobreza, Mauricio?

— Pobreza?!

— Pobreza, sim; pois que nome lhe queres dar? Olha, compara o aspecto d'essa casa branca de um andar, que ahi fica em baixo, com o do nosso paço acastellado, a actividade d'aquelles homens com a somnolencia chronica do nosso capellão; compara ainda, Mauricio, compara a desafogada alegria de Thomé com a tristeza sem conforto do nosso pae.

Mauricio curvou a cabeça, e, uma como sombra de tristeza parou-lhe algum tempo na fronte, habitualmente desanuviada. Dir-se-ia que pela primeira vez o vulto descarnado da realidade se lhe apresentava aos olhos, até então fascinados pelo fulgor de lisongeiras illusões.

Mas, depois de breves instantes de silencio, respondeu ao irmão:

— Pois bem, será como dizes. Creio até que seja essa a verdade. A riqueza está allí, a pobreza do nosso lado; porém a poesia... oh! essa deixa-nol-a ficar, que bem sabes que não é ella a habitual companheira da opulencia,

— Da opulencia ociosa, egoista e inutil, de certo que não; mas da opulencia activa, benéfica, que semeia, que transmite a vida em volta de si, da opulencia que fomenta o trabalho, que cultiva os terrenos maninhos, que fertilisa a terra esteril, que sustenta, que educa e civi-

lisa, o povo, oh! d'essa, é a poesia companheira também. Se o castello arruinado tem poesia bastante para fazer correr lagrimas de saudade; a granja, activa e prospera, tem-n'a de sobra para as provocar de entusiasmo e de fé no futuro.

Mauricio ficou outra vez silencioso; depois, como se pretendesse sacudir de si as ideias negras, evocadas pelas palavras do irmão, exclamou erguendo-se e com affectado estouvamento:

— Estás enganado, Jorge, o que reina alli em baixo não é a poesia, é... é... é a economia. A poesia não assiste ao edificio que se levanta, mas ao que se arruina; gosta mais dos musgos, do que da cal; do lado do passado é que a encontra, melancolica, que é o ar que lhe convém. Ella tem razão; o futuro tem muita vida para precisar do prestigio poetico. A poesia dos utilitarios! Com o que tu me vens! Não sei quem foi que ha tempos me disse ter lido uma noticia curiosa a respeito da Inglaterra. Parece que o espirito industrial e economico, d'aquella gente vae por lá destruindo as florestas, as matas, as sebes vivas, o que emmudecerá dentro em poucos côros das aves; os rebanhos, que d'antes pastavam pelas campinas verdes, hoje já prosaicamente se vão engordando nos estabulos! Que mais falta? A voz dos camponezes, as cantigas e as musicas ruraes hão de calar-se ao ruido do ranger das machinas e do silvo do vapor. Admiravel! Em vez do fumo alvo e tenue das choças ficará o céu coberto de fumo negro e espesso do carvão de pedra. Que modelo de aldeia o que nos vem da Inglaterra! Na verdade! que poesia!

— No que tu me vens fallar! Na Inglaterra, agricultar — acudia Jorge — Mas antes lá é que bem se comprehende a poesia da vida rural, que até a nobreza a não despreza. Sempre ouvi dizer que os senhores das terras e os rendeiros fraternisam e auxiliam-se mutuamente, e que os trabalhos do anno succedem-se entre festas e solemidades populares, lucrando todos, trabalhando todos, e enriquecendo cada vez mais a terra. Deves confessar que ha mais poesia nos dominios senhoris dos lords de Inglaterra, que dirigem por si mesmos as suas vastas

empresas agricolas, do que nos pardieiros em ruinas dos nossos morgados, em cujas velhas salas dormem os proprietarios o somno da ignorancia, da inutilidade e da devassidão.

— Não o nego, mas... na nossa casa, naquella triste Casa Mourisca, ha um quê de poesia, de poesia elegiaca, se assim quizeres. Essa de que fallas será a poesia das georgicas; mas a da elegia deixa-m'a ficar.

— O peor, Mauricio, é que um dia virá talvez em que o tremendo prosaismo da completa miseria dissipará esse tenue perfume que dizes.

— Safa! Estás hoje com uns humores de Cassandra, Jorge! Deixa lá; lembra-te de que se diz que nas nossas propriedades ha um thesouro escondido desde o tempo dos mouros, e que um dia alguem de nossa familia o achará, ficando fabulosamente rico. Que essa esperanza dissipe o humor negro que tens. Vamos, vem d'ahi. Pega n'esta espingarda e vae caçar. É bom para dissipar visões.

— Não estou hoje para caçar.

— Então vaes reatar aqui o fio das tuas cogitações?

— Não, vou reatal-o acolá.

— Vaes á Herdade?!

— Vou.

— Fazer o quê?

— Vêr de mais perto aquella poesia, ou aquella prosa, como quizeres.

— Sabes que o pae não gosta que lidemos muito de perto com o Thomé?

— Sei. É um preconceito. Elle não o saberá.

— Um preconceito! Bom! Estás hoje muito philosopho. Adeus, Jorge; espero vêr-te ao jantar de melhor aspecto.

— Adeus, Mauricio.

E os dois irmãos separaram-se. Mauricio, precedido pelos cães, seguiu em direcção dos montes, cantando. Jorge desceu a collina e caminhou para a Herdade.

### III

Thomé da Povia era o typo mais completo de fazendeiro, que póde desejar-se.

« Alma sã em corpo sã »: esta phrase do poeta é a que descreve melhor o homem; no physico, a força e a saude em pessoa; no moral, a honradez e a alegria.

Emquanto houvesse alguem que trabalhasse em casa, não descansava elle. Delicias do somno de madrugada, attractivos das sestas, a tudo resistia com nunca desmentida coragem. Na abastança conservava os costumes laboriosos de tempos mais arduos. Tudo lhe corria pelas mãos, a tudo superintendia. Antes de almoçar já elle havia passado revista á Herdade toda. No decurso do dia montava a cavallo e lá ia inspecionar uma ou outra propriedade mais distante, que não deixava entregue á discricção dos caseiros. Uma ou duas vezes no mez estendia as suas excursões até o Porto, chamado por negocios relativos á lavoura.

Franco, lizo de contas, pontual nos pagamentos, cavalheiro nos contractos, não se lhe limitava o credito á circumscripção da sua aldeia, estendia-se até á cidade, onde o seu nome era melhor garantia em certas transacções, do que o de muitos faustosos negociantes. Em familia, perfeitamente patriarchal, estremecia a mulher e os filhos; e a lembrança de que para elles trabalhava, illudia-lhe as fadigas e os desalentos.

Quando Jorge se dirigiu á Herdade, presidia ainda Thomé aos diversos trabalhos, em que a sua gente andava occupada n'aquella manhã.



Não havia alli braços quietos, nem movimentos inuteis. N'aquellas casas o trabalho não distingue sexo nem idade. Todos desde a infancia se familiarisam com elle. Dá-se o mesmo que se dá com o tracto dos bois; sómente na cidade é que estes possantes e bondosos animaes mettem medo ás mulheres e ás crianças; na aldeia umas e outras os afagam e dirigem.

Assim pois trabalhava-se, fallava-se, ria-se e cantava-se com alma nas eiras e quinteiros da Herdade.

E Thomé, centro d'aquelle movimento, lançando os olhos a tudo, dirigindo a todos a palavra e a todos prestando o auxilio do seu braço robusto; e da porta da casa, assistindo tambem áquella scena rural, a boa e sancta mulher do fazendeiro, a socia fiel nos seus prazeres e penas, sustentando ao collo o ultimo dos seus filhos, emquanto que os mais crescidos jogavam as escondidas por entre aquella gente azafamada.

— Olha lá esse carro que não está hem seguro, ó Manoel. Vê lá se me arranjas ainda hoje por aqui alguma desgraça... O meu maluco, não reparas que me vaes semeando as espigas pelo chão? Salta, apanha-me tudo isso, que eu não quero nada desperdicado... Está quieto, João, vae para casa, agora não se brinca no quinteiro. Sabe-me de ao pé dos bois, menino! Ai que tu... Ó Luiza, olha, se mandas dar uma pinga áquelles homens... Que quer você, tio? Cubra-se, ponha o seu chapéo. Ai, vem por causa de muro que cahiú? Olhe, tenha paciencia, volte cá amanhã. Hoje não posso olhar por isso... Ó Chico Engeitado, que diabo estás tu fazendo, pateta? Deixa-me estar essas pipas. Vae-me recolher aquelle milho que eu te disse; corre... O moleiro já veio? Pois as azenhas já moem, e o homem não tem desculpas que dê pela demora... O Manoel, arreda esse carro mais para o meio; senão não pôde entrar o outro, homem de Deus! Disseram ao Luiz que visse como estava o milho da baixa do rio? Que m'ó não vá cortar antes do tempo. Eu sempre quero lá ir primeiro; elle não apodrece na terra. Ó mulher, chama para lá esses pequeninos, que podem alejar-se por aqui. Vae, Joãozinho, vae para casa e leva o mano. Olha, queres uma espiga assada? Ó Chico, es-

colhe ahí duas espigas para os pequenos. Que demonio anda aquelle cão a fazer atraz das gallinhas? Aqui já, arrevido! Vá, vá, rapazes! Vocês n'esse andar não acabam hoje. Dá cá um ensininho, que eu vou arredando este folhêlho.

No meio d'este fogo cerrado de ordens, de conselhos e de observações foi Thomé da Povoá interrompido pela voz da mulher, que exclamou:

— Ai, ó Thomé, olha quem alli está!

O fazendeiro vòltou-se e deu com os olhos em Jorge, que do portão do quinteiro viera, cumprindo o que tinha dito ao irmão, contemplar o mesmo espectáculo, que tanto o havia attrahido ao observal-o da collina.

Era raro que os filhos de D. Luiz visitassem a Herdade. O velho fidalgo ainda se não costumára á prosperidade do homem que fora seu criado. A granja era como uma censura pungente á sua imprevidencia; era uma lição munda que elle recebia a todos os momentos, que o humilhava no seu orgulho e pungia-lhe o coração de remorsos.

Thomé não se mostrava soberbo nem insolente, antes conservava por a familia da Casa Mourisca, e principalmente por D. Luiz, certa deferencia e respeito, que se ressentiam ainda da passada posição do fazendeiro em casa do fidalgo.

Este porém procurára o primeiro pretexto para interromper as relações com Thomé. Uma questão de aguas, occasionada por a abertura de uma mina em terrenos da Herdade, serviu-lhe para o intento. D. Luiz, sempre indifferente a litigios d'essa ordem, mostrou-se então muito cioso de seus hypotheticos direitos, e, não obstante a nenhuma animosidade que houve da parte do lavrador, desde essa época nunca mais conviveu com elle.

Jorge e Mauricio, que costumavam frequentar a casa do homem que os trouxera ao collo e que lhes queria deveras, receberam ordem para não voltarem lá.

Thomé da Povoá sentiu-se com este proceder, que não tinha merecido; mas possuia bastante finura para perceber a verdadeira causa da irritação do fidalgo; por isso limitou-se a encolher os hombros, dizendo para a mulher:

— Então que queres tu que eu lhe faça? assim nasceu, e assim ha de morrer.

Eis a razão porque a presença de Jorge o surpreendeu; mas, sem dar signaes de estranheza, caminhou para elle com as mãos estendidas e o rosto aberto em risos da mais cordial hospitalidade.

— Entre, snr. Jorge, entre. Isto por aqui está tudo uma desordem, mas emfim é casa de lavrador, e em setembro não ha maneira de a ter asseada. Ó Luiza, manda para aqui uma cadeira... ou deixa estar, é melhor entrar lá para dentro.

— Não, Thomé, eu prefiro ficar aqui. E não se incomode. Olhe, já estou sentado.

— Ora! n'um carro! Isso é que não. Nada, não tem jeito. Luiza, manda então a cadeira, manda. Quer beber alguma coisa, snr. Jorge?

— Agradecido, Thomé; não tenho sede. Appetecume vir vêr de perto esta lida, que por aqui vae, e que estive observando, perto de uma hora, allí de cima: por isso desci.

— Ora essa! Pois bem vindo seja, que sempre me dá alegria vêr aquelles meninos, que conheci tão pequerruchos como estes.

E apontava para as crianças que, agarradas ás pernas do pae, olhavam com grandes olhos para Jorge.

— São todos seus? — perguntou Jorge, afagando-as e sentando uma nos joelhos.

— E aquella que a mãe traz ao collo e a pequena que está na cidade.

— Ai, sim, a Bertha. Deve estar uma senhora?

— Está crescidita, está. Mas vamos, tome alguma coisa. Olhe que o meu vinho é puro e não faz mal de qualidade alguma. Aquillo é sumo de uva e nada mais.

— Obrigado, obrigado; mas não bebo agora. Peço-lhe que continue com o seu trabalho, sem se importar comigo. Para isso é que vim.

— Ai, isto está a acabar. Vae no meio dia — acrescentou olhando para o sol — d'aqui a nada vae esta gente jantar e... Para onde levas tu esse carro, ó desalmado? Perdoe-me, snr. Jorge, mas estes diabos... Eu attendo-o já.

E, sem poder conter-se, collocou-se elle proprio á frente dos bois, e encaminhou o carro na direcção conveniente.

— Vocês juraram dar-me cabo dos limoeiros. Olhe que tenho tido limões este anno, que é uma coisa por maior, snr. Jorge — disse elle, regressando ao seu posto com um enorme limão, que mostrava com orgulho.

Luiza voltou com uma cadeira para offerecer a Jorge.

— Como está crescido e fero — dizia ella, olhando-o com curiosidade e complacencia — e o mano como vae? Vi-o ha dias passar a cavallo alli na ponte do Giestal. Pa-receu-me bom.

— E como está seu pae, snr. Jorge? — perguntou Thomé gravemente.

Jorge ia respondendo a estas perguntas e seguindo o movimento dos criados da lavoura, a quem de quando em quando Thomé dava ordens e fazia recommendações, que entremeiava na conversa, sem perder o fio d'esta.

Luiza, com o filho ao collo, não abandonou tambem a scena, senão quando o sino da igreja parochial bateu as tres badaladas que recordam aos fieis a oração do meio dia. O trabalho na eira e no quinteiro suspendeu-se como por encanto. Os homens descobriram-se a fazer uma curta reza, no fim da qual a mulher de Thomé, depois de dar aos presentes as boas tardes, disse, seguindo o caminho de casa:

— Venham jantar.

Todos obedeceram immediatamente á agradavel ordem, e em pouco tempo ficou só e silenciosa a scena, havia pouco tão ruidosa e animada.

— São horas do seu jantar, Thomé — disse Jorge, levantando-se para sahir.

— Depois d'esta gente acabar, é que eu principio. A Luiza não póde attender a todos a um tempo. Deixe-se o menino estar. Eu não lhe offereço do meu jantar, porque não é feito para si; mas se quizer dar uma volta por os campos emquanto elles jantam...

— Se lhe não causar incommodo...

— Nenhum; até preciso de ir vêr o quê elles hoje trabalharam no poço que mandei abrir lá em baixo.

E empurrando a porta, que dava para as outras par-

tes do casal, Thomé obrigou Jorge a passar adiante e seguiu-o logo depois.

E de caminho ia-lhe commentando tudo que viam; narrou como alporcara uns peçegueiros, o resultado que tirara do enxoframento das vinhas, a quantidade de fructa que o paranjal lhe produzira, quanto despendera na construcção do lagar, as difficuldades que encontrou na abertura da nora, o que fizera pouco productiva aquelle anno a cultura do trigo, os cuidados que lhe mereceram os meloaes, e mil outras coisas relativas ao amanho das suas terras, das quaes nem um só palmo se poderia encontrar, onde as plantas nocivas usurpassem o logar das proveitosas.

Jorge escutou-o com uma attenção e interesse, que estavam causando grande estranheza a Thomé, pouco acostumado a ver as pessoas da categoria de Jorge, e da idade d'elle ainda menos, interrogarem-n'o com tanta curiosidade e ouvirem-n'o com tanta sisudez sobre objectos de lavoura.

E as perguntas do joven fidalgo não eram vagas e ociosas, como essas que por condescendencia se fazem, para fisongear a vaidade natural de um proprietario. Havia nellas uma precisão, uma minuciosidade; acompanhavam-n'as reflexões tão acertadas, duvidas tão racionaes, que Thomé não podia illudir-se, e via bem que o descendente dos nobres Negrões de Villar de Corvos o interrogava com desejo de saber.

Esta convicção enthusiasmava Thomé, que proseguia com ardor as suas informações.

Jorge quiz saber approximadamente o custeio necessario para manter uma propriedade como aquella no ponto de cultura em que estava, e o capital exigido para a elevar a esse grau de florescencia.

Thomé era forte na especialidade dos orçamentos; por isso deu com a melhor vontade a Jorge as informações que este lhe pedia.

A final Jorge, depois de um mais longo intervallo de silencio, que terminou com um suspiro, disse, como a medo, e desviando a cabeça, a fingir-se entretido no exame da roda hydraulica de uma nora:

— E porque será que só os campos que nos pertencem estão cheios de ortigas e saramagos, Thomé?

Thomé da Pvoa voltou-se de repente para Jorge, e fitou n'elle um olhar penetrante. Porque o fazendeiro tinha ás vezes um certo olhar, que ia até o fundo do pensamento de uma pessoa.

— Quer que lhe diga porque é, snr. Jorge?— perguntou elle logo depois, com um tom de voz serio e quasi triste.

— Quero, sim.

— E' porque o dono d'elles é o snr. D. Luiz Negrão de Villar de Corvos, o fidalgo da Casa Mourisca, como por aqui lhe chamamos todos.

Jorge olhou interrogadoramente para Thomé, que continuou:

— É pela mesma razão porque chove nas salas do morgado do Penedo e porque seus primos do Cruzeiro perderam o anno passado todo o Casal de Mattoso. Se eu tivesse agora vagar para contar-lhe a minha vida, desde que sahi aos vinte e dois annos de sua casa, snr. Jorge, até hoje, o menino não me perguntava depois porque os seus campos estão cheios de serralha e de saramagos. Trabalhei muito, snr. Jorge, não é só com agua que se regam estas terras para as ter no ponto em que as vê; é com o suor do resto de um homem. É preciso que o dono vigie por ellas, sem confiar em ninguem, como um pae vigia pela educação dos filhos. Ora ahi está. As bençãos de um padre capellão não dão adubo ás terras— acrescentou Thomé com um sorriso epigrammatico a commentar a allusão, que não escapára a Jorge.

— Mas como se explica isto, Thomé?— continuou Jorge com a docilidade de um discipulo— os meus avós nunca se occuparam muito com a lavoura; passaram a vida quasi toda na côrte e nas embaixadas, e raras vezes visitaram as suas terras, onde só vinham para caçar, e comtudo a nossa casa era então uma das mais ricas da provincia, e hoje...

— Isso lá... Olhe, snr. Jorge, se elles se não occuparam dos seus bens e não sentiram o mal, é porque

tinham ainda muito que perder. Quem hoje o está pagando é seu pae e amanhã serão os meninos. Isto é como uma pessoa robusta que leva vida extravagante. Enquanto é nova e tem muitas forças, não dá por as que perde e julga que nada lhe faz mal, mas chega lá a um certo ponto e de repente acha-se fraca e então é que considera o damno que fez a si mesma e aos filhos que gerou. Entende o que eu digo?

— Entendo, Thomé, entendo, e creio que é essa a verdade. Além de que — proseguiu Jorge pensativo — n'esses tempos, as classes privilegiadas podiam entregar-se sem receio a uma vida de incuria e de dissipação, porque os privilegios velavam por ellas e remediavam-lhes os desvarios; adormeceram n'essa confiança e não sentiram que tinham mudado as condições sociais, e agora ao acordarem...

Jorge, que dissera estas palavras mais para si do que para o seu interlocutor, interrompeu-as subitamente, e apontando para a Casa Mourisca, que d'alli se avistava, exclamou quasi com desespero:

— E não será ainda possivel sustentar aquella casa na sua quêda? —

Thomé da Povoia sorriu com uma expressão de intelligencia.

— Entregue-a ás mãos de um lavrador, de um homem de trabalho, que possa dispôr d'alguns capitães para os primeiros tempos, e verá.

— Principiaria por deitar abaixo aquellas paredes velhas e aquellas arvores — observou Jorge, olhando com tristeza para o seu meio arruinado solar e para os bosques seculares que o rodeavam.

— Talvez deitasse — disse Thomé — pôde bém ser que o fizesse, porque lá amor a essas coisas não teem elles, não. Mas não seria necessario. Eu, que tambem lhes tenho affeição, áquelle arvoredado e áquellas paredes negras, porque alli passei um tempo... mau era elle de certo... mas enfim... sempre tinha vinte annos..., eu, que me não atreveria a deitar-lhe o machado... ainda me aventurava a pôr aquillo no pé em que esteve.

Jorge não pôde tirar ás suas palavras um ligeiro

tom de amargura e quasi de ironia, quando, depois d'esta resposta de Thomé, exclamou voltando-se para a Casa Mourisca:

— Espera pois, casa de meus paes, que a nossa miseria nos expulsa dos teus tectos e te abra as portas á familia de um lavrador abastado, para vêres reparados os teus muros, e cultivados esses campos maninhos; assim Deus dê a esse homem um pouco de amor ás coisas velhas, para te não destruir na reforma.

Thomé, que percebeu a occulta expressão d'estas palavras, replicou com dignidade:

— Porque não ha de antes dizer, snr. Jorge: Espera, casa de meus paes, que Deus inspire um dos teus donos, para que olhe por seus proprios olhos para os teus achaques e os cure por suas mãos?

— Os remedios são caros na botica, Thomé. Os pobres vêem ás vezes morrer um doente, porque não podem comprar a droga que o salvaria.

— Senhor Jorge — acudiu Thomé com um ar quasi solemne — resolva-se devêras a ser homem, deixe-se de viver como vivem e teem vivido os seus, queira do coração fazer-se economico, trabalhador e vigilante, livre-se da praga dos seus mordomos e procuradores, deixe o padre dizer missas, mal ou bem, conforme puder, porque isso é lá com Deus e elle, faça tudo isto e os capitaes não lhe faltarão. O homem que principiou a ganhar os n'aquella casa será um dos que não porá duvida em empregal-os, até onde chegarem, para a sustentar e não deixar cahir; e onde não chegarem os capitaes, chegará o credito.

— É uma esmola que me offerece, Thomé? — perguntou Jorge, mas sem o menor signal de irritação.

— Não, snr. Jorge, não é. Nem o menino m'a aceitava, nem eu poderia fazê-la, sem prejudicar meus filhos. Não é uma esmola, é um emprestimo, menos perigoso do que os arrançados pelo padre capellão. Não é vergonha um emprestimo, quando se faz em condições de poder por elle alliviar-se um homem de dividas mais pesadas e de credores mal intencionados, e resgatar e melhorar a propriedade. Ha muito que a sua casa vive



d'isso, mas a taes portas tem ido bater e tão mau uso tem feito do pouco e caro que obtinha que, em vez de se salvar, cada vez se perdia mais. Não fica mal um empréstimo, snr. Jorge, quando se procura satisfazer com lealdade os compromissos que se ajustaram. Então não vê que até os governos pedem emprestado?

— Mas quando, como no meu caso, não ha garantias a offerecer, o empréstimo é bem parecido com a esmola, deve confessar.

— Não ha garantias? Quem foi que lhe disse isso? E a sua probidade?... Sabe que mais? Eu sempre lhe vou contar a minha historia e verá depois se tenho razão no que digo. ✓

E Thomé da Povoá, conduzindo Jorge para a sombra da ramada que toldava a nera, na roda da qual se sentaram ambos, principiou:

— Quando sahi da casa de seu pae, por esta vontade, ás vezes bem doida, que a gente tem de trabalhar por sua conta, empreguei algum dinheirito, que juntára, em arrendar um casebre e uma horta, da qual, lidando do romper do dia até á noite, tirava quando muito o preciso para não morrer de fome. O menino sabe aquella nesga de campo, que eu tenho ao pé dos açudes e o palheirito que fica ao lado?

— Bem sei.

— Pois foi essa a minha primeira casa. A Luiza, com quem por esse tempo casei, trabalhava tanto como eu, e assim iamos vivendo, sabe Deus como, mas pagando pontualmente o nosso aluguel e sem ficar a dever nada na tenda. O meu senhorio era um homem muito rico e muito de bem. Deus lhe falle n'alma! O menino ha de ter ouvido fallar d'elle: era o doutor Menezes, pessoa de muito saber e que tinha sido da relação do Porto.

— Ainda tenho uma ideia de o vêr.

— Não havia melhor senhorio; nada exigente com os caseiros e até sempre prompto a ajudal-os. Um anno veio uma sequeira, que matou toda a novidade. Foi uma coisa de fazer dó. Nem gota de agua, as fontes sêcas, as levadas enxutas, os moinhos parados, e os lavradores a agarrarem as mãos na cabeça e a pedir a Deus

misericordial! A coisa foi de maneira que, chegado o tempo de pagar a renda, poucos tinham com que a pagar.

— Succedeu-lhe o mesmo a si? Está visto.

— A mim?! eu nada colhi n'esse anno; mas de maneira nenhuma queria faltar ao ajustado com o senhorio. Fui-me ao escaninho da caixa, tirei para fóra uns cruzados novos que, a muito custo, puzera de lado para o caso de uma doença; mas não era coisa que chegasse. Como ha de ser, como não ha de ser, eis que a minha Luiza, que sempre foi boa companheira, me diz: « Não te afflijas, homem; ahi vão as minhas arrecadas, pega », e atirou-m'as para cima dos cruzados. Lá me custava o servir-me das arrecadas da rapariga, que era a unica riqueza que ella tinha; mas não houve outro remedio. Pul-as em penhor, e com o dinheiro que me deram completei o aluguer, e no dia marcado apresentei-me em casa do doutor Menezes.

— E elle?

— Parece-me que ainda o estou a vêr no seu quarto de estudo, com as pernas embrulhadas em uma manta e olhando-me por cima dos olhos: « Então o que o traz por cá, Thomé? » « Eu, snr. doutor, venho para o que v. s.<sup>a</sup> sabe. » « Ah! sim, estamos no S. Miguel. O anno pelos modos foi mau. » « Ora se foi! mas enfim vamos conformando com a vontade do Senhor. Outro virá melhor. » E fui-me chegando para a banca e tirei do bolso o dinheiro, que me puz a contar e a encastellar. O homem estava calado a vêr aquillo. Quando cheguei ao fim olhou para mim d'uma certa maneira e disse-me: « Então está ahi tudo? » Está, sim senhor, v. s.<sup>a</sup> não viu? « E você quer-me dar tanta coisa? » D'esta vez fui eu que me puz a olhar para elle admirado. « Então não é este o preço ajustado no arrendamento? » « É celebre, disse o snr. doutor abanando a cabeça, é o primeiro rendeiro que me paga tão prompto este anno e sem pedir que lhe perdoe alguma coisa, vista a escassez da estação. Onde foi você buscar esse dinheiro, ó Thomé? Você é o mais pobre dos meus caseiros e eu lá vi o estado do seu campo. » Eu não tive remedio senão contar-lhe tudo. Elle nem me deixou acabar. « Leve isso d'aqui, homem,

e desempenhe as arrecadas da sua mulher. Eu não sou nenhum vampiro para sugar o sangue do meu proximo.»

—Bella alma!— exclamou Jorge commovido pela narração.

Thomé continuou:

—«Em todo o caso— disse-me d'ahi a pouco o snr. doutor— você fez hoje um grande negocio sem o saber. Você é trabalhador, que isso tenho eu visto por a maneira porque me traz bem aproveitado o campito que lhe aluguei. Mas, para tirar partido dos seus bons desejos, faltava-lhe o capital e hoje arranjou-o.

—Que queria elle dizer n'isso?

—Foi o que eu lhe perguntei. «Arranjou-o sim, senhor, respondeu elle, porque arranjou credito, que vale por um capital enorme. O que você fez, mostra-me o de que é capaz. Apareça amanhã por aqui, porque temos que tractar.»

—E que lhe queria elle?— perguntou Jorge, cada vez mais attento.

—No dia seguinte fui procural-o, sem imaginar o que fosse que elle tinha para dizer-me. Mal me viu, exclamou logo: «Ora venha cá, Thomé, sente-se aqui, porque temos um contracto a fazer.» E, obrigando-me a sentar ao lado d'elle, continuou: «Vocemecê vae assignar-me um escripto de arrendamento da minha propriedade das Barrocas.» Ora faça ideia o menino de como eu fiquei, assim que tal ouvi. Conhece a quinta das Barrocas? aquillo é um condado, se pôde dizer. Como havia eu de arrendal-a, Sancto Deus! Elle, conhecendo o meu espanto, acudiu logo: «Não lhe pareça isso uma coisa por ahi além. Nós ajustamos a renda e você vae tomar conta d'aquillo. A quinta está bem educada e nutrida, e estou certo de que não o deixará ficar mal no fim do anno.» «Mas, disse-lhe eu, v. s.<sup>a</sup> bem vê que uma peça d'aquellas precisa de braços para ser bem trabalhada, de braços e de certas despezas.» Mas, homem, torna-me elle, quem lhe diz menos d'isso? Olhe lá que eu a deixe ao desamparo, para você m'a entregar no estado em que por ahi em geral os caseiros as entregam aos senhorios. Mas é bem feito, que elles também fazem

uns arrendamentos taes, que os caseiros morreriam esfomeados, se não esfomeassem a terra.

— Mas esse homem era um grande philosopho! — observou Jorge.

— « Vá você para lá — continuou elle — tracte-me bem d'aquillo, e os capitaes precisos para instrumentos, gado, adubos, jornaleiros e algumas obras, eu lh'os adiantarei. Você é trabalhador, a terra é boa, ia apostar que ambos havemos de lucrar.

— E o Thomé foi?

— Fui, e foi o principio da minha felicidade. A terra era abençoada! e depois, alli nada faltava para a fazer produzir. Creia o snr. Jorge que o dinheiro tambem nasce como a semente. O dinheiro, enterrado assim na terra, produz dinheiro, senhor. Eu lá o vi, que quanto mais se gastava com a terra, mais ella produzia. Foi lá que eu aprendi a ser lavrador. Muito devi aos conselhos d'aquelle homem. « Anda para diante Thomé, dizia-me elle. Se queres que o cavallo te não deite a terra e te leve a longa jornada, dá-lhe bem de comer; a ração de aveia que lhe furtares da mangedoura é a que mais cara te sahe.» Mais tarde, quando eu, com a ajuda de Deus, já ia, além de pagar as minhas dividas a pouco e pouco, juntando algum peculio no canto da caixa, foi elle que me disse: « Não abafes o dinheiro, Thomé. Põe-n'ó ao ar para elle se não estragar; tudo quer ar n'este mundo.» E ahi me animei eu, ao principio com mêdo, que fui perdendo depois, a dar emprego ás minhas economias; e era um gosto vêr como ellas augmentavam. Passados annos eram taes, que já eu pensava em comprar umas terras, que era cá o meu sonho. Foi elle ainda quem me tirou isso da cabeça. « Não tenhas pressa de ser proprietario, prégava-me elle, olha que os lucros que vaes ter, gastando todo o teu dinheiro em comprar qualquer leira de terra, não correspondem ao gostinho de te chamares dono d'ella. Não te afogues em pouca agua. Se comprares um cavallo e ficares sem cinco reis para o sustento d'elle, vê lá que negociarrão; pois as terras tambem comem e tu bem o debes saber.» E o caso é que me convenceu e nem pensei mais n'isso.

— Mas a final sempre comprou?

— Quando elle mesmo m'o disse. Foi á praça esta granja, que não era ainda o que é hoje. « Vê agora se ficas com aquillo », disse-me o snr. doutor. A propriedade era de valor e eu não queria empregar na compra todo o meu capital. O snr. doutor ajudou-me mais uma vez, e a propriedade passou para as minhas mãos. Então trabalhei mais do que nunca. Todo o meu empenho era remir depressa a minha divida, porque, enquanto o não fizesse, parecia-me que não podia chamar ainda meu a isto. Deus ajudou-me com annos felizes e com boas colheitas, e como continuava com o arrendamento das Barrocas e depois com este negocio de gado, pude, mais cedo do que esperava, pagar a minha ultima prestação e remir a divida.

Chegando a este ponto da sua narrativa, animou-se a physionomia de Thomé da Povoá de um clarão de entusiasmo e com as faces córadas e os olhos radiantes proseguiu, suspirando com desafogo.

— Que dia aquelle, snr. Jorge! Eu nem lhe sei dizer o que sentia em mim! Eu sei lá?! Quando voltei da casa do doutor, com o escripto da quitação no bolso, vinha a tremer, pulava-me no peito o coração como o de uma criança; abri surrateiramente aquella porta da quinta, e sósinho, como um ladrão, sem que ninguém me visse, entrei aqui. Digo-lhe que estava quasi louco. Até fallei alto; lembra-me bem de que disse ao vêr-me cá dentro: Isto é meu! E depois que sabia que era meu, parecia-me outra coisa tudo isto. Meu! eu não me fartava de repetir esta palavra! Meu! Estas arvores eram minhas, estas fontes eram minhas, até estes passaros, que por ahí cantavam, eram meus, porque emfim vinham fazer ninho e cantar no que me pertencia. Vae rir-se, se eu lhe disser o que fiz. Eu abracei estas arvores, eu bati palmas das n'estes muros, lavei-me n'esses tanques todos, bebi agua d'essas fontes, deitei-me á sombra d'essas arvores, eu cantei, eu saltei, eu chorei, e a final.... quer que lhe diga? Não tive mão em mim que não ajoelhasse para beijar esta terra! beijei, sim, beijei esta terra, que eu ganhára á custa de muito trabalho, de muito suor e

de nenhuma vileza. Tinha orgulho, e tenho-o, em me lembrar de que tudo isto me viera de eu ser honrado e amigo de cumprir a minha palavra. Eu não me recordo de ter um contentamento assim na minha vida, e não ser no dia em que estreitei nos braços a Luiza, e que também pela primeira vez lhe chamei minha mulher. Era quasi a mesma coisa; este era o meu segundo casamento. D'ahi em diante foi que eu soube o que é ter amor á terra. Desde a sementeira á colheita era um cuidado incessante com o campo. Ver crescer as plantas, para mim causava-me tanto prazer como ver o crescer dos filhos; cada novo rebento era como que um nascimento em casa. Media o quanto iam crescendo as arvores que plantava e trazia contados os fructos dos pomares. Aquillo nos primeiros tempos foi uma loucura. Aqui tem a minha vida. Deus ajudou-me, e d'ahi por diante tudo me tem corrido bem. Já vê, sr. Jorge, que quem deve o que é a ter sido honesto, não póde recusar o seu pouco auxilio a um rapaz de brios e de probidade como é o menino.

Jorge estendeu a mão a Thomé, dizendo-lhe sensibillizado:

— Fez-me bem ouvil-o, Thomé. A sua vida é um exemplo, é uma lição, e n'ella procurarei aprender. Eu também sinto os mesmos desejos de remir a minha ultima divida para depois chamar meu ao que me pertence. E n'esse dia eu também abraçaria com entusiasmo aquellas velhas arvores, e ajoelharia para beijar a terra, que os meus antepassados me deixaram. Mas não sei se a empresa estará ao alcance das minhas forças.

— Está. Eu lhe digo. Ha aqui só uma difficuldade a vencer. Empregue toda a sua força para esse fim, porque se tracta do bem de sua casa, do seu futuro e da sua dignidade. É preciso que o pae lhe dê licença para o menino administrar a casa e que o padre capellão se contente com dizer missas, porque depois...

— Ainda quando vencesse essa difficuldade, que é grande, Thomé, porque meu pae ainda vê em mim uma criança, surgiria outra. De si nunca meu pae...

Thomé da Pova não o deixou concluir.

— Eu sei, mas o snr. D. Luiz não se mette por miudo nos negocios da casa, desde que tem um procurador encarregado d'elles. Consiga que elle ponha em si a confiança que tão mal emprega no padre, e eu lhe prometto que o mais se fará. Eu não exijo mais garantias para o meu dinheiro, do que um escripto seu, snr. Jorge. Demais, como a sua experiencia é pouca, eu, se m'o permittir, guial-o-hei nos primeiros tempos. Como seu pae não gosta de que o menino venha por aqui, virá sem que elle o saiba. Os serões de inverno são longos, nós conversaremos algumas noites.

Jorge disse finalmente com resolução:

— Aceito, Thomé. Fallarei a meu pae. O dever de salvar a minha casa da ruina me dará coragem. Aceito, porque tenho fé em que me não será impossivel pagar-lhe mais tarde a divida que contrahir.

— E eu tenho fé em que ha de ainda haver dias alegres e de festa n'aquella triste casa. Não é verdade que se diz que ha lá um thesouro escondido? Pois cave na terra, que o ha de encontrar.

A voz de Luiza, ao longe, annunciou n'este momento ao marido que o jantar esperava por elle.

Jorge sahiu d'alli com o coração palpitando de esperanças e de commoção, que lhe estava já causando a ideia da entrevista que precisava de ter com o pae.

Thomé jantou com o appetite de quem tinha feito uma boa acção e realisado uma ideia, com que havia muito tempo lhe lidava o cerebro.

A mulher achou-o mais fallador do que de costume; e depois de jantar voltou para a eira, cantando.

Era feliz n'aquelle momento a sua alma generosa.

## IV

Em uma das espaçosas salas da Casa Mourisca, alumiada por tres rasgadas janellas ogivae e mobilada ainda com certa opulencia, vestigios do esplendor passado, esperavam a hora de jantar o velho fidalgo e o seu cappellão-procurador frei Januario dos Anjos.

Não foi rigoroso o emprego no plural do verbo da ultima oração.

Frei Januario era quem esperava, porque essa era tambem a principal occupação dos seus dias. Os gozos do paladar mal lhe compensavam as amarguras d'estas longas expectações. Eram ellas talvez que não o deixavam medrar na proporção dos alimentos consumidos, porque frei Januario era magro. O mysterio physiologico d'esta magreza ainda não era para se devassar de prompto.

D. Luiz lia as folhas absolutistas, que lhe mandavam da capital e do Porto, e dava assim em alimento ao seu odio contra as instituições liberaes um dos fructos mais saborosos d'ellas — a liberdade de imprensa —; fructo, em que os seus correigionarios mordem com demasiada complacencia, apèsar de ser para elles fructo prohibido.

De quando em quando D. Luiz interrompia a leitura com uma phrase de approvação ao artigo que lia ou de censura a qualquer medida promovida pelo governo, que nunca tinha razão.

Frei Januario secundava, com toda a força do seu obscuro credo politico, as reflexões de s. exc.<sup>a</sup>, e requintava na intensidade dos anathemas, com que eram fulminados os homens da época.



Mas, solta a phrase que o caso pedia, e as competentes exclamações, voltava o padre a consultar o relógio, a abrir a bôca, a suspirar; dava dois ou tres passeios na sala e terminava por ir inspecção a cozinha. Os intervallos das refeições eram para elle seculos!

— Humh! — disse D. Luiz n'aquella manhã, poisando a folha, como enojado com o que lêra — Lá foi concedido um subsidio para a construcção do lanço de estrada de Valle-escuro!

— Fartos sejam elles de estradas! — acudiu logo frei Januario — Para esta gente a moralidade e a ventura de um paiz consiste em ter estradas e diligencias, e acabou-se. Olhem lá, se elles levantam sequer uma igreja? Isso sim! O dinheiro do clero sabem elles roubar! E que pena não terão por não deitarem a baixo os templos que por ahí ainda ha! Mas atraz do tempo tempo vem. Vontade não lhes falta.

Não sei se foi esta ultima phrase que recordou ao padre que tambem a elle não faltava vontade... de comer. O certo é que, mudando de tom, acrescentou:

— Querem vêr que o Bernardino se esqueceu hoje do jantar? Isto são quasi duas horas, e eu não ouço turgir nem mugir na cozinha! Nada, aqui anda coisa. Com licença, eu vou vêr e volto já.

E frei Januario sahiu da sala para ir pela vigesima vez á cozinha, que elle suspeitava abandonada pela incurria do cozinheiro, estando pois a familia toda ameaçada com a tremenda catastrophe d'uma retardação do jantar.

D. Luiz pegou de novo nas folhas e deixou-se ficar lendo até á volta do padre, que entrou indignado.

— Eu que dizia?! Pesto á taramela com o hortelão, sem se lembrar do jantar? Olhem se eu lá não ia! Não que dizem que uma pessoa pôde descansar nos criados. Ha de poder! São uma corja! E, v. exc.<sup>a</sup> não quer crêr, aquelle excommungado d'aquelle hortelão ha de ser a ruina d'esta casa. Foi uma imprudencia da parte do sr. D. Luiz metter em casa um libertino d'aquelles, mação nos ossos e no sangue. Foi um passo muito errado... Aquillo é um pessimo exemplo para os outros. Sabe v. exc.<sup>a</sup> em que elle estava fallando? Na cantiga do costu-

me. No desembarque do Mindello. Quando eu cheguei ainda lhe ouvi dizer que eram sete mil e quinhentos bravos que vieram pôr fóra da cidade os oitenta mil lobos que andavam lá, e coisas assim. E o cozinheiro a dar-lhe ouvidos, e o leitão a queimar-se e a sôpa a pegar-se no fundo da panella, que logo me cheirou a esturro. É preciso que v. ex.<sup>a</sup> dê as providencias, quando não...

D. Luiz, tomando menos a peito do que o capellão os destinos do jantar e da sôpa, e fiel ao habito de nunca fallar, nem em mal nem em bem, do hortelão, não respondeu e proseguiu a leitura das folhas.

D'ahi a pouco referiu ao padre a noticia que tinha lido do desastre succedido a uma diligencia ao passar em uma ponte que na occasião abatéra, resultando muitas victimas.

A indignação do padre exaltou-se.

— Pois se esta gente que nos governa deixa as estradas e pontes em um abandono d'esses! Vejam que tempos os nossos! e que governos que não se importam com as vidas dos cidadãos! Em que paiz do mundo se vêem estradas assim arruinadas como as nossas? São os bens que nos trouxeram os homens da Carta! Isto é bonito!

E o padre Januario continuou ainda por algum tempo a condemnar, pelo crime de desleixo e de falta de protecção á viação publica, os mesmos governos que, momentos antes, accusára de conceder para esse fim subsídios e de lhe dar importancia demasiada.

A politica de frei Januario é vulgar na nossa terra.

D. Luiz, tendo concluido a leitura da folha, pôl-a de lado e resumiu a serie de pensamentos que essa leitura lhe suggerira, na seguinte e contrahida synthese:

— Isto vae cada vez melhor, frei Januario.

— Isto vae bonito, não tem duvida nenhuma — secundeou o padre.

— O peor é o futuro — tornou o fidalgo, assombrado.

— Ai, o futuro ha de ser fresco! — repetiu o procurador, fungando uma pitada.

— Emfim, quem viver verá aonde isto vae parar, onde nos leva esta torrente.

— E não é preciso viver muito. Mais dia menos dia temos ahí os hespanhoes, ou então passamos a ser inglezes. Não ha que vêr; da maneira por que vão as coisas...

— Ai, pobre Portugal! — exclamou melancolicamente D. Luiz.

— Que vaes á vela — concluiu o padre. — Desde que puzeram a cabeça á roda a esta gente com liberalismos... ficou tudo transtornado. Agora todos mandam, todos falam, e não ha quem governe. Isto de não haver um que governe... Estes patetas não se desenganam de que um paiz é como uma casa. Ora deixem á vontade os criados em uma cozinha, sem ninguem que os vigie, e verão o que vae! esperem por o jantar, que hão de achar-se servidos!

O simile fôra suggerido a frei Januario pela sua constante preocupação.

— O que me custa é lembrar-me de que meus filhos teem de viver n'esta sociedade assim organizada. Quem sabe a sorte que lhes está reservada, aos pobres rapazes! — disse o fidalgo, suspirando com escuras apprehensões sobre a posição precaria da familia.

— Os filhos de v. exc.<sup>a</sup> não devem transigir em caso algum com estes homens! — exclamou com vehemencia o padre — É não fazer como a sobrinha de v. exc.<sup>a</sup>, a snr.<sup>a</sup> D. Gabriella, que já é baroneza das feitas por elles. Quando se é fidalgo é preciso ser fidalgo.

— É bem negro o futuro que espera as casas como a nossa, e sabe Deus se em parte preparado por nós — insistia o fidalgo. — Tambem peccamos.

— Pois é uma triste verdade, mas isso não é razão para que os que nasceram n'essas casas se abaixem diante dos que nem sabem aonde nasceram. Deixe v. exc.<sup>a</sup> medrar quanto quizer o Thomé da Herdade, que no fim de tudo sempre ha de mostrar que andou descalço em criança e que foi levar a beber o gado d'esta casa. Ha certas coisas que não dá o dinheiro.

— O Thomé da Herdade! — repetiu D. Luiz com amargura — Esse é que prospéra, os tempos estão para elle. Quem viu e quem vê aquillo!

— Então que quer? Inda mais havemos de ver. E então não sabe v. ex.<sup>a</sup> que o homem mandou educar a filha na cidade, como se fosse a filha de alguém?

— A Bertha?

— Sim, a que é afilhada de v. exc.<sup>a</sup> Com que fim faz aquelle toleirão uma coisa d'essas? Veja a parlapaticice d'aquelle homem. Não repara na posição falsa em que colloca a rapariga. Metteu-se-lhe talvez na cabeça que ainda a casava com algum fidalgo! Póde ser. Veja v. exc.<sup>a</sup> se ella serve para algum dos seus filhos.

D. Luiz sorriu, encolhendo os hombros.

— Ora para que precisa a mulher de um lavrador, que é a final o que ella tem de ser, das prendas e da educação que o pae lhe mandou dar? Não me dirá v. exc.<sup>a</sup>?

— Todos hoje teem aspirações a subir — reflectiu D. Luiz com ironia. — A maré sóbe.

— Eu bem sei o que é que dá causa a estas tolerias. Tudo isto vem da barulhada que estes liberalões fizeram na sociedade. Tudo está remexido e ninguem se entende. O sapateiro que nos vem tomar medida de umas botas parece um visconde. Onde isso é bonito, segundo dizem, é em Lisboa. Hoje todos por lá tem excellencia! 4

N'estes sedições commentarios sobre o estado do seculo deixaram-se ficar os dois por muito tempo, désafogando assim a sua má vontade contra as instituições modernas. O padre Januario porém não perdia com isto a ideia do jantar, e de quando em quando voltava os olhos para o relógio, cujos lentos ponteiros não correspondiam nunca á impaciencia dos seus desejos. Emfim deu uma hora e frei Januario ergueu-se instinctivamente para ir vêr se o jantar estava servido.

Passado pouco tempo tocava a sineta, tão grata aos ouvidos do reverendo. Vibraram pelos desertos aposentos e extensos corredores da Casa Mourisca aquelles sons, que em felizes tempos punham em movimento uma numerosa e esplendida côrte, que os ventos da adversidade tinham dispersado.

D. Luiz entrou na sala do jantar, onde com impaciencia o aguardava já o capellão.

Aquella grande sala vazia, aquella extensa mesa, apenas servida com quatro tabeiras, fallava tanto do esplendor passado e da decadencia presente, que poucos logares havia na casa que deixassem no fidalgo mais melancolicas impressões. Nunca se lhe anuviava tanto o coração como ao sentar-se á cabeceira da mesa, em torno da qual outr'ora vira restos conhecidos e amigos, hoje tão solitaria e abandonada.

D. Luiz, reparando que o escudeiro principiava a servir, perguntou, apontando para os logares dos filhos, que ainda estavam de vago.

— Então os senhores não ouviram a sineta?

— Os senhores ainda não vieram.

— Nem Jorge? — perguntou D. Luiz, como se estranhasse menos a ausencia de Mauricio.

— Nem um, nem outro.

— O snr. D. Mauricio — observou o padre, que temia um adiamento do jantar — sahiu para a caça; quando virá elle agora?

E dizendo isto, fazia signal ao criado para que servisse o fidalgo.

— E Jorge? — insistiu o pae.

— O snr. D. Jorge... esse não sei... talvez esteja ahí por alguma parte.

O fidalgo, evidentemente contrariado com a ausencia dos filhos, que ainda mais augmentava a solidão d'aquella sala, resignou-se a principiar a jantar sem elles.

• O jantar correu em silencio.

O humor negro de um dos commensaes e o appetite do outro não davam azo ao dialogo.

Estava o padre deliciando-se com uma farta posta de assado e o competente accessorio de massas, quando Jorge entrou na sala.

D. Luiz não lhe dirigiu a palavra, nem sequer um olhar.

Jorge formulou uma vaga desculpa, que o pae interrompeu com um gesto a mandal-o sentar; e, passados momentos, levantou-se elle e sahiu silencioso.

Frei Januario, tendo já satisfeito as primeiras e mais urgentes exigencias do seu estomago, achou-se disposto

a continuar o dialogo. Por isso, ao encetar a sobremesa, dirigiu por comprazer a palavra a Jorge:

— Com que vem do seu passeio, hein? A manhã estava bem bonita. E então o que viu por esses campos?

— Muito trabalho, snr. frei Januario, muita vida rural — respondeu Jorge.

— Sim, agora é o tempo das colheitas. Anda por ahi tudo azafamado.

— Mas porque é, snr. frei Januario, que nos campos da nossa casa não vejo o movimento dos outros?

A imprevista interpeção do adolescente ia entalando o padre.

— Causou-me sensação isto hoje — proseguiu Jorge.

— Quem subir ao alto do outeiro da Faia, por exemplo, e olhar de lá, em roda de si, para o valle, pôde marcar as propriedades da nossa casa; onde vir um campo quasi maninho, um muro a cahir, umas paredes negras, um aspecto de cemiterio, tenha a certeza de que nos pertencem esses bens.

— Não é tanto assim... É verdade que... meu rico filho, que quer? depois que os homens do liberalismo tomaram conta d'este paiz, as coisas mudaram. Quem não está por o que elles querem...

— Não vejo em que elles influam para isto, snr. frei Januario. Quem nos impede de fazer o que os outros fazem? de cultivar os nossos campos? de pôr homens a trabalhar n'essas terras incultas?

— O que os outros fazem, diz elle! Os outros... os outros... e quem são os outros? Uns miseraveis que eu conheci de pé descalço, a limpar os cavallos e a cavar nos campos d'esta casa.

— Tanto mais para admirar e para louvar o esforço que os tirou d'essa posição humilde e os elevou aquella, que hoje occupam.

— Olhem que grande milagre! Homens que não devem respeito a si mesmos, para quem todo o trabalho está bem, como não hão de enriquecer? Ora essa é muito boal

— E os que devem respeito a si mesmos estão pois condemnados á miseria?

— A miséria... a miséria!... Que palavra! Ora para o que lhe deu hoje! Foi febre que se lhe pegou? Se ella anda por ahi tão accesa! O menino ainda é muito criança para pensar n'estas coisas. Comia e beba e...

As faces de Jorge tingiram-se de um rubor intenso, e redarguiu com energia e irritação:

— Não sou criança, frei Januario; acredite que o não sou. Tenho mais de vinte annos e estou resovido a ser homem. Cõto da minha ociosidade, quando vejo que somente as nossas terras fazem vergonha á actividade d'este povo: Tenho annos para viver, deveres de honra a cumprir, um nome para conservar sem mancha; e quero saber que futuro me preparam os gerentes da nossa casa, quero desviar a tempo de mim a tremenda responsabilidade de ser na minha familia talvez o primeiro a faltar um dia aos setes compromissos: É por isso que fallo e que desejo que me responda; snr: frei Januario.

— Ai, menino, menino; isso não é seu! Ah! ainda doutrina liberal. Eu cheiro-a a distancia de legoas. Era-tão quando o senhor seu pae me honra com a sua confiança; é acaso justo, é acaso bonito que eu seja suspenso e interrogado por uma criança, que ainda nada sabe do mundo?

— E quando hei de aprender? Querem-me estúpido, como esses morgados que por ahi se arruinam?

— Mas que quer o snr. Jorge a final? Então não sabe que desde que os lavradores se fizeram fidalgos, ninguém fucta com elles? O dinheiro está de lá; para lá vão os trabalhadores; senhor. Ora é boa! Eu acho graça á certa gente!

— O dinheiro está de lá! Mas como conseguiram elles enriquecer? Pois não diz que eram uns miseraveis?

— Ah! então quer principiar como elles principiarão, cavando com uma enxada todo o dia e furtando á boca para juntar ao canto da caixa com o fim de comprar uns bois? etc. etc. Veja se quer.

— Não principiaríamos de tão longe como elles, escusavamos de tantos sacrificios. Bastava que olhassemos com attenção para o mundo que temos ainda, e que

tentássemos descrestar, a pouco e pouco, esta meçada, que nos enleia e que nos ha de afogar a todos:

— Ora é boal! E então o que é que eu faço, b que é que estou fazendo ha quasi trinta e oito annos em que o snr. D. Luiz me distingue com a sua confiança? Mas a coisa não é tão facil, como lhe parece. É boal

— Mas quales são os seus planos, padre Januario, qual é o seu systema de administração?

— Os meus planos?!... Ora essa!... Então que planos quer que sejam os meus? Systema de administração!... isso é phrase de côrtes... Humh! tenho entendido... É o que eu digo.. O snr. Jorge, ora falle-me a verdade, ahí andam ideias de liberalismo. Com quem fallou esta manhã? ora diga.

— Venham d'onde vierem as ideias: A origem pouco importa, a questão é que ellas sejam boas. Eu não tratto de liberais nem de absolutistas agora. Vejo que a minha casa se perde, vejo cahirem os muros e nunca se repararem; vejo campos e campos sem a menor cultura, encontro em tudo quanto nos pertence profundos signaes de decadencia, e quero saber a grandeza do mal que nós opprime.

— E se fôr grande o mal, o que quer que se lhe faça?

— Quero que se trabalhe para remedial-o; que se façam sacrificios uteis, que deixemos a louca vergonha e o orgulho enfiatado que nos faz viver hoje ainda uma vida que não é d'estes tempos. Desenganemo-nos; a época não é de privilegios nem de isenções nobiliarias, é de trabalho e de actividade. Plebeu é hoje só o ocioso, nobre é todo o que se torna util pelo trabalho honrado.

— Jesus! O que ahí vaet! O que ahí vaet! Ex bem o digof Ha liberal na costa! Isso é tão certo como dois e dois serem quatro. Se o pae o ouvia!

— Ha de ouvir-me, porque tenciono hoje mesmo fallar-lhe.

— Que vaé fazer, snr. Jorge?

— O meu dever. Eu e meu irinão seremos um dia os representantes da nossa familia. Para que nos orgulhemos do nome que herdamos, é necessario que esse nome não tenha manchas e que nós lh'as não lancemos.



— Mas quem lhe diz, quem lhe falla em manchas? Ora... ora... ora... ora esta não está má!

— Frei Januario, eu não sou criança, repito-o. Sel-o-ia hontem, hoje não o sou já. Faça de conta que o sol d'esta manhã me amadureceu. Por isso não me illudo emquanto á natureza dos meios com que se sustenta ainda n'esta casa um resto do esplendor de antigos tempos. Pois mais valeria comer em louça nacional e vender as matilhas e os dois cavallos de luxo, que ainda temos, para comprar dois bois.

— Mas...

— Até logo, frei Januario, conversaremos mais de espaço sobre isto.

— Mas...

Jorge, sem o attender, dispunha-se a sahir, quando o padre, quasi assustado, o chamou.

— Mas venha cá. Ouça-me, valha-me Deus! Olhem que homem este! Tem muita razão no que diz. Sim, senhor. As coisas não vão bem. Hoje não é hontem; e esta casa já viu melhores tempos do que os que correm. Mas de quem é a culpa? É de mim ou do senhor seu pae? Pois não foste! Para remediar o mal trabalhamos nós ha muito. A culpa é d'esta gente que nos governa, d'estes homens que juraram perder tudo quanto era nobreza para poderem á vontade fazer das suas, sem ter quem lhe vá á mão. Percebe agora? Desde que os liberaes...

— Por quem é, frei Januario, não me venha outra vez com os liberaes. Eu tenho a razão bastante clara para vêr as coisas como ellas são, e não me deixar levar por essa cantiga do costume. Os liberaes!... Os liberaes o que fizeram foi alliviar a agricultura dos enormes encargos que d'antes pesavam sobre ella e que não a deixavam prosperar, foi crear leis e instituições que facilitassem os esforços dos laboriosos e castigassem severamente a incuria e a ociosidade. Quando ao desopprimir-se o lavrador de tributos pesados e iniquos e dos odiosos vexames do fisco, ao tornarem-se-lhe mais faceis os contractos e as transmissões da propriedade, ao crearem-se-lhe recursos para elle tirar do seu trabalho e

da sua intelligencia dez vezes mais do que d'antes podia obter, quando na época em que tudo isto se realisa, uma casa como a nossa, em vez de prosperar como tantas, vê apressada a sua decadencia, é porque tem em si um velho e incuravel cancro a roêl-a. E é esse cancro que eu quero conhecer, para extirpal-o, se ainda fôr possível.

— Eu estou pasmado! Pelo que ouço, acha o menino que todas essas fornadas de leis, que esta gente tem feito, são muito boas e que a sua casa devia ser muito bem servida com ellas?

— Essas leis de que se queixa, são racionaes; uma casa racionalmente administrada não pôde pois perder com ellas.

— Sim, senhor! Visto isso, o menino, que depois da morte dos manos, ficou sendo o filho mais velho da familia, gostou talvez muito de vêr acabar com os morgados? Sim, como as leis modernas são tão boas, havia de gostar— argumentou o procurador, com ares de finura, como de quem apanhava em falso o seu adversario.

Jorge respondeu serenamente:

— É porque não? A abolição dos morgados acho eu que foi um grande acto de justiça e de moralidade; além de ser uma medida de longo alcance politico.

— Ai... ai... ai... O que mais terei de ouvir! O menino está perdido!... Pois já me applaude a maldita lei, que ha de dar cabo das familias mais illustres do reino... Ai, como elle está!...

— Deixe-se d'isso. A abolição dos vinculos só trouxe a morte ás casas que deviam morrer. O que ella fez foi proclamar a necessidade do trabalho indistinctamente para quem quizer prosperar. O esplendor das familias deve ficar sómente ao cuidado dos membros d'ellas e não da lei. Quando esses não tenham brio nem dignidade para o sustentar, justo é que elle se apague, e que o nome dos antepassados não continue a ser deshonrado pelos vicios e ociosidade dos descendentes. Mas deixemo-nos d'estas discussões, frei Januario. O meu partido está tomado. Mais tarde saberá das consequencias d'elle.

E Jorge sahiu da sala, deixando o egresso apatetado com o que ouvira.

— Que anda aqui liberalismo, isso para mim é de fé. Mas que mosca o morderia? Querem vêr que já fizeram do rapaz maçã? Pois olhem que não é outra coisa. Eu quando os ouço fallar muito do trabalho... já estou de pé atrás. Tem graça! Quem os ouvir, persuade-se de que o trabalho é um prazer. Ora adeus! O trabalho é uma necessidade, o trabalho é um castigo. Para ahí vou eu. Que trabalho tinha Adão no paraizo? E não lhe chamam os livros sagrados um logar de delicias? Amassar o pão com o suor do rosto, olhem que titulo de nobreza! Estes modernismos! Mas é a cantiga da moda, O trabalho ennobrece, o trabalho consola, o trabalho é uma coisa muito appetitosa... Será, será, mas eu, por mim, se pudesse deixar de trabalhar... Ah! ah! ah.

Aqui hocejava o egresso.

— Mas que alli anda liberalismo, isso é tão certo como eu estar onde estou. Como elle fallou nos morgados!... Provará que é tão pateta que, sendo elle morgado, diz d'aquillo. E que vae declarar ao pae... Não declara nada. Um criança que não sabe senão passear. Tomára elle que o deixem... O ocioso é que é o plebeu, o nobre é o que trabalha. Sim, sim, contem-me d'essas. Aquillo é musica de anjos. Diga-se o que é verdade, quem puder deixar de trabalhar...

Frei Januario, n'estas graves ponderações, deixou-se a pouco e pouco invadir pelo somno, e acabou por adormecer á mesa, sonhando-se em uma especie de paraizo, como o tal logar de delicias de Adão, cuja ociosidade sempre fôra objecto muito dos seus enlevos.

Deixemol-o adormecido, e vamos ter com Jorge a um dos meños arruinados angulos da Casa Mourisca.

V

Jorge continuou no seu quarto a serie de meditações com que trouxera occupado o espirito toda a manhã. Abria alguns livros, consultava-os com attenção, afastava-os depois com impaciencia, porque raros pareciam responder cabalmente ás mudas interrogações que elle lhes dirigia.

A bibliotheca da Casa Mourisca era na maior parte composta de livros proprios para a cultura do espirito, mas sem definida tendencia para uma applicação pratica qualquer.

Jorge tinha o gosto bem educado e não era indifferente ás obras de pura arte; mas d'esta vez dominava-o uma ideia fixa, um ardente desejo de se instruir nos preceitos positivos de economia rural, e nos conhecimentos necessarios para a realisação da grande obra em que meditava. Algumas arithmeticas, um ou outro raro folheto de agricultura e poucos numeros soltos de jornaes estrangeiros, foi tudo quanto pôde encontrar e que consultou, sem que o satisfizessem as noções rudimentares que n'elles lia. A pequena livraria do tio, á qual devêra grande parte dos seus avançados principios sociaes, estava já esgotada por elle; além de que não abundava em livros de indole verdadeiramente didactica.

Depois de ter folheado por algum tempo todas essas brochuras, Jorge fechou os olhos, como para concentrar o espirito, e resolver só por elle os problemas, cuja solução em vão procurára na leitura. E a razão de Jorge era poderosa bastante para o servir no empenho; colheu

d'ella mais fructos do que das paginas dos livros elementares, que anciosamente consultava.

A estas cogitações veio emfim arrancar-o a chegada de Mauricio, já quasi ao fechar da tarde.

Mauricio, logo que transpôz a porta, arremessou o chapéo sobre a mesa com certa vivacidade de movimentos, que trahia uma profunda agitação. Atravessou silenciosamente o quarto com passos apressados, sentou-se ou antes deixou-se cahir sobre uma cadeira, e correu a mão por a fronte, sacudindo para traz os cabellos com um movimento febril.

Jorge, que percebeu em todos estes signaes um dos costumados frenesis do irmão, interrogou-o:

— Que é isso, Mauricio? Que é o que tens? Que te succedeu lá por fóra?

— Deixa-me, Jorge — respondeu Mauricio, levantando-se outra vez e pondo-se a passear no quarto. — Se soubesses como eu venho suffocado de raiva?

— Contra quem?

— Contra esta canalha d'esta gente do campo. Uns miseraveis insolentes que lançam a lama suja, onde nasceram e vivem, á face da gente com o mais intoleravel arroj! Mas eu esmago-os com a sola da bota!

— Bom! Temos bravatas de fidalguia! Esses arreganhos de senhor feudal hoje são de mau gosto, Mauricio. Olha que já passou o tempo d'elles.

— É sempre tempo de castigar um insolente. O essencial é que se tenha sangue nas veias e pundonor no coração.

— E sangue tambem no coração — emendou Jorge, sorrindo. — Olha que tambem é lá preciso.

— Não rias, Jorge! Por quem és! — tornou o irmão despeitado. — Bem vês que fallo seriamente.

— Então conta-me tudo. Receio que haja ahi alguma das tuas exagerações.

— Não exagero. Esta manhã fui caçar, como sabes. Corri o monte com pouca felicidade; os cães pareciam ter perdido o faro. Voltava já para casa sem esperança, quando, alli pela Quebrada do Moinho, levantaram-se-me quatro codornizes; atiro-lhes, mas mal as feri. Ellas se-

guem na direcção das azenhas, atravessam os campos que estão em baixo e vão poisar no pinhal que fica para lá da préza do Queimado. Sabes? Eu desço com os cães, e, para não dar a volta do portello, galguei o murito da fazenda do Luiz da Azinhaga e ia para atravessar o campo, quando aquelle grosseirão do matto, aquelle villão infame sabe da casa da eira, aonde andava com os criados, e berra-me: «Olá, ó fidalguinho, isto aqui não é terra baldia, nem roupa de francezes.» Eu olhei para elle, mas não lhe respondi e continuei andando; elle tornou de lá, e já caminhando para mim: «Menino, não ouviu? Eu não quero os meus campos trilhados.» «O que estragar, pagarei», respondi-lhe já azedado. O estúpido soltou uma risada insolente, e disse-me: «Com o que? Pergunte primeiro em casa se o que lá tem chega para pagar o que devem já.» Ouvindo isto, perdi a cabeça e corri para o homem, exclamando: «Para que não duvides da minha palavra, eu te vou já pagar uma divida, canalha.» Elle estava desarmado, mas recuou para pegar em uma enxada; os homens que trabalhavam na eira correram para mim com malhos e mangoaes; armei a espingarda logo; o primeiro que me ameaçasse estendia-o, palavra d'honra! N'isto ouvi uns gritos por detraz de mim. Era o Thomé da Povia que passava e que correu a separar-nos. Fez-nos um sermão e trouxe-me quasi á força d'alli. Ahi tens como está esta gentalha. Já não podemos sahir sem nos arriscarmos a ser insultados e assassinados. Quem deu a esses miseraveis o atrevimento de fallar nas dividas da nossa casa?

— Quem as contrahiu e não procura pagal-as — respondeu, triste mas placidamente, Jorge.

E logo depois acrescentou:

— Mas dizes bem, Mauricio, foi uma desagradavel occorrença. Já vês agora que eu tinha razão no que te dizia esta manhã.

— O que foi?

— Isto não póde continuar assim, Mauricio. Nem tu nem eu temos animo para soffrer humilhações, e ellas são inevitaveis.

— Inevitaveis?! Eu te juro...

— Não jures; não é pela violencia que os obrigaremos a calar. Ou, se se calarem, tem a certeza de que o olhar com que nos seguirem, o pensamento que lhes despertarmos, serão para nós igualmente humilhantes. Ha muito que eu adivinho esse pensamento na maneira por que nos fitam. E foi isso que me fez pensar,

— Mas que intentas fazer então? Qual é o teu plano?

— Fazer-me respeitado; mostrar que não sou inferior a elles.

— Sim, mas de que maneira?

— Resgatando a nossa casa, calando com a paga a boca d'esses credores insolentes, e collocando-nos, pela prosperidade das nossas terras, ao lado d'elles todos, e acima, pela nobreza dos nossos sentimentos.

— Queres então fazer-te lavrador?

— Quero trabalhar. Olha, Mauricio, tenho pensado muito estes ultimos dias, e hoje mais do que nos outros. A nossa regeneração depende de nos despirmos dos preconceitos sem fundamento, com que nos educaram. A nossa perda é uma inevitavel e justa consequencia do nosso louco modo de pensar e de viver, do nosso falso orgulho e dos nossos habitos viciosos. Pois que quer dizer este infatigamento com que fallamos dos nossos avós? Qual foi a acção nobre, magnanima, que deu tal esplendor a nossa familia, que se não possa apagar esse esplendor com a vida de ociosidade, de desleixo e de dissipação ingloria que levamos? A chronica não é clara a esse respeito. Tivemos guerreiros que morreram pela patria, é nobreza, de certo; mas quantos soldados obscuros não existiram entre os ascendentes d'esses pobres homens que por ali ha, tão heroes como os nossos, mas ignorados? tivemos um ou dois bispos; elles, algum pobre sacerdote, modesto e humilde, que fez por ventura mais serviços á religião do que o nosso parente mitrado; mas não lhes deu isso nobreza. O que lhes faltou talvez foi um avoengo que prestasse serviços particulares a algum rei benevolente, que em compensação o fez nobre por toda a eternidade; porque tambem ha d'estas raizes em muitas arvores genealogicas; desengana-te.

—Estás cívado de uma philosophia democratica e revolucionaria, que não sei onde te levará, Jorge. E em vista d'isso que resolves?

—Resolve não continuar a merecer essas humilhações, que não posso deixar de reconhecer que são justas. Elles teem mais direito de nos desprezar do que nós a elles.

—Desprezar-nos! — repetiu indignado Mauricio.

—Sim, sim; desprezar-nos. E senão repara. A nossa casa deve muito. Grande parte dos nossos bens estão hypothecados. O nome da nossa familia não é já segura garantia nos contractos, e os empréstimos, que todos os dias os nossos procuradores contraem, são obtidos por um preço que em pouco tempo nos levará á miseria. Na aldeia todos sabem isto. Não queres pois que nos desprezem, ao verem-nos, rapazes de vinte annos, robustos, e com energia e intelligencia, gastar ociosamente a vida e a juventude em passeios e em caçadas, olhando por cima do hombro para esses homens que talvez amanhã, authorisados por a lei, nos virão pôr fóra de nossas casas e tomar posse d'ellas? É acaso nobre este nosso proceder, Mauricio? Esta cegueira, com que vamos na corrente que nos arrasta ao precipicio, não merece pelo menos um sorriso de compaixão?

—Tu exageras, Jorge. Acaso teremos já chegado a taes extremos, que...

—Nem tu imaginas a que extremos temos chegado; mas ainda nos poderemos salvar, se quizermos ser homens.

—E como?

—Mudando de vida, applicando-nos devéras á restauração d'esta casa.

—Mas...

—D'aqui a pouco tenciono procurar o pae e fallar-lhe desenganadamente, pedir-lhe que me deixe olhar por mim proprio para a administração das nossas propriedades, que nas mãos de fr. Januario caminham a uma perda certa.

—Mas que entendes tu de administração?

—Aprenderei. O interesse é um grande mestre. Não



tiveram outro esses rusticos proprietarios, que por ahi vemos enriquecer.

X Mauricio ficou pensativo.

A ideia do irmão parecia havel-o ferido profundamente. Estava-lhe achando um sabor de poesia que lhe agradava. Porque Mauricio, não tendo o caracter mediativo e o espirito analytic de Jorge, era nas coisas da vida guiado mais pela imaginação do que pela razão. Se uma causa o seduzia, adoptava-a, sem a julgar. Igualmente a rejeitaria, se á primeira intuição lhe desagradasse. Era tão facil de se enthusiasmar por o que ao principio repellira, que não se podia ter muita confiança n'aquelle ardor. Lavrava muito depressa a lavareda para ser de longa duração.

Assim aconteceu d'esta vez, pois voltando-se para Jorge, disse-lhe com uma impetuosidade juvenil:

— Dizes bem, Jorge. O nosso dever manda-nos acabar com esta vida de ocio e de inutilidade. É assim. É preciso que sejamos homens. Temos uma missão a cumprir, generosa e nobre. Trabalhemos. O trabalho traz consigo a recompensa e os gozos. De certo deve sentir-se orgulhosa e satisfeita a alma do que trabalha, porque vê que cumpre um dever. O que se nos figura fadiga é prazer. Pois não te parece que um escriptor, por exemplo, deve ser feliz nas horas de composição? e que o artista curvado sobre os instrumentos do seu officio, e o lavrador vergado no campo, nem sequer sentem o suor que lhes corre da frente? Tens razão, trabalhemos, a poesia visitar-nos-ha nas nossas horas de labor, e não nos deixará sentir saudades dos perdidos ocios de fidalgo.

Jorge escutava o irmão com um sorriso triste e innocentemente malicioso, e commentava com um movimento de cabeça uma e outra d'estas estrophes em honra do trabalho. Quando Mauricio concluiu, elle ponderou-lhe com a sua habitual serenidade:

— Valha-te Deus, Mauricio, que estás tu ahi a dizer? Não sonhes nem adoptes uma resolução séria, como a de que fallo, sob o dominio d'essas illusões. Vê as coisas como ellas são. O trabalho é nobre por certo, mas

a poesia d'elle nem sempre a percebe quem muito de perto lhe conhece as fadigas. Não vás seduzido para a carreira do trabalho, porque cedo te desanimaria um cruel desengano. É preciso entrar n'isto guiado pela razão, e não por um entusiasmo fugaz. O escriptor nas horas de composição, e principalmente o artista e o lavrador nas fadigas do seu mister, não teem esses gozos que fantasias; antes devem sentir muitas vezes grandes desalentos e grandes fastios. O que os estimula, mais do que a poesia, é o dever. Recompensas ha, não nego que as haja, além das materiaes. Deve haver uma certa tranquillidade de consciencia, uma ausencia de remorsos, isto de um homem poder fitar sem vergonha os que trabalham a seu lado, como se lhes dissesse: «Tambem tenho direito a viver.» Isso sim; mas o ideal, que sonhas, anda longe das officinas, das fabricas e dos gabinetes de estudo, ou se ahi penetra, é á maneira d'aquelles deuses do paganismo, que acompanhavam invisiveis os heroes que protegiam. Estarás sob a influencia d'elle, mas não o verás. Se a contemplação d'essa divindade é a recompensa que esperas, deixa-te antes ficar a montear por estas aldeias.

Mauricio sorriu, objectando ao irmão:

— És suspeito, Jorge. Tu duvidas encontrar a poesia ao teu lado, quando trabalhares, porque ainda a não viste, aonde todos a vêem, ahi por essas devezas, valles e ribeiras.

— Vi-a ainda hoje em casa de um lavrador, aonde se trabalhava; tu é que não a vias lá.

— Ah! então já confessas que ella está com os que trabalham?

— Mas não a vêem esses. Não a viu Thomé, nem nenhum dos seus criados; vi-a eu que estava de fóra.

— E quem deu a Thomé sentidos para a vêr?

— A ninguem faltam, creio-o. Mas quando se trabalha com verdadeiro ardor, a visão encobre-se prudentemente, como se soubesse que quem a tem presente, tão namorado está d'ella, que o assaltam as distracções dos namorados. E o trabalho é exigente e severo; ha uns cuidados pequeninos, impertinentes, prosaicos, de que

elle não prescindia. As vezes é util até certa irritação provocada pelas difficuldades fastidiosas que elle suscitava; instigam, estimulam brios para vencê-lo.

Continuaram os dois irmãos este dialogo e assentaram enfim na resolução de mudar de vida, cada um com o grau de firmeza propria do seu caracter, e portanto com firmeza desigual. Decidiram fallar n'aquelle mesmo momento a D. Luiz.

A occasião era propicia. Frei Januario dormia ainda a sesta, e portanto o fidalgo devia estar só no seu quarto.

Era já noite. O luar coloria com tintas mágicas a paisagem fronteirã á Casa Mourisca. Esta desenhava o seu vulto negro sobre o fundo azul pallido do céu sem estrelas. A ramaria dos carvalhos e a queda da agua nas fontes levantavam vozes melancolicas do meio das indistinctas sombras da quinta.

Em noites assim conservava-se D. Luiz longo tempo á janella do quarto. A fronte encostada á mão, os olhos fitos nos pontos illuminados da perspectiva, e o pensamento... ah, quem sabe porque melancolicas paragens antava o pensamento do pobre velho?! Passadas magnificencias, festas, alegrias e triumphos de tempos mais felizes, memorias de vida n'esta habitação hoje silenciosa, e por toda a parte, e sempre, a pallida imagem da filha morta, o enleve de toda a sua vida, que ao desaparecer lh'a deixou escura e desencantada... que outras podiam ser as visões presentes áquelle espirito sombrio?

Pobre velho!

Foi para este quarto escuro que se dirigiram os dois irmãos.



## VI

Ao chegar á porta dos aposentos do pae experimentou Jorge uma primeira hesitação.

D. Luiz tractava sempre os filhos de uma maneira tão austera, abria-se-lhes tão pouco em confidencias, mostrava tão má vontade ao ter com elles longas e sérias conversações, que Jorge precisava de exercer um grande esforço sobre si mesmo para dar aquelle passo tão fóra dos seus habitos.

Pela primeira vez os filhos procuravam assim o pae no próprio quarto d'elle; a estranheza do facto seria pois já uma razão bastante para os perturbar, ainda quando não concorrêsse para o mesmo effeito a natureza do assumpto da conferencia, que não podia ser mais solenne.

A resolução de Jorge era porém muito forte, e o enthusiasmo de Maurício muito inconsiderado, para que se deixassem dominar por aquella quasi instinctiva timidez.

Jorge bateu á porta com intimo sobresalto.

Respondeu immediatamente a voz de D. Luiz, mandando entrar quem batia.

Os dois irmãos impelleram diante de si a porta, e afastando o reposteiro, entraram.

Os raios do luar tinham já principiado a penetrar na sala, desenhando no pavimento as projecções das janelas ogivaeas, que a pouco e pouco cresciam para o interior.

Do lado da porta eram porém ainda espessas as sombras, e D. Luiz não podia pois conhecer quem entrava.

A sala era extensa, e por isso alguns momentos de

correram, longos para a impaciencia do fidalgo, antes que os dois rapazes chegassem ao logar onde elle os esperava, escutando com estranheza aquelles passos, sem poder conjecturar de quem fossem.

A final proximos da cadeia do pae, pararam e guardaram por instantes silencio.

A fronte descoberta ficava-lhes alumuada pelo luar, e recebia d'aquella mysteriosa luz uma singular expressão de gravidade.

D. Luiz, reconhecendo os filhos, olhou fixamente para elles e perguntou-lhes admirado:

— O que é que pretendem?

Jorge foi o que respondeu.

— Se v. exc.<sup>a</sup> nos quizer ouvir, meu pae, desejavamos fallar-lhe.

— Fallar-me?! — repetiu D. Luiz, em tom de espanto e quasi irritado.

— Sim, senhor.

— É singular! E a proposito de quê?

— Do nosso futuro.

— Ah! — exclamou o fidalgo, procurando encobrir em ironia a sua crescente irritação. — Deram-lhe para pensar n'elle agora pelo luar.

— Penso n'elle ha muitos dias, meu pae. Ha muitos dias que elle me inquieta.

D. Luiz fez um movimento, que immediatamente reprimiu, e passou a interrogar Mauricio, no mesmo tom de affectada ironia:

— Tambem te atacaram as mesmas inquietações pelo futuro?

— Ha menos tempo, mas com maior fundamento talvez — respondeu-lhe com firmeza o filho interrogado.

D. Luiz calou-se por alguns instantes, depois tornou para Jorge:

— Então vejamos a causa dos teus receios, saibamos o que te trouxe aqui.

E principiou a tocar nervosamente com os dedos nos braços da cadeia.

— Meu pae — principiou Jorge — perdoe-me a liberdade que tomo de fallar n'isto a v. exc.<sup>a</sup>; mas é o em-

penho que faço em que o nome e o credito de nossa familia se conserve sem mancha... que...

O fidalgo interrompeu-o, batendo com violencia no peitoril da janella.

— E quem o manchou? — rugiu elle, quasi meio erguido, e fitando o filho com um olhar, cujo fulgor até á claridade tibia da lua se percebia.

— Até hoje ninguem; manchal-o-hei eu talvez amanhã, quando não puder satisfazer os compromissos da nossa casa; manchal-o-hei, quando me bater á porta a miseria e me encontrar com habitos de ociosidade e sem a sciencia do trabalho — respondeu placidamente Jorge á violenta interpegação do pae.

— Então já sabes que te baterá á porta a miseria? — inquiriu o fidalgo amargamente.

D'esta vez foi Mauricio quem respondeu:

— Ha quem se encarregue de nol-o ensinar. Em cada homem do campo temos um mestre, e as crianças por ahí já sabem dizer que os fidalgos da Casa Mourisca estão empenhados.

D. Luiz a estas palavras estremeceu, como ao contacto de um ferro candente; virou-se irritado para Jorge, fallando quasi a custo:

— No meu tempo pagavam-se essas lições bem caras! Para isso serviam então, pelo menos, os rapazes das nossas familias.

— Também nós as pagariamos, senhor; mas, voltando a casa, dir-nos-ia a consciencia que não ficavam assim saldadas todas as dividas. O orgulho e a vingança estariam satisfeitos; mas a razão e o dever, não — contestou-lhe Jorge.

— Então queiram dizer-me o que lhes manda a razão, e... e o que mais?... Ah, sim... e mais o dever.

Jorge, sem se perturbar, acudiu:

— Mandam-nos trabalhar para remir essas dividas; lutar pela integridade d'estes bens, que são nossa herança, augmental-os antes se fôr possível; mandam-nos manter em respeito essa gente, que nos olha com atrevimento, destruindo para isso os fundamentos da sua insolên-

cia. A razão, meu pae, gliz-nos que é uma vergonha e um crime para os nossos vinte annos a vida ociosa e inútil que passamos aqui.

— Muito bem; querem então meus filhos que eu lhes dê um modo de vida; veem aqui no proposito de arguir-me por me ter descuidado de os... arrumar?

O fidalgo empregou no verbo final, de um sabor burguez, toda a emphase sarcastica, que lhe inspirava a sua irritação e orgulho aristocratico.

— Não, meu pae — insistiu Jorge — vimos apenas lembrar a v. exc.<sup>a</sup> que chegamos a uma idade em que já nos não satisfazem os gozos da vida de rapaz, de que o muito amor de v. exc.<sup>a</sup> nos tem permittido saciar. Vimos pedir-lhe que nos conceda agora licença de nos occuparmos de outra ordem de ideias e de mudarmos de vida. Sentimos despontar em nós desejos novos, vimos respeitosa e annuncial-o a v. exc.<sup>a</sup> e rogar-lhe a permissão para realisal-os.

D. Luiz sorriu ironico, porque não podia ainda tomar a serio a resolução dos filhos, em quem só via duas crianças; e continuou zombando:

— Está bem. Então tu o que queres ser?

Jorge respondeu promptamente:

— Procurador de v. exc.<sup>a</sup> na administração da nossa casa.

D. Luiz olhou d'esta vez para o filho mais seriamente, porque lhe causara impressão a firmeza e promptidão da resposta, em vez das titubeações que esperava. Convenceu-se de que Jorge não procedia levemente de tudo, e que n'elle havia uma tenção formada. Voltando-se para Mauricio, interrogou-o, ainda no mesmo tom em que principiára:

— E tu? Queres ir para o Brazil?

Mauricio não tinha, como Jorge, uma resposta prompta, porque n'elle o projecto era apenas uma resolução vaga e mal definida, e não um plano fixo e meditado como o do irmão. Era n'essas formas vagas que elle mais o namorava, e talvez ao pretender fixal-o, principasse a experimentar as primeiras repugnancias e desillusões.

D. Luiz esperou alguns instantes pela resposta do filho mais novo, mas, como o visse hesitar, continuou, encolhendó os hombros:

— Ainda não pensaste n'isso. Bem. Queannos então primeiro teu irmão. Visto isso achas tu que, sob a tua gerencia, a administração de nossa casa prosperaria?

— Creio que não iria peor conduzida do que vae. V. exc.<sup>a</sup> conhece perfeitamente que não será grande fatcaha ir tão longe como frei Januario.

— É um homem experiente.

— Triste resultado ó da experiencia. O pae deve, melhor do que nós, saber o estado dos negocios d'esta casa; mas quer-me parecer que não me enganarei muito, conjecturando a maneira por que ellés vão. Pedir emprestado sob encargos e hypothecas pesadissimas, não para melhorar o que ainda possuímos, mas para consumir o pouco que se obtem em gastos improductivos, lavar arrendamentos com que o senhorio nada lucra e com que a propriedade se empobrece, deixar ao desprezo terras não arrendadas, é a pratica até hoje seguida, tão facil como funesta.

— E quem te disse que é possível fazer outra coisa?

— objectou já sem ironia o pae. — Os tempos actuaes são de prova para familias como as nossas, a maré que sobe traz á flor da agua o que era lido em outros tempos.

— Deixe-me tentar, meu pae.

— Tentar o que? criança. Queres ser enganado e escarnecido por esses manhosos proprietarios e rendeiros, com quem infelizmente temos de lidar? Que sabes tu da administração dos bens ruraes?

— Aprenderei. A sciencia, patente ás faculdades de frei Januario, não é defeza a ninguem.

— Nem tu sabes o que pedes. Não cõrarias de vergonha no tracto familiar a que esses negocios obrigam, com homens grosseiros, insolentes, miseraveis de hontem, e que hoje nos atiram á cara com a sua riqueza?

— Procuraria d'entre esses os de mais educação.

O velho encolheu os hombros com impaciencia, murmurando:



— Educação! Elles! ✓

— Porém, meu pae — argumentou Jorge com mais vehemencia — é uma triste necessidade esta. Pense bem. Se é vergonha, como diz, procural-os para tractar negocios, maior vergonha será que elles nos procurem para nos expulsar d'esta casa; se a um homem da nossa familia fica mal velar por ella, peor e menos decoroso lhe será ter de deixar esta terra, onde já não possui um palmo de seu, sem poder attribuir essa desgraça senão á sua propria incuria. A memoria dos nossos antepassados soffrerá menos se um dia se disser dos seus descendentes que trabalharam, para livrar da destruição e de mãos alheias o solar que lhes pertencia; do que se se contar, apontando para as ruinas d'esta casa, que elles a deixaram cair e invadir por estranhos, sem respeito por as gloriosas tradições que a illustravam. É pouco para ambicionar-se esta fama.

— E depois, meu pae — acudiu Mauricio — que dôr não seria o vêr devassado por invasores o quarto em que morreu minha mãe, esta sala, o salão onde brincavamos em criança, e até os aposentos de nossa irmã, da sua querida Beatriz?

A memoria da filha morta commovia sempre o coração d'aquelle velho, que ella ainda povoava de saudades; por isso curvou desalentado a cabeça assim que lhe ouviu o nome, e murmurou:

— Não; a nossa miseria não irá tão longe. Creio que Deus não me reservará esse tremendo castigo. Morrei primeiro.

— E nós, se lhe sobrevivermos, senhor, não soffremos tambem? Quererá legar a seus filhos uma herança d'essas? — interpellou-o Jorge.

O pae escondeu a cabeça entre as mãos, já sem signaes da rispidez com que principiára a scena, e não pôde responder a esta interrogação de Jorge.

Mauricio sentiu-se commovido ante aquella sincera manifestação de dôr, que observava no pae, na presença d'elles de ordinario tão reservado.

— Não — acudiu elle impellido por aquelle sentimento — o interior da nossa casa não será devassado por es-

tranhos, nem na sua vida, meu pae, nem depois da sua morte. Dé-nos apenas permissão para trabalharmos, e nós juramos evitar essa humilhação.

D: Luiz ergueu finalmente a cabeça e pela primeira vez fez signal aos filhos para que se sentassem junto de si.

Depois, dirigindo-se ao mais velho, já em tom menos severo:

— Jorge — ponderou elle — a tarefa que queres emprender não é facil. É verdade que não teem corrido pelas minhas mãos esses negocios, mas sei d'elles o bastante para prever os espinhos que n'elles encontrarias. Frei Januario não é um homem de talento, bem o sei, mas tem experiencia e boa vontade de nos servir, e ainda assim não prospéra esta casa, que foi das melhores da provincia. Como queres tu pois, ha poucos dias uma criança que em nada d'isto pensavas, tomar de repente sobre ti o encargo d'esta gerencia, e como imaginas que darias boa conta d'ella? Os teus planos são vagos. Fallas-me mais nos defeitos dos seguidos até hoje, dos que nas excellencias dos teus.

— Perdão, meu pae, mas não são tão vagos como os suppõe. Pensei já muito n'isso. As difficuldades que ainda tenho, com tempo e meditação espero resolvê-las; além d'isso... auxiliado... quando necessario fôr... dos conselhos de frei Januario, espero que me será possivel realisar o meu intento. Se me permite exponho-lhe esses planos em poucas palavras.

Tomando o silencio do pae por signal de aquiescencia, Jorge encetou a exposição dos seus projectos economicos.

Não o seguiremos no longo relatorio, que pae e irmão escutaram admirados de tão inesperada sciencia. De facto, as informações de Thomé, os fructos da propria reflexão, as ideias adquiridas na leitura meditada dos poucos livros da sua bibliotheca, foram os elementos com que o espirito essencialmente methodico e organisador de Jorge construiu um completo systema de administração, que, se tinha defeitos, não eram para ser apreciados pelo velho fidalgo, que nunca fôra dado a

esses exames. A exposição clara, o tom de convicção, o calor do quasi entusiasmo com que o filho fallava, o entusiasmo contagioso, exerceram no velho uma profunda influencia. Ao concluir, Jorge tinha vencido a causa.

D. Luiz estava do fundo d'alma convicto de que este filho fôra destinado pela Providencia para ser o restaurador da sua casa:

E contudo havia um ponto essencial no plano de Jorge, que elle não mencionára. Para realizar a maior parte das medidas economicas, cujos maravilhosos effectos com tanta eloquencia expusera, era indispensavel um capital inicial não pouco avultado, e Jorge não dissera como havia de obtê-lo. Esta era a parte secreta do seu plano; aquella, cuja menção bastaria para desvanecer toda a boa impressão produzida no animo de D. Luiz.

O capital inicial devia vir do emprestimo razoavel, offerecido por Thomé da Povea, ou obtido sob a garantia do credito d'elle. Esta operação era indispensavel, era a unica talvez salvadora; por quanto os outros capitalistas tinham sempre em vista apoderar-se dos bens do fidalgo, e por isso sómente emprestavam sob condições onerosissimas e perigosas.

Mas o orgulho de D. Luiz não lhe deixaria aceitar favores de Thomé; nunca elle consentiria na menor transacção com o que fôra seu criado.

Por isso Jorge guardou para si sómente esta parte das suas projectadas operações; e com D. Luiz felizmente era facil passar por alto certos pontos de questões d'esta natureza, que elle mal examinava. Assim pois o pae acabou por dar o consentimento pedido.

— Seja; não me opponho a que te occupes da gerencia da casa; que dentro em pouco tempo será vossa. Vejo que tens reflectido n'isso mais do que eu julgava; contudo mareo duas condições; a primeira é que nunca faças contractos que sejam vergonhosos para o nome da nossa familia.

— Prometto-lhe que não o envergonharei.

— A segunda é que não desprezes os conselhos de frei Januario.

— Por certo que não prescindirei das suas informações.

— Eu lhe darei parte do que resolvi. E agora... — acrescentou D. Luiz — vamos ao resto... E Mauricio?

Mauricio, interpellado pela segunda vez, achar-se-ia nas mesmas difficuldades para responder á interpellação, se Jorge não respondesse por elle:

— Também pensei em Mauricio.

— Ah! também? — disse o pae, não podendo occultar a quasi admiração, que lhe estava impondo Jorge.

Mauricio interrogou também com a vista o irmão.

— Se Mauricio confia em mim, é inutil a sua permanencia aqui na aldeia, onde não tem em que se occupe.

— Tens a minha plena confiança, Jorge. E a não me queres para teu guarda-livros...

— Lembrou-me que Mauricio devia partir para Lisboa. Lá poderá ser mais util a si e a nossa casa. É verdade que não é essa por ora uma medida economica; antes obrigará a alguns sacrificios. Far-se-hão porém, se precisos forem, e Mauricio tem brios bastantes para não os deixar ficar improductivos.

D. Luiz fez um gesto de duvida.

— Humh! — objectou elle — que carreira póde n'estes tempos seguir na capital um filho meu? Queres acaso que elle vá renegar da causa, que a nossa familia sempre abraçou, e fazer pacto com essa gente que hoje governa?

— Confesso que mal pensei ainda na carreira que lhe convirá seguir; mas sómente lá é que é possível a escolha. Parece-me que sem deshonra se poderá trabalhar e ser util á patria, que é sempre a mesma, qualquer que seja o partido que a governe. Mas o caso não urge. V. exc.<sup>a</sup> poderia escrever n'esse sentido a nossa prima Gabriella, que melhor que ninguem poderá fornecer-nos valiosas indicações.

— Gabriella?! A senhora baroneza do Souto Real! — accentuou sarcasticamente o fidalgo. — Ora adeus! Uma doida...

— Tem-se mostrado sempre nossa amiga — corrigiu

Jorge — e ainda por occasião do fallecimento de Beatriz...

— Sim, bom coração tem ella. Mas a sociedade em que vive, desde que casou e depois que viuviu, tem-lhe feito adquirir as qualidades da época. Não se lembra de que seu pae foi um militar, que morreu com as armas na mão a favor da causa legitimista. Hoje conta os seus amigos entre a gente, que a fez orphã.

— Deve perdoar-se a uma mulher essa fraqueza. Ella não tem coração para odios. Bem o sabe. Parece-me comtudo que, apesar das suas apparencias frivolas, tem um fundo de bom senso d'onde pôde sahir um aproveitavel conselho. Falle-lhe v. exc.<sup>a</sup> com franqueza, diga-lhe quaes as condições sob que entende poder Mauricio entrar na sociedade, onde vivem sem apostasia muitos adeptos da antiga causa, e eu creio que ella o comprehenderá e lhe dará as informações pedidas.

Ainda n'isto se deixou convencer D. Luiz pela eloquencia do filho. Jorge sabia que a prima era uma mulher de influencia no mundo politico e elegante, e esperava que a reconhecida diplomacia d'ella conseguisse aplanar as difficuldades, em que naturalmente se embarçariam o orgulho e a paixão partidaria do fidalgo. E para assegurar melhor o resultado que esperava, resolveu elle proprio escrever-lhe confidencialmente.

Quando o pae e os filhos se separaram, achava-se em todos os seus artigos sancionado o projecto de Jorge.

## VII

Frei Januario, dormida a sua regalada sésta, dispoz-se a fazer horas para a ceia, indo communicar ao fidalgo a grande nova das disposições de espirito, suspeitas e subversivas, em que encontrou o filho mais velho.

Ainda D. Luiz meditava nas mudanças que ia soffrer o regimen economico da casa e nas mais ou menos provaveis consequencias d'ellas, quando a voz fanhosa do padre procurador se fez ouvir á porta, articulando o costumado — *licet?* — E sem esperar resposta o padre frei Januario foi entrando.

— Ainda ás escuras, snr. D. Luiz?!

— Nem sempre temos para nos alumiar luzes tão bellas como esta; respondeu o fidalgo, designando o luar que já lhe inundava o quarto.

— Quer não; isto de luar não é lá das melhores coisas e depois o ar da noite...

— A noite está que parece de maio.

— Sim, mas sempre os vapores dos campos... Eu acho mais prudente accender luz e fechar as janellas.

— Não me opponho, frei Januario, até porque temos que fallar.

— Sim? Tambem tenho que comunicar a v. exc.ª

— Pois, muito bem. Vamos a isso.

Fecharam-se as janellas, vieram as luzes e dispoz-se tudo para a conferencia.

D. Luiz exigiu que frei Januario fallasse primeiro:

— Visto isso, principiarei, e o que sinto é que seja

para dar a v. exc.<sup>a</sup> noticias assustadoras — preludiou o egresso.

— Assustadoras! Que é a final? Alguma insolente exigencia de credor.

— Nada, nada; a coisa é outra. Tracta-se do filho de v. exc.<sup>a</sup>

— De Mauricio? Que fez elle?

— Não, senhor; não é do snr. D. Mauricio, que eu fallo.

— Então? É de Jorge?

— Justamente. Eu conto a v. exc.<sup>a</sup>

E frei Januario principiou a expôr ao fidalgo os pormenores da discussão que tivera com Jorge ao jantar e a commental-a com reflexões proprias. Horas antes, esta communicacão teria talvez produzido o effeito estupendo, que o egresso calculára; mas a prévia entrevista de D. Luiz com os filhos tirára toda a importancia á revelacão. D. Luiz apenas franziu o sobrolho á parte mais demagogica das doutrinas do filho, mas esse mesmo signal de desgosto foi passageiro, e quando o procurador acabou a sua estirada confidencia, em vez da indignacão e do espanto, com que esperava vê-la acolhida, apenas escutou estas simples palavras, pronunciadas com a maior fleugma:

— E então que pensa d'isso, frei Januario?

Lá de si para si o padre replicou á pergunta com a sua expressão favorita de desapontamento: — Lérias! — mas em voz alta não foi tão expressivo, e respondeu em phrase mais parlamentar:

— O que penso? Que hei de eu pensar? E v. exc.<sup>a</sup> o que pensa? Eu por mim penso que anda aqui febre liberal; o veneno já está no sangue. Tão certo! Aquillo dá logo signal de si. Em elles principiando a cantar-me ladainhas a S. Trabalho, eu digo logo com os meus botões: «Pois sim; sim, estás arranjadinho.» O snr. D. Jorge conversou por ahí com algum mação. Quem sabe? Alguns d'esses engenheiros que estão na estalagem do Manco. Isto de engenheiros é gente que se não confessa; ou então são coisas do hortelão, que eu não seja quem sou; se ainda não ha de dar que fallar n'esta casa;

mas o certo é que lhe metteram na cabeça essas tarminholas e se v. exc.<sup>a</sup> não olha por isso, eu lhe protesto que dão com o rapaz mação; é que é uma pena, porque é um bom rapazinho. Mas quando elles me vem com as nobrezas do trabalho aos contos, torço-lhe logo o nariz.

— Parece-me que desta vez são sem fundamento os seus receios, frei Januario. A final, pendo de parte alguma expressão menos sensata, e que o verdor dos annos desculpa, as idéias do rapaz são razoaveis.

— Razoaveis?

— Pois porque não? Que quer elle? Occupar em alguma coisa o tempo, que perdê na ociosidade. Está cansado da vida de rapaz. É natural e é louvavel. E em que quer elle empregar-o? No que amanhã será constrangido a fazer, com peor resultado; no que eu devêra ter feito na idade d'elle; em trabalhar, em gerir os bens da sua casa. Mais vale então que principie já, frei Januario, sob a guia dos seus conselhos, do que tarde, ás cegas e sem uma pessoa de confiança a encaminhar-o.

— Pois é verdade, mas...

— Elle fallou-me n'isso ha pouca.

— Ah! pois sempre fez o que disse?

— Fez, sim, e fez bem. Achei que o rapaz tinha pensado maduramente no caso e dei-lhe a permissão que elle pediu. Era até o que eu tinha para dizer-lhe.

— Então, visto isso, de hoje em diante?

— De hoje em diante, Jorge se entenderá consigo. O frei Januario precisa de descansar tambem.

— Eu ainda não estou cansado — resmungou o padre.

— Espero que dará a meu filho todos os esclarecimentos de que elle precise e todos os conselhos da sua muita experiencia.

— Não seja essa a duvida; mas, na verdade!

O relógio do corredor, batendo nove horas, cortou inesperadamente a phrase ao egresso.

Pelos modos a coisa ia tardando.

— Com licença — disse elle, levantando-se — vou ver como correm as coisas na cozinha.



Mas nos corredores murmurava consigo, em tom aforístico:

— Não tem que vér, Filho mação, pae idiota... casa perdida.

Como frei Januario suspeitasse que ia encontrar o cozinheiro menos attento no desempenho dos seus gravissimos deveres, dirigiu-se, pé ante pé, á cozinha, a fim de sorprendê-lo em flagrante.

Ao avisinhar-se deu-lhe maior rebate ás suspeitas um acalorado travar de vozes, que de já vinha.

Espreitou. A criadagem estava em congresso; orava o hortelão, o inimigo irreconciliavel do padre; escutavam-n'o os outros boquiabertos, e mais attento do que nenhum, o cozinheiro, que sentado em um banco baixo, com uma perna atravessada sobre a outra e as mãos a segurarem o joelho, nem ouvia o chiar das caçarolas, nem se lembrava da ceia.

O padre fumou com a descoberta.

O hortelão dizia:

— Foi então que o imperador... oh aquillo é que era um homem!... foi então que elle fez aquella falla que lá está toda na memoria do Mindello, que foi onde nós desembarcamos, no dia 8 de julho de 1832, alli pela tardinha.

E o hortelão, tomando uns ares solemnes e endireitando o corpo, começou recitando oratoriamente:

— « Soldados! Aquellas praias são as do malfadado Portugal; alli, vossos paes, mães, filhos, esposas, parentes e amigos, suspiram pela vossa vinda e confiam...

Era demais para a magnanimidade de frei Januario. A proclamação de D. Pedro desafinava-lhe os nervos, sempre que a ouvia; o que não era poucas vezes, graças ao entusiasmo do hortelão. Cedendo pois ao seu animo indignado, o padre rompeu pela cozinha dentro, exclamando:

— Então que pouca vergonha é esta? O fidalgo á espera da ceia, e esta sucia de mandriões aqui postos a ouvir as patranhas d'aquelle senhor!

Os criados sorprendidos ergueram-se em alvoroço e tomaram os seus postos. O hortelão reagiu, como era seu costume.

— Patranhas? Isso lá mais de vagar. Isto vi e'ouvi eu, como o vejo e ouço a vocemecê, e muito me honro em dizê-lo. Patranhas! Quem quizer, pôde lêr tudo isso nas gazêtas e muitas coisas mais. Eu fui soldado do imperador e...

— Está bom, está bom: pouco fallatorio. Você o que é, é hortelão; e o logar dos hortelões não é na cozinha.

— Lá se vamos a isso, tambem o do capellão não é ao pé das panellas, e comtudo vocemecê pôde dizer-se que não tem outro posto, onde esteja mais firme.

— Tenha cuidado com a lingua; olhe que um dia a paciencia esgota-se e depois não se queixe.

— Não se metta o snr. padre commigo, se não quer ouvir. Olhe que eu fui soldado, e não é um frade que me leva a melhor. A vontade que elles nos teem sei eu, que ainda me lembra de vér arder por os quatro cantos o convento de S. Francisco, na noite de 24 para 25 de julho, e por pouco que não morriam queimados todos os meus camaradas de caçadores 5. Hein? que diz vocemecê áquella caridade?

— Você não se quer calar? Eu direi ao snr. D. Luiz as conversas que você tem aqui na cozinha e a maneira por que falla da religião e da igreja.

— Quem fallou em tal? Eu em quem fallo é nos frades, que é coisa diferente.

A desavença terminou com a subita sahida do padre, que perdia as estribeiras n'estas luctas. A criadagem ficou rindo d'elle pelas costas, e o hortelão passou a contar por miudo como tinha sido o caso do incendio do convento dos Franciscanos.

O padre, na presença do fidalgo, encetou a sua millionesima queixa contra o jardineiro, e acabou por dar o millionesimo conselho da sua immediata demissão. O fidalgo ouviu-o pela millionesima vez com o silencio do costume.

D'ahi a momentos estava o procurador aplacado..., porque cejava.

A ceia assistia o fidalgo e os seus dois filhos.

Ninguêem fallou durante a refeição nocturna. O padre estava amuado, D. Luiz pensativo, Jorge e Mauricio tro-

quando olhares de intelligencia sobre o aspecto crrancu-  
do do padre.

Ao erguer-se da mesa, D. Luiz disse para o filho mais  
velho:

— O snr. frei Januario já está informado do que hoje  
se combinou. Amanhã elle que tenha a bondade de te  
dar os conselhos precisos.

E depois de uma sêca «boa noite», D. Luiz sahio  
da sala.

Os filhos levantaram-se para tambem se retirarem.

Jorge interrogou o padre:

— A que horas quer que o procure amanhã, snr. frei  
Januario?

— A que horas?... Ah!... sim... isso... eu sei?... A  
coisa não é de pressa... Se não for amanhã...

— Ha de ser amanhã — atalhou Jorge.

— Ha de ser! Essa é boa! Sabê' lá da minha vida?  
Ha de ser! Tem graça.

— Não lhe tirarei muito tempo. Socegue. Quero só  
que me passe os livros e os papeis.

— Os livros!... e os papeis... Mas para que?

— Porque d'amanhã em diante tomo conta d'elles.

— Eu não me entendo com criancices. Na verdade  
o snr. D. Luiz fez-me o que eu nunca esperei d'elle. É  
bem custoso receber tal paga no fim de tantos annos de  
serviço! E então que pateticos! Attender aos caprichos  
de uma criança em coisas tão sérias como estas! E sabe  
que mais, snr. Jorge? Eu não tenho vagar nem pacien-  
cia para me pôr agora a ensinar meninos.

Mauricio ia a responder, talvez com aspereza, mas  
Jorge atalhou-o, dizendo:

— Mas quem lhe falla em ensinar? Quem lhe pede  
lição ou conselho?

— Então para que me procura amanhã?

— Para que me dê os livros e mais documentos re-  
lativos á gerencia da casa, e me preste os esclareci-  
mentos que eu lhe pedir. Não são perguntas de disci-  
pulo...

— Percebo o que quer dizer na sua, são de juiz.

— Não. Quem o suppõe réo? Não, senhor. É apenas

uma curta conferencia, como o trocar da senha entre a guarda que se rende.

— Então o snr. Jorge está seriamente resolvido a tomar conta d'isto?

— Muito seriamente.

— Sim, senhores. Ha de ser bonito! Mas isto é até um caso de consciencia, e eu não sei se devo...

— Aplaque os seus escrupulos, frei Januario. A responsabilidade de um procurador expira no dia em que a procuração lhe é retirada pelo constituinte. Até amanhã. Não se esqueça de me apresentar todos os livros da sua escripturação.

— Elle ahí torna! Ora que scisma! Eu sei lá de livros e de escripturação, homem? É boa! Isto não é nenhum armazem.

— Então geria de cabeça, frei Januario?— perguntou Mauricio, rindo.

— Geria, como entendia. Tomo es apontamentos precisos, mas lá de parapatices e espalhafatos é que nunca fai.

— Bem; amanhã examinaremos esses apontamentos; boa noite, frei Januario — concluiu Jorge.

— Snr. frei Januario, muito boa noite — secundou zombeteiramente Mauricio.

— Ide com nossa Senhora — murmurou o padre irritado.

Os dois rapazes sahiram, rindo dos amaos do egresso.

Este ficou só, e encetando um habitual complemento da sua substanciosa ceia, ia resmungando:

— Forte pancada a d'esta gente! Olhem agora o criança... E como elle falla?! Parece já um senhor que *todo lo manda!* Os livros! Era o que me faltava! era ter livros para assentar contas com rendeiros e dividas da casa. Bem digo eu! Mas deixa estar que eu curo-o da mania de metter o nariz n'estas coisas. Dou-lhe uma esfrega amanhã. Em elle vendo como a casa está embrulhada, perde logo o furor com que está de a administrar. Sempre lhe hei de fazer uma tal barafunda de papelada, que o rapazinho ha de ir dizer ao papá que não quer saber de contas. Ora deixa estar! Muito me hei de



rir. Quando elle principiar a vêr o sarilho, em que isto tudo está mettido, que nem eu sei já como sabir d'elle, então é que ha de dar vivas, e gritar « aqui d'el-rei. » Ora deixa estar.

E o padre ria, ria de boa feição, ao pensar no logro que havia de pregar a Jorge, ria e comia o bom do homem, que era um gosto vél-o.

Depois foi deitar-se, e o somno de uma certa classe de bemaventurados baixou-lhe sobre as palpebras, suave e restaurador.

Jorge não dormiu, como o padre; velou até alta noite, lendo, calculando, combinando planos economicos. Maurício tambem dormiu pouco; pensou igualmente no futuro, na revolução que ia operar-se na sua vida, mas de um modo vago, sem ter ainda um plano formado, nem trabalhar para isso. As mais variadas e brilhantes imagens passavam-lhe pela phantasia, sem que se fixasse uma só d'ellas. Era um succeder de ideias tão rapido, que parecia estonteal-o, como o illusorio movimento das margens perturba o viajante novel arrebatado no convez velocissimo d'um barco a vapor.

No dia seguinte teve logar a solemne conferencia do padre e de Jorge.

Frei Januario tentou realisar a traça que com applauso proprio delineára na vespera. Desdobrou em cima da mesa toda a papelada, amontuou, sem classificação nem escolha, procurações, recibos, contas, contractos de arrendamento, titulos de propriedades, escriptos de quitação com a fazenda, e outros varios documentos, com intuito de assoberbar a inexperiencia de Jorge e castigar-lhe as aspirações ambiciosas.

Depois de ter assim patenteado aquelle cahos aos olhos do seu proposto successor, o padre, encostando os braços á banca, apoiou o queixo entre as mãos, posição em que a hôca repuxada lhe tomava um geito de caricatura eminentemente comico, e ficou á espera do resultado das suas manhas com um sorriso de malicia e triumpho.

Jorge porém não desanimou. Com um rapido lançar de olhos julgava da importancia dos papeis, que succes-

sivamente examinava, e assim os punha de lado para segundo exame ou os guardava como vistos.

Dentro em pouco tempo entrou a ordem no cahos, e Jorge passou a mais minuciosa revista.

Frei Januario já se sentia um tanto incommodado com o andamento que ia vendo ás coisas, e insensivelmente foi tomando uma posição mais discreta e fugiu-lhe do rosto o ar malicioso com que até alli observára Jorge.

O peor não tinha principiado ainda.

Jorge acompanhou o segundo exame, a que procedeu sobre os papeis de importancia, de uma serie de perguntas, que embaraçaram sobre maneira o padre. Reconheceu então que o filho de D. Luiz não era a criança que elle suppozera, que via mais claro n'aquelles negocios do que elle proprio, com toda a sua experiencia, e que a conferencia, na qual esperava dar uma memoranda lição ao impertinente discipulo, podia muito bem terminar com notavel desvantagem do mestre.

Ao principio do fogo cerrado de questões e objecções, o padre tentou entrincheirar-se atraz de evasivas, tractando o caso jovialmente, mas teve de abandonar essa tactica, diante do tom e aspecto de seriedade varonil, com que Jorge lhe insinuou:

— Snr. frei Januario, eu não vim aqui para brincar, nem o assumpto da nossa conversação é digno d'essas jovialidades. Sou um dos futuros herdeiros d'esta casa e quero saber como ella tem sido administrada até agora.

O padre experimentou a arma da dignidade offendida.

—Então quer dizer que desconfia de mim?... e instaura-me um processo?

— Peço-lhe por favor que não venha com isso outra vez. Ninguem o accusa, já lh'o disse. Peço-lhe só esclarecimentos sobre o passado, para poder caminhar para diante.

Frei Januario acabou por se convencer de que não havia fugir á sabbatina. Não lhe foi suave tarefa aquella.

Jorge pela primeira vez lhe fazia vêr os erros de officio que elle commettêra, a imprudencia com que diri-

gira certos negocios, o desleixo em que deixara outros, a illegalidade de certos actos, os riscos em que puzera parte dos bens da casa. O padre suava, torcia-se, esfregava a testa, entrava em explicações confusas d'onde com muito custo sahia, titubiava, gemia, protestava, limpava os olhos, chamava em seu auxilio ceos e terra; mas tudo era inutil poeira de encontro á paciencia e flegma com que Jorge o interrogava ou lhe fazia qualquer observação que, sem ser formulada como censura, feria no vivo a susceptibilidade do padre. Em uma palavra, o resultado da conferencia foi exactamente o opposto ao que frei Januario prognosticara. Quem d'elle sahio atordado, desgostoso e disposto de véras a não querer saber mais da administração da casa, foi o padre e não o rapaz.

Frei Januario viu com espanto esboroar-se o edificio da sua experiencia, em cuja solidez elle proprio tinha a ingenuidade de acreditar, ao simples sópro de uma criança. A impressão que lhe ficou d'este apertado inquerito foi tal, que o pobre homem passou a sentir um entranhado medo de Jorge, e a empallidecer só com a lembrança de uma scena como aquella.

Sempre que Jorge lhe dirigia a palavra d'ahi por diante, já o padre previa com terror uma interpegação e ficava nervoso! Muito mais se D. Luiz estivesse presente.

Assim pois, graças a estes mêdos, frei Januario em vez de tornar-se vigilante em relação aos actos de Jorge, tractou de evital-o tanto, quanto podia.

O desgraçado persuadira-se de que tinha commettido tantas faltas na sua administração, que o seu desejo era vêr passar já sobre ellas muitos annos para desvanecer-lhes os vestigios.

Jorge ficou pois completamente á vontade. D. Luiz, interrogando o capellão, ouvira d'elle que Jorge estava habilitadissimo para administrar a sua casa. Foi quanto bastou ao fidalgo para confiar cegamente no filho e para annuir sem exame a todos os seus projectos, como por tantos annos fizera aos do padre.

Portanto, sem desconfiança de pessoa alguma, pôde

Jorge combinar com Thomé, em entrevistas nocturnas na Herdade, o seu plano de administração. Thomé era n'estas coisas um prudente e avisado conselheiro. Estudaram ambos a maneira de remediar muitas faltas commettidas, entraram em correspondencia com o advogado do fazendeiro, por causa de uma velha e importante demanda da casa; Jorge visitou todas as suas terras, celebrou novos e mais vantajosos arrendamentos sempre que pôde, e para estes primeiros actos levantou em segredo parte do emprestimo agenciado por meio do capital e do credito de Thomé da Povoia.

Gausou espanto na terra a revolução administrativa da Casa Mourisca. Os que mantinham vistas interesseiras sobre os bens do fidalgo e que, movidos por ellas entravam em transacções com a casa, conceberam ao principio dissonantes esperanças, vendo que tinham á tractar com um moço inexperiente. Cêdo porém se desenganaram, encontrando-o sempre cauteloso e perspicaz, graças á intelligencia propria e aos conselhos do previdente Thomé, que entrava em tudo sem ser visto nem suspeitado sequer.

As entrevistas de Jorge e do fazendeiro tinham sempre logar de noite, como já dissemos.

Jorge sabia de casa quando já todos dormiam menos Mauricio, unico que se recolhia ainda mais tarde e que nem sequer sabia das sortidas do irmão.

Thomé da Povoia esperava-o na Herdade, onde o rapaz entrava com o mesmo mysterio, e ás vezes prolongavam-se até altas horas estes conciliabulos economicos.

N'elles, ambos aprendiam. Thomé abria a Jorge os thesoiros da sua muita experiencia, e esclarecia-o com os conselhos dictados por um são juizo e uma natural lucidez. Jorge, que já enriquecêra a sua bibliotheca de novos livros e de periodicos de agricultura e de economia rural, fallava a Thomé dos progressos e melhoramentos agricolas dos paizes estrangeiros, e eram para vêr a attenção e o enthusiasmo com que o lavrador o escutava. Com o animo arrojado e despido do cego e supersticioso amor pelas praticas velhas, Thomé tomava nota de muitas d'essas innovações, para as experimen-



tar, praticando-as nas suas proprias terras. Que bellos e grandiosos projectos de futura realisação não planeavam elles, inspirados das maravilhas obtidas pela agricultura nos paizes mais adiantados, onde é exercida por homens intelligentes e instruidos!

Passado pouco tempo Jorge gozava já na aldeia de uma fama de fino administrador, que lhe grangeou os respeito de todos os habitantes.

Para esta boa fama concorreu uma circumstancia preparada ainda pelos ressentimentos de frei Januario.

Depois de destituido, e ainda para mais derrotado pelo estreito inquerito de Jorge, e antes que conseguisse dominar completamente o seu despeito, tentára o padre levantar ao rapaz uma nova difficuldade.

Com esse intento convocou um dia todos os criados da casa e da lavoura, que viviam das soldadas do fidalgo, ou melhor na esperanza d'ellas, e depois de os ter juntos, deu-lhes velhacamente a noticia de que, tendo sido dispensado pelo snr. D. Luiz de continuar a gerir os negocios da casa, não era d'ahi por diante responsavel pelo pagamento das soldadas atrasadas nem das futuras; que esses negocios estavam agora ao cargo do snr. D. Jorge e que se entendessem com elle, por quanto da sua parte lavava as mãos de tudo.

A estas palavras, levantou-se murmuração entre alguns criados, que não tinham grande confiança no novo gerente e que reclamavam do padre o pagamento das soldadas vencidas, dizendo que era elle o responsavel por esses pagamentos, visto serem do tempo da sua administração.

— Não quero saber de contos — insistia o padre. — Por feliz me dou eu em me terem tirado dos hombros esta canceira. Os outros que se avenham como puderem.

A celeuma continuava, apesar da contrariedade do hortelão, que declarou que pela sua parte estava satisfeito com a mudança, porque o snr. Jorge era um rapaz de juizo e de brios, e, melhor do que ninguem, homem para cumprir a sua palavra.

Estavam as coisas n'estes termos, quando um facto imprevisto as modificou.

Foi o apparecimento de Jorge.

A scena passára-se em uma sala contigua á do cartorio da casa, onde desde pela manhã Jorge se encerrára a examinar uns papeis de importancia. O padre suppunha-o fóra, e por isso promovêra aquella reunião, prestes a tornar-se tumultuosa. Assim pôde Jorge ouvir tudo.

Percebeu a necessidade de fazer cessar aquella scena escandalosa, e terminal-a airosamente, embora á custa de algum sacrificio. N'esta resolução levantou-se e abriu de par em par a porta pela qual communicavam as duas salas.

Assim que o viram, os criados emmudeceram. O padre julgou-se perdido.

Jorge dirigiu-se placidamente áquelles.

— Quando o snr. frei Januario lhes dissé que me procurassem para serem pagos do que se lhes deve, era melhor que o fizessem logo, e não levantassem esse clamôr proprio de uma feira. Entrem, que eu aqui estou para lhes fazer contas.

E a um gesto imperioso de Jorge, os criados entraram timidos no gabinete, occultando-se uns com os outros.

— Entre tambem, frei Januario — disse Jorge ao padre, que procurava retirar-se sorrateiramente da sala.

O padre teve de obedecer, a seu pesar.

Jorge sentou-se á mesa e principiou a interrogar os criados, um por um, sobre a quantia que se lhes devia, e pagando-lh'a integralmente, depois de obtida a informação.

Assim os correu e satisfez a todos, á excepção do hortelão, que o estava a observar calado e com os olhos humidos.

Jorge voltou-se para elle e disse-lhe:

— Estou que te fazia offensa, se te pagasse ao mesmo tempo que a estes desconfiados. Tu és dos que esperam com esta garantia.

E estendeu-lhe a mão francamente aberta.

O hortelão quasi se precipitou para ella e apertou-a commovido nas suas.

— Ó snr. Jorge! A maior paga que me pôde dar é... não me pagar nunca.

Movidos por esta scena, os outros criados vieram depositar na mesa outra vez o dinheiro recebido.

— Lá por isso... nós também esperamos...

Jorge restituiu-lhes o dinheiro.

— Não é necessario... Levem-n'ô.

E depois acrescentou:

— As circumstancias actuaes da nossa casa obrigam-nos a fazer mudanças no serviço. Temos de reduzir o numero dos criados de dentro e augmentar os de lavoura. Por isso, vossês quatro, Francisco, Lourenço, Pedro e Romão, podem procurar outra casa. Para nos servir bastam os outros dois. Vossês, os de lavoura, ficam, se quizerem, e se tiverem parentes que pretendam empregar-se aqui no mesmo serviço, mandem-nos ter connigo. E agora podem ir.

O tom em que foram ditas estas palavras excluiu qualquer observação. Sahiram todos.

— Frei Januario — acrescentou Jorge, dirigindo-se ao padre, que estava meio aparvalhado — podia fazer-me saber mais delicadamente esta divida de casa. Apesar d'isso agradeço-lhe o ensejo que me deu de a pagar!

O padre resmungou não sei o quê, e sahiu cada vez com mais medo de Jorge.

— Onde foi o diabo buscar já tanto dinheiro? — pensava elle. — Não pôde deixar de ser da maçonaria.

O hortelão ficou só com Jorge.

O pobre homem estava entusiasmado com a honrosa distincção que recebera, e para manifestar o seu entusiasmo passou a contar a Jorge como é que se tinha dado o ataque do monte das Antas.

Esta scena, divulgada em pouco tempo, concorreu, como dissemos, para augmentar os créditos de Jorge em toda a aldeia.

## VIII

Succederam muitos dias sem que na vida dos diferentes personagens, que já temos apresentado ao leitor, occorressem incidentes dignos de menção.

Mauricio permanecia na aldeia, e vivia n'ella a mesma vida que até alli, porque não se obtivera ainda da primá baroneza a resposta à carta de D. Luiz.

Apesar da energia com que vimos aquelle rapaz abraçar os nobres projectos do irmão, exige a verdade que se diga que elle soffria com demasiada resignação as delongas da empreza, na parte que lhe dizia respeito, e continuava a distrahir-se como d'antes em passeios, caçadas e aventuras galantes. Estava-lhe isto no carácter.

Jorge, esse deitára-se de corpo e alma ao trabalho. Estudava no gabinete, discutia nas conferencias com Thomé, e principiara já a realisar reformas e melhoramentos, promettedores de vantagens futuras.

Os capitaes agenciados pelo fazendeiro haviam já permitido libertar a casa de muita usura e encetar em uma das melhores propriedades do antigo morgado trabalhos agricolas mais activos e methodicos; viam-se já por lá as enxadas e os arados revolverem a terra e desarraigarem as hervas estereis; já se podava e enxertava nas vinhas e pomares quasi bravios, aproveitavam-se as águas, fertilisava-se o solo; sentia-se renascer aquella natureza amortecida, como se entrasse na convalescença de uma longa enfermidade.

Frei Januario presenciava aquelles prodigios com es-

panto e despeito, murmurando dos gastos loucos, em que o rapaz se mettia.

— Muito havemos de rir a final — dizia elle. — Entradas de leão; agora as sahidas...

Não communicava porém as suas reflexões ao fidalgo, porque tinha mêdo de Jorge.

D. Luiz, que em um dos passeios que costumava dar a cavallo, acompanhado de escudeiro, á distancia marcada pela velha pragmatica, teve occasião de observar esses melhoramentos, sentiu um intimo prazer, sabendo que aquella fazenda era agricultada por conta da casa. O fidalgo não procurou informar-se dos meios pelos quaes Jorge chegára a realisar o milagre. Cresceu a confiança no filho e de olhos fechados entregou-se a ella.

Não pararam aqui os trabalhos de Jorge. A casa, como já dissemos, luctava, havia muito tempo, com um importante litigio, que podia decidir do destino de quasi metade dos seus bens. Esta demanda, complicada e de uma marcha morosissima, tomára ultimamente uma feição pouco favoravel aos fidalgos da Casa Mourisca.

Frei Januario já prevenira D. Luiz de que a considerasse perdida.

Jorge, na revista a que procedeu nos archivos de familia, encontrou documentos, a seu vêr importantes e até alli não aproveitados, por incuria do padre-capellão. Mostrou-os a Thomé, que experiente n'estes negocios como um verdadeiro lavrador do Minho, confirmou a valia do achado, e ambos resolveram remettêl-os a um novo advogado, a quem se entregou a direcção do litigio.

Haviam pois sido bem encetados os trabalhos de Jorge. Longe ia ainda o seu pensamento da realisação completa. O que havia por fazer era muito mais do que o que estava feito, mas os principios animavam.

Por este tempo porém sobreveio um acontecimento, que algum tanto transtornou a face d'estes negocios.

Recebeu-se na Herdade uma carta de Bertha.

Preciso é porém dizermos algumas palavras a respeito de Bertha, antes de a introduzirmos em scena; porque a leitora suspeita já que vae chegar a final a heroína da

historia; e a ausencia d'ella em sete capitulos inteiros talvez não tenha já sido pouco estranhada.

Bertha, segundo atraz fica dito, era a filha mais velha de Thomé.

Nascida na época em que o fazendeiro não era ainda o homem abastado em que depois se tornou, procuraram-lhe os paes bons padrinhos, para assegurarem o futuro da pequena.

Thomé obteve do fidalgo da Casa Mourisca a condescendencia de acompanhar a criança á pia baptismal; Luiza, pela sua parte, solicitou e conseguiu identico favor de uma senhora do Porto, para casa de quem ella por muito tempo lavára, quando n'esse mister occupava a sua robusta juventude.

A roda da fortuna, por uma das suas muito sabidas revoluções, alterou a posição relativa de toda esta gente, durante o decurso dos primeiros annos de Bertha.

Já sabemos como, em virtude d'esta revolução, Thomé subiu gradual e incessantemente, emquanto D. Luiz descia. O mesmo que a este ultimo succedeu á tal senhora, cuja indole bondosa e timida não soube oppôr estorvos ás prodigalidades de um irmão perdulario; vendo-se em consequencia d'isso obrigada a sahir do Porto, onde vendeu tudo o que tinha, para ir para Lisboa educar meninas.

A primeira discipula que teve foi Bertha. Os paes sentiam ambições por a filha e queriam dar-lhe a educação de uma senhora, aproveitando e cultivando n'ella as boas disposições que já adquirira na convivencia com os pequenos da Casa Mourisca, onde era recebida com affecto. Além d'isso, outra e mais generosa intenção levou-os a darem aquelle passo. Queriam concorrer para alliviar o infortunio da infeliz senhora, que sempre na opulencia os auxiliára e estimára. Possuiam porém bastante delicadeza para lhe offerecerem soccorros, sem um pretexto a coloril-os. Pediram-lhe pois que tomasse conta da educação de Bertha, e assim, além da mezada do costume, tinham o ensejo de fazerem valiosos presentes á mestra, que percebia e apreciava com lagrimas a generosidade d'aquelle proceder.

Foi assim Bertha mandada educar para Lisboa, o que não provocou escassos commentarios na aldeia, onde se disse que o Thomé da Herdade se afdalgava; e que já não queria ter filhos lavradores.

O senhor da Casa Mourisca não viu também com bons olhos aquelle passo de Thomé, cujo engrandecimento havia já muito tempo que principiara a incomodal-o.

Bertha, que fôra até então a companheira de brinquedos dos meninos da Casa Mourisca e de Beatriz, a pallida e meiga criança, que temos visto viver ainda na memoria de quantos a amaram, deixou a aldeia uma ma-drugada com lagrimas e soluços.

Desde então conservou-se em Lisboa, onde só o pae a foi vêr, por duas vezes, deixando-a inteiramente entregue aos cuidados da senhora, que lhe ganhára affeição, cada vez mais funda.

Bertha crescêra; as graças infantis foram a pouco e pouco perdendo n'ella aquellas illuminadas côres com que nos alegram e, diluindo-se nas mysteriosas sombras de uma juventude de mulher, sombras que não empanam a belleza, antes lhe dão mais e mais seductor relêvo. Bertha não era já a criança que sahira da aldeia, sem um pensamento que retivesse, sem um sorriso que enco-brisse, sem um olhar que se desviasse pensativo ou tímido, sem uma dôr que se não manifestasse em lagrimas; era já a virgem de dezoito annos, sob a influencia da vida nascente do coração, e portanto sujeita a todas as subteis impressões, dominada por todos os impulsos contradictorios e por todas as indefinidas aspirações d'aquella quadra magica.

A vida das cidades, sem lhe dar a morbida languidez, que tão sem razão anda confundida com a elegancia, apurára-lhe a delicadeza feminina, desenvolveu-lhe a sensibilidade para os affectos e a intelligencia para os prazeres do espirito.

Mas o que em Bertha sobre tudo havia mais digno de referir-se aqui, por ser menos commum phenomeno que esses que descrevemos, era a permanencia de uma razão clara no meio dos attractivos e seducções,

com que a phantasia tantas vezes, em circumstancias taes, a offusca. Gozava, mas sem embriaguez; sentia, mas sem arroubamentos; e, apreciando as prendas de educação que ia adquirindo, nunca perdia de vista a modestia do seu nascimento e a modestia do futuro que naturalmente devia ser o seu. Se tinha sonhos de juventude... e quem os não tem n'aquella idade? sabia que sonhava e não se distrahia a procurar no mundo real as visões, que n'elles lhe appareciam.

A lembrança da sua origem modesta não a fazia melancolica, mas prudente. Não era aquella ideia uma sombra negra, que não lhe deixava ver a luz; simplesmente um como crystal corado, que lhe permitia fital-a, sem medo de offuscação e cegueira.

Assim, no meio das suas effusões, das suas melancolias e até dos seus pequenos caprichos de rapariga, Bertha nunca deixava de ser uma rapariga de juizo.

A educação de collegio não produzira n'ella a adocicada pedantaria de algumas meninas da moda. Nas cartas, que escrevia aos paes, nunca se lia uma phrase que elles não entendessem, uma palavra que os embarçasse e lhes fizesse sentir a inferioridade da sua educação. Revelava-se n'isto um natural instincto de delicadeza, que Thomé, por um instincto analogo, sabia apreciar.

Sentia que Bertha nunca se envergonharia de chamar a elle pae e mãe a boa Luiza, e esta convicção não o deixava arrepender de a haver educado com esmero. Pobre do homem se esses cuidados lhe tivessem alienado os affectos da rapariga!

As cartas de Bertha eram escriptas de forma, que não sómente aos paes agradavam, mas a quantos as liam.

Thomé mostrara-as a Jorge, e este não pôde deixar de apreciar a redacção singela e despretenciosa em que parecia reflectir-se a candura e pureza d'aquelle caracter de mulher. Havia n'ellas uma maneira de pensar tão acertada, vistas tão despidas de preconceitos, tanto sentimento revelado com tanta sobriedade de phrases sentimentaes, que são o maior achaque nas cartas de mu-



lher; transpareciam tão distinctamente os suaves e generosos instinctos da sua alma feminina, que o espirito de Jorge sympathisou naturalmente com aquelle outro espirito que, n'essas ligeiras manifestações, se revelava tão irmão seu.

A pouco e pouco uma d'estas sympathias, que ás vezes se originam no coração, lentas, brandas, ignoradas, sem a agudeza das paixões, despertadas por um ente, de quem apenas se conhece o nome, ou quando muito uma feição, um acto da vida, um pensamento, insinuou-se no coração de Jorge. Era um sentimento, que não o inquietava ao principio, nem lhe perturbava o espirito, por isso não se acautelou d'elle; deixou-se repassar d'aquelle grato influxo, sem se lembrar sequer de lhe estudar a natureza, e muito menos de suspeitar-lhe os perigos.

Um dia mostrou-lhe Thomé o retrato da filha. Jorge encontrou n'elle as feições que conhecêra infantis, animadas agora pela vida da adolescencia. Pareceu-lhe não haver contradicção entre aquella physionomia e o character que suppozera a Bertha; e a imagem da rapariga começou a apparecer-lhe com insistencia nos seus devaneios de rapaz.

Jorge então assustou-se. Sentia pela primeira vez alguma coisa em si, de que a razão lhe não dava boas contas. Pareceu-lhe ser aquillo uma fraqueza, indigna do seu character serio, e resolveu pois vencê-la.

Desde esse momento principiou uma estranha lucta n'aquella alma, sem que apparecessem fóra vestigios que a denunciassem. Sentia um inexprimivel prazer ao ouvir fallar de Bertha; e por isso mesmo fugia aos enijos de experimental-o. Esta contenção forçada acabou por produzir no espirito de Jorge um effeito singular; foi um grau de irritação, revelado em uma especie de hostilidade para com Bertha, cuja imagem viera perturbar-lhe a limpidez de coração, que tivera até allí, e fazer-lhe pela primeira vez vacillar a razão, que todos n'elle admiravam. Era o caso de poder dizer-se, em estylo de conceitos: «queria-lhe mal por lhe querer bem.» Re-

ceiava-se d'ella, e fazia o possivel para desvanecer a impressão por que se sentia dominado.

Taes são as indicações que julgamos dever dar a respeito de Bertha, antes de narrarmos o effeito da carta, que d'ella se recebeu na Herdade.

Esta não era uma simples carta de cumprimentos ou d'aquellas, em que a filha se estendia em longas conversas com o pae, contando-lhe por miudo os singelos episodios da sua vida de rapariga. D'esta vez havia n'ella uma nova importante e que ia modificar o plano de vida da familia.

A senhora, em casa de quem Bertha se educava, havia repentinamente fallecido.

Bertha escrevia assim ao pae:

« Meu querido pae.

« Escrevo-lhe a chorar e com o coração a partir-se-me de dôr. A minha madrinha falleceu esta madrugada. Ainda hontem á noite estive a conversar e a rir comnosco, e tinhamos até combinado para hoje um passeio a Cintra! De madrugada foram acordar-me a toda a pressa para ir ter com a senhora, que estava mal. Cheguei para a vêr expirar; custou-lhe já a dar-me um beijo e a despedir-se de mim. Imagine como estou! Nós todas ficamos como loucas! Ainda isto me parece um sonho! Veja que malfadada senhora! Agora que principiava a viver outra vez mais feliz!... Peço-lhe que me diga o que devo fazer n'este caso. Eu sei que o pae já uma vez fallou em mandar-me para outro collegio, se por acaso me faltasse a minha madrinha. Deixei-me porém lembrar-lhe algumas coisas, e depois decidei. Eu não quero dizer que tenha uma educação perfeita; mas, como não conto, nem desejo, viver nas salas d'aqui, posso bem passar sem esses apuros, que para isso me seriam precisos. Muito tem já o pae feito por mim; é preciso agora olhar por meus irmãos, e alguns estão em idade em que ainda podem agradecer-me alguns serviços, que eu ahi consiga fazer-lhes. Mande-me ir. A mãe deve ter muito trabalho em olhar por tudo em casa. É tempo que eu a ajude em alguma

« coisa. Aos dezoito annos é uma vergonha não o fazer.  
« É uma parte da minha educação que posso concluir  
« ahí e que me será bem necessaria. Demais confesso-  
« lhe que, depois da morte de minha madrinha, havia  
« de custar-me a continuar em Lisboa. Peço-lhe pois que  
« me deixe ir viver consigo e matar as saudades, que  
« já tenho de todos e de tudo.

« Muitas lembranças á mãe, muitos beijos aos pe-  
« quenos.

« Sua filha, que espera muito cédo abraçal-o,

« *Bertha.* »

« P. S. Que não esqueça dar muitos recados á Joanna,  
« ao Manoel da Costa e á filha, assim como á tia Euzebia  
« e ás mais pessoas amigas. »

Thomé leu á mulher a carta da filha, e entre ambos discutiram o partido que conviria adoptar.

Saudades maternas e paternas, desejos de vêr de perto e abraçar a filha dilecta e primogenita, que havia tanto tempo lhes andava longe das vistas, o sonhado prazer de a sentir, animando a casa com todo o calor de vida que em torno de si diffunde uma rapariga de dezoito annos, resolveram a questão no sentido indicado por Bertha; e para assim a resolver, quasi bastava que ella o indicasse.

Decidiu-se pois que Bertha voltasse para a Herdade.

D'ahi os necessarios preparativos para a accommodação da filha, cujos habitos, modificados pela vida da cidade, deviam ter exigencias, a que era justo attender.

O instincto materno adivinhava melhor do que era d'esperar essas miudas necessidades, e a liberalidade paterna provia a ellas. E tudo isto preocupava o feliz casal, cujo contentamento se reflectia em criados e jornaleiros.

Jorge encontrou uma noite Thomé ainda empenhado n'esta labutação caseira, e soube d'elle a causa de tanto alvoroço.

O filho mais velho de D. Luiz ouviu com sobresalto a noticia.

Parecia preyer a aproximação d'um perigo, que mal ousava definir.

Dissimulou contudo o que sentia, e deu a Thomé e a Luiza os parabens pela próxima chegada da filha, e até os auxiliou com o seu alvitre na resolução de algumas dificuldades, relativas ao arranjo do gabinete destinado a Bertha.

Sabiu porém da Herdade debaixo de estranhas impressões moraes. Experimentava um mixto de mal de unido prazer e ao mesmo tempo de desgosto.

Thomé resolvêra ir elle proprio a Lisboa buscar a filha.

Interromperam-se pois, durante alguns dias, as conferencias economicas da Herdade.

A demora de Thomé não foi longa.

Pouco mais de oito dias passados, era elle de volta com a Bertha.

Uma tarde vinha Mauricio a cavallo de uma excursão pelos campos, quando, ao descer por entre os pinheiros de uma bouça cerrada, viu passar, em um curto lance de estrada, que as entreabertas do arvoredó deixavam patentes, o vulto de dois cavalleiros.

Attrahiram-lhe naturalmente a attenção e esperou, para melhor os reconhecer, que chegassem a outro lance mais proximo e mais descoberto da estrada que seguiam.

De facto, pouco depois viu que eram um homem e uma senhora, que cavalgavam a par.

No homem reconheceu Thomé; a senhora pareceu-lhe nova e elegante.

Em resultado d'esta dupla descoberta dirigiu o cavallo immediatamente para elles.

Perto principiou a divisar na dama, que Thomé acompanhava, feições conhecidas.

Antes porém que esclarecesse a vaga ideia que aquellas feições lhe iam suscitando, o fazendeiro exclamou, saudando-o com a mão:

— Venha dar-me aqui os parabens, snr. Mauricio; venha cá, que me volta ao pombal uma pomba que dei-xei sahir d'elle ha muito tempo.

Mauricio acabou por corroborar a suspeita que já tivera.

Era Bertha a amazona.

Bertha, a pequena aldeã com quem brincára em criança no pateo e na quinta da Casa Mourisca, a companheira de sua irmã Beatriz, a afilhada de seu pae e a pequena dama, a quem dedicava já então os seus galanteios infantis; era ella, mas com todas as sorprendentes e rapidas transformações que opéra o sangue da juventude na formosura de criança, com todo o realce e prestigio que dá á belleza a educação.

Bertha era uma rapariga de olhos negros e de bôca graciosa, onde fluctuava um sorriso expressivo ao mesmo tempo de alegria e de bondade. Havia nos movimentos, nos olhares e nos modos d'ella um mixto da candura de uma criança e dos delicados instinctos da mulher; reconhecia-se a falta de dissimulação, que é propria dos caracteres generosos, e ao mesmo tempo uma natural dignidade, que impõe respeito aos menos reverentes.

Mauricio sentia-se maravilhado diante da filha de Thomé.

— Bertha! — exclamou elle, sem disfarçar a sua surpresa, nem desviar os olhos da rapariga, que o saudára córando.— E é certo que é Bertha! Conheço ainda o sorriso, que é o mesmo de outros tempos. Mas que differença em tudo o mais!

Bertha desviou os olhos sob a insistencia e expressão dos de Mauricio, e dominando a custo a commoção conseguiu dizer:

— Fiz-me mais velha, não é verdade?

— Não, Bertha, fez-se um anjo — acudiu Mauricio.

— Isso é que não — atalhou Thomé — anjo era d'antes. Hoje já não repicariam os sinos, se ella morresse.

— A terra teria bem razão para lamentar-se. Ao céu é que competiriam as festas — atalhou, galanteando, Mauricio.

— Tambem eu encontro mudança em si, snr. Mauricio — observou Bertha. — Quando o deixei, não dizia ainda d'essas coisas.

E a mesma intima turbação tirava-lhe ainda a firmeza á voz e ao olhar.

— Porque não as sentia, Bertha — redarguiu Mauricio.

Bertha abanou a cabeça com ar de duvida e quasi de tristeza, e tornou sobresaltada:

— Parece-me que os que melhor dizem d'essas coisas são os que menos sentem.

— Tambem lhe ensinaram a desconfiar, Bertha?

— É tão facil ensino! Cada um aprende por si.

— Vamos — interrompeu Thomé — nada de estar parados no meio da estrada. Lembra-te, Bertha, de que tua mãe a estas horas não faz outra coisa mais do que espreitar da janella a vêr se te vê chegar.

— Vamos lá.

Mauricio dirigiu o cavallo para o lado do de Bertha, que cavalgava assim entre o fidalgo e o pae.

— Que saudades me estão fazendo estes sitios! — dizia Bertha, suspirando e emquanto corria a vista pelo horizonte, que a rodeava. — Tudo me é tão conhecido ainda!

— Lembra-se d'aquelles freixos, lá em baixo, ao descer para os Palheiros Queimados? — perguntou Mauricio, apontando para o logar que designava.

— Bem sei. É onde está a fonte da Moira.

— E aonde nós um dia fomos com a Anna do Vêdor colher agriões. Está certa?

— É verdade. E por signal que nos sahiu da quinta do Emigrado um cão grande que lá havia, e que se atirou a mim com uma furia!

— E não se lembra de quem lhe acudiu?

— Sim, foi o snr. Mauricio, mas tambem lhe valeu a Anna do Vêdor, que se não fosse ella, vamos, não sei o que seria.

— Ainda assim não impediu que o endiabrado me mordesse no pulso; ainda conservo a cicatriz. Olhe.

E Mauricio mostrou o pulso a Bertha, que se curvou para observar o vestigio d'aquelle episodio de infancia.

— É verdade — proseguiu Bertha, já mais á vontade

— e a boa ti' Anna do Védor? que tanto lhes queria, a si e ao snr. Jorge? Sei que vive; mas ainda é o que era d'antes? alegre, robusta, franca?..

— Quem? a ti' Anna?! — acudiu Thomé — verás, Bertha, que ainda te parece mais nova. Aquillo é que é mulher de casa! É um gosto vê-la, no meio dos campos, de mangas arregaçadas e chapéo de palha na cabeça e de enxada ou mangoal na mão. O seu trabalho vale por o de dois homens. Pois n'uma eira?

N'este ponto Thomé deu um assobio, que exprimia a grande conta em que tinha o trabalho de Anna do Védor.

— O filho está regedor.

— É uma boa e generosa alma — tornou Mauricio, com uma expressão de sincera sympathia. — E' quer-nos como a filhos.

— Isso quer — confirmou Thomé — quando falla nos seus meninos, que trouxe ao collo e que sustentou com o seu leite, luzem-lhe os olhos.

— E tambem me ralha com uma severidade!

— Vamos, que ella bem sabe porque o faz. Então pensa que não lhe merece ainda mais?

— Não digo que não. Só me queixo de certa parcialidade que manifesta por Jorge.

— E como vae o snr. Jorge? — perguntou Bertha.

— Muito bem. Fez-se caixeiro. Não sabe? Atirou-se aos livros e á papelada da casa, como um homem, e já não ha tirar-lhe palayra que não seja de contas e de negocios.

— E é um homem ás direitas — disse Thomé, com gravidade.

— Pois sim, mas podia distrahir-se mais um bocado. Mas então? Deu-lhe Deus aquelle genio frio como gelo?...

— Eu não sei lá se é frio ou se é quente. O que sei é que é um rapaz de juizo e que, se continuar assim, ha de remediar muita doudice, antiga e moderna, que ha lá por casa.

— A moderna é commigo, aposto. Não tem razão. Eu tambem estou decidido a trabalhar. Se ainda aqui me vê, a culpa não é minha.

— Então vae partir? — perguntou Bertha.

— Que remedio, Bertha? Cumpro uma dura lei: Deixo o coração por aqui, acredite; por esses vales, por essas devezas, por essas ribeiras... Mas que lhe hei de fazer?

— E para onde vae?

— Eu sei? Para onde me levar o destino. Mas o Thomé ri-se! Seu pae ri-se, Bertha!

— Rio-me da lamuria. Quem o ouvir, ha de acreditar que elle parte devéras e que lhe custa immenso a partida.

— E então?

— A mim já me custa a crêr que o snr. Mauricio nos deixe; mas, a isso succeder, não ha de ser a chorar que arranjará as malas.

— É injusto com o meu coração. É o que se segue.

— Não, senhor; não sou; mas sei o que é ter vinte annos, e sei o que é essa cabeça. E agora o nosso caminho é por aqui. O snr. Mauricio, se quizer dar-nos o prazer da sua companhia, tem no fim d'esta rua uma casa para o receber; senão...

— Agradecido, Thomé. Outro dia será. Não quero perturbar com a minha presença as alegrias de família. Adêus, Bertha; continuaremos a ser os amigos que eramos d'antes, não é verdade?

— Porque não, Mauricio... snr. Mauricio?

E Bertha, com um sorriso de generosa confiança, estendeu a pequena e delicada mão á que Mauricio lhe offercia.

Este, com uma galanteria, que o seculo actual traz quasi esquecida, levou-a cavalheirosamente aos labios; movimento que augmentou as cores nas faces de Bertha; depois, cortejando-a com perfeita elegancia; partiu a galope.

Bertha seguiu-o por muito tempo com os olhos e ficou pensativa, depois que o perdeu de vista.

Thomé, que notára tudo isto, não deixou passar muito tempo que não admoestasse a filha.

— Olha cá, Bertha; tem cautela com o teu coração, que não vá elle por ahi deixar-se prender. Eu não sei como é costume viver-se hoje lá na cidade, mas aqui sei



o que vae. Eu te digo, não ponhas muita confiança n'estas amizades de Mauricio. Não digo que elle seja mau rapaz, mas a cabeça é que é assim não sei como. E n'isso mesmo é que está o perigo. Aqui ha poucos rapazes que agradem mais do que elle; é bem feito, vivo, esperto, generoso... Na tua idade, e com a educação que tens, não era para admirar que te agradasses de um rapaz assim. Mas, pensa emquanto é tempo, filha, no mal que a ti propria fazias, se estouvadamente te deixavas enfeitiçar. Elles são os fidalgos que sabes, e mais fidalgos ainda se julgam do que são. Tu, rapariga, és minha filha, e eu sou um lavrador, que já servi n'aquella casa. Entendes? Ó Bertha, por quem és, não me faças arrepende da educação que te dei. Porque eu, ás vezes, tenho minhas duvidas. Digo eu commigo: «Faria eu bem em educar minha filha assim? Se a tivesse deixado viver na aldeia e a creasse como filha de lavrador, davalhe um marido lavrador, e ella havia de estimal-o e de ser feliz com elle, e de olhar com amor pelos filhos descalços, que lhe andassem pelos campos e apegados á saia de baêta; mas assim... Quem poderá costumal-a a isso? Mas que outro marido pôde ella escolher?»

Bertha escutou o pae com um sorriso nos labios, mas sorriso que não annullava a expressão melancolica e pensativa, que conservavam o resto das feições. Mais de uma vez se perturbou ao ouvir-o, mas cêdo adquiriu a serenidade habitual.

N'este ponto atalhou-o, dizendo:

—São prudentes os conselhos que me dá. Farei por não os esquecer. Mas não se inquiete pela minha sorte. Nunca me deixei illudir pelos bens que a sua bondade me teem permittido gozar na vida; não perdi de vista o que sou. Sei ao que devo aspirar, e farei por não collocar a felicidade muito acima do alcance de meu braço. Na amizade de Mauricio creio que não haverá perigos para mim; mas se os houver, hei de saber fugir-lhes. Foram meus companheiros, quando brincavamos todos n'aquella casa; quero-lhes por isso, mas sei o que d'elles me separa.

—Lá de Jorge nada temas. É um caracter serio

aquelle. Se disser que é teu amigo, é teu amigo devéras; senão, não t'o diria; mas este...

— Jorge é ainda o que sempre foi. Já em criança era o mesmo. Sempre tão serio!

— Agora ainda mais. Elle hoje não pensa senão nos negocios da casa, que tomou a seu cuidado e que levará a bom fim. Creio-o. Vem quasi todas as noites a nossa casa; vem de noite por causa do pae, porque o velho não tem cura, a querer-me mal.

— Sim?! Mas que pena!

— Deixal-o lá, que eu em vingança hei de fazer-lhe o bem que puder.

Poucos momentos depois chegavam a casa o pae e a filha; esta foi recebida nos braços da boa Luiza, que a devorou com beijos e a banhou de lagrimas generosas; os irmãos pequenos olhavam espantados para Bertha que não conheciam, e cujas maneiras de senhora estranhavam. Os criados felicitavam-n'a tirando o chapéo e murmurando phrases incompletas.

Bertha no meio d'aquella effusão, d'aquelle cordial acolhimento, d'aquelle renascer dos dias passados e despertar de memorias queridas, sentia-se feliz.

Debalde Thomé, um dos mais folgados corações alli presentes, bradava que era tempo de pôr termo á festa, que cada um tinha a sua vida a tractar, e que Bertha precisava de descanso; os abraços succediam-se, os beijos estalavam, as perguntas cruzavam-se e interrompiam as respostas em meio.

Prolongou-se por muito tempo aquelle grato alvoroço, que produz a chegada de uma pessoa querida. A ordem, a etiqueta, os costumes, tudo esquece; a manifestação é ruidosa, irresistivel, desordenada, anarchica. Sómente quando principia a acalmar-se este agradável delirio de alma, é que se repara nas irregularidades da scena, e que se remedeiam.

Succedeu d'esta vez que só passada meia hora Luiza notou que tinham estado tanto tempo no quinteiro, quando os esperava a sala que ella de proposito e tão anticipadamente preparára para a recepção.

A familia recolheu-se então, principiou mais regular

e ordenada conversa entre mãe e filha, e prolongou-se até tarde.

Thomé foi n'esse dia pouco vigilante nos campos e mais caseiro do que era seu costume.

Foram momentos festivos para a Herdade, d'estes que é inútil descrever, porque não ha expressões que bem traduzam o que se sente então. Suppram-n'as as recordações do leitor; e muito sem conforto deve ter sido o seu passado, se não lhe dá elementos para conceber alegrias d'estas.

## IX

Duram pouco as effusões, dissipa-se em breve o entusiasmo dos primeiros instantes, em que tornamos a vêr scenas e pessoas conhecidas, de que por muito tempo vivemos separados. A alma, de subito agitada, readquire gradualmente a serenidade do costume; e o coração, que julgava saciar emfim a ancia de mal definidos gozos em que continuamente vive, conhece que ainda não chegou essa hora; porque o invadem de novo as mesmas vagas e inquietadoras aspirações que sentia.

É grande a alegria do regresso, mas rapidos os momentos, em que se experimenta na sua intensidade. Chegou-se de longe a phantasiar um prazer perduravel, sem fim e, apoz as primeiras e irreprimiveis expansões, desvanece-se a illusão em que se vinha; como sempre, como em toda a parte, o vazio sente-se no coração, que nenhum gozo enche, e ahi se volta a aspirar sem saber a qué, e a aguardar uma nova aurora sem saber d'onde.

Quando, á noite, Bertha se retirou emfim ao seu antigo quarto, havia já satisfeito a sêde de affectos e de saudades, que a devorava, ao chegar.

O coração batia-lhe com o rithmo normal, habituára-se de novo a sua sensibilidade aos objectos que lhe foram familiares na infancia; da impressão que o primeiro olhar que lançou sobre elles lhe produzira, já nem indícios restavam.

O passado, resuscitando, perdêra já o prestigio e a poesia, que só como passado tem.

Ó feiticeiras fadas, que nos acompanhaes quando por

longe andamos, devorados de saudades, a lembrar-nos da terra' em que nascemos, porque tão depressa nos abandonaes á chegada? Porque dissipaes os vapores inebriantes de que rodeaveis aquellas imagens aos nossos olhos fascinados, e nos fazeis vêr a realidade como a viamos d'antes?

Bertha, só no remanso e solidão do seu quarto, sentiu uma profunda melancolia tomar-lhe o coração. Os cuidados e disvelos de Thomé e de Luiza não tinham sido sufficientes para transformar completamente aquelle aposento em um d'esses recintos, perfumados e graciosos, em que respira, como em atmosphaera propria, uma mulher delicada.

A este desconforto relativo não podia ser de todo insensivel a organização feminina de Bertha.

Sem que ella propria tivesse consciencia do que lhe produzia esse effeito, sentia-se com uma disposição para lagrimas, que a surpreendia.

O socego da hora, o silencio do campo, apenas cortado por uns indistinctos murmurios, que são o mysterio das noites campestres, conspiravam para augmentar-lhe esta melancolia.

Ha horas assim, em que parece que sentimos contranger-se dentro de nós o coração, e o futuro escurecer e contrahir-se o circulo que nos abrange a existencia, como um horizonte, que as nuvens pesadas da tempestade estreitam cada vez mais a suffocar-nos.

Não accusem Bertha por esta inexplicavel tristeza que lhe invadiu o coração na propria noite, em que voltára á casa paterna. Não duvidem por isso dos affectos d'aquella amavel indole de mulher.

Nem todas as almas nascem dotadas da commoda flexibilidade com que algumas a tudo se amoldam. Ha-as tão delicadas, que a menor mudança resentem.

Os corações que se prendem depressa com raizes onde se demoram, são os que mais soffrem nos primeiros momentos de uma transplantação.

Não era isto em Bertha pezar por ser tão modesta a casa dos seus paes; a sua tristeza era mais de instincto que de razão. E pelas impressões que vem do ins-

tincto, ninguém é responsavel; só á razão ha direito de pedir contas, e a de Bertha não recearia prestal-as.

Como para fugir á estranha melancolia que a dominava, Bertha chegou á janella do quarto, que deitava para os campos.

Há uma mysteriosa solemnidade no espectaculo que de noite, e noite de pouca luz, se goza assim de uma janella aberta, no campo. Ha fóra um silencio que amedronta, uma escura vastidão que apavora, silencio que ás vezes interrompe o rastejar furtivo de um reptil, o cahir de uma folha, e não sei que outros ruidos vagos; escuridão, onde parece distinguir-se o movimento de umas fórmãs estranhas e monstruosas.

Se vos demoraes silenciosos n'essa contemplação por algum tempo, já não a interromperei por uma palavra, por um movimento, sem que essa interrupção vos sobresalte ou intimide quasi. Estremecereis ao ouvirdos no meio d'aquelle silencio. Instintivamente falla-se baixo. Parece que aquella paz, que aquella quietação, que aquella treva nos absorve, que nos domina, que nos attrahe e que de alguma maneira nos faz parte integrante de si mesma.

Opera-se em nós uma quasi magnetisação. Adormece a sensibilidade que nos revela o mundo exterior; exalta-se o espirito; e o ruido, que nos acorda d'este sonho, faz-nos estremecer. E o que se pensa calado n'esses momentos, Sancto Deus! Como a imaginação vagueia, como parece que d'aquellas confusas sombras, que temos diante de nós, nos surjem as memorias do passado e veem, em silencioso vôo, adejar sobre as nossas cabeças e estontearem-nos com as suas rapidas e vertiginosas voltas.

O passado de Bertha era uma singela historia dos mais innocentes affectos. Não havia n'ella a intensa luz dos amores, apenas o debil clarão da aurora que os precede, essa mysteriosa vibração de alma, que sente nascer em si faculdades novas.

Eram pois imagens apraziveis as que n'aquelle momento lhe appareciam.

Entre ellas a mais persistente era a da sua pobre amiga Beatriz, a delicada criança, que parecia ter vivido

sómente para semear de sementes o coração de quantos a conheceram.

Reviviam para Bertha n'aquella hora todas as scenas da infancia passadas com ella; os jogos, os folgares e até as lagrimas, choradas em commum.

Que tempos!

E ao lado da meiga e pallida figura de Beatriz surgiam as das outras duas crianças, seus irmãos. Via o rosto infantil de Jorge, no qual já então havia uns assomos da seriedade do seu character futuro; lembrava-se Bertha das vezes em que elle tomava um ar grave para admoestar ou reprehender os seus mais turbulentos companheiros, e do respeito que todos lhe tinham, e do respeito em que estimavam a sua opinião; e a contrastar com esta serena imagem, esboçava-se a do inquieto, vivo e estouvado Mauricio, criança prompta nos risos e no choro, violenta nas expansões, tão amoravel como colerica, e em cujo coração infantil ferviam já nascentes as paixões de homem. Era esta talvez de todas a imagem que avultava mais distincta nas recordações de Bertha. Que de episodios em que ella recebia a luz principal do quadro! Dos dois irmãos fôra este o predilecto; o seu coração de criança abria-se mais á franqueza de Mauricio, do que á seriedade de Jorge; havia no olhar d'este uma expressão grave que a intimidava. Depois a differença da idade concorria para augmentar esse effeito.

E Bertha, pensando n'isto tudo, erguia os elhos para o vulto da Casa Mourisca, onde se tinham passado aquellas alegres scenas.

Era escuro todo elle, e parecia alli posto, como um d'estes monstros enormes, que guardavam os jardins encantados.

De repente o monstro abriu um olho.

Appareceu uma luz em uma das torres do palacio.

Era a unica que divisava em toda aquella escuridão.

Bertha não pôde mais desviar os olhos d'ella.

De quando em quando, desapparecia momentaneamente a luz, como se alguém passeiasse diante. Depois fixou-se, e sómente mais de espaço a espaço se eclipsava, para surgir mais viva.

Tudo parecia indicar que se velava alli dentro.

— Será o sr. D. Luiz? — perguntava a si mesmo Bertha, observando a luz. — Em que pensará elle a estas horas? Pobre velho, alli só, n'aquella casa deserta!... É em Beatriz de certo que pensa como eu... Ou, quem sabe? talvez não seja o fidalgo, mas algum dos filhos; Mauricio, provavelmente... Sim, alli deve ser o quarto d'elles...

E a imagem do mais novo dos filhos de D. Luiz entrava outra vez no campo da visão de Bertha.

As palavras que trocára com elle aquella tarde, a maneira como a olhára, e o que o pae depois lhe dissera a respeito do rapaz, tudo a fazia reflectir.

Adivinharia Thomé com o seu bom instincto de homem do campo?

Haveria para o coração de Bertha perigos na presença de Mauricio?

Era tão natural! Em uma alma, preparada para o amor, e que, á semelhança da noiva nos livros sagrados, espera ha muito, perfumada de mirra e de puros aromas, o noivo que tarda; encontra tão facil asylo a imagem de um adolescente, como Mauricio, sobre tudo se o rodeia o prestigio das saudades de um passado ridente e o vago reflexo que sempre deixam de si umas pueris paixões, com que se illudiu a infancia, que razão tinha Thomé para receios e razão tinha Bertha para, pensando n'elles, sondar com inquieta apprehensão o santuario dos seus mais intimos affectos.

Prolongou-se esta contemplação em Bertha, e succederam-se-lhe no espirito os mais diversos pensamentos, enquanto os olhos se fixaram na luz da Casa Mourisca. Só muito tarde desapareceu subitamente essa luz. Bertha, como acordando de um sonho, voltou-se então para o interior do quarto, do qual lhe parecia haver andado longe em todo aquelle tempo.

A vela, quasi gasta, que tinha ao lado do leito, mostrava-lhe o muito que, sem o sentir, se prolongou aquella sua abstracção.

A vista dos objectos do quarto evocou-a á realidade. Passou as mãos pelo rosto, como para desviar de si a



sombra dos graves pensamentos que a opprimiam, sacudiu a cabeça suspirando, e procurou serenar o espirito, para dormir.

— É necessario ter juizo — murmurava ella, soltando as tranças — e soprar quanto antes estes nevoeiros que me rodeiam, para vêr, como elle é, o sol da realidade. É tempo de me deixar de loucuras, e de aceitar a vida que tenho a viver, como ella deve ser aceita por uma mulher como eu. Os annos de criança passaram.

E adormeceu n'esta prudente e ajuizada resolução.

Assim como a luz, que, por entre as trevas da noite, rompia de uma das janellas da Casa Mourisca, tivera quem a observasse e prendesse a ella uma longa serie de pensamentos; tambem a do quarto de Bertha não se perdêra no espaço, sem encontrar uns olhos que lhe recolhessem alguns raios na passagem.

Jorge era quem velava no unico aposento alumiado do velho solar do fidalgo,

Costumava prolongar a sua leitura e os seus estudos por altas horas da noite, interrompendo-os de quando em quando por demorados passeios no quarto, ou melhor diremos, continuando-os assim.

Era d'elle o vulto que Bertha via passar por diante da luz, occultando-a momentaneamente.

Esta noite havia porém mais agitação em Jorge do que lhe era habitual; os seus movimentos tinham o que quer que era nervoso e quasi febril; concentrava menos o espirito na leitura, e interrompia-a mais frequentemente.

As vigalias de Mauricio não eram mais curtas do que as de Jorge, mas consagravam-se a differente mister; gastavam-se em aventurosas digressões pelos montados e valles da aldeia, em visitas aos solares das circumvisinhanças, onde houvesse uma mesa de *wist* ou um canto de fogão, animado pelo sorriso das damas.

Quando voltava a casa, vinha ainda encontrar o irmão estudando, e era de costume d'elles passarem alguns momentos a conversar.

N'aquella noite, Mauricio recolheu-se muito tarde. Ao sentil-o, Jorge, que passeiava no quarto, sentou-se

depressa á banca, e inclinou a cabeça sobre um livro que tinha aberto diante de si.

Á entrada de Mauricio, Jorge apenas lhe acenou com a mão, e proseguiu ou fingiu que proseguia na leitura que encetára, até terminar a pagina.

—Boas noites, nigromante—saudou-o Mauricio.—A estas horas, n'esta torre, á luz mortiça d'um candieiro e com um livro aberto diante de ti, representas admiravelmente um astrologo.

Jorge apenas lhe respondeu com um sorriso e continuou a folhear o livro.

Mauricio chegou-se á janella:

—Mas é preciso, de quando em quando, examinar as estrellas tambem. E ellas hoje que estão tão scintillantes! Ah! grande novidade no nosso firmamento! Graças a Deus que, além de nós, ha já mais alguém na aldeia que não dorme a estas horas!

Jorge fechou o livro, e foi ter com o irmão á janella.

—Que queres dizer?—perguntou aproximando-se.

—Que descobri um planeta novo! mais uma luz na aldeia!

—Uma luz?!

—Sim, e é em casa de Thomé.

Jorge fitou a luz com certa curiosidade e conservou-se algum tempo calado; depois murmurou:

—Thomé ainda de vela a estas horas! É singular!

—Faz-lhe mais justiça—tornou Mauricio.—Thomé dorme ha boas quatro horas. A gente do campo é incapaz do extravagante delicto de escandalisar com luz as trevas da noite. N'aquillo percebem-se vestigios de habitos cidadãos. Quem vela é a filha, com certeza.

—Ah! sim... Bertha... esquecia-me de que tinha voltado—acudiu Jorge, esforçando-se por dizer isto em tom natural e indifferente.

—Voltou, e bem outra do que foi!—advertiu Mauricio.

—Em qué?—perguntou Jorge, olhando para o irmão.

—Foi d'aqui uma criança agradável, e veio uma encantadora mulher!

— Ah! ah; já notaste? — disse Jorge, com um sorriso contrafeito.

— Digo-te a verdade, Jorge. Parecia-me impossível, ao vê-la, que fosse a filha de Thomé. Um ar tão delicado, umas maneiras tão distintas, tão de cidade!...

— Olha se te deixas apaixonar por ella; anda lá! — continuou Jorge, ainda no mesmo tom.

— Não seria prova de mau gosto, affanço-te. Que superioridade, comparada a todas as nossas primas d'estes arredores! O que é a educação!

Jorge encolheu os hombros, dizendo com certo modo irritado:

— Provavelmente não produzirá em mim os mesmos effeitos. Tenho a certeza de que hei de sentir saudades, ao vê-la; da Bertha, que conheci pequena.

— Não devido, porque és bastante philosopho para isso. Eu por mim confesso-te que, na idade em que estou e, apesar de toda a sympathia que tenho por crianças, não me sinto com disposições para repetir as palavras de Christo, a respeito d'ellas. Eu prefiro que se cheguem para mim... as grandes...

— Em vez da criança alegre e innocente — proseguiu Jorge com acrimonia — da criança que brincava connosco e com a nossa pobre Beatriz, preferes encontrar a collegial, com o espirito voltado todo para a moda, com um pouco de geographia e de historia na cabeça e deixando cahir da bocca, quando falla, palavras francezas, como deitava perolas preciosas a heroína d'aquelles contos que nos ensinavam em pequenos. E é isto o que te encanta?... Pois olha, eu até já não gosto de vêr aberta aquella janella a estas horas. Sabe-me aquillo a romanticismo, e é nas raparigas uma doença impertinente, insupportavel!

E Jorge retirou-se da janella com um mau humor difficil de explicar.

— Ora! se o facto de uma janella aberta de noite fosse indício do crime que dizes, até tu, o homem menos capaz de commettê-lo que eu conheço, poderias ser tambem accusado. Enganas-te; Bertha é realmente adoravel. Verás. As mulheres, Jorge, tem isso consigo. Amol-

dam-se muito mais depressa aos hábitos de elegancia do que os homens. Com certeza ninguem suspeitará, ao vêr Bertha, a origem aldeã que ella teve. A mim parecia-me impossivel que aquella gentil rapariga, que tão zirosamente cavalgava ao meu lado, fosse a filha de Thomé da Povoá e d'aquella excellente Luiza.

— Ah! pois cavalgaste ao lado d'ella? Já?! — notou Jorge, em um tom de acerba ironia, que era novo n'elle.

— Sim; encontrei-os na estrada quando chegavam. Não a conheci ao principio. Aproximei-me; conversei com ella, achei-a encantadora. E depois tinha no olhar tantas promessas!

Jorge deu em passeiar, evidentemente agitado.

— E' o que eu digo — murmurava elle com um sorriso nervoso, e continuou:

— Mauricio, Mauricio; cautelaf! Cuidado com esse galanteio! Póde ser de mais sérias consequencias do que as duzias de paixões que tens tido por as nossas primas d'estes sitios. Essas o peor resultado a que poderiam conduzir-te era a casar com alguma d'ellas e a enxertar assim no tronco illustre da nossa arvore genealogica alguma illustrissima vergonhea de uma sêpa igualmente ante-diluviana.

— Ah! estás tu de novo zombando da nossa aristocracia. Desconheço-te, Jorge. Realmente não sei d'onde te veio essa febre democratica e philosophica, com que andas ha tempos. Picou-te a mosca revolucionaria.

Jorge acudiu com uma vivacidade, que provavelmente não lhe era inspirada pelo assumpto:

— Não sabes d'onde me vem? Vem-me de meia-hora de reflexão por dia. É o que basta para me rir da fidalguia de toda esta nossa parentela, que se deixa devorar por dividas, imaginando que ha em si alguma coisa que resista á sua inutil ociosidade; e que hão de ficar muito admirados quando, ao receberem um dia esmola da mulher do seu rendeiro, esta os não tractar por fidalgos, nem lhes agradecer a honraria de aceitar-a.

Outro menos despreoccupado do que Mauricio desconfiaria que na vehemencia com que Jorge fulminava a incuria aristocratica, havia muito de facticio; como se

procurasse desviar a atenção do verdadeiro motivo do seu estado nervoso.

— Não estou disposto a discutir a legitimidade das pretensões aristocraticas. Deixemos isso. Dizias tu que fugisse de me apaixonar por Bertha. Reconheço a prudencia do conselho. Porque é certo que ha n'aquella rapariga um não sei quê tão superior ao que por ahi vejo que, se eu não tivesse de deixar dentro em pouco tempo estes sitios, para... arranjar um modo de vida... não juro que pudesse ser indifferente áquelles encantos. Demais ha entre nós recordações de infancia e quer parecer-me que ella ainda as não esqueceu.

Jorge, sem responder, continuava a passeiar no quarto.

— Mas aquella luz não me sahe do pensamento — proseguiu Mauricio. — Que estará fazendo a pobre rapariga a estas horas da noite? Não te parece que está alguém á janella?

— Mal se póde divisar atravez das folhas d'esses castanheiros; mas julgo que sim.

— Pobre pequena! Alli, só, n'esta aldeia. Está scismando em como poderão ter realidade as vagas aspirações do seu coração.

Jorge sorriu, e acrescentou com sarcasmo:

— Ou de que maneira ha de corresponder-se com algum Romeu collegial, que deixou suspirando em Lisboa.

— Estás insupportavel, Jorge.

— Uma experiencia! — exclamou, passados alguns momentos de silencio, Jorge, voltando á janella, onde permanecia ainda Mauricio. — Tu estás dando tractos á imaginação para adivinhares qual será o pensamento de Bertha. Eu aventuro uma supposição. Assim como nós vimos aquella luz, ella vê esta, e talvez a nossa sombra na janella. É natural que supponha que para alli dirigimos as vistas, e muito provavel que adivinhe que fallamos d'ella. Sabendo-se observada, não ousa apagar a luz, por querer mostrar que tambem prolonga as suas *réveries* por noite alta.

— Ora! deixa-me com as tuas observações!

— Queres verificar? Apaguemos a luz e veremos o resultado.

Mauricio condescendeu.

A unica janella alumiada da Casa Mourisca envolveu-se nas trevas da noite.

Como o leitor já sabe, Bertha, por um motivo differente do insinuado por Jorge, apagou tambem pouco depois a luz do seu quarto.

— Eu que dizia?— exclamou Jorge, rindo triumphantemente, mas como se aquelle rir lhe fizesse mal.

— Pois bem; se' adivinhaste, tanto melhor— disse Mauricio, despeitado.

— Tanto melhor?!

— Sim. Porque não hei de eu vêr, n'este proposito de acompanhar a nossa vigilia, uma prova de sympathia pelo companheiro de infancia que hoje tornou a vêr?

— Ah! ah! Pensas n'isso?

— Porque não? Olha, Jorge, a mulher sem as fraquezas do coração proprias do sexo não é uma mulher perfeita. Eu, se visse anjos cá por este mundo, anjos puros, correctos, impeccaveis; tirava-lhes reverente o chapéo, benzia-me diante d'elles, rezava-lhes uma oração, mas affianço-te que não os amava.

— Boa noite, Mauricio. Olha que são duas horas.

— Adeus, Jorge.

— Não sonhes com Bertha.

— Não sonhes tu com a arithmetica, que é peor pesadêlo.

E os dois irmãos separaram-se, rindo.

A ambos dominou por muito tempo a imagem de Bertha.

Jorge passou uma noite febril. Tentava desfavorecer Bertha, quanto podia, no proprio conceito, esforçando-se por convencer-se de tudo quanto a respeito d'ella dissera ao irmão, para diminuir assim a impressão, que, a seu pesar, conservava ainda da imagem da rapariga.

Mauricio dera-lhe a entender que Bertha fôra sensivel ao seu galanteio, e esta ideia torturava o espirito de Jorge.

Pela sua parte, Mauricio tanto lidou com a suposição de que a vigilia de Bertha lhe fôra consagrada, que adormeceu firmemente convencido d'isso e sonhou... sonhou... Oh! quem pôde exprimir o longo romance dos sonhos de um rapaz aos vinte annos e quando possui uma imaginação como a de Mauricio!

## X

Bertha acordou firme no proposito que formára na vespera, de aceitar com coragem de mulher as suas novas condições de vida, e de entregar-se de alma e vontade ao cumprimento dos deveres domesticos, soffrendo para isso a indocil imaginação de rapariga.

Mauricio, pelo contrario, estreiou os seus pensamentos d'aquelle dia, avivando tudo quanto pudesse fazer-lhe lembrar de Bertha, e formando a resolução de vê-la e de fallar-lhe.

Jorge levantou-se cedo, um tanto fatigado pelo inquieto somno d'aquelle noite, e procurou distrahir-se, estudando uma questão agronomica, em que meditava havia muitos dias.

Veremos o que as diversas disposições de animo d'estes tres personagens deram de si no decurso do dia.

O aspecto risonho da manhã dissipou as nuvens, que de noite se haviam accumulado sobre o espirito de Bertha. Já lhe parecia, áquella suave e vivificadora luz, mais risonha a sua sorte, e não podia perdoar a si mesma a vaga tristeza que sentira. Auxiliando a mãe nas occupações domesticas, encontrava n'isso uma distracção poderosa e quasi um intimo prazer. As caricias dos irmãos commoviam-n'a, e foi já com desassombrada alegria que, tomando um d'elles ao collo e dando a mão ao outro, atravessou os campos cultivados, os vinhedos e os lameiros da Herdade, e foi sentar-se no limite d'ella, junto a uma fonte rustica meia occulta entre a sebe de rozeiras e estevas, que separava do caminho aquella parte



do casal. E como lhe causava prazer sentir-se humedecida pelo orvalho, que ainda poisava nos trevos e nas fumarias do chão, e cahia em gotas limpidas dos cumes das arvores sacudidas na passagem!

Os irmãos corriam a trazer-lhe as rozas e as mais flôres campestres que iam colher, saltando por entre as searas e nos caminhos de passagem, e ella entretinha-se a ajuntal-as em pequenos ramos, com que os presentearva depois.

Entregue toda a esta tarefa, sentia-se tão do intimo contente, que se pôz a cantar a meia voz a musica de uma cantiga em voga no sitio.

Pareceu-lhe por mais de uma vez ouvir rumor nas balseiras visinhas, mas julgou-o produzido por algum passaro, agitando-se no ninho occulto nos silvados, e não lhe deu maior attenção.

D'uma vez porém, em que os irmãos corriam para ella com uma regaçada de flôres, viu-os de repente pararem enleados e olharem para a sebe que a separava da rua proxima. Bertha voltou-se na direcção d'aquelle olhar, e descobriu Mauricio, que, por uma entreaberta das silvas, a estava observando.

A filha de Thomé da Povia levantou-se sobresaltada; e sem poder occultar de todo a confusão que experimentava com o inesperado encontro, interrogou sorrindo:

— Estava ahi ha muito?

— Ha alguns momentos, ao que me parece.

— A fazer o quê?

— A vêl-a e a ouvil-a.

— Com tão pouco se entretem!

— Então parece-lhe que não será novo para mim o espectaculo?

— Novo?! Um campo, uma fonte e umas crianças? Ora essa!

— Enumerou os accessorios, e esqueceu-lhe a figura principal, e n'essa é que está a novidade. Se a Bertha soubesse que genero de figuras femininas por ahi se me deparam, n'essas bonitas paisagens d'este nosso bello paiz?

— É muito injusto com as suas patricias.

— Oh! não as lisongeie.

— N'isso interesse eu também, bem vê.

— Poupe-lhes a humilhação de comparar-se com ellas, Bertha. Creia que, indo educar-se a Lisboa, foi para onde a chamavam os instinctos de sua natureza superior. Seu pae, julgando tomar uma resolução espontanea, ao mandal-a para a capital, obedeceu, sem o saber, a uma força occulta que assim o exigia. O seu espirito estava voando para as cidades, onde sómente encontrava ambiente apropriado.

— Engana-se; vê? Achava-me desterrada alli até, e, desde que voltei, sinto um bem-estar, que me prova que é esta a minha verdadeira patria, que estes são os ares, em que respiro á vontade.

— Esse bem-estar não tardará que se transforme em fastio.

— Não, não, não creio.

— Eu é que não creio que possa dar-se bem aqui, privada de satisfazer as aspirações naturaes a um espirito como o seu.

— Mas, ó meu Deus, que qualidade de espirito me suppõe então? Que aspirações são essas que diz?

— Ora para que finge ignoral-as? Acaso, diga, a satisfaria a vida da immensa maioria das tres ou quatro mil pessoas d'este concelho?

— E espero que ha de satisfazer-me.

— E que ha de fazer da sua imaginação? Sim, que ha de fazer d'isto que se sente na nossa idade, quando se não nasceu Manoel do Portello, ou Maria da Azenha?

— Perdão, será por eu ter nascido simplesmente Bertha da Povia, que não me incommódo com isso.

— Não me entendeu, Bertha. Não havia nas minhas palavras a menor baforada aristocratica; d'essa ridicula mania não padeço eu, graças a Deus. D'entre os preclaros membros das casas fidalgas d'estes arredores, posso assegurar que, apesar dos sete ou oito nomes, com que cada um se assigna, nenhum experimenta isto que eu dizia. Mas Bertha...

— Olhe, snr. Mauricio. Fallo-lhe com franqueza. Não

me supponha o que eu não sou, ou então não diga o que não sente. Acredite; as minhas aspirações são tão leves, tão realisaveis! Satisfazem-se com estes cuidados caseiros; e fóra d'isto, não me sinto bem. Para fazer a vontade a meu pae, segui a educação que elle desejava que seguisse; mas nunca senti prazer n'isso; nunca morreram em mim as saudades do campo e dos trabalhos aldeãos...

— Acredito que hoje aprecie melhor a aldeia, porque tem já sentidos educados para a poesia que ella resceende.

— A poesia! — repetiu Bertha, com um forçado gesto de desdem, encolhendo os hombros.

Mauricio percebeu-o.

— Ri-se? — interrogou elle.

— É que ouço fallar ha tanto n'isso, e se quer que lhe falle a verdade, ainda não pude saber bem o que seja.

— Não sabe o que é a poesia?!

— A que se escreve nos livros sei, mas fóra d'ahi...

— disse Bertha, simulando um tom de completa ingenuidade.

A chegada das crianças, pedindo á irmã que as conduzisse a casa, interrompeu n'este ponto o dialogo. Bertha despediu-se amigavelmente de Mauricio, que por muito tempo a seguiu com a vista.

— Será possível que eu me engane? — pensava elle.

— Será a final de contas uma mulher vulgar, capaz de continuar as prosaicas tradições da familia? Não creio. Antes é astuciosa e dissimulada. N'esta apparente singeleza de gostos ha muito espirito escondido. E, ou eu me engano muito, ou não é indiferença o que ella sente, quando me falla.

E sahiu d'alli, trabalhando n'estes pensamentos.

Bertha, rindo e brincando com os irmãos, pensava tambem:

— Parece-me que alguma coisa conseguiria. É preciso desviar-o d'este proposito; é preciso que elle se enfastie d'este galanteio; que me aborreça. Hei de fazer-me bem vulgar, bem ignorante, incapaz de sentir e de

entendêl-o. Que eu não posso ficar pelo meu coração, que ainda não experimentei. Antes quero evitar o ensaio, antes quero não lutar. Chamam-me uma rapariga de juizo. Não sei, não sei se o sou, não o posso saber nem quero. Às vezes... desconfio de mim... receio... assusto-me. Sentia-me mais animosa d'antes. Parecia-me tão facil dominar-me!... Hoje... Não quero, não quero tentar; não quero expôr a tranquillidade do meu coração. Eu não me sinto senhora de mim mesma, quando elle me falla. É preciso acabar com isto, antes que augmente.

O dia passou sem outro episodio para Bertha, além da visita de algumas relações da familia, que vinham festejar a chegada da primogenita do venturoso casal.

Bertha conseguiu ser amavel com todos, apesar das impertinencias com que a interrogavam sobre as particularidades da sua vida na cidade.

Luiza não se fartava de admirar as maneiras e a eloquencia da filha, e não fazia senão alternar a vista entre o rosto de Bertha, que tão grata perspectiva era para o seu amor de mãe, e o dos seus interlocutores, onde espiava o reflexo da admiração, de que ella propria se sentia possuida.

Assim correu o dia.

O principio da noite foi consagrado á familia. Então é que chegou a vez a Thomé de perguntar, de querer saber, de fazer reflexões sobre o que ouvia; e Luiza, a sancta mulher, muitas vezes a responder por a filha, como quem já se achava mais adiantada em conhecimentos do que o marido.

Era já um pouco tarde e Thomé admirava-se da demora de Jorge, a quem mandára aviso para que viesse aquella noite, porque tinha que communicar-lhe a respeito de negocios que tractára no Porto e Lisboa. Ouviu-se porém o ladrar dos cães no quinteiro, o som da aldraba no portão e em seguida passos no lagedo das escadas, que conduziam ao patamar.

— Ahi vem o snr. Jorge — disse Luiza para o homem. — Conheço-o já pelo andar.

— É elle, é; e temos hoje bastante que fallar.

— Eu vou accender o candieiro no quarto — acrescentou Luiza, que sahio a preparar a sala das conferencias.

Pouco depois Jorge apparecia na sala, em que ficára Thomé com a filha.

Jorge não era superior a uma occulta commoção, ao entrar alli. Ia encontrar-se com Bertha. O momento, de que vagamente se temia, chegára enfim. Achava-se em frente do perigo desconhecido, de que sentia intimas apprehensões. Era tão forte a sua turbação, que lhe tremiam as pernas ao transpôr a porta da sala.

Na presença de Bertha, Jorge lançou para ella um olhar rapido, mas penetrante, e desviou-o logo. O espirito não serenou com o resultado d'esse primeiro exame.

Jorge reconheceu que o perigo, que tanto temia, era real.

Bertha, prevenida como estava a respeito do genio de Jorge, tão differente do do irmão, acolheu-o com mais franqueza e menos precauções do que tivera com Mauricio. Contra Jorge não precisava de acautelar o coração.

O cumprimento de Jorge foi serio e quasi frio, sem um vislumbre de galanteio, que se parecesse com as finezas de Mauricio. Apenas disse, quasi sem olhar para Bertha:

— Bem vinda, Bertha; estimo vê-la restituida aos seus. Espero que ainda se lembre de um antigo conhecido.

— Não costumo esquecer-me, snr. Jorge — respondeu Bertha, sem poder deixar de examinal-o com curiosidade.

Jorge proseguiu no mesmo tom:

— Dizem que se aprende depressa a esquecer nas cidades. Mas quero acreditar que a sua memoria dementirá o dito. E que lhe parece agora esta terra?

E Jorge, fazendo a pergunta, quiz fitar os olhos em Bertha, mas desviou-os ao encontrar os d'ella.

— A mesma que deixei — respondeu Bertha — a aldeia guarda melhor as memorias do passado, do que a cidade. Vivem-se annos longe d'ella, e na volta parece

que as mesmas arvores e as mesmas flôres, que nos despediram, nos dão as boas vindas outra vez. Se alguma mudança ha é nas pessoas.

— Encontrou mudança n'essas?

E Jorge tentou de novo, mas sem melhor resultado, fitar os olhos em Bertha.

— Nem podia deixar de ser — tornou esta — para nós não ha estações; as folhas que vão cahindo, não vem primavera renova-las.

Jorge pôz-se a folhear, com apparente distracção, um livro que encontrou sobre a mesa; e a fronte contrahiuse-lhe levemente, como se tivesse ouvido alguma coisa que lhe desagradasse.

Bertha continuou fallando-lhe sem constrangimento e olhando-o com a curiosidade que despertava naturalmente no seu espirito de rapariga aquelle character serio de rapaz.

Thomé propôz a Jorge principiarem os seus trabalhos.

Bertha despediu-se d'elles, e foi ter com a mãe.

— Então que lhe parece a minha rapariga, snr. Jorge? — perguntou o enlevado Thomé.

Jorge articulou uma pouco intelligivel phrase de louvor.

— Olhe o que é a educação — insistiu Thomé. — Quem ha de dizer que foi nascida e creada aqui, n'este palheiro e no tempo em que elle era ainda um pouco peor do que hoje?!

— Ah! sim... a educação... vale muito, mas é preciso que os dotes naturaes a auxiliem — murmurou Jorge, como se lhe causasse repugnancia o assumpto da conversa.

— Sim; tambem me parece que se a pequena não tivesse quêda... Mas o que ella sabe! o que ella leu! o que ella aprendeu! É d'uma pessoa ficar a ouvir-a uma noite e um dia inteiros, sem querer saber de mais nada!

Um ligeiro sorriso, não de todo despido de ironia, encrespou os labios a Jorge, que nada respondeu d'esta vez.

Thomé interpretou o silencio do rapaz como uma

manifestação dos seus desejos de entrar no exame das contas e documentos, que tinham para vêr aquella noite, e por isso abriu a sessão.

Antes porém teve de ir em procura de uns papeis necessários.

Jorge ficou só por um instante, e deu alguns passeios no quarto. Aproximando-se de uma mesa que estava proxima da janella, pegou machinalmente na obra de costura, ahi deixada por Bertha, mas logo a arrojou de si com impaciencia; depois abriu um livro, que, pelo aspecto elegante da encadernação, conhecia-se pertencer tambem á filha de Thomé.

Era um exemplar do poetico idyllio de Saint-Pierre, da historia dos amores de Paulo e Virginia.

Jorge pousou-o sobre a mesa, e voltou-lhe aos labios o mesmo estranho sorriso, que mais d'uma vez lh'os contrahira n'aquella noite.

— Lê romances — murmurava elle. — A estas horas phantasia-se a heroína de algum. Está apaixonada por o typo que mais lhe agradou, e busca pelo mundo a realisação d'esse ideal. A final é o que eu digo. É como as outras. É uma rapariga da moda, pretenciosa, romantica e um pouco pedante... É o resultado do systema de Thomé... Fazer viver estas mulheres em um mundo de phantasia, e trazê-las depois para a realidade, que lhes ha de parecer insupportavel!... Triste methodo de formar esposas e mães!

E ao pensar isto, sentia uma amargura, uma irritação, que elle proprio não podia justificar.

Depois proseguiu, com crescente malignidade:

— E quem sabe?... Este livro deixado aqui? Seria esquecimento ou proposito? É natural o desejo de ostentar a sciencia e cultura de espirito adquiridas no collegio, e ha tão pouca gente no caso de as apreciar n'esta aldeia, que não admiro que seja eu um dos eleitos. Emfim, são vaidades de rapariga; e peccado venial para que se deve ser indulgente. E demais que tenho eu com isso?... Mauricio que averigue, se quizer. Está no gosto d'elle...

Thomé voltou, e minutos depois estavam ambos em

plena conferencia. Notou com ~~confusão~~ o lavrador aquella noite, que Jorge mostrava-se muito mais desattento do que de costume.

No meio dos seus exames, distrahiu-os uma voz melodiosa que, em outro aposento da casa, cantava em tom de acalantar crianças:

Quando uma criança dorme,  
Veem os anjos a sorrir  
Abrir as portas do céu,  
Para Deus as vér dormir.

— Escute — disse Thomé, apurando o ouvido — é a minha Bertha a adormecer o irmão.

E Thomé pôz-se a escutar, com fervor paternal.

Jorge, a seu pesar, experimentava um suave encanto ao ouvir aquella voz juvenil, que continuava cantando:

E um d'elles á terra desce  
Junto do berço a velar  
Para longe do menino  
Os sonhos maus afastar.

— Então? Não tem uma linda voz a rapariga? — continuava Thomé, olhando para Jorge, que não respondeu. A voz continuou:

Dorme, dorme, meu menino,  
Que é alegre o somno teu.  
E enquanto na terra dormes  
Folgam os anjos do céu.

Jorge escutava com mais prazer, do que a si mesmo quereria confessar, o canto que lhe chegava aos ouvidos n'aquella monotonica e melancolica melopéa de todas as musicas destinadas a acalantar o somno das crianças.

Thomé, esse estava verdadeiramente extasiado. A voz da filha parecia encontrar um caminho direito para o coração d'aquelle pae extremo, e commovê-o quasi a ponto de lhe ennevoar os olhos com lagrimas consoladoras.



Quando expiraram as ultimas notas do canto, Jorge levantou-se.

Era tarde já e mais que tempo de dar por concluída a conferencia; mas n'este movimento de Jorge actuára uma outra ideia.

Elle proprio estranhava o que ia na sua alma n'aquelle momento. Revoltava-se contra si mesmo, porque se sentia fraco perante os artificios de uma mulher, contra a qual devia estar precavido; Jorge suppunha-se persuadido de que Bertha aproveitára de proposito o ensejo de fazer-se ouvir e de mostrar os encantos da sua voz agradavel e sonora; tactica vaidosa que muito escandalisava o character sisudo do rapaz. Mas o peor era dizer-lhe a consciencia que, mau grado seu, a tactica tivera effeito. A prevenção hostile, de que á força queria armar-se, não era talisman bastante forte para o livrar de encantamento.

Isto principalmente o indignava, sem a si proprio o confessar. Sentia-se sob o influxo de uma magia, que pensava funesta, mas, como succede quando em sonhos procuramos fugir a um perigo que nos persegue, annullava-se o esforço que fazia para quebral-o, e a seu pezar permanecia no perigo.

Desconhecia-se, sentia uma turbação indefinivel, parecia-lhe que o ar livre lhe seria salutar. Por isso levantou-se e sahiu. Ao passarem em um corredor, que conduzia para o exterior da casa, abriu-se a porta de um quarto, meio alumiado por a froixa luz de uma lamparina, que ardia junto do berço de uma criança, e por o espaço entreaberto appareceu a figura de Bertha, com o cabello já meio despenteado e solto, e tendo nos labios o mais suave e affectuoso sorriso.

— Boa noite, snr. Jorge — disse ella, estendendo-lhe a mão, com uma expressão de voz cheia de cordial franqueza.

Jorge estremeceu áquella vista inesperada, mas, dominando-se, correspondeu ao cumprimento, apertando-lhe a mão:

— Adeus; boa noite, Bertha.

— Então o pequeno já dorme? — perguntou Thomé

da Povia, procurando sondar com a vista a meia claridade do quarto.

— Psiu! — disse a filha, pondo um dedo nos labios — socegou por fim. Trouxe-o para o meu quarto, porque não deixava dormir a mãe. Boa noite, meu pae.

E tomando a mão do lavrador, beijou-a com affecto.

— Deus te faça feliz, minha filha — tornou-lhe este, exultando com aquella simples acção.

E os dois seguiram, cerrando-se logo atraz d'elles a porta dos aposentos de Bertha e ouvindo-se correr docemente a chave na fechadura.

Jorge, ao vêr-se na rua, aspirou com violencia o ar fresco da noite, como para libertar-se de uma oppressão que o angustiava. Descobriu a fronte e seguiu agitado pelos difíceis caminhos que iam d'alli até á Casa Mourisca.

— Eu estou doido! — murmurou elle — que tenho eu com esta rapariga? Era o que me faltava! que me entrasse na cabeça uma doidice d'estas! Estou vendo que não é tão facil ter juizo, como suppunha. Se isto fosse com Mauricio não admirava! E então uma criança de collegio... provavelmente estouvada... Ora adeus! Veremos se isto me passa dormindo.

Mas, era singular! aquella rapida vista, insinuada por entre a porta meia aberta do gabinete castissimo, em que dormia uma criança á meia luz da lamparina, e aquella gentil figura de mulher, collocada á entrada, com um dedo nos labios e no rosto um ar de solicitude quasi maternal, não se lhe tiravam da ideia. Era como a visão de um paraizo que sonhára.

Quando Mauricio, voltando de um baile dado por um proprietario visinho, entrou no quarto de Jorge, encontrou este, contra o seu costume, sentado proximo da janella, com a cabeça sobre o braço dobrado, que repositava no peitoril, e tão absorto, que quasi não deu pela aproximação do irmão.

Mauricio parou diante d'elle admirado, e interpellou-o:

— Que fazes ahi?

Jorge sobresaltou-se, e respondeu sorrindo:

— Julgo que dormia.

— N'esse caso farei outra pergunta — que vieste para ahí fazer?

— Tinha calor... cancei-me de lêr... vim tomar ar. Ha um instante.

— Ha um instante? Não diz isso aquella luz, que parece de casa mortuaria. Nada haveria mais natural do que tudo isso, se fosse com outro; porém em ti é para estranhar a menor irregularidade de habitos.

— Também eu me estranho. É certo porém que esta noite não me sinto disposto para estudar.

— Pois aproveita essas felizes disposições, e descança, descança. Que diabo! Parece-me que dás á administração da nossa casa mais importancia do que ella merece. A final de contas sempre é tarefa que o frei Januario fez durante annos. Se soubesses como a noite está agradável! Não estive de todo má a partida em casa dos Carujães.

— Ah! vens de lá? — inquiriu Jorge, com indifferença.

— Venho, sim. Bastante gente. O Venancio cada vez mais parvo. A D. Anna cantando a *Norma* da maneira que sabemos. A Ermelinda do Nogueiral, com a cabeça cheia de fitas, parecia um navio embandeirado; os pequenos do Antonio Rodrigo estavam perdidos de riso. Quem não está feia é a Dôres, a pequenita do João Tavares; dois mezes que passem mais por aquella infancia e estará alli uma bella mulher. Mas que noite tão sombria! Nem a luz de hontem em casa do Thomé! Hoje nem Berthia nos faz companhia. Sirva-lhe isto para desconto dos grandes peccados de que a accusas. Está provado que a vigilia de hontem foi consagrada á prosaica tarefa de arrumar as suas coisas pelas gavetas e bahus. É verdade, já a viste?...

— Não... Já.

— Não? Já? Que diabo de distracção é essa? E que te pareceu?

Jorge esteve algum tempo antes de responder:

— Bem.

— Tão sêcamente bem? Devêras?!

— Então que queres que te diga? Sabes que não te

nho o teu genio, para esgotar a minha eloquencia diante da primeira figura de mulher que me appareça.

— E a respeito das tuas prevenções?

— Nada pude decidir.

— Pois eu já decidi. Acho-a cada vez mais adoravel.

— Ah!

— Sabes que estive com ella esta manhã?

— Sim?! Hum! — disse Jorge com evidente constrangimento.

— É verdade. Fallei-lhe e, já se sabe, não me descuidei de advogar a minha causa.

— Ah! sim? E então?...

— E então..., apesar de uma certa esquivança nas respostas que obtive, quer-me parecer que não tenho razão de queixa.

— Bem, bem.

— Enfim, certas recordações de infancia... como sabes...

— Ah! ella recorda-se da infancia?

— Ora, como queres que ella se não recorde?

— Sim, é natural — concordou Jorge, fingindo bocejar, mas com suspeitas contracções nervosas.

E estendendo subitamente a mão ao irmão, acrescentou:

— Boa noite, Mauricio. É tarde e eu tenho somno. Adeus.

E de facto Jorge deitou-se, deixando em paz os livros, mais cedo do que costumava. Se dormiu é que não sabemos.

Mauricio dormia com certeza melhor do que elle.

Embalava-o a vaidosa persuasão de que havia impressionado Bertha. Tinha Mauricio este defeito de supôr que eram promptas e profundas as impressões que produzia no animo das mulheres. Defeito este vulgar, e que ainda não é dos que dão de si mais serias consequências.

## XI

Pela manhã do dia seguinte recebeu Jorge um recado do pae, para ir fallar-lhe.

Apressou-se em obedecer. Foi encontrar D. Luiz a passeiar no quarto, e manifestamente irritado. Vendo entrar o filho, mostrou-lhe uma carta aberta, que estava em cima da mesa.

— Ah! É da prima? — exclamou Jorge, depois de examinar a assignatura. — Finalmente escreveu!

— Podia dispensar-se de o fazer — resmungou o fidalgo e proseguiu:

— Parece-me que não foste muito feliz na lembrança de bater a essa porta.

— Então?!

— Lê e verás.

Jorge leu, a meia voz, a carta que era concebida n'estes termos:

« Meu bom tio.

« Tive, ao voltar a Lisboa de uma visita á Hespanha, a mais agradável surpresa. Recebi, enfim, uma carta sua! A singularidade do facto não me inhabilitou para sentir no maior grau uma salutar alegria. Cuidava que me tinham esquecido. Convenci-me agora de que felizmente me enganára. Lisongeou-me ainda o vêr que o meu bom tio se dirigia a mim, para me pedir conselho! Claro estava que já não era no seu conceito aquella doidivanas de outros tempos. Ainda bem que me faz um pouquinho de justiça. Não se arrependa; effectivamente hoje estou mais ajuizada. O meu character de

«viuva dá-me um ar de respeitabilidade, que vae muito  
«bem com os meus vestidos escuros, nos quaes a gar-  
«ridice não ultrapassa ainda os limites do roixo. Mas  
«devo confessar-lhe que me incumbe de uma espinhosa  
«tarefa! Descobrir a carreira mais adequada ao nosso  
«caro Mauricio, que deve ser a estas horas um bonito  
«e elegante rapaz, mas com tanto que, acrescenta o meu  
«querido tio, «elle não seja obrigado a *transigir* com  
«as ideias do seculo», é devêras uma missão difficil e  
«para melhor engenho do que o meu. Principio por não  
«saber bem quaes são as taes ideias do seculo, com  
«que o priminho Mauricio não deve transigir. Eu, que  
«sou a pessoa mais transigente d'este mundo, não posso  
«assim de repente saber quaes são aquelles principios,  
«com que os meus primos são incompativeis, ou que  
«são incompativeis com os meus primos. Depois ha tan-  
«tas ideias remoçadas, que passam por novas, que já  
«não é facil distinguir quaes são as do seculo e quaes  
«não são. E deixe-me dizer-lhe, meu bom tio, que ha  
«uma certa ordem de coisas, com que provavelmente,  
«na sua opinião, Mauricio não deve transigir, mas sem  
«transigir com as quaes não se dá hoje n'este mundo  
«um passo que tenha geito. Creia que nos nossos dias  
«é pouca a gente que não está convencida d'isso, e ra-  
«ros os que ainda se contentam com ficarem sendo im-  
«moveis columnas do throno e do altar, emquanto os  
«outros vão andando.

«Ahi está que me lembrava a mim arranjarmos, com  
«tempo, para Mauricio um d'estes commodos circulos  
«eleitoraes, por onde uma pessoa sahe deputado sem o  
«sentir. A carreira é das melhores para rapazes de in-  
«telligencia e de aspirações; mas a urna popular, pro-  
«vavelmente, figura no rol das coisas, com que Mauri-  
«cio não deve transigir. Emfim, meu intransigente tio,  
«apesar de todos os meus bons desejos, sinto-me de-  
«vêras com os braços atados, e tropeço a cada momento  
«em uma incompatibilidade! Julgo preferivel conferen-  
«ciarmos de viva voz. Tenciono visital-o brevemente.  
«Preciso de revistar a minha quinta dos Bacellos, da qual  
«já tenho saudade. Ahi irei pois, e de sua hôca ouvirei

« aquillo com que pudemos, e aquillo com que não de-  
« vemos transigir. Até então creia-me sempre sua muito  
« transigente, mas affectuosa sobrinha

« *Gabriella.* »

« P. S. Se um abraço cordial e bem intencionado de  
« uma prima viuva é coisa com que Mauricio possa tran-  
« sigir, peço o favor de lh'o dar em meu nome e outro  
« a Jorge, que, pelo que vejo, tem juizo aos vinte annos,  
« facto que, seja dito entre nós, não tem sido frequente  
« em nossa familia. »

Esta carta, escripta á vontade e no tom familiar de  
uma mulher caprichosa, costumada a não se constran-  
ger com pessoa alguma, e a vêr admittirem-lhe, como  
naturaes, todos os caprichos, não podia ser menos ac-  
commodada ao genio sisudo e respeitador de etique-  
tas, que era uma das pronunciadas feições do velho fi-  
dalgo.

A maneira por que a sobrinha lhe escrevia, a sem-  
ceremonia com que parecia rir-se dos seus delicados es-  
crupulos politicos, era tão subversiva da ordem estabe-  
lecida e respeitada nos usos tradicionaes da familia, que  
D. Luiz escandalisou-se.

Jorge comprehendeu, á primeira leitura, qual o effei-  
to que esta carta deveria ter produzido no animo do pae,  
mas procurou dissimular.

— Uma vez que ella vem, esperemos — disse em  
tom indifferente. — De viva voz tracta-se melhor d'estes  
negocios.

— Que hei de eu tractar com uma doida d'estas? To-  
mára que ella me deixasse socegado!

— São maneiras de Gabriella, mas nem por isso dei-  
xará de olhar com seriedade por este assumpto.

— São maneiras?... Tudo tem limites. Isto não é  
carta que uma rapariga escreva a um velho, que é seu  
tio.

E D. Luiz, ao dizer isto, pegava na carta por uma  
ponta e arremessava-a sobre a mesa, como se fôra um  
objecto que lhe inspirasse repulsão.

— Costumes do tempo — aventurou timidamente Jorge.

— Bons costumes! Pais, embora ella o diga zombando, não transijo com elles, não senhora; nem filho meu, emquanto quizer que eu por filho o tenha, ha de transigir tambem.

— Esperemos, até que ella venha.

— Já sei que de nada servirá a conferencia. Essa porta podes considerá-la fechada.

Jorge, depois de mais algumas tentativas para acalmar a irritação paterna, voltou para o quarto, intimamente satisfeito com a carta da baroneza, em cujo auxilio confiava para vencer as reluctancias do velho.

Augmentaram-lhe ainda mais as esperanças, quando leu um laconico bilhete, em que a prima lhe respondia tambem, assegurando-lhe que viria breve, e que trabalharia com empenho no sentido que elle lhe indicára.

Meia hora depois, dava Jorge a novidade a Mauricio, que encontrou descendo as escadas com elegante e caprichoso traje de cavalgar e cantarolando despreoccupado:

Dae-me uma casa na aldeia,  
Casa rustica, isolada,  
Que mostre por entre verdes  
A sua frente caiada.

— Esse desejo vem fóra de proposito — disse Jorge, sorrindo — porque justamente hoje chegou a carta que esperavamos de Gabriella.

— Ah! chegou! E então? — interrogou Mauricio um pouco sobresaltado.

— Promette vir aqui. Pede uma conferencia para breve, na qual se discutirão as bases da reforma.

— Ai, ella vem cá? Visto isso adiada toda e qualquer resolução a meu respeito?

— Até que ella chegue.

— Ora ainda bem!

— Estimas?

— É que hoje qualquer ordem de partida encontrava-me pouco de animo para deixar a aldeia.



E continuou a cantar:

D'onde se eleve ás trindades  
Um fumosinho cinzento  
Que se dissipe nos ares,  
Ao menor sópro do vento.

— Olá! Como se desenvolveu assim em ti esse apêgo às coisas rusticas? — perguntou Jorge com ironia.

— Que queres tu? Caprichos!

— Caprichos!! mas é que não estamos no caso de os ter. Ai, Mauricio, receio que dês em mau homem de negocios, se a conferencia decidir que o deves ser — continuou Jorge no mesmo tom.

— A Gabriella terá o bom senso necessario para propôr outra soluçãõ ao problema da minha vida. Creio...

E Mauricio desceu as escadas, exclamando alegremente:

✓ — Adeus, adeus que vou vêr quem tu sabes.

Jorge contrahiou a fronte ao escutar-lhe as palavras com que se despediu, e conservou-se immovel ainda depois que o perdeu de vista, e já quando o não ouvia, nem o bater das patas do cavallo no lagedo do pateo; a final sacudiu a cabeça, como para livrar-se de uma ideia importuna e murmurou:

— Ora! Tudo isto é natural... Vamos trabalhar!

E foi encerrar-se no quarto.

Mauricio sahiu a cavallo, mas não estendeu por muito longe o seu passeio matutino. Parecia errar ao acaso, mas acaso era esse que por duas vezes o conduzia na via da casa de Thomé.

E de ambas as vezes uma cabeça de mulher apparecia á janella, ao ruido que faziam no caminho as patas do cavallo, o qual Mauricio obrigava a evoluções ao chegar áquelle sitio.

Essa cabeça era a de Bertha. Mauricio saudou-a com um sorriso e dirigiu-lhe algumas palavras de galanteio. Bertha retirou-se para dentro, depois de elle ter passado, dizendo comsigo:

— É uma imprudencia o que estou fazendo. Vamos; é preciso cautela.

E a terceira vez que o sentiu já não appareceu para o vêr.

Mauricio porém estava contente com a manhã; continuando no seu passeio, dirigiu o cavallo por uma azinhaga cavada em barrancos pelas enxurradas, e depois de difficil e precipitosa descida por entre pinheiraes, veio sahir a outra rua mais larga, ao fim da qual havia uma residencia campestre de menos má apparencia.

Era uma casa branca, de um só andar e ao correr da rua, mas de solida construcção; bem caiada, bem pintada e bem esfregada. Entrava-se para ella por um pateo coberto de ramada, cercado de um muro baixo e fechado por uma meia cancella de castanho ennegrecido. Dentro d'este pateo pouco espaço havia desobstruido; aqui um monte de rama de pinheiro, além duas ou tres rimas de achas, acolá um tronco de lorangeira partido, uma mó de moinho, dois carros desapparelhados, dor-nas, arados, pipas, canastras, escadas de mão, e varios outros utensilios de lavoura e de uso domestico.

Mauricio prendeu o cavallo ao muro e entrou para o pateo.

Abria-se para este a porta da cozinha; vinha de lá um grande rumor de vozes, de risadas e de cantares; via-se brilhar no fundo um clarão avermelhado e ouvia-se um estalar de lenha, devorada pela chamma. Chegando-se mais perto, Mauricio contemplou por alguns momentos, sem ser visto, o quadro que se lhe offerecia á observação. Era uma cozinha aldeã, vasta, desafogada; immenso lar, compridos preguiceiros ao longo das paredes, no alto prateleiros pejados de louça nacional, de panellas e alguidares; nas traves os cabos de cebola, no fumeiro a bem curada pá de presunto; o amplo forno vomitava lavaredas pela bôca escancarada e a cada instante engolia as novas e enormes dôses de lenha que lhe ministravam; na masseira fumegava já a farinha ainda não levedada para a fornada da semana; e n'ella os braços valentes e roliços de duas frescas moças do campo enterravam-se até os cotovêlos; a um signal d'estas, outras traziam da lareira grandes panellas de agua fervendo, com que acrescentavam a massa, levantando ao

ar' nuvens de densos vapores. Uma peneirava a um canto a farinha para o bolo, outra arrumava o cinzeiro do forno com a vara meia carbonizada; limpava esta a pá grande para a introdução das boréas e aquella empunhava a pequena pá de ferro de rapar a masseira. No meio d'esta legião feminina assim atarefada, a patrôa da casa, que, como Calypso sobre as nymphas que a serviam, ou, segundo a comparação classica, como o elegante cypreste sobre as vinhas rasteiras, olhava sobranceira para todas, superintendia no trabalho de cada uma e distribuia as tarefas com methodo e intelligencia.

Era esta a ti' Anna do Vêdor, em quem já ouvimos fallar, a que havia creado aos seus validos e sadios peitos os dois meninos da Casa Mourisca. Era ella enfarinhada, arregaçada, afogueada, com os cabellos escondidos debaixo do lenço vermelho que atava sobre o occipital, com a voz potente, o olhar fino e os movimentos faceis, apesar dos cincoenta annos já contados.

À sua vista perspicaz não escapou por muito tempo a presença de Mauricio; e logo que o viu, correu para elle com os braços abertos, exclamando:

— Ai, o meu rico filho!

— Cautela, cautela, Anna, olha que me enfarinhas! — advertiu Mauricio, tentando fugir-lhe.

— E' que tem que te enfarinha! Olh' agora? A farinha é pão; e o pão vem de Deus.

E sem precauções nem reparos apertou o corpo delgado de Mauricio nos seus robustos braços, deixando-lhe na roupa vestigios evidentes d'este cordial amplexo.

— Vês, vês? — dizia Mauricio, sacudindo-se — olha! em que prepare me puzeste, ama! Estou asseiado!

— Sim? Pois melhor para ti, que já tens que fazer, e não me andas por ahi a vadiar e a fazeres-me doêdas as moças cá da terra com as tuas brageiricas. Sabiste-me boa rez! não tem duvida nenhuma!

E pronunciava isto com um modo, acompanhava-o com um olhar tal, que fazia temer a imminencia de um outro beijo e de um outro abraço.

Maurício continuava sacudindo-se.

— O mal que tenho, vem do leite que bebi— dizia elle no entretanto.

— Hum! — acudia a ti' Anna com um gesto de soberba. — Conta-me d'essas! O que vos valeu, meus fidalguinhos de torrão de assucar, foi trazer-vos eu a estes peitos, senão o que seria feito do vosso corpinho de vime? Olh'agora! ieis como foram indo vossos irmãos mais velhos, e aquelle anjo de vossa irmã, que ainda hoje me resta a pena de não ter creado tambem. Mas quem adivinha vae para as casinhas.

— Aos preparativos que estou vendô — observou Mauricio — ha grande fornada para hoje.

— É como vês. E não minguem bôcas que a comam. Senhor nos não falte com estas côdeas.

— E o bolo que não esqueça.

— Eram bons tempos aquelles em que vocês ambos o comiam como se fosse maná! Esquecer! Olh'agora! Não ha de esquecer, não, se Deus quizer, que não falta por ahi gente necessitada, com quem se reparta. Vá, vá, raparigada! não se me ponham agora paradas a olhar para as moscas, que o serviço não espera! Olh'agora! Deita-me o centerô n'aquella massa, pasmada, avia-te! Parece que nunca viram um rapaz! Bem tirado das canelas é elle, salvo seja; mas isso não basta! Olh'agora! Mas que milagre foi este que te trouxe por aqui a estas horas?

— Um passeio...

— Um passeio!.. Hum! ahi anda moiro na costa. Olha lá se me desinquietas coisa que me pertença, que tens de te haver depois commigo... Eu ainda tenho um par de sobrinhas que são moças de mão cheia. Ora olha lá. Quem te dêsse o juizo de Jorge! Aquillo é outro estôfo! É verdade — continuou ella, dando emphase á interrogação com o poisar das mãos nos quadris — dizem-me que elle é quem dirige agora os negocios lá em casa.

— Ha muito tempo já.

— Pois foi bem pensado! Sim, senhores. Porque olha que eu nunca gostei do frade, Deus me perdoe; e

emquanto ao fidalgo, com ser boa pessoa, não serve lá muito para governar casa. E tu que fazes?

— Eu..., eu...

— Passeias; ora pois pudera! Se este senhor havia de fazer outra coisa. Pois não fazes bem, que pelos modos isso lá por casa não está para graças.

— Que é do Clemente, Anna? — inquiriu Mauricio, mudando de conversa.

— O meu Clemente? ó filho, nem eu sei. Se queres que te diga, o rapaz, desde que o metteram na regedoria, não faz outra coisa. Isto é, eu devo dizer o que é verdade; o serviço apparece feito, isso lá apparece; mas a gente nem sabe quando nem como. Mas, agora me lembro, elle pelos modos está hoje para casa do Thomé da Herdade. Chegou-lhe a filha da cidade, sabes? A Bertha, a que brincava com vocês na Casa Mourisca, e que tu dizias que era a tua namorada? garoto foste tu sempre desde criança. Diz que vem uma senhora. Tolices do pae. Olh'agora! Mas o caso é que a rapariga é geitosa e diz que muitas nadas e creadas na cidade dariam uma orelha para apparecerem tão bem como ella. Estou morta por a vêr, mas esta minha vida não é para vagares. Então disse ao meu Clemente: « Vae tu a casa de Thomé, rapaz, e faze-lhe lá os meus cumprimentos. » O caso é que elle foi e... Ó raparigas, então esse pão ainda não está amassado?

E não lhe soffrendo a impaciencia de animo a inacção, aproximou-se da masseira, e afastando as moças que lhe cederam o logar com deferencia, remexeu, com o vigor de seus desenvolvidos musculos, a massa que, sob tão poderoso motor, cêdo adquiriu a consistencia precisa.

Depois amontoou-a, alisou-a, traçou-lhe em cima com a mão uma cruz e murmurou:

S. Vicente te acrescente

S. Mamede te levede.

Cobriu-a com a baeta e depois acrescentou, voltando-se para a sua gente:

— Ora ahi o tem; agora olhem-me por esse forno, que são horas.

E tornando a Mauricio, continuou, como se não tivesse havido interrupção:

— Pois é verdade, elle foi e ainda não veio. Sabes tu que era esta a mulher que ficava a matar para o meu Clemente?

Mauricio estremeceu, como se ouvira uma heresia.

— Quem? Ella? Bertha?

— Sim; então que achas? Pois com quem queres tu que ella case cá na terra? Fidalgos não a querem; os rapazes por ahi são uns labrêgos que Deus nos acuda. O meu Clemente..., não é agora por ser meu filho, mas não se lhe faz favor nenhum confessando que é mais feitoso do que elles. E sobre tudo, depois d'isto da regedoria. Elle falla com o snr. administrador e até com o governador civil, quando vae ao Porto, e a cada passo está a escrever-lhes e a receber cartas d'elles, e é tudo: Deus guarde a v. s.<sup>a</sup> para aqui, Deus guarde a v. exc.<sup>a</sup> para acolá. Ora a filha do Thomé vem costumada a estas coisas lá da cidade e emfim, sendo de costume, já se não gosta de passar sem isso.

Mauricio não podia seguir placidamente as conjecturas da ama, parecia-lhe uma profanação o que ouvia.

— Não, não, Anna. Clemente não é marido que convenha a Bertha. De modo nenhum. Desengana-te.

— E porque não? Ora essa é boa! Quem é então que lhe convem? Olh'agora!

— Bertha tem... teve... ha de ter...

— Tem, teve e ha de ter, o quê?...

— Uma educação... gostos...

— Ora viva! Já fazes a filha do Thomé fidalga de mais para o meu rapaz! Ora quem alli está. Olha que eu sou da criação de Thomé, e conheci-o rapazinho de pé descalço, a guardar o gado... Olh'agora!

— Não duvido, Anna, mas... Bertha já viu a cidade e...

— Toma! E o meu Clemente? Ora deixa-te de historias. Sabes que mais?... Não me andes tu já por ahi

com o olho na pequena, que é o que me parece; olha que não é nenhuma tola como as outras.

— Ó Anna, que ella não é como as outras sei eu. Nunca esta terra soube o que era um anjo assim.

— Olhem, olhem! É o que eu digo. Temol-a travada! Eu logo vi. Ó filho, que não sei a quem me sahes. Eu logo vi. Tu que te espinhavas todo por eu querer a rapariga para o meu Clemente!... Mas, olá, snr. Mauricio, veja o que faz. Lembre-se de quem ella é filha. É um homem serio e que não gosta de quem não o tractar como homem serio... Mas ahi vem o meu Clemente; elle é que me vae dizer da rapariga.

## XII

Clemente, o filho unico da vigorosa matrona que tão desenganadamente fallava a Mauricio, era um sincero rapaz aldeão, de espirito pouco desenvolvido, mas de excellentes indole.

Tinha uma physionomia vulgar, d'estas que fogem da memoria, porque nem as fixa uma vislumbre de intelligencia que accentue alguma feição predominante d'ellas, nem o cunho de estupidez, que as assemelha a caricaturas.

Só na bôca e nos olhos é que havia um geito revelador da natural bondade d'aquelle character; o mais nada exprimia.

Clemente acatára com certo desvanecimento o cargo de regedor, e exercia-o com a imparcial inteireza que deve ter o magistrado.

Não obstante o genio brando, de que era dotado, ou-sava arcar, no desempenho de seus deveres, com os privilegiados da terra, que ainda não haviam perdido de todo os habitos de sobranceria e de desprezo ás leis, adquiridos por seus ascendentes nos tempos das regalias feudaes.

Clemente era supersticiosamente acatador do codigto administrativo, e este fervor de funcionario dava-lhe coragem para a lucta, aliás muito contraria á sua indole pacifica e consiliadora.

Por vezes soffrea pelo seu muito amor de justiça. Julgou elle, com sympathica ingenuidade, que os superiores o conceitariam tanto melhor, quanto mais ena-



cto e imparcial elle fosse no cumprimento dos seus deveres; com funda e amarga dôr de coração viu pois, que tendo arrostado com as sanhas de alguns fidalgos, cujas illegaes franquias procurára fazer cessar, o administrador, que sabia theorisar muito melhor do que elle sob o thema de emancipação do povo, dos direitos do homem e da igualdade perante a lei, mas que tambem sabia quebrar na pratica as quinas e os angulos agudos ás suas theorias, tomava o partido dos fidalgos, e censurava asperamente em officios o procedimento do regedor.

Estas injustiças sociaes principiavam já a inocular no animo leal e sincero de Clemente o scepticismo a respeito dos homens e a preparal-o talvez para vir a ser uma authoridade menos intractavel e de mais condescendente consciencia; e por consequencia mais ao agrado dos homens, não sei se diga praticos ou corruptos, que clamam cõtra a absoluta inflexibilidade dos principios.

Achava-se o bom Clemente n'aquella desconsoladora phase de transição, em que o funcionario novel principia a sentir que o deixa o ideal que concebêra da sua entidade civil, e que vae descendo pelo escortegadio pendor das condescendencias mundanas para o nivel, onde redemoinham as turbas, que ao principio fitára sobranceiro, de toda a altura da sua dignidade moral.

Triste época de desillusão e de desencantamento essal

Clemente votava sincera affeição aos rapazes da Casa Mourisca, e sobre tudo a Jorge, a quem cedêra o seio de sua mãe.

Jorge nunca lhe dava motivo de collisão entre os seus deveres de regedor e os impulsos do seu coração.

Já não assim Mauricio, que não era de todo innocente de certas infracções de lei e de desprezo pelo código administrativo, com que não poucos somnos tinha afugentado ao honrado rapaz.

Clemente desculpava Mauricio, dizendo que eram as más companhias que o levavam áquillo, mas promettia não ceder a considerações, se o encontrasse em flagrante.

Fosse porém acaso, fosse quasi insciente proposito de amizade em não querer vêr, é certo que nunca tal contingencia se deu. Apenas por vagas denuncias lhe

constava ter Mauricio uma ou outra vez quebrado o defezo da caça, tomado parte em alguma rixa nocturna, quasi sempre em companhia de seus primos, os fidalgos do Cruzeiro.

Estes sim, estes eram os mais rebellões d'aquelles arredores. Com elles era que as mais das vezes tinham logar serios conflictos, em que os cabos de Clemente nem sempre era tractados com o respeito que para elles a farda pedia.

Os fidalgos do Cruzeiro viviam ainda á moda antiga, como senhores feudaes da terra, desconhecendo direitos de propriedade, e calcando aos pés dos seus cavallos todos os codigos, com que tentassem conter-lhes os impetos nobiliarios.

Eram tres estes nobres senhores.

Um morgado e... morgado ás direitas; outro doutor... por ter andado dez annos em Coimbra para deixar incompleto um curso de cinco; o terceiro abbade, escorraçado pelo povo de uma freguezia que fôra mandado parochiar; ligavam-se todos tres, em temivel triumvirato, para invadirem as propriedades, esgotarem as tavernas, insultarem as mulheres e espancarem os homens d'aquelles sitios.

O povo ou por habito legado de submissão os deixava á vontade, contentando-se com praguejal-os pela calada, desforço dos opprimidos em todas as épocas da historia da humanidade, ou exasperado e descrendo da efficacia da lei, reccorria á defeza propria, e procurava manter em respeito esses turbulentos vadios, que mais de uma vez sahiram mal feridos da refrega.

Jorge afastára-se cada vez mais da companhia dos primos, cujos asselvajados habitos lhe repugnavam; Mauricio frequentava-os ainda e era de facto a companhia d'elles, que ás vezes o impellia a passos reprehensiveis.

Clemente vinha agitado quando entrou em casa aquella manhã. Era evidente que o regedor se tinha encontrado em uma das collisões, a que a vida publica o sujeitava.

A mãe, logo que lhe lançou os olhos ao rosto contrahido e levemente purpureado, conheceu que tinha havido novidade e interpellou-o:

— Que tiveste tu lá por fóra, Clemente? Essa cara não é de quem vem satisfeito com a sua vida.

— Deixe-me, minha mãe, deixe-me — rompeu o irritado rapaz. — Com'assim enquanto não largar esta coisa da regedoria, não tenho um momento de secego.

— Então que foi?

— Que foi? Que havia de ser? O que foi hontem e que ha de ser amanhã, e que ha de ser sempre, enquanto... Enquanto se não fechar os olhos e se der para baixo, seja em quem fôr. Parece impossivel que gente de educação, gente que devia ter vergonha, e ser a primeira a mostrar o exemplo, seja a que anda por ahi dando escandalo, sem fazer caso da authority, nem da lei, nem de coisa alguma! E um padre então! e um doutor!...

— Pelo que vejo temos os do Cruzeiro fazendo das suas?

— Pois quem senão elles? Essa sucia de libertinos, de...

— Olha que está ahi um primo d'elles, Clemente — admoestou a mãe, sorrindo.

Clemente reparou pela primeira vez em Mauricio.

— Ah! desculpe, snr. Mauricio, que ainda agora o vejo. Mas isto é assim. Aquelles senhores cuidam... Eu sei lá o que elles cuidam? Cuidam talvez que isto hoje é como d'antes, e que elles hão fazer a sua vontade...

— Mas a final de que se tracta? — inquiriu Mauricio.

— D'esta vez deram-lhe para metter em casa um refractario do serviço militar, contra quem ha um mandado de captura, e com o maior descaramento o declararam por ahi. Temos outra como quando esconderam em casa o assassino do reitor de Fieiras, e lhe deram escapula para o Brazil. Mas eu não quero saber, a lei lá está que diz bem claro o que deve fazer-se, e o snr. administrador não é para graças.

— Fia-te n'elle! Olh'agora! — atalhou a mãe — É fresco! Vendo-te mettido em talas, só se não puder deitar a mão á caravelha para te atenazar inda mais. Não te lembrás do que elle fez quando foi da prisão do morgado dos Codeços, por causa das pancadas na feira? Ora

bem me fio eu n'elle! Todo collaço com o Lourenço do Cruzeiro, e companheiro de sucias d'elles todos. Sabes que mais, meu filho? deixa-os lá e não te consumas com isso. Olh'agora!

Estas eram as maximas que o scepticismo inspirava já a Anna do Vêdor.

Clemente encolheu os hombros.

— Ou hei de ser regedor, ou não hei de ser. Por isso é que eu digo que vou pedir a demissão. Para injustiças é que eu não sirvo. Não quero que se diga que quando um pobre homem faz alguma coisa já tudo são pressas para o prender e castigar, e lá porque uns senhores... Senhores? Melhor tratassem de pagar o que devem a meio mundo, e não andassem por ahi a fazer o que fazem.

— Vamos, Clemente, perdoa-lhes as rapaziadas, por que a final elles são teus amigos — interveio Mauricio.

— Amigos elles?! Muito agradecido; mas nem acredito na tal amizade, nem tambem a desejo; isto é para dizer o que é verdade.

Interromperam-n'o n'este ponto duas vigorosas vozes masculinas, que bradavam da rua: <

— Mauricio! Ó Mauricio! que diabo fazes tu ahi dentro, com o cavallo prêso á porta? Eh!

— Tu tambem pões mão na fornada?

— Parece-me mais certo que ponha mão nas forneiras.

A ti'Anna foi a primeira que tomou a palavra:

— Fallae no ruim... São os do Cruzeiro.

E chegando ao limiar da porta, exclamou com os seus modos desempenados:

— Que é lá, que é, meus fidalguinhos? Que temos nós que dizer das forneiras? Em minha casa não ha monte para caçadas de galgos, como vocemecês. Entendem? Deixem socegado o Mauricio, que já não pouco mal lhe teem feito com os seus conselhos e companhia.

Mauricio appareceu aos primos, rindo do sermão da ama.

Clemente permanecia carrancudo no fundo da cozinha.

Os primos do Cruzeiro, o doutor e o abbade, ves-

tiam á maneira do campo, de jaqueta de alamares, faixa vermelha á cinta, chapéo de abas largas, de espingarda ao hombro, cães em redor, e as victimas das suas façanhas venatorias pendentes ao tiracolo, como tropheus de combate.

O padre respondeu á Anna do Vêdor:

— Ó mulher, guarde lá a sua lingua que não nos tira a sêde que trazemos, e dê-nos antes uma pinga do verde, porque o nosso pichel vae vazio de todo.

E com a maior sem-cerimonia entraram para o pateo, poisando as espingardas e os apparatus de caça.

O doutor sentou-se nos degraus da porta da cozinha, o padre na pilha de lenha que havia no quinteiro.

A Anna do Vêdor, com as mãos na cinta, observava-os e proseguiu na objurgatoria:

— Com que então o snr. abbade, e o snr. doutor, e o snr. seu mano entendem que as leis d'estes reinos não foram feitas para vocemecês?

— A que vem agora essa cantilena, ó mulher? Dê-nos vinho — insistiu o padre.

— A que vem? — tornou a ti'Anna — ahi está o meu Clemente que melhor o pôde dizer.

Os dois voltaram-se e viram Clemente que, pela sua vez, appareceu á porta.

— Ah! ah! O snr. regedor!

— Pelos modos o homem está zangado commosco por lhe escondermos o filho do soqueiro, queres tu vêr?

Mauricio tomou o partido de Clemente.

— Bem sabem que é da responsabilidade d'elle.

— Ora deixa-te de contos — atalhou o doutor.

— O peor é que, vistos os autos, não temos vinho — fez notar o padre.

— Está enganado, snr. abbade — veio-lhe á mão Clemente — fosse um criminoso que me pedisse de comer e de beber, quando passasse á minha porta, eu, com ser regedor, não lh'o recusaria. O que a minha casa não ha de ser, isso não, é escondrijo de ladrões, de malvados e de refractarios, nem sei que grande gloria venha d'ahi a quem tanto mal faz á sociedade, não deixando que se cumpram as leis. O vinho ahi está.

Effectivamente appareceram dois rapazes, empunhando cada qual uma caneca a trasbordar de purissimo vinho verde, que os dois caçadores esvaziaram de um fôlego.

— Ah! — disse o doutor, no fim da libação — Não te arrenegues, Clemente, que não és mau rapaz a final. Estás muito soberbo com a tua regedoria, mas isso ha de passar-te. Ora agora fica sabendo que na quinta do Cruzeiro, desde tempos immemoriaes, encontra asylo quem ahi se acolher.

— Mas o senhor sabe que a lei pune a quem der escondrijo a um refractario. Parece-me que um doutor não pôde deixar de saber estas coisas.

— A lei diz muita coisa, que todos nós sabemos; mas deixa lá a lei, que está quieta.

— Mas se o snr. administrador ordenar uma busca na casa...

— Que veja se se mette n'isso — acudiu o abbade, sorrindo ameaçadoramente.

— Tem direito para o fazer — questionou Clemente.

— Pois que se contente com o direito.

Clemente ia-se irritando.

— Mas é preciso pôr còbro a isto, meu senhores. Não se pôde soffrer que em tempos de leis e de authoridades, haja uma casa onde nem lei, nem authoridade entram.

— Pois tenta, ó Clemente; quando te sentires de pachorra, manda-nos lá o exercito dos teus cabos e commanda o assalto. Ah! ah! ah! Havia de ter graça!

— Pelos modos por que vejo irem as coisas, não direi que se não chegue um dia a isso.

— Hei de gostar de vêr.

— Pois eu não. Os meu desejos eram que todos vissem em paz e socego. E o que me custa é que partam os maus exemplos d'onde deviam vir os bons.

— Ora sabes que mais, Clemente? — ponderou o padre. — Dou-te de conselho que não puxes de mais pelo fiado. O mundo é assim em toda a parte, rapaz; e é preciso fazer a vista grossa para certas coisas. As leis são boas, mas não ha remedio senão soffrer de quando em

quando que as não cumpra, quem está no caso de ter vontade.

— Mas a vontade tira-se, se as authoridades forem o que devem ser.

— Viva, snr. regedor!

— Digo isto, snr. abbade, e...

— Um seu criado, snr. regedor!

— E um dia...

— Às suas ordens, snr. regedor.

— Snr. regedor, sim! e honro-me d'isso muito. E emquanto fôr regedor, hão de me respeitar como tal. Já disse. O seu tempo já lá vae, snr. abbade, e hoje a justiça quando tem de entrar em uma casa, não repara no braço que está á porta... ou não deve reparar. Ninguem tem direito de não respeitar a lei, e eu prometto-lhes, que já que assim o querem...

— Bem, bem — acudiu Mauricio, que recebeu que a scena se tornasse mais azeda — não prosigamos n'esta contenda. Venham vocês d'ahi, que temos que conversar. Clemente, socega, que tudo se ha de arranjar. Adeus, Anna.

— Vamos lá, vamos lá — concordaram os dois primos, empunhando outra vez as espingardas — deixemos o snr. regedor que está hoje muito zangado.

E ao atravessarem o quinteiro o doutor e o abbade abraçaram, cada um por sua vez, uma das moças de Anna do Védor, que voltava da fonte com o cantaro de agua.

— Olá, olá, fidalguinhos! — bradou da porta da cozinha a patroa — já disse que isto aqui não é terras do Cruzeiro. Olhem se querem que eu os enxote como a rapozas do gallinheiro?

E quando a criada chegou ao pé d'ella, disse-lhes com aspereza:

— Tu não sabias chimpá-lhes o cantaro pela cabeça abaixo, minha maluca? Sempre vocês não sei para que querem a esperteza.

Os rapazes retiraram-se rindo.

Anna voltou a ouvir e a mitigar as queixas do filho.

### XIII

Mauricio mandou para casa o cavallo, no proposito de seguir os primos a pé. Estes enviaram tambem para o Cruzeiro os cães, as espingardas e os mais petrechos de caça.

Os dois manos riram por muito tempo da prosapia do regedor e não se deram por satisfeitos, senão depois de terem conseguido fazer tambem rir Mauricio que, ao principio, tentou admoestal-os.

— Deixemos o assumpto — disse a final o padre — que destino levas?

— Nenhum.

— N'esse caso vem por nossa casa, que não te has de arrepender.

— Que ha lá?

— Vem e saberás.

— O José recebeu hontem do Douro uns cascos promettedores — explicou o doutor.

— Adeus, adeus; ahí estás tu a desfazer a surpresa. Deixa-o vir.

— Vou — respondeu Mauricio — mas havemos de seguir o caminho que eu disser.

— Mas por onde diabo queres tu ir?

— Temos empreitada?

— Tambem vos prometto que se não arrependerão — insistiu Mauricio.

— Ó rapaz, se são olhos pretos e cabellos fartos, dize, e vamos lá vêr isso — alvitrou o padre.



— Olhos, cabellos, dentes, gesto, riso, figura, tudo uma perfeição — ampliou Mauricio.

— Onde desenterraste essa maravilha?

— Chegou aqui ha poucos dias.

— Não ponhas mais na carta.

— Já sei — interveio o doutor — fallaram-me n'ella. É a filha do Thomé da Herdade.

— Exactamente.

— E então ella sempre é essas coisas?

— Só te digo que eu ando cada vez mais doido por a rapariga. Isto cá dentro está em imminente perigo de explosão. Que admira, se nunca até hoje vi uma belleza assim?

— Estás bem bom. Ó rapaz, o mais que posso fazer é casar-vos. *Conjuncto vós* — disse o padre, cantarolando.

— Em uma palavra, para vocês imaginarem o estado d'isto, basta que vos diga, que me custou a conter a indignação quando ouvi ha pouco a Anna do Vêdor dizer-me que a Bertha era um bom casamento para o filho.

— Ai, para o snr. regedor!

— É verdade.

— Então s. exc.<sup>a</sup> tenciona tomar estado?

— E vamos lá a saber — informou-se o doutor — a rapariga é arisca ou accessivel?

— Por ora parece-me desconfiada apenas, mas...

— Como disseste que se chama? Bertha?

— Sim.

O padre cantarolou:

Bertha, Bertha, meus amores,  
Bertha do meu coração.  
És a rainha das flores,  
Trai lari lari larão.

E, cantando, trepava o muro de um pomar para colher laranjas que de lá o estavam seduzindo.

— Deixa lá as laranjas; anda d'ahi — dizia o mano doutor, que seguia á frente do rancho.

— A casa do cidadão é inviolavel — acrescentou Mauricio.

— Sim, senhor — tornou o padre, já a cavallo no

muro—mas se me faz favor, nem isto é casa, nem um homem que móra na aldeia é cidadão.

E sahiu outra vez do muro com a sua colheita, e pôz-se a caminho, comendo as laranjas que roubára.

— Então dá cá uma—disse o doutor, voltando-se para traz.

— Ah! ah! já cubiças?

E o padre arremessou duas laranjas, que o manodestramente aparou nas mãos.

A companhia foi seguindo pelos accidentados caminhos da aldeia, cantando, saltando, pondo em confusão as lavadeiras moças que ensaboavam nas prêsas, abraçando á força na estrada as raparigas que, vergadas sob mólhos de herva ou de milho cortado, mal lhes podiam fugir; visitando todas as tavernas, fazendo correrias a gallinhas, porcos ou vaccas se se lhes deparavam na passagem, calcando campos e escalando muros com o desassombro de senhores.

Mauricio imitava-os meio constringido, mas imitava-os. Se ás vezes os seus melhores instinctos ou a influencia do tracto com Jorge o faziam conter, a reflexão maliciosa de qualquer dos primos, que ironicamente lhe celebrava a candura, impellia-o a vencer a primeira hesitação, e a final dava o passo que lhe repugnára.

Mauricio possuia um d'estes caracteres faceis de dominar; moveis, que cedem ao bem e ao mal e que tanto habilitam o homem a realisar heroicos feitos, como a perder-se. Tudo está na influencia que os rege.

Se teem faculdades para apreciar o gozo, que de uma acção grande e generosa resulta; se são capazes de a conceber e dão estimulos para a executar; tambem as seducções do vicio os enlevam, tambem a vertigem do abysmo os attrahe, e aproximam-se fascinados do precipicio, sem que a razão acorde para os suspender no progresso fatal.

Caracteres assim são instrumento poderoso do bem ou do mal, conforme a mão que d'elles usa, e a intenção que os dirige. São os que sentem a influencia das boas ou más companhias.

Dentro em pouco chegavam os tres rapazes á Herdade.

— Então a rapariga?— perguntou o padre, examinando as janellas vazias.

— Nem sempre apparece á janella— informou Mauricio.

— E de que meio te serves para chamal-a? tosses, cantas, assobias?— perguntou o doutor. — Qual é o teu systema?

— Eu não tenho systema.

— Então para que nos trouxe por aqui este innocente, não me dirão?

— Tu não tens entrada em casa?

— Meu pae não gosta que nós visitemos o Thomé.

— Ah! lá se o papá ralha...

— Este Mauricio tem coisas!

— Isto é mesmo uma menina innocente!

— Aqui não ha malicia alguma!

Estas observações dos manos estavam causando a Mauricio vergonha da sua propria candura. ◡

— E então d'aqui?— interpellou o doutor.

— Então... — titubeou Mauricio.

— Segue-se dar meia volta á direita, e retirarmo-nos com caras de asnos, não é assim?

— Façam vocês o que quiserem — exclamou o padre — eu por mim, já que aqui estou, não me retiro sem vêr a pequena.

— Mas como? — interrogou Mauricio.

— Eu te digo já. A coisa é simples.

E dizendo, dirigiu-se a uma pequena porta que havia no muro da quinta e, sem a menor hesitação, impelliu-a com força e ella cedeu sem grande resistencia. O padre entrou primeiro, seguiu-o o mano doutor, e Mauricio, ainda que mais a medo, imitou-os.

Os do Cruzeiro caminhavam com a sem-ceremonia, que caracterisava todos os seus actos n'aquella terra, assobiando, cortando flores e fructas, e encurtando caminho por cima dos campos semeados.

De repente o padre, que ia adiante, parou, e voltando-se, disse em tom mais baixo:

— E ainda dirão que não sou bom caçador?

E, afastando-se para o lado, deixou-os vêr o objecto

que elle designava, apontando para a extremidade da rua em que iam entrar.

Era Bertha.

A filha de Thomé da Povia acabára de ajudar a pôr á cabeça de uma rapariguita aldeã o ultimo feixe de cannas de milho que os segadores haviam deixado no campo e ficára-a seguindo com a vista, tão attenta que nem deu pelos recém-chegados.

—Vejam que figura de fada—murmurou Mauricio para os primos.—É a Ruth da escriptura.

—Sim, a figura temos visto, agora quero vê-lhe a cara—disse o padre; e acompanhado pelo mano bacharel, dirigiu-se para Bertha.

Mauricio, surpreendido por este passo, que não esperára, seguiu-os para conter-lhes a brutal galanteria.

Bertha, ouvindo passos, voltou-se, e ao reconhecer os tres rapazes, não reprimiu um movimento de assustada surpresa, o qual porém se desvaneceu, reparando que Mauricio era um d'elles.

Todos se descobriram, cortejando Bertha.

O padre, fitando impertinentemente os olhos n'ella, principiou:

—Minha senhora, não repare n'esta invasão de territorio. Mas quem teve a culpa foi aqui o primo Mauricio. Fallou-nos com tal enthusiasmo da gentil filha do nosso velho amigo Thomé, que nós tomamos a resolução de vir admirar-a e cumprimentar-a. E aqui estamos.

Bertha córou intensamente perante a grosseira semceremonia do padre, e dirigiu a Mauricio um olhar, em que se fazia uma interrogação e se formulava uma censura.

Mauricio respondeu a este olhar, dizendo em tom de irritado:

—Desculpe, minha senhora, as maneiras pouco delicadas de meu primo. É um javali silvestre que não sabe amaciar as sêdas.

O mano bacharel soltou uma gargalhada, quasi tão grosseira como a apresentação do padre, e apimentou-a com a expressão de igual delicadeza:

—Ora toma! apra lá esse peão á unha! Ah! ah! ah!

O padre olhou espinhado para Mauricio, e redarguiu:

— Ora não querem vêr este senhor de salão, que se offende com as minhas sem-ceremonias! Javali! Tem graça! Quem o ouvir, ha de suppô-lo um cãesinho de regaço. Meu lindo priminho, esta menina não é nenhuma tola e sabe o que é o mundo; e escusas, para lhe agradecer, de te apresentares como um galã-choramigas. Ora é boa!

— Adeus, adeus, padre Lourenço, isso previa eu!

— Previas o quê? Então eu offendi alguém?

— De offender a ser menos delicado vae alguma distancia, mas...

— Dize tu que o que eu não sou é impostor e hypocrita, apesar de me terem feito padre. Eu disse o que era verdade. Nós, se estamos aqui, é por tua causa. Não é assim, Chico?

O mano Chico affirmou.

Bertha assistia a toda esta scena com visivel desgosto, mas sem interrompê-la com uma palavra.

— Bertha, affirmo-lhe...— ia a dizer Mauricio para justificar-se da tacita arguição, que lia no olhar d'ella.

— Com licença — cortou-lhe o padre a palavra — se sou grosseiro e javali, hei de sê-lo até o fim. A coisa passou-se d'esta maneira. O Chico que o diga. Aqui o primo Mauricio parece que está perdido por a menina, e por tal modo nos fallou de si, tanto nos matou o bicho do ouvido para que lhe passassemos por a porta, que nós viemos. E como não estava á janella, nem elle tinha ainda combinado signal para a fazer apparecer, eu, para não perder o tempo e as passadas, abri brecha no reducto e entramos. Ora aqui está. Se isto é offensa...

Bertha respondeu, já serenamente:

— Creio que não é, porque não pôde de certo haver intenção de offender-me, em quem entra em minha casa na companhia do snr. Mauricio. Elle bem se lembra de que eu fui em pequena a companheira de sua irmã Beatriz, de que sou a afilhada de seu pae, e n'aquella casa, a que elle pertence, julgo que ainda ha, como d'antes, muito respeito por este laços de familia e de amizade...

— Ha, Bertha, ha e tão sancto como em outros tem-

pos. E ha mais, ha a firme resolução de os fazer respeitar aos outros, como lá se respeitam.

— Abranda-te, leão! Não estou disposto a luctar contigo, apesar d'esses olhares ferozes. Esta menina far-me-ha mais justiça, reconhecendo que eu não a offendi...

— Não fallemos mais n'isso — acudiu Bertha friamente.

— Mas é um caso de consciencia — insistiu o abbade.

— Então ninguém tão habilitado para o decidir como um sacerdote — tornou-lhe Bertha, com desdem.

Gargalhada do mano bacharel.

— Chucha! Ora mette-te com ella, anda.

— Em coisas do coração — redarguiu o padre galanteadoramente — são melhores juizes do que os sacerdotes, as *madamas*.

Bertha contrahiui a fronte com desgosto e respondeu-lhe com maior severidade:

— Quando ellas teem um pae, podem elles tambem ser juizes. E o meu ahi vem.

Effectivamente chegava Thomé da Pova.

O honrado fazendeiro, que tinha a sua opinião formada a respeito dos fidalgos do Cruzeiro, franziu o sobrolho, assim que os avistou com a filha.

Nem a presença de Mauricio bastou para tranquilisal-o.

Thomé conhecia de pequenos os rapazes da Casa Mourisca e sabia até que ponto se podia contar com o que em Mauricio havia de bom, e receiar do que n'elle havia de mau.

Depois a physionomia de Bertha denunciava que a conversação dos fidalgos não tinha sido demasiadamente apositada.

Nem convinha á boa fama de uma casa, em que houvesse raparigas, a assiduidade de qualquer dos tres manos do Cruzeiro.

Tudo isto actuava no espirito de Thomé durante os instantes que precederam a sua introducção na scena.

— Olá! v. exc.<sup>as</sup> por aqui! Grande honra! grande honra!

— É verdade, Thomé — começou o padre a dizer —

entramos, como rapazes de escola, sem pedir licença ao dono da casa; mas confiamos que não se nos leve a mal...

— Ora essa! Levar a mal porquê? V. exc.<sup>as</sup> quizeram talvez vêr por seus próprios olhos como esta abençoada terra, que d'antes se definhava nas mãos de um fidalgo, medra agora nas mãos de um lavrador?

— Justamente. E depois tivemos a felicidade de encontrar a menina Bertha, que é a maravilha d'estes sitios.

— Ah! — disse Thomé, com um meio sorriso, e voltando-se para a filha, que instinctivamente se aproximou d'elle:

— É verdade. Agora me lembra! Olha que tua mãe recebeu já aquellas meiadadas. Se queres ir vê-las.

— Vou, vou já — respondeu Bertha.

E cortejando levemente os tres rapazes, afastou-se d'alli.

— Até outra vez, Bertha — disse Mauricio, com voz affectuosa.

— Snr. Mauricio — correspondeu-lhe Bertha, e desapareceu por uma rua da quinta.

E pensava comsigo mesma:

— Agora... agora... já não sinto inêdo d'elle... nem de mim.

— Na verdade, Thomé, a sua casa está um perfeito paraizo e nem os anjos lhe faltam — disse o mano bacharel, depois que Bertha se retirou.

— O que eu posso afirmar — insinuou o abbade — é que não faltarão tambem em volta d'estes muros enxames de namorados. Que te parece, Mauricio?

— Bertha é digna de todos os respeitoos — murmurou Mauricio, confuso.

— Bem, bem, quem diz menos d'isso? mas...

Thomé interrompeu o padre.

— Eu lhes digo, meus senhores, Bertha é filha de uma familia, em que todos trabalham, e pouco tempo pôde ter para apparecer a namorados. Quando algum homem de bem se me affeioar á filha, não serei eu que lh'a recuse, se o coração d'ella estiver para esse lado; pois para freira a não quero. Enquanto aos enfeitados,

que andam por ahí a zunir aos ouvidos das raparigas e a fazel-as doidas, Bertha sabe bem o que elles valem... mas, se por acaso a importunarem muito... eu sei como se dá cabo de um vespeiro.

E fallando Thomé da Povia não ficára immovel, mas pozera-se naturalmente em caminho da porta, e os tres seguiam-n'o, sem fazer observação alguma.

Só quando o viram parar no portão é que perceberam que o lavrador como que tacitamente os convidava para sahirem.

O padre não pôde deixar sem uma reflexão este procedimento.

— Agradecemos, Thomé, o incommodo que teve a ensinar-nos o caminho da porta para sahirmos.

— Os lavradores da nossa terra teem estes excessos de hospitalidade — secundou o doutor.

Thomé córou e respondeu com certa confusão:

— A minha cabeça!... Desculpem. Isto em mim foi distracção. Quando a gente não está bem em si, faz, sem reparar, coizas que muitas vezes lhe podem estar na vontade, mas que por delicadeza não faria, se pensasse melhor. Queiram desculpar.

— Está desculpado. Nós tambem não tinhamos mais que fazer aqui. O fim da nossa visita estava preenchido.

— Sim, tambem me quiz parecer isso.

— Adeus, Thomé — bradou o doutor — Deixamol-o entregue á sua vida patriarchal.

— E está um verdadeiro patriarcha, este bonacheirão do Thomé — disse o padre, batendo familiarmente no hombro do lavrador.

— Bonacheirão? — repetiu Thomé, encolhendo os hombros e com um meio sorriso — Isso é conforme. Ás vezes... Ahí está que, sendo eu amigo do mestre-escóla, como sou e ha tantos annos, estive ha mezes para o esmagar. E sabem porquê? Porque passava eu por a escóla e ouvi chorar uma criança, e pareceu-me que era o meu pequeno; não me socegou o coração sem que me affirmasse se era elle ou não. Entrei e vi o desalmado do Zé Domingues que m'o desancava sem dó nem piedade. Escureceu-se-me a vista, entrei furioso por alli



dentro, e por um triz que não deixava o homem a pernear.

Os rapazes estavam já fóra da porta quando Thomé acabou de contar o caso, e acrescentou:

— Não que se tractava de meu filho, e isto de amor de pae e de mãe... É como nos animaes. Sabem aquella vacca malhada que eu tenho? Um borrego, com que uma criança brinca; pois haviam de vê-la uma vez em que lhe tiraram a cria! Estava furiosa e arremettia como um toiro bravo. É preciso cuidado com isto de paes e de mães!—concluiu o fazendeiro, em tom sentencioso e emphatico.

E dando as boas tardes aos tres rapazes, fechou a porta, murmurando:

— O padre ainda não aprendeu com a corrida que levou da abbadia. E este Mauricio a acompanhar com elles! Valha-o Deus!

— Então que vos parece o snr. Thomé?—perguntou o bacharel cá fóra.

— Não está mau com a historia da vacca—disse o abbate, rindo.

Mauricio conservou-se silencioso.

— Tu a modo que vaes assim embaçado, ó Mauricio?—observou o bacharel.

— Estou arrependido de vos ter trazido commigo aqui—confessou Mauricio.

— Ora não sejas parvo! querias talvez que fizesse-mos muito gasto de excellencias com a filha do Thomé da Povoa?

— É uma rapariga de educação, e o pae...—ia a dizer Mauricio.

— E o pae—atalhou o padre—anda-me chiando muito alto, mas bom será que tenha mais cuidadinho comsigo.

— As ultimas palavras d'elle cheiraram-me a uma ameaça—observou o doutor.

— Eu nem dei por isso—respondeu o mano.

E os tres retiraram-se de mau humor.

## XIV

Jorge, que ultimamente era menos assiduo em Casa de Thomé, sem que este pudesse atinar com a razão do facto, recebeu, na tarde d'aquelle mesmo dia, um bilhete do fazendeiro, pedindo-lhe que o procurasse na Herdade ás horas do costume. Jorge não faltou.

Thomé da Povia recebeu-o com modos menos deseniados do que os que lhe eram habituaes, e com ares de mysteriosa preocupação conduziu-o a um gabinete mais retirado da casa, serrando a porta depois que entraram, com excepcional cuidado.

Jorge seguia-lhe com estranheza os movimentos.

Thomé, com um gesto denunciador do esforço que n'aquelle movimento fazia sobre si proprio, entrou no assumpto com visivel repugnancia:

— Snr. Jorge — principiou elle — sei que é meu amigo, e que tem o juizo e a prudencia de um homem feito, apesar de novo como é; por isso vou fallar-lhe com a franqueza de um homem de bem e de um amigo.

— Nem o Thomé sabe conversar de outra maneira.

Diga.

— Pois bem. A coisa é esta... Eu antes queria não fallar n'isto, mas... emfim... se o negocio ha de ir a mais... e succeder por ahi alguma desgraça... emfim... a tempo é que é evitar o mal; quanto ao depois...

— Mas de que se tracta?

— Snr. Jorge. É um pae que lhe falla. Tenho uma filha e emfim preciso de vigiar por ella, emquanto não tem marido que a zele e proteja... não é verdade?

Jorge não pôde ouvir sem se perturbar estas palavras e, interiormente inquieto, sem bem saber porque, murmurou:

— De certo, mas...

— Ora bem. O snr. Jorge é rapaz sisudo e pacato, mas emfim sempre ha de saber o que são dezoito, dezenove ou vinte annos, hein? Pode-se ter o juizo muito claro, vêr as coisas como ellas são, mas... isto de sangue novo... parece que ferve e depois é como uma doença, e como uma febre, a cabeça desarranja-se e não ha conselhos que a concertem. Pois não é assim?

Jorge córou ouvindo estas considerações de Thomé, que lhe pareciam dirigidas, olhou para elle com desconfiança e respondeu confusamente:

— Talvez seja; porém...

— Ora então segue-se que o melhor é livrar-se a gente de trabalhos e fugir das occasiões, para que depois se não diga: « Ai, porque se eu soubesse; ai, porque o que eu devia ter feito era... » Entende-me?

— Entendo, Thomé, mas, a final a que quer chegar?

— interrogou Jorge, cada vez mais sobresaltado.

— Ora eu lhe digo. A minha Bertha é uma rapariga de juizo.

A confusão de Jorge redobrou. O rosto tingiu-se-lhe de rubor, em que Thomé não reparou.

— É— proseguiu o fazendeiro— tenho a certeza d'isso, mas é rapariga, e emfim teve uma educação bem bonitinha; e Deus me perdoe se fiz mal em lh'a dar; ora eu, com quanto seja um rustico, sei o valor que teem certas coisas, e que quem se costumar a ellas com ellas sonha. Isso é que é verdade! E nem eu me admirava de que a pequena tivesse sua inclinação para rapazes da cidade. Era natural, já digo. Mas aqui não veem elles, os da terra são assim meios... meios... emfim rapazes de lavoura, como eu fui; muito bons para raparigas como era a minha Luiza. Ora agora o que por ahi ha, são, e perdoe-me dizer-lhe isto, uns fidalguinhos que não teem que fazer, e que passam o seu tempo a inquietar as raparigas da terra. D'esses é que eu tenho medo! E se quer que lhe falle a verdade, cá em rela-

ção á minha pequena, ha um sobre todos de que eu muito me receio.

— Quem é? — perguntou Jorge, ainda não senhor de si.

Thomé hesitou por algum tempo, mas a final, como tomando uma resolução, respondeu:

— É seu irmão Mauricio.

— Mauricio! — repetiu Jorge, contrahindo a fronte.

— Pois acaso tem elle dado já motivos para suspeitar?...

— Poucos; isto em mim é mais mêdo do que outra coisa. Hoje porém já me não agradou o que elle fez.

E Thomé narrou a Jorge a scena da manhã, acrescentando:

— Ora dos do Cruzeiro não tenho eu mêdo. Bertha conhece-os e é o que basta para ficar livre de perigo; mas com o snr. Mauricio já não é assim. Apesar das suas doidices, não se pôde deixar de se gostar do rapaz, porque o fundo é bom e generoso, e depois... conhecem-se ha muito... e elle é estouvado e um rapaz bonito... e ella... ella tem dezoito annos... Emfim, snr. Jorge, isto anda-me cá a pezar, e por isso pedia-lhe que visse se obrigava seu irmão a deixar-me em paz a rapariga, porque nada de bom pôde resultar d'aqui.

Jorge sentia apertar-se-lhe o coração ao ouvir aquella confidencia. Era pois certo que Bertha amava já Mauricio!

— Thomé — respondeu elle, sem trahir a sua agitação — soeegue. Eu fallarei a Mauricio. Não creio que elle fizesse com intenção o que me diz; mas em todo o caso concordo em que é preciso evitar a tempo peores occorrencias. Faço justiça a Bertha; mas quero que meu irmão seja o primeiro a respeitá-la. Eu lhe fallarei, creia.

— Muito bem — respondeu Thomé, apertando-lhe a mão. — Eu estava certo de que me daria essa mesma resposta.

Jorge acrescentou:

— Demais, Mauricio pouco se demorará aqui. Espero que em breve parta para Lisboa.

— Bom será. Talento tem elle para o poder apro-

veitar na vida, e aqui o que ha de elle fazer? Depois a companhia d'aquelles primos!...

Jorge separou-se de Thomé, sem que se occupasse n'aquella noite do assumpto habitual das suas conferencias.

Ao sahir, mais cêdo do que o costume, atravessou uma sala aonde Bertha costurava á luz de um candieiro.

Ao vê-lo passar, Bertha estendeu-lhe familiarmente a mão, dizendo com um sorriso affectuoso:

—Retira-se muito cêdo hoje; durou pouco a lição.

— Às vezes é quando mais se aprende — respondeu-lhe Jorge, com mal disfarçada ironia.

— E até quando? — proseguiu Bertha, parecendo não attentar no sentido da resposta. — Ha já bastante tempo que não o viamos.

— Até... até cêdo.

— O snr. Mauricio vejo-o mais vezes... ainda hontem ahi passou.

— Sim — disse Jorge com um malicioso sorriso — Mauricio tem essa habilidade, de ser visto todos os dias por as mulheres bonitas da terra.

Bertha olhou admirada para Jorge; feriam-n'a aquellas respostas sêcas e sarcasticas, que não esperava ouvir-lhe.

— Então dá-se ao trabalho de se mostrar a todas? — perguntou ella sem desviar os olhos.

— Sim, provavelmente — tornou Jorge no mesmo tom — e parece que todas se dão ao trabalho de lhe apparecer.

— Ah!

E Bertha calou-se; fixou os olhos na costura e pareceu até esquecer-se da presença de Jorge na sala.

Este finalmente despediu-se, estendendo a mão a Bertha.

— Boa noite, Bertha.

Sem levantar os olhos da costura e portanto sem lhe corresponder ao gesto de despedida, Bertha respondeu:

— Boa noite, snr. Jorge.

— Offendeu-se — pensava Jorge ao retirar-se — então

ha fundamentos para as apprehensões de Thomé. Juizo de rapariga a final! Cabeça doida, que não espera que o coração se declare e alimenta paixões com reminiscencias de romances. Pobre Thomé! É o que elle a final colhe dos seus sacrificios para a educar. Eu logo o suppuz...

As reflexões de Jorge succederam-se e encadearam-se n'este teor. Crescia n'elle mais do que nunca a sua irritação contra Bertha.

— Mas que tenho eu com Bertha? — reconsiderava elle — para me importar com isto? A final são pequenas fraquezas de rapariga e... Mas a amizade que consagro ao pae obriga-me a intervir. Mauricio é um louço, e ella já vejo que não tem mais prudencia do que outra qualquer rapariga da sua idade.

E esta ideia de Bertha ser sensível aos galanteios de Mauricio era o que mais que tudo o incommodava.

E Bertha? Que ficou pensando, com a cabeça inclinada sobre a costura, mas com a mão parada e o olhar pensativamente fixo?

— Porque é esta severidade de Jorge para commigo? — pensava ella — Não posso já duvidar. Ha n'elle não sei que prevenção contra mim, Ou não me falla, ou falla-me d'este modo. Um motivo leve não pôde ser, porque Jorge é, ao que dizem, um rapaz de tão bom senso, que de certo por uma insignificancia não me tractaria assim. Mas que faria eu? Nada; se em mim ha loucuras, ficam-me no pensamento e ahi quem as vae devasar?... E que fossem?... E que as achassem?... Eu podia dizer-lhes: Sim, estão ahi, mas eu bem sei que estão, e ahi mesmo as suffoco e venço... Não sou responsavel perante ninguem do que se passa em mim só. Entre mim e Deus é que essas coisas se julgam. Quando me revelar, quando me trahir, que me peçam contas então. A que vem estas severidades? Que fiz eu a este generoso rapaz? Imaginará elle que o galanteio de Mauricio me terá fascinado? É um caracter tão serio, que talvez por isso me condemne. Fascinar-me! Mauricio!!... Ao principio talvez; agora porém vejo que se vão desvanecendo essas phantasias de criança, nascidas e robustecidas

nas minhas horas de solidão no collegio, e que senti alvoroçarem-se ao chegar aqui, e ao vê-lo. Mauricio não é o character de que eu me posso receiar. E ainda bem. Mas Jorge por que me quererá mal? Lembra-me que meu pae me disse que, se elle não fosse meu amigo, não me dizia que o era... E elle ainda m'o não disse.

Estas reflexões foram interrompidas pela entrada de Thomé, que, satisfeito pela promessa de Jorge, já não sentia nuvens a escurecer-lhe o pensamento.

Jorge chegou a casa antes do irmão.

Era noite de luar, tepida noite de outomno, languida e serena, como a podem desejar os mais exaltados devaneadores. Havia uma limpidez no céu, uma quietação nos bosques tão completa, que parecia que a natureza toda parára em suspensão a contemplar o solemne progresso da lua pelo firmamento, que inundava de luz.

Era uma d'estas noites em que só a custo se troca o ar livre dos campos pelo ar confinado do gabinete, em que se hesita ao cerrar as janellas aos raios da lua que invadem a sala, para os substituir pela luz vacillante da lampada, que alumia as vigalias do estudo.

O proprio Jorge, habituado como estava ao trabalho, cedeu ás seducções d'aquella noite e deixou-se ficar sob as arvores da quinta. O peito precisava de ar livre que o desopprimisse.

Os carvalhos e castanheiros seculares temperavam a claridade da lua, coando-a atravez da folhagem, de que o inverno os não despira ainda. Uma luz mysteriosamente discreta penetrava no bosque; raros sons interrompiam aquelle silencio, além do rumor longinquo e monotonico das fontes e cascatas.

O pensamento de Jorge perdêra a placidez habitual; como que despertavam n'elle os instinctos de juventude, povoando-lhe de visões o campo da phantasia, de ordinario occupado por mais severas imagens.

Os seus calculos, os seus projectos de futuro, os problemas de administração, que lhe absorviam o pensamento, cederam agora o logar a ideias menos positivas, a meditações vagas, a quasi devaneios, em que raras vezes a sua razão se deixava arrebatat. Primeiro domi-

nou-o a magia do passado; evocou do silencio dos tumulos aquelles dos seus antepassados, que trouxeram com todo o esplendor o nome que hoje era seu, os que mais alto elevaram o ennegrecido brazão que honrava ainda a frontaria d'aquelle solar em ruinas. Depois, saudades mais pungentes, d'essas que ainda trazem vestigios de lagrimas, como restos da sua natureza de dôr, de que só o tempo as vae privando, occuparam-lhe o coração e o pensamento. A sombra da pallida e estremeçada irmã, que a morte arrebatára quando mais seduzia com sorrisos e afagos, a sombra de Beatriz, que era a mais querida e mais dolorosa recordação d'aquelles rapazes e d'aquelle velho, parecia surgir ao mysterioso apello da noite, e vaguear, como uma apparição phantastica, por entre essas arvores que menina a viram e menina a protegeram do sol abrazador dos campos.

Jorge ainda não esgotára as lagrimas consagradas á memoria da irmã. Tinha-as nos olhos, quando a tinha no pensamento a ella.

Pouco e pouco, por uma insensível transição, a imagem de Bertha substituiu a de Beatriz.

Differentes eram as impressões que esta nova imagem lhe produzia, diferentes e indecifráveis quasi.

Já vimos que antagonismo de sentimentos havia no coração de Jorge em relação á filha de Thomé da Povoá.

Como luctavam a involuntaria attracção que por ella sentia, com a reflectida resistencia que lhe oppunha. Lidava por levantar obstaculos ao progresso do violento affecto que lhe ia tomando o coração, e a seu pezar via que esses obstaculos eram inuteis. Inventava defeitos que lhe desprestigiasssem o character de Bertha, accusava-a de vicios de educação que ainda lhe não reconhecêra, fingia-se convencido da leviandade d'aquella pobre rapariga, e com toda a austeridade do seu character sisudo lavrava contra ella a sentença condemnatoria; mas no fim de tudo isto achava-se cada vez mais subjugado; revoltava-se-lhe debalde a consciencia contra esta fraqueza, em vão revelava com maneiras rudes e quasi hostis para com Bertha este desgosto de si mesmo que es-



tava experimentando... o efeito era cada vez mais pronunciado.

O que tinha acabado de ouvir a Thomé aumentáralhe aquella inquieta lucta de espirito.

A ideia de inclinação reciproca de Bertha e de Mauricio irritava-o e affligia-o.

Não eram as consequencias do facto que o assustavam. Jorge não acreditava na sinceridade das affeições de Mauricio; sabia quanto ellas eram fugazes e estava convencido de que a proxima partida do irmão bastaria para desvanecer essa paixão nascente.

E comtudo não lhe sabia do pensamento aquillo. Torturava-o aquella ideia, não lhe permittia repouso.

A consciencia de Jorge aventurava, muito a medo, a vaga explicação d'este enigma psychologico que se estava passando n'elle, mas Jorge recusava dar attenção áquella voz.

Ha casos assim, em que nem comnosco somos sinceros, em que se faz mais evidente do que nunca esta especie de dualidade unificada em todo o individuo, porque guardamos discretamente de nós um segredo nosso, e luctamos comnosco em opposição declarada.

A dominios tão intimos da consciencia seria porém irreverente levar a luz da analyse; aguardemos que a ulterior evolução de affectos melhor nos revele o segredo que ia no coração de Jorge.

Era já noite avançada quando chegou aos ouvidos do pensativo rapaz o ruido de uma porta que se abria; pouco depois passava Mauricio pela extrema do bosque, cantando distrahidamente:

Além, n'aquella avenida.  
De platanos e salgueiros,  
Foi que em teus beijos primeiros  
Bebi a primeira vida.

A luz do luar batia-lhe em cheio na figura e não o deixou passar incognito.

Jorge, reconhecendo-o, chamou-o em alta voz.

Mauricio parou surpreso.

— Quem me chama?

— Sou eu.

— Tu?! Jorge!

— Sim, pois quem havia de ser?

Maurício caminhou ao encontro do irmão.

— Transportas-me de surpresa em surpresa! uns dias a seguir da janella do teu quarto o caminhar das nuvens, outros a errar á meia noite por entre as sombras dos bosques! Em que havia de dar a arithmetical

— Cheguei ha pouco. Abafava lá dentro. Vim para aqui esperar-te, porque desejava conversar contigo.

— O tom é gravé e serio; é de crer que o assumpto corresponda.

— Não te enganas. É bastante serio o que tenho para dizer-te.

— Penetremos então na sombra druidica d'este bosque, para augmentar a solemnidade da scena.

— Peço-te que deixes para outra occasião as tuas observações joviaes; repito-te que é serio o que tenho a dizer-te.

— Pois aqui me tens serio como o assumpto. Falla.

Jorge guardou ainda por instantes silencio. Sob os passos dos dois irmãos ouvia-se estalar as folhas sêcas que alastravam o chão.

— Mauricio — principiou Jorge a final — Thomé procurou-me hoje para fazer-me um pedido.

— Hum! — atalhou Mauricio com meio riso — não me enganei, previ logo que se tractava d'isso.

— De quê?

— Fizeram-te queixa de mim, não é verdade? Pintaram-me como um lobo voraz rondando e assaltando o curral da tenra ovelhinha, creada com tanto mimo e recato? e tu, na tua inexperiente imaginação de rapaz serio, viste logo um drama pavoroso em tudo isso e distribuiste-me n'elle o papel de tyranno. Confessa que tudo isto é verdade.

— E estimaria bem que não fosse.

— É o que eu digo. Olha, Jorge, eu sou mais novo do que tu, mas, vivendo mais da vida commum da sociedade, não estou tão sujeito a ver as coisas sob o co-

lorido particular do prisma, atravez do qual as vêem os que, como tu, trazem quasi sempre o pensamento tomado por altas e abstractas especulações. Com a maior franqueza te confesso que Bertha me agrada, que todos os dias procuro vê-la, que, se lhe fallo, não perco tempo a dizer-lhe que o anno vae bom para as colheitas ou que hontem esteve mais calor do que hoje; não tenho razões para suppôr que as minhas visitas a importunem. Esta é que é a verdade; mas d'aqui a realisar o typo de Lovelace ou D. Juan Tenorio, incumbindo a ella a parte de Clarisse ou de Elvira, vae muita distancia. Estas coisas, se tu não andasses tão alheado dos negocios terrenos, devias saber que são da pratica commum, em qualquer parte, onde se encontra uma rapariga bonita e um rapaz que se preza de saber apreciar o bello. Ora agora vê lá se ha motivo para o terror tragico que te infundiram.

— Não é terror tragico, é desgosto. Eu bem sei que são usuaes esses galanteios que dizes, essas falsas ostentações de amor, com as quaes se profana e desprestigia tudo quanto ha de mais sancto e respeitavel no coração do homem. Ás vezes succede, é verdade, que uma das partes interessadas, talvez por andar alheada dos negocios terrenos, como dizes, entra com a alma n'essas comedias sociaes, e quando a scena finda, muito a bel-prazer do outro actor e sob os applausos dos espectadores que riem, essa alma sente-se ferida de um golpe mortal. As illusões da mocidade, o suave perfume de um affecto virginal, as primicias de um amor casto, tudo se desvanece n'estas profanações, e não sei que haja espirito tão leviano que ouse tentar a representação d'estas comedias ridiculas e ao mesmo tempo perversas com uma pessoa a quem se devem afeições leaes e respeitos.

— Mas...

— Em uma palavra, Bertha é a filha de um homem honrado; Bertha era a amiga e a companheira de Beatriz e muitas vezes se sentou connosco á mesa, a que presidia nossa mãe, que a abençoava, quando nos abençoava a nós. Não te lembras d'isso?

—Lembro, e por isso mesmo a amo. Não te disse que havia entre nós recordações de infancia?

—Amas! — exclamou Jorge com uma impaciencia, a que era pouco sujeito. — Que amor! Um amor de que fazes confidentes os primos do Cruzeiro, que sabes tractarem irreverentemente todos os amores, um amor que ostentas sem recato, chegando a sujeitar á apreciação cynica d'esses doidos a mulher que dizes objecto d'elle, um amor que não procuras occultar com aquelle casto e natural pudor de uma alma devéras apaixonada. Que amor esse que apregoas sem escrupulos nem reservas diante de quem quer que seja!

— Mas... como imaginas tu então que se ama, quando se ama devéras? O systema da publicidade applicado ás paixões não será antes uma garantia da boa natureza d'ellas?

Como se nem tivesse escutado estas palavras, Jorge, acelerando um tanto a rapidez dos seus passos, proseguiu com exaltação crescente:

— Nunca amei, nunca senti por uma mulher uma d'estas paixões unicas, dominadoras, exclusivas, a que se sacrifica tudo; mas ás vezes tenho pensado n'isto e julgo haver concebido o que seria para mim o amor, se o sentisse. Se eu um dia amasse, parece-me que procuraria esconder de todos os olhos essa paixão; desejaria que ninguem m'a suspeitasse nem por uma palavra, nem por um gesto, nem por um olhar. Ouvir estranhos fallar sequer na mulher que eu amasse, ferir-me-ia como uma profanação. Não escolheria confidentes, a ninguem revelaria esse segredo da minha alma. A mais alta, a mais casta voluptuosidade, que me produziria este amor seria o poder dizer, quando estivesse só, ninguem no mundo sabe, ninguem suspeita este mysterio do meu coração, senão ella. Para ella só, para essa mulher que eu amasse quereria reservar todas as manifestações dos meus sentimentos, as mais serias e as mais pueris, pertenciam-lhe; e permittir que outros as percebessem era profanar o culto. Só com ella, sim, todas as reservas acabavam; então no gesto, na palavra, no olhar revelaria inteira a minha alma, sem mysterio nem dis-

crição. Aspiraria assim n'esses instantes todo o suave e delicado perfume do amor. Que o mundo, ao vêr-me frio e concentrado, pensasse: «Ahi está um homem de gelo, este não sabe amar», e que ella só pudesse dizer: «Oh! eu é que sei de que extremos é capaz aquelle amor que ninguém suspeita.»

Mauricio estava maravilhado de ouvir Jorge, que parecia dominado por uma excitação nervosa, ao fallar assim, mais para si do que para o irmão.

Taes expansões eram raras em Jorge e esta era a mais vehemente e completa que o irmão presenciara.

— É singular! — notou Mauricio — N'esta vida tropeça-se a cada passo em uma maravilha. Quem te ouvisse agora não acreditaria que és aquelle rapaz serio, para quem as raparigas nem se atrevem a lançar um olhar furtivo, porque nunca uma phrase de galanteio ou um sorriso as animou a tanto. Estou admirado! e quasi me convenco de que a final sou apenas um simples curioso na arte de amar, cuja metaphysica transcendente tu professas como verdadeiro mestre. A minha sensibilidade é mto exigente, mas por essa mesma razão admiro a suprema delicadeza da tua!

Jorge como que voltou a si e estranhou a exaltação de que se deixara possuir. Rindo e fallando já em tom natural tentou attenuar a impressão produzida, e disse para o irmão:

— A lua tem decididamente uma influencia poderosa até nos animos mais fleugmáticos. Ahi está que querendo eu fallar-te de coisas serias, esqueci-me em uma divagação sentimental, que Deus sabe até onde me levaria. Deixemos isto. Vaes prometter-me, Mauricio, que desestirás de inquietar Bertha e tranquillisarás o espirito a Thomé!

— Ora que ridicula promessa exiges tu de mim! Deixa-me vêr de quando em quando aquella rapariga, que eu te affianço que não corre perigo algum com isso. Quanto mais que eu não posso assegurar que ella de facto me corresponda.

— Não antiepes juizos sobre o effeito incalculavel que pôde produzir no espirito d'aquella rapariga a assi-

duidade das tuas atenções. Bertha é muito nova, tem habitos e gostos de cidade, e não é de crêr que possas ter na aldeia concorrentes que te offusquem. Por isso o melhor é acabar com esse galanteio perigoso para ella. Lembra-te das consequencias que pôde ter um tal capricho da tua parte. Além do que parece que já te esqueceste da gravidade da nossa posição e das resoluções que ha dias tomamos.

— Não, não me esqueci; estou prompto para a primeira voz; mas, enquanto espero, desejo dar um adeus á vida de rapaz.

— Mas evita sahir d'ella, semeando remorsos que fructifiquem na tua vida de homem.

— Mas...

— Terminemos. Peco-te, em nome de Beatriz, que não continues galanteando Bertha. Promettes?

Mauricio acabou por prometter.

E horas depois voltavam a casa os dois irmãos.

A lua declinava já no arco esplendido que descrevia no céu.

XV

Em uma das seguintes madrugadas foi Jorge sobressaltadamente acordado pelo velho jardineiro, que depois das ultimas reformas estava empregado no serviço interno da casa. O homem tinha uns ares de espantado, como se viera a communicar a noticia de um incendio.

— Que temos? — perguntou Jorge, sentando-se inquieto no leito.

— É que não tarda ahi a snr.<sup>a</sup> baroneza. Já estão lá em baixo umas bagagens e uns criados, e... não está nada preparado.

— Cuidei que era outra coisa. E o que querias tu que estivesse preparado?

— Ora pois então? Sempre é uma pessoa... Lá o padre já deu ordem para se ir pedir a baixella aos...

— Não se pede coisa alguma. Ahi principia o frei Januario a fazer das suas. Dize-lhe que deixe tudo ao meu cuidado. Que se não estafe, nem afflija, que não é necessario.

— Mas... olhe lá, snr. Jorge! O fidalgo mesmo não ha de gostar...

— Faze o que eu te digo. Isso em ti, a fallar a verdade, até me admira. Não parece franqueza de soldado. Para occultar aos olhos de minha prima a nossa pobreza, que não é vergonha nenhuma, querias que fosse descobrir ás familias que teem baixellas, a nossa vaidade, que essa, sim, seria uma vergonha? Não estou resolvido a fazel-o.

O velho meneou a cabeça por algum tempo, e acabou por dizer:

— Parece-me que tem razão, snr. Jorge, como sempre. Ai, se n'esta casa todos tivessem tido o seu juizo, ella não chegaria ao estado a que chegou. Lembro-me agora de que quando o imperador...

— Deixa o caso para outra occasião. Vae arranjar, como puderes, essa gente e essas coisas todas; enquanto eu me visto e preparo para ir receber a prima...

O velho criado obedeceu com presteza militar.

Meia hora depois ouviam-se tilintar as campainhas dos machos da liteira, em que vinha a baroneza.

Gabriella, a baronezinha viuva de Souto-Real, ainda não tinha trinta annos, e mais nova parecia do que era. Alva, loira e delicadamente formosa, realisava o typo da mulher elegante, creada na atmosphaera dos bailes e dos theatros, e mais á luz artificial que á luz do sol. Apaixonada por perfumes e rendas, observadora fiel da moda, sujeitava-se aos mais extravagantes caprichos d'ella, sabendo-os porém corrigir pela influencia do seu gosto apuradissimo. Tinha a languidez e a particular côr pallida das formosas de Lisboa, que não recebem do sol da provincia a vigorosa encarnação de saude. Indole verdadeiramente feminina, exercia mais imperio sobre as suas paixões, do que sobre os seus caprichos. Com difficuldade sacrificaria o mais ligeiro d'estes; aquellas, porém, subjugava-as com fortaleza varonil. Possuia um genio alegre e ás vezes um tanto satyrico, mas sem malignidade. Não professava os principios d'aquella moral intractavel, que se arma da severidade puritana contra as paixões e defeitos dos outros; pelo contrario era tolerante e latitudinaria, não se esquivando a apertar a mão aos maiores peccadores, com quem se encontrava no mundo, sem que, sob essas apparencias de leviana indifferença, deixasse de manter um discernimento seguro do bem e do mal, e um grande fundo de moralidade e de justiça.

Além d'isto possuia um bom coração e uma alma generosa.

No tracto de mais illustrada sociedade lisbonense e



nas viagens em que acompanhára o barão, seu fallecido marido; adquirira uma variada cópia de conhecimentos, de que o seu natural bom senso sabia usar, sem abuso. Passava por uma das mais espirituosas damas de Lisboa, sem que se lhe notasse a ostentação pedantesca, que é o escolho em que tanta vez naufragam as que a tal nome aspiram. As primeiras capacidades artisticas, litterarias e politicas frequentavam as salas da baroneza e apreciavam a sua conversação.

Gabriella casára por conveniencia, que não por inclinação, com um homem mais velho do que ella, sem fóros de nobreza, mas pertencendo á classe argentaria, que é a verdadeira aristocracia moderna.

Apesar d'isso soube ser esposa fiel e dedicada d'aquelle homem que a livrára da precaria condição em que a decadencia da sua casa a collocára. Viuando, Gabriella não deu indícios de se alistar nas diminutas phalanges das viuvas inconsolaveis, mas não se precipitou na escolha de esposo. A sua belleza, o seu espirito e os rendimentos que herdára attrahiram uma nuvem de adoradores, que ella ia deixando viver de illusões, sem se dar para isso ao trabalho de fabricar, á imitação de Penélope, uma interminavel teia. Esta vida e estes galanteios enfadavam-na, e, para distrahir-se, emprehendia pequenas viagens. Foi ao voltar de uma que fizera pela Hespanha, que recebeu a carta do tio, e resolveu desenfadar-se por algum tempo da vida das capitaes, visitando á sua provincia e os logares onde passára a infancia.

Tal era a baronezinha de Souto-Real, que acabára de apeiar-se no pateo lageado da Casa Mourisca.

Jorge ajudou-a cortezamente a descer.

—Agradecida, Jorge—disse ella, apertando-lhe a mão.—Fazes as honras do teu castello com a galhardia de um perfeito cavalleiro.

A prima não repare na modestia com que a recebemos, mas pareceu-me que seria mais digno da nossa amizade e do seu caracter apresentarmo-nos taes quaes somos, do que encher o pateo de criados e jornaleiros á quem vestissemos á pressa fardas...

E completou a meia voz:

—... Emprestadas.

— Oh! por certo; e eu reconheço melhor a tua fidalguia, Jorge, na franqueza d'esta recepção, do que na libré dos teus criados e nos braços dos reposteiros.

E conversando familiarmente com o primo, a quem tomara o braço, a baroneza subiu os degraus da escadaria, que subia para a sala nobre.

A porta encontraram-se com frei Januario, que voltava azafamado da cozinha, aonde tinha ido dar ordens accomodadas a solemnidade do caso e ás impaciencias e appetite do proprio estomago.

O padre limpava ainda os labios ao lenço, para fazer desaparecer os vestigios de una libação extra-official que de passagem fizera.

— Queira v. exc.<sup>a</sup> perdoar, snr.<sup>a</sup> baroneza, o apparecer-lhe ainda agora, mas as obrigações do meu cargo...

— O snr. frei Januario, por quem é, lembre-se de que somos conhecidos antigos, e que até por vezes lhe dei motivos para me abjurar como jacobina. Tinha que ver se me preparava a honra de uma felicitação em forma. Onde está meu tio?

— O fidalgo não estava prevenido de que v. exc.<sup>a</sup> chegava tão cedo, e por isso ainda está recolhido no seu quarto, mas eu vou...

— Ai, não, não; por amor de Deus não o acorde!

— Não; elle está já a pé; mas emfim fazer a barba e tal... sempre leva alguns minutos.

— Que se não apresse por minha causa. Eu illudirei a grande vontade que tenho de lhe beijar a mão, conversando com o primo Jorge.

— Então, se v. exc.<sup>a</sup> me dá licença...

— Até logo, frei Januario.

E quando este ia longe, acrescentou:

— O snr. frei Januario, aquelle grande dia que estava já para chegar na ultima vez que nos vimos, aquelle dia de redempção, ao que parece não chegou ainda?

O ex-fradé encolheu os hombros, e respondeu com ar de mysterio:

— Ainda não é tarde, minha senhora. Pouco viverá quem não o vir.

Gabriella entrou rindo com Jorge para a sala.

— E Mauricio — inquiriu ella — tambem já tem barba para fazer?

— Parece-me que sahiu, ainda com estrellas, para uma partida de caça.

— Bom; esse, pelo que vejo, conserva puros os tradicionaes habitos de familia.

Jorge sorriu.

— Tu é que degeneraste. Deu-me que scismar a novidade. Estou tão costumada a vêr a deterioração progressiva na linha dos representantes das familias que tomam a peito não caldearem o sangue de primeira qualidade que lhes corre nas veias, que aó vêr sahir d'esta velha casa um rapaz de juizo, fiquei espantada.

— É pouco lisongeiro para a nobreza, mas muito lisongeira para mim a sua opinião.

— Digo-t'ó com franqueza; e já agora deixa-me aproveitar este tempo, em que estamos sós, para fallar n'isto e assentar as bases do meu proceder. Vamos direitos á questão. As finanças não correm bem cá por casa, ao que entendi.

— Correm muito mal.

— Não admira; é doença da época. E tu tomas a peito endireital-as?

— Tentei-o.

— E conseguel-o. Consegues, porque o teu genio é o de uns certos homens que eu tenho conhecido, que conseguem tudo quanto querem, só a querer e sem fazer barulho. Ai, Jorge, lá por Lisboa ouço dizer que ha tanta falta de financeiros, que estou tentada a exportarte. E Mauricio?

— Mauricio...

— Percebo; é mais difficil de accomodar esse. Era facil, se não fossem as pieguices de teu pae, que ha de morrer assim. Dize-me uma coisa, ó Jorge, tu és absolutista tambem?

X — Eu quasi que não tenho ideias fixas em politica.

— Bom, bom, já entendo. Não queres declarar-te por contemplação para com as tradições de familia. Estás como eu; eu sou, sem duvida alguma, liberal; porque

enfim deves concordar que para se ficar toda a vida a ser absolutista é preciso viver, assim como teu pae, em uma aldeia como esta e com um padre procurador a dizer-nos ha vinte annos a mesma coisa; porém, como meu pae foi militar no exercito realista, não tenho remedio senão obrigar a guardar certas conveniencias ao meu liberalismo. Ora tu estás no mesmo caso.

— Talvez. É certo que do que está feito, acho muita coisa boa.

— Então estás como eu. Mas como dizia, Mauricio podia encontrar muita carreira aberta, mas era necessario que o papá o deixasse partir sem levar o topete vermelho e azul muito á vista, ou a vera effigie ao pescoço; salvar as apparencias, porque das ideias ninguem quer saber. A sombra da Carta engorda muito absolutista encapotado.

— Meu pae está hoje em um estado de tão facil irritação, que duvido que chegue a consentir.

— Então o remedio é procurar por ahi alguma descendente de Egas Moniz ou de Martim de Freitas, que por milagre não tenha a casa ainda em ruinas, e enxertar esse garfo illustre na vossa arvore genealogica.

— Mau remedio para finanças. Deu o arejo nas arvores genealogicas, Gabriella; estão por aqui todas muito enfesadas.

— Então, então...

N'este momento ouviram-se passos ligeiros nas escadas, como de quem as subia duas a duas.

— Ahi vem Mauricio— disse Jorge, escutando-os.

Foi de facto Mauricio que appareceu á porta da sala.

A baroneza correu-lhe ao encontro, estendendo-lhe as mãos, que Mauricio galanteadoramente levou aos labios, curvando-se.

— Bravo! Já vejo que observas irreprehensivelmente as tradições dos bons tempos em que se era cortez com as damas. A provincia mantem-se mais delicada do que a côrte. Se soubesses como a moda hoje capricha por lá em um á vontade com senhoras, que até ás vezes chega a ser grosseria!

— Devéras, prima? Felizmente com certas bellezas

femininas sente-se a necessidade de ser delicado, independente de proposito ou dos preceitos da moda.

— E se eu te deixasse completar a phrase, far-me-ias o favor de me incluir no numero das taes. Que requinte de lisonja! E isto a perder-se nas selvas!

— Não zombe da minha sinceridade provinciana.

— Não calumnies tu a provincia, dando esse epitheto a tua sinceridade. Nada, nada, o tio que tenha paciencia. Conservar em casa um corteção d'esta força é quasi uma usurpação feita aos direitos da corôa.

— Bem; deixe-me fallar-lhe com seriedade. Como se sente da jornada?

— Hei de sentir-me cansada, quando tiver satisfeito toda a minha curiosidade, que por enquanto não me deixa sentir coisa alguma. Por exemplo, quaes são os teus projectos, os teus calculos sobre o futuro?

— O prima Gabriella, sempre cuidei, que só na provincia se perdia tempo a calcular futuros. Uma pessoa de bom senso não calcula o futuro, que em um momento se transtorna.

— Bem, entendo o subterfugio. O priminho Mauricio ainda não tem planos definidos sobre a sua carreira na vida. Mas é preciso que saibas que vim aqui principalmente por tua causa. Tracta-se de te arranjar uma collocação qualquer, um assento nas camaras, um emprego na alfandega, seja o que for, com que tu possas transigir; foi a condição unica imposta por teu pae. Por isso vê lá.

— Olhe, prima, já que a sorte me levou a dura impertinencia de me vêr obrigado a adoptar um modo de vida, não quero tornar a impertinencia dupla, encarregando-me eu proprio de o escolher. Subscrevo ao accordo a que chegarem; decidam por mim, que ou me façam general ou tabellião, a tudo me resignarei.

— Desconfio de tanta condescendencia. Quer-me parecer que havemos de encontrar difficuldades mais serias do que as intransigencias sonhadas por o tio Luiz. Dar-se-ha que haja aqui por estes bosques scenas de Romeu e de Julieta?

— Ai, não falle n'isso a Mauricio— disse Jorge com

um sorriso não de todo despido de ironia—por quem é, prima! É a sua corda sensível e tem de o aturar por muitas horas!

— Ah! então existe a Julieta?

— As Julietas, as Dêsdemonas, as Ophelias e todos os typos imaginaveis. É um enxame que elle traz constantemente poisado no coração.

— Ah! ah! pois tu és dos que declinam o amor sempre no plural? Não sabia!

— Deixe-o fallar, prima Gabriella. O Jonge bem sabe que n'esta mesma occasião tão absorvido ando por uma só imagem, que é sem fundamento a accusação de inconstante que me dirige.

Jorge contrahiui a fronte, ao perceber a allusão, e disse sêcamente:

— Julguei que havias resolvido devêras ter juizo.

— Não é tempo agora de examinar esta questão— acudiu Gabriella— porque me parece que vem ahi o tio Luiz.

De facto o fidalgo apparecia á porta da sala e um pouco atraz d'elle o padre procurador.

O velho D. Luiz vestira-se quasi elegantemente para receber a sobrinha. Elegancia severa, accommodada á sua grave figura de ancião, mas elegancia inquestionavel. D. Luiz tinha uma presença magestosa e um todo de diplomata que impunha respeito.

O vestuario preto de que usava, sobre o qual sobresahia a gravata cuidadosamente lavada e engommada, augmentava o effeito natural dos seus dotes physicos.

O procurador formava inteiro contraste com o fidalgo. Curvado, olhando por cima dos oculos, com o lenço constantemente empunhado para acudir ás instantes reclamações de um defluxo chronico, parecia dominado por uma infantil timidez, mas não perdia um só gesto dos outros, que manhosamente observava.

A baroneza inclinou-se para beijar a mão do tio, que a acolheu nos braços.

— O tio Luiz! — dizia a gentil viuva, olhando-o — sempre o mesmo! Não o acho mudado.

— Não?! — disse o fidalgo com leve ironia na intonação e no sorriso.

— Olhe que não. E é natural. Bem vê que se golpes dolorosos o teem feito padecer, também lhe servem de conforto o socego d'estes sítios, a pureza d'estes ares, a tranquillidade d'esta vida e o affecto dos filhos que ainda lhe restam.

D. Luiz abanou a cabeça, mais triste e sombrio do que antes.

— Na sua idade, Gabriella, cicatrizam depressa as feridas. Quando se chega aos meus annos, golpe que se receba, é ferida com que se morre.

— Diga o snr. D. Luiz — interveio o padre — que o que tem é muita resignação christã, que n'estes tempos que vão correndo não é coisa vulgar.

E assou-se.

— Mas para isso vale a meu tio o seu exemplo, snr. fei Januario — acudiu Gabriella. — Resignação ahí! Eu sou testemunha da heroicidade com que arrosta as vigílias e os jejuns.

Os presentes, incluindo o proprio D. Luiz, não puderam ouvir sem um sorriso a allusão da baroneza.

O padre córou, assou-se com mais força e resmo-neou com azedume:

— Bem sei que não é quanta Deus manda, nem quanta a alma precisa... e por peccador me tenho.

— Deve vir cansada, Gabriella — lembrou D. Luiz — Eu julgo que terão tido o cuidado de...

— Tudo está prompto. Logo que a prima queira des-cançar... — respondeu Jorge.

— Não sinto grande necessidade de descanso. Des-cançarei depois do almoço, se me fizerem o favor de dar alguma bebida quente, porque tenho frio.

Em virtude d'esta reclamação, sahiram successivamente da sala Jorge, o procurador e Mauricio, ficando Gabriella só com o fidalgo.

Este parecia hesitar em alludir ao principal motivo da visita da baroneza.

Foi ella quem rompeu o gelo da entrevista.

— Recebeu a minha carta, tio?

— Recebi, sim, e agradeço.

— Diga que perdoa. Se quer que lhe falle a verdade, julgo que não lhe escrevi em estylo muito apropriado, mas tão desacostumada ando de escrever-lhe, e a gente com quem de costume me correspondo permite-me tal familiaridade, que me descuidei.

— A carta nada tinha de censuravel. O que por ella vi foi que deveremos renunciar aos projectos que formei a respeito de Mauricio.

— Perdão; mas como viu por ella isso?

— Desde o principio ao fim. Não me diz que para que Mauricio abra carreira no mundo, é necessario condescender com certas coisas?...

— Ai, sim, mas quem é que não tem de condescender n'esta vida?

— Gabriella—tornou D. Luiz com certa aspereza— já ha pouco lh'o disse; as nossas idades differem. Quando se possui a sua juventude ha movimentos faceis, a que se não prestam as fibras inflexiveis dos meus sessenta annos.

— Sim, mas quando se é joven como Mauricio e se está nas circumstancias d'elle, das quaes estou informada pela sua obsequiosa confidencia, é menos prudente não ceder um pouco no tempo em que se pôde ainda ceder com dignidade; porque depois... a vida para elle é longa, e quem sabe a que provações e sacrificios o sujeitará? O tio está em uma idade avançada, não espera numerosos annos de vida, não ama demasiadamente o mundo, e para a lucta conta com a inflexibilidade das suas fibras de sessenta annos. Mas elles, seus filhos, são novos, teem futuro, amor á vida e não possuem ainda a tal inflexibilidade para sustentarem o péso de uma instituição morta sem vergar ou quebrar debaixo d'ella. Veja bem.

— De uma instituição morta! — repetiu o fidalgo, accentuando as syllabas e levantando os olhos para o tecto.

— Morta, sim, meu tio, desengane-se. Deus me livre de fallar agora em politica com o tio. Mas a verdade é que quem vive em certa sociedade, e ouve certas coisas, e estuda certos homens, acaba por convencer-se,



mesmo sem pensar muito n'isso, de que um sonho como o de meu tio é... é... é um sonho.

—Seu pae morreu por um sonho assim, Gabriella.

—E eu venero a memoria de meu pae, não o duvide; assim como venero o character e as opiniões de meu tio; porque venero todas as convicções sinceras. Mas o que eu não queria é que se sacrificasse mais do que deve. A sua vida, a sua felicidade tem o direito de dar esse sacrificio. Mas a vida, o futuro, a honra e a felicidade de seus filhos, isso não.

—A honra?! A honra é que eu quero salvar-lhes.

—E quem lhe diz que elles teem as suas convicções?

Os olhos de D. Luiz fuzilaram ao ouvir esta insinuação.

—Se meus filhos...

—Sei o que vae dizer—atalhou Gabriella—mas não diga, porque contradiz os seus proprios actos. Esmerouse em dar educação a seus filhos, em desenvolver-lhes a intelligencia, e agora quer que elles não usem d'esse instrumento que possuem, e que para pensar lhe venham pedir licença? Não valia ensinar-lhes a raciocinar n'esse caso.

—A razão deve-lhes ter mostrado a verdade.

—A verdade... a verdade... Ora valha-nos Deus, meu tio; e quem sabe onde ella está? Pois todas estas mudanças que succedem no mundo de que procedem, senão de se julgar a cada passo ter-se descoberto que a verdade não está onde se suppunha?

—Vejo que a convivencia social lhe tem dado uma boa dóse de philosophia para bem viver no mundo. Mas que quer? Eu regulo-me ainda por as cartilhas velhas.

—E o que lhe ensinam a fazer as cartilhas velhas a favor de seus filhos? O que é que, em harmonia com ellas, tem tentado e tenciona executar?

—Dar-lhes o exemplo de como se soffre a adversidade, quando se tem brios, e um nome que respeitar.

—A nobreza não está em soffrer de braços cruzados a adversidade, quando elles se podem empregar nobremente em repellil-a; Jorge bem o comprehendeu. Esse

illustrará de véras o seu nome da unica maneira por que n'estas circumstancias elle pôde ser illustrado. O que é preciso é que a ociosidade de Mauricio lhe não annulle os esforços.

D. Luiz ia a replicar quando o padre procurador entrou a annunciar que o almoço estava na mesa.

O fidalgo aproveitou de boa vontade o ensejo para contar o dialogo que evidentemente o incommodou.

Cedo estava a familia da Casa Mourisca reunida á mesa na sala do almoço, da qual d'esta vez a voz alegre e a jovial presença da baroneza parecia afugentar parte das sombras que de ordinario pesavam sobre ella.

E na noite d'esse dia Gabriella escreveu uma longa carta a uma das amigas da capital, em que lhe narrava por miudo os episodios da sua jornada, a sua recepção na Casa Mourisca e as impressões que recebera.

Esta carta terminava por as seguintes palavras:

«Do que te tenho dito parece-me que podes concluir  
«que se desvaneceram aquelles projectos de sacrificio  
«que trouxe d'ahi e com os quaes não te conformavas.  
«O meu primo Jorge é um rapaz mais serio ainda do  
«que eu o suppunha. Não fazes ideia. Affirmo-te que é  
«incapaz de casar por interesse, e como o espirito d'elle  
«anda muito occupado por calculos e combinações eco-  
«nomicas, não é tambem provavel que se deixe tomar  
«por o amor, e portanto não casa. Assim fico dispen-  
«sada de sacrificar os meus queridos habitos de vida  
«de Lisboa, ao que vinha de véras decidida para salvar  
«esta familia com os meus capitaes, que mal sei gerir.  
«Este rapaz se amar, o que não é provavel, ha de ser  
«de alguma maneira extravagante, inesperada.

«O outro é uma criança, que não se pôde tomar a  
«serio por marido.»

Por aqui se vê quaes eram as generosas tenções de Gabriella ao chegar á Casa Mourisca, e quaes as modificações que no decurso d'aquelle dia os seus projectos haviam soffrido.

## XV

Ao outro dia pela manhã, estava Mauricio apparelhando por as proprias mãos o cavallo favorito, quando Jorge foi ter com elle.

— Tencionas ir hoje ao Cruzeiro?— perguntou Jorge.

— Talvez passe por lá. Porquê?

— Porque n'esse caso podias poupar-me o trabalho de lhes mandar convite especial para o jantar d'ámanhã.

— O jantar de ámanhã!

— Sim; o pae insiste em celebrar com um jantar a chegada de Gabriella, e bem vês que não é possivel deixar de convidar os do Cruzeiro, ainda que, por minha vontade, os deixaria quietos no seu antro.

— Eu os convidarei. D'esses me incumbo. E a outra parentela?

— Mandar-se-hão cartas.

— Um jantar na Casa Mourisca! Ó sombras dos nosos antepassados, folgae!

— Estremecei, dize antes, que mais razão teem para isso.

— Estes velhacos não deitaram hontem de comer a este pobre animal — observou Mauricio, afagando o cavallo.

— Seria uma prova de affeição que lhe dariamos se lhe proporcionassemos occasião para mudar de dono — murmurou Jorge, sorrindo.

Pouco depois, Mauricio montava e partia a trote para o Cruzeiro.

A casa do Cruzeiro, solar dos asselvajados primos

de Mauricio, ficava no extremo da povoação, exhibindo nos campos que a cercavam uma agricultura preguiçosa e mesquinha, e dominando um vasto tracto de mal cuidadas bouças, onde os senhores da propriedade perseguiam implacaveis as lebres e perdizes, que alli se acoustavam.

Causava lastima o estado de decadencia a que a má administração e a vida dissipada dos senhores do Cruzeiro tinham levado aquella casa, de cuja passada grandeza já nem se descobriam vestigios.

Na actualidade não era mais do que um velho casarão ennegrecido, mal vedado aos ventos e ás chuvas, onde cada dia realisava um novo estrago, que nunca mais era reparado. Por fóra e por dentro a mesma absoluta carencia de confortos; porque não sentia a necessidade d'elles a robusta organização de qualquer dos proprietarios; afeitos á vida dos montes, ás longas caçadas e ás luctas com os rigores do tempo. O solo árido, os celleiros vazios, a abegoaria deteriorada, os curraes desertos, a cultura perdida... era desolador o aspecto do solar do Cruzeiro! Parecia havel-o fulminado um d'aquelles tremendos anathemas de que rezam os livros sanctos, os quaes feriam de esterilidade igual as entranhas da mulher e as entranhas da terra. Os pinhaes, cortados sem methodo nem prudencia, cahiam sacrificados ás penurias monetarias do morgado, que ia a pouco e pouco transmutando em vinho toda a propriedade. As aguas vendidas para acudir a iguaes urgencias abandonavam as terras á sêde que as fazia infecundas. Umas apparencias de movimento agricola, que ainda se divisavam na quinta, eram-lhe mais fataes do que beneficás, e podiam comparar-se ao fervedouro das larvas nas carnes em decomposição. N'aquelle vasto corpo, que se decompunha, tambem se agitavam seres que viviam dos seus detritos.

Trabalhava-se alli para destruir e não para semear ou edificar. O desbarato com que os proprietarios sacrificavam os seus bens, attrahia os ávidos visinhos, como córvos sinistros em volta do cadaver exposto na estrada.

Era meio dia, quando Mauricio se apeiou no espaçoso pateo da casa, onde reinava o silencio das ruinas. Apenas se ouvia o latir de uma matilha encerrada nas tojas e impaciente por ir bater as mattas e bouças. O aspecto que feria a vista de quem entrava era de uma propriedade inteiramente abandonada; alli apodrecia um arado inutil; além oxydavam-se os metaes de inactivos instrumentos de lavoura; a agua empoçada das ultimas chuvas estancava, cobrindo-se de uma crusta esverdeada; as ortigas e parietarias vegetavam em plena liberdade nas juntas das lageas e nos buracos das paredes. Nos telhados cresciam em verdadeira floresta aservas parasitas; fragmentos de louça, de garrafas, velhos arcos de pipa, farrapos, montões de calça pejavam, desde tempos immemoriaes, a superficie do pateo. Manchas verdes de musgos e de lichens, que a humidade desenvolvera, cobriam a fachada do edificio, por onde havia muitos annos não passára a brocha do caiador.

Mauricio subiu as escadas d'esta casa humida e entrou nos corredores que estavam tão desertos como o pateo. Passeavam por elles imperturbadas as gallinhas e as pombas como em terreno familiar, e occasiões havia em que pela porta meia aberta dos aposentos se insinuava curiosa uma cabeça suina. Só os criados não appareciam; a ociosidade dos amos era contagiosa. Conhecedor da topographia da casa, Mauricio foi ter direito ao quarto dos primos que procurava.

Dormiam ainda os dois mais novos, enquanto o morgado andava labutando com alguns lavradores visinhos no destroço do que ainda lhe restava.

O somno do padre e do doutor não era para ceder á primeira chamada. Ainda depois de lhes bater á porta, Mauricio continuou a ouvir-os ressonar em um duo assustador.

A final respondeu a voz rouca de um d'elles com um som inarticulado, que claramente expressava o mau humor que lhe assistia ao despertar.

— Sou eu, abram — disse Mauricio, continuando a bater.

Respondeu-lhe uma praga, e depois outra voz acrescentou:

— A porta está aberta. Levanta a tranqueta e entra.

Maurício assim fez e entrou para a sala, que servia de aposento commum dos dois manos.

Havia dentro uma atmospherá quente, abafadiça e viciada de fumo de cigarro que suffocava.

A sala era ampla, mas de um desarranjo e desconforto indescritivel.

Dois catres de ferro ao lado um do outro, uma cadeira sem fundo, sustentando a bacia e jarro mutilados, servia de lavatorio, a roupa pendurada em cabides fixos na parede mal caiada e salitrosa, ou cahida pelo chão, o espelho pendente dos caixilhos da janella, velas de sebo meio gastas mettidas em garrafas, cuja superficie era adornada de gordurentas stalactites, e em palmatorias de metal pintado de lagrimas verdes pela oxydção; a um canto o deposito da roupa suja, em outro o arsenal, composto de espingardas, rewolvers, paus ferrados, chicotes e cassetetes; além os arreios de cavalgadura; na mesa, ao pé da cama, os restos das grosseiras iguarias da ceia da vespera, alguns usados baralhos de cartas, de mistura com umas insignias pobres e desprezadas da vestimenta do padre, tudo emmodoado de azeite e de vinho, e pontas de cigarro por toda a parte.

Os dois achavam delicias n'este viver, que chamavam escolastico, e que diziam avivar-lhes recordações dos seus tempos de estudante.

Bem poderia contudo o aposento ter mais um grau de limpeza, sem que n'isso tivesse de despir a feição de desordem, caracteristica a um quarto de rapaz solteiro.

Quando Maurício abriu para traz as portas das janellas, os dois primos saudaram com uma jura a luz do dia, que foi incommodar-lhes com os seus raios a retina preguiçosa. Depois de um ruidoso e prolongado bocejo, o doutor sentou-se na cama com os olhos mal abertos e os cabellos cahindo-lhe em desordem sobre a testa; e o padre, meio amuado, voltou-se para a parede, no intento de encetar outro somno.

— Que vida de inúteis vadios está! — exclamou Mau-

ricio, puxando para o meio da sala a mais desoccupada e limpa cadeira que encontrou, e pondo-se ás cavalleiras n'ella.— Ao meio-dia!

— Isso! Vem para cá fallar da vida de vadios. Olha se me convences de que te afadigas muito a trabalhar.

— Em todo o caso já vim de minha casa até aqui e tu, ao que parece, ias no meio de um somno e lá o padre então... esse vae, pelo que estou vendo, no principio d'outro.

— Mas como diabo te deu para vires por aqui tão cedo?

— Cêdo? Olha que é meio-dia! Mas... vim encarregado de uma missão.

— De quem?

— De meu pae.

— De teu pae?! Para nós?!

— É verdade. Estou incumbido de vos convidar a todos tres para jantar ámanhã.

O padre deu uma volta na cama, ao ouvir este convite e fitando Mauricio com olhos espantados, ainda que mal abertos, exclamou com voz rouca de somno:

— O tio Luiz dá ámanhã um jantar?!

— Sim, senhor. Em obsequio á Gabriella, a baronezinha de Souto-Real, que lá está desde hontem de manhã.

— Ora essa! — acrescentou o padre, e tornou a voltar-se para a parede.

— Bravo! — applaudiu o doutor — isso já me cheira melhor do que a tal historia do Jorge feito guarda-livros. Aquelle Jorge com'assim ha de ser sempre d'essas ratices. E dize-me cá: que tal está agora a Gabriella?

— Não me pareceu mal; ainda que, para te fallar a verdade, não lhe dei muita attenção.

— Sim, tu andas agora distrahido com a...

N'este ponto interrompeu-se subitamente, e dando uma palmada no travesseiro, a qual lhe fez cahir na cama a cinza inflammada do cigarro que principiou nos lençoes uma centesima combustão, exclamou:

— É verdade! que me ia esquecendo? fizemos uma grande descoberta esta noite, homem!

— Qual foi?

O padre, ao ouvir as palavras do irmão, deu um salto para sentar-se na cama, e preparando também um cigarro, disse, fitando Mauricio com um sorriso alvar:

— Olha lá, ó Chico. Vê como contas a coisa, porque o Mauricio é nervoso; não sei se sabes.

— Mas de que se tracta?

— De um caso muito engraçado. Rimos a perder. Mas ainda havemos de rir mais, porque a historia promette dar de si.

O padre, meio estendido pela cama fóra para pedir lume ao irmão, confirmou o dito d'este com um gesto e um grunhido.

— Mas digam lá o que foi— insistia Mauricio.

— Hontem á noite— principiou o doutor— fui eu aqui com o Lourenço á espadelada do Martinho. Aquillo não esteve de todo mau. Bem boas raparigas, e a luz conveniente. Mas, alli pelas onze horas, appareceram uns apaixonados armados de varapaus, e com uns certos modos, que principiaram a fazer ferver-me o sangue.

— Eram os mesmos da feira do mez passado— acudiu o padre— mal fiz eu em não ter quebrado os ossos ao Gaudencio, quando o deixei atordoado na estrada.

— O certo é— proseguiu o mano doutor— que os homens começaram a fazer-se finos, e eu que vi o Lourenço já a fumar, previ logo o caldo entornado e fui procurar o marmealeiro que deixára atraz da porta, para o que dêsse e viesse.

— Não era preciso. Para aquelles basto eu só— annotou o padre, sugando com força o cigarro, que teimava em não arder.

— Meu dito, meu feito— continuou o outro— nós a sahirmos e elles comnosco. O Lourenço pôz logo dois fóra do combate; eu arqueei com o terceiro, que me derreou o braço esquerdo, mas a quem escangalliei a cabeça; o ultimo fugiu-nos. Era o João do Pinhão.

O padre interveio:

— Eu, que lhe ando com séde, disse logo para o Chico: «Vamos d'aqui cortar-lhe o caminho e dar-lhe uma lição.» E tomamos pela quelha do regedor.



— E viemos sahir mesmo defronte da porta do Thomé por traz da prêsa. Sabes?

— Sei muito bem.

— Ora o homem não appareceu.

— Mas appareceu cousa melhor — acudiu o padre.

— Havia de andar pela meia noite e nós sem fazer bulha ainda escondidos na sombra. Percebes?

— Mesmo defronte da casa do Thomé — insistiu o padre.

— E depois? — interrogou Mauricio impaciente.

— Depois...

A mulher é um catavento,  
Que com os ventos varia;  
Seu amor dura um momento,  
Tolo é quem n'ellas se fia.

Cantarolou o doutor.

Mauricio olhou interrogadoramente para o padre.

— Meu caro priminho — disse-lhe este — põe as tuas crenças de môlho e prepara-te para arrancares um punhado de cabellos; um ou dois.

— Mas que queres dizer com isso?

— Quero dizer que a porta do Thomé abriu-se sorrateiramente e sahiu de lá um patusco... Trai la rai lai lai.

— É impossivel! — exclamou Mauricio com indignação, comprehendendo as malignas allusões do primo.

— Qual impossivel? — confirmou o padre — Não ha impossiveis n'este mundo. Desengana-te, menino.

— Mas teem a certeza de que se não illudiram?

— Ora se temos. Era um homem em corpo e alma.

— E viram quem era? Conheceram-n'o?

Os dois irmãos, a esta pergunta, trocaram entre si um olhar e um sorriso de velhacaria.

— Com certeza, não; mas suspeitamos — respondeu o doutor.

— Quem é?

— Alto lá! Nada de ferver em pouca agua. Isso fica para segunda observação. Por ora não possuímos ainda a certeza. Porém já mais de uma noite temos encontrado

o tal ratão, de quem suspeitamos, não muito longe do sitio, e já andavamos com a pedra no sapato.

— Ó Chico, olha que o Mauricio não está bom. Estes golpes repentinos...

— Qual! Se eu não acredito uma unica palavra do que vocês estão para ahi a dizer — tornou-lhe Mauricio, erguendo-se e passeiando na sala agitado.

— Não que a cousa é muito para se não crer — disse o doutor, principiando a vestir-se — uma rapariga de dezoito annos, que vem do collegio, ter um apaixonado?... Sim, o caso é tão raro!

— Vocês não conhecem Bertha.

— Tu, sim, que a conheces. Papalvo de olhinhos fechados que ainda anda a sonhar por este mundo com princezas encantadas — observou o padre, tirando de entre a roupa da cama um volume de Paulo de Koch, com que adormecêra na vespera.

— Então lá por que um homem sahe de noite de casa do Thomé, já não póde ser senão por amor de Bertha. É boa! — insistia Mauricio, contra a sua propria convicção. ✕

— Sim, meu menino, sim; isso tudo e o mais que tu quizeres — respondeu-lhe o padre, apertando outro cigarro.

— Veremos o que tu pensas, assim que vires o tal homem — tornou o doutor.

— Ora mas digam-me: Pois não ha tanta gente em casa?

— Pois ha, ha.

— Então...

— Então tem vocemecê razão — concluiu impertinentemente o padre.

— Muito bem — propôz o doutor. — Para sahir de duvidas queres tu vir connosco bater a mata esta noite para conhecer o coelho?

— Quero, sim.

— Muito me hei de rir esta noite! — exultou o padre, saltando abaixo da cama.

— Mas promettes não assassinares a pequena na furia do teu ciume?

— Não creio verdadeira a vossa supposição, mas se o fosse...

— Que farias? Ora dize lá—perguntou o padre, piscando um olho enquanto esperava a resposta.

— Achava essa mulher tão desprezível que...

— Pumba! Ora ahí temos outra. Na verdade ha nada tão desprezível como uma mulher que abre a porta a qualquer pessoa de preferencia ao menino Mauricio, a joia dos namorados! —ponderou zombeteiramente o padre.

— Não quero dizer isso, mas...

— Pois, meu menino, prepara-te para o desengano, e volta ás priminhas dos Barrocaes, que essas são fieis.

— Ora, mas digam-me vocês uma coisa—insistia Mauricio—quem querem que seja o homem que possa estar já com Bertha n'esse tom de familiaridade?

— Não entremos n'essa questão. A seu tempo cahirão as cataratas.

— Já digo, eu não acredito.

— Pois nosso Senhor te dê sempre essa commoda incredulidade; antes de casar e depois de casar.

E entre os tres ficou pactuada para aquella noite uma espionagem cerrada á casa de Thomé, com o fim de reconhecerem a mysteriosa visita.

Mauricio passou o dia todo pensativo e preocupado com a revelação que os primos lhe fizeram.

Ainda quando Bertha não tivesse adquirido grande preponderancia sobre os pensamentos de Mauricio, bastaria a ideia de que outro o preterira no coração de uma mulher, a quem elle havia dedicado um olhar de galanteio, para devéras o irritar.

Mas, de justiça é que se diga, o amor, a paixão, a inclinação, o capricho, ou como mais rigoroso nome tenha, o sentimento de Mauricio para Bertha attingira a maxima intensidade, a que podiam subir os affectos d'aquelle character voluvel. Se não amava ainda devéras, é certo tambem que nunca amára melhor. Bertha demais possuia sobre as outras mulheres, que nas épocas successivas haviam reinado na imaginação d'este rapaz, o prestigio das recordações de infancia, a distincção de

tracto adquirida na educação da cidade, e até a desaffecteda reserva com que lhe tinha acolhido o galanteio.

As reflexões de Jorge contra aquelles amores, a perspectiva das repugnancias de familia, dos obstaculos a vencer, dos preconceitos e paixões com que lutar, longe de extinguirem a chamma em que elle procurava abraçar-se, antes mais a activavam.

A ideia de um amor entre dois corações jovens, amor constante em despeito do antagonismo, das animadversões e dos odios das familias; esse eterno e poetico thema de tantas obras de arte, era sympathico á phantasia de Mauricio, que, seduzido por ella, chegou a convencer-se de que estava destinado a ser mais um exemplo do caso; estímulo este sufficiente para o apaixonar.

Jorge estranhou-lhe o ar pensativo, mas não o interrogou.

A baroneza, usando dos privilegios de mulher nova e elegante, costumada a não refrear a sua curiosidade feminina, interpellou-o directamente:

— Não voltaste muito amavel do teu passeio matinal, Mauricio. Que foi isso?

— Perdoe-me, prima. Isto é uma das muitas mudanças de colorido que, sem que se saiba por que, se opéra no humor de uma pessoa.

— Hum! Não andará ahí influencia do coração?

Mauricio soltou um meio riso de descrente, respondendo:

— O coração! O meu coração é modesto. Não aspira a dominar. Nunca lhe conheci essas tendencias.

— N'isso mesmo que dizes d'elle se está a perceber que ha espinho lá dentro.

— A prima ha de perdoar-me a franqueza; mas já vejo que tem o defeito do seu sexo, que é não poder imaginar que haja sobre o character e a boa ou má disposição de um homem outra influencia que não seja a de uma mulher.

— E quando os homens se occupam tão pouco de coisas graves, como... certos que nós conhecemos, a lei não deixa de ser verdadeira.

— Engana-se; vê? Os homens da minha indole são exactamente aquelles que estão menos sujeitos á influencia que diz. Aceitamos a infidelidade e a inconstancia feminina como um facto natural e com que já contávamos, porque em nós nunca se desenvolvem aquellas illusões que levam muitos espiritos a endeusar a mulher. Estamos prevenidos para todas as occorrencias, porque nunca nos esquecemos da fragilidade d'esses delicados objectos, que amamos só por que são frageis e delicados. As grandes desillusões e os profundos desespêros são para os que fazem do amor um culto e sonham a mulher de uma essencia superior. Persuadem-se de que é de crystal a bola de sabão matizada que os seduz, e portanto ficam muito desconsolados quando ella se lhes desfaz no ar.

— Cada vez confirmo mais a minha supposição. Eras bastante delicado para me pouparees a essa theoria de mau gosto sobre a mulher, se não estivesse fallando em ti o despeito por uma causa recente.

A exactidão da observação da baroneza feriu Mauricio no riso e fê-lo balbuciar, córando:

— Peço perdão se a minha franqueza a offendeu, porém...

— Não te cansas a desculpar-te. Eu até achei graça a essa profissão de scepticismo, já muito meu conhecido, mas que não sabia que tambem nascia nos bosques, onde julguei que se haviam refugiado as boas crenças desde que emigraram das cidades. Amanhã espero que estarás mais senhor de ti.

— Estou a sangue frio, creia.

— Veremos com mais vagar esse coração. É-me isso preciso para os meus planos.

— Os seus planos?!

— Então já te esqueceste de que eu estou aqui principalmente por tua causa?

— Ah! sim, agradeço-lhe o cuidado; mas estou receiando ter de dar-lhe muito que fazer.

— Veremos.

A noite chegou e bem vagarosa para a impaciencia de Mauricio.

Pouco mais seria de Ave-Marias, já elle instava com os primos do Cruzeiro para que fossem pôr-se de vigia.

— Isso não vae assim!— diziam elles— Pois que cuidas tu? Não sabes que o passaro é dos que só voam de noite? Falla-nos lá para as onze horas.

Mauricio illudiu em todo este tempo a sua impaciencia, tentando provar aos primos com argumentos novos, que lhe tinham occorrido em casa, a impossibilidade de ser para Bertha a visita nocturna da Herdade.

Os primos respondiam rindo só com phrases equivocas, que Mauricio não comprehendia.

— Olha cá, ó Mauricio— perguntou o mano doutor— em tua casa sabe-se do teu namoro com a filha do Thomé?

— Ahi vens tu com o namoro!...

— Pois seja o que quizeres; da tua affeição, se achas mais bonito; mas sabem?

— Apenas o Jorge me fez a esse respeito algumas reflexões.

— Ah! o Jorge fallou-te n'isso?

— Ha dias. Pelos modos o Thomé queixou-se-lhe...

— Ai, o Thomé queixou-se ao Jorge? Sim senhor, tem graça. Que te parece, ó Lourenço?

— É bem bom! e então o Jorge deu-te conselhos, hein?

— Sim, disse-me alguma coisa; que era preciso cautela, que não era prudente o meu proceder...

— Ah!

— E quasi me fez prometter que desistiria.

— Ah! fez-te prometter isso?

— Quasi.

Os dois não podiam suster o riso.

— É impagavel aquelle Jorge!— repetia de quando em quando o padre.

— Vocês bem sabem o genio d'elle.

— Ai, sabemos. Pois nós bem sabemos... o genio d'elle. Ah! ah!...

E os risos redobravam.

Mas a noite chegára emfim e cerraram-se cada vez mais as sombras sobre os caminhos do campo. Mauri-

cio pôde finalmente acompanhar os primos ao logar da espia.

Dirigiram-se alli por os sitios menos frequentados, e sem soltarem uma palavra.

Mauricio, a seu pezar, sentia-se dominado por uma commoção profunda. Não era só despeito, era já uma nascente repugnancia pelo acto que praticava. Envergonhava-se d'aquelle furtivo mister de espião.

Chegados ao local, o padre escolheu a posição de maneira que podessem vêr, sem serem vistos.

Por muito tempo nada descobriram; nem ouviram mais algum som além do melancólico gemer dos sapos, a distancia.

Mauricio, entre impaciente e satisfeito por o resultado nullo da espionagem, principiava a dirigir aos primos alguns ditos epigrammaticos, quando a mão do doutor tapou a boca, ao mesmo tempo que o padre se voltava para lhe recommendar silencio.

Effectivamente encostado ao muro da Herdade caminhava um homem, que a sombra da noite não deixava conhecer.

Chegando á porta, que devia estar apenas cerrada, empurrou-a e entrou, e fechou-a de novo sem fazer ruído.

Mauricio quiz correr atraz d'aquelle homem. Retiveram-no os primos.

— Espera, pateta! Deixa-o sahir, que eu te prometto que havemos de conhecê-lo.

— Que diabo queres tu fazer, maluco? Não vês que espantas a caça?

— Hei de vêr quem elle é!

— Pois sim, mas para isso é preciso prudencia.

— A porta ficou aberta. Eu vou...

— Vaes aonde? Ora tem juizo! A sahida pilhamol-o.

Mauricio porém insistiu e os primos condescenderam em passar um cauteloso exame á entrada por onde o vulto desaparecera.

Reprimindo a custo os impetos de Mauricio, o padre dirigiu a exploração, e mui de mansinho entreabriu a porta e entraram no pateo da casa; perto ficava a escada, por onde se subia para as salas.

Maurício ia a transpô-la, mas os primos impediram-n'o. D'aqui originou-se uma pequena altercação que, ainda que em voz baixa, foi percebida pelos cães que latiram furiosos.

De uma das janellas da casa partiu uma voz, perguntando:

— Quem está ahí?

Era a voz de Bertha.

Maurício ia a responder-lhe, cheio de indignação, mas o padre tapou-lhe a boca e obrigou-o a retirar-se.

Esta retirada foi feita com tal pericia, que não excitou mais attenção da gente da casa.

Tudo recahiu em socego.

A presença de Bertha foi para Maurício a confirmação das suspeitas dos primos.

Por isso mais excitado e impaciente do que até alli, aguardava a sahida do mysterioso incognito.

O padre collocou-se em sitio apropriado para poder tóther a passagem ao visitador nocturno.

Perto de hora e meia aguardaram os tres. A final ouviu-se ruido na porta, e depois de algumas palavras ditas para dentro a meia voz, o homem espiado sahiu.

Ouviu-se atraz d'elle correr a chave na fechadura cautelosamente.

A vinte passos, pouco mais ou menos, de distancia da casa de Thomé, o personagem que tanta curiosidade excitava, viu o vulto de tres homens immoveis, que lhe estorvavam a passagem.

Mais perto d'elles, parou a perguntar-lhes:

— Tenho o caminho livre?

— Apenas depois de satisfeita a simples formalidade de se dar a conhecer — respondeu o padre.

— Á ordem de quem?

— De tres contra um.

— É direito que não reconheço.

E o individuo, desembaraçando um pouco os braços, que levava envolvidos em uma manta, parecia disposto a fazer face a uma d'essas aggressões, que não são raras em algumas das nossas freguezias ruraes.

N'este tempo porém Maurício, a quem a voz d'este



homem havia ferido desde as primeiras palavras que lhe ouvira, adiantou-se para elle, e ao vê-lo desembaraçado, exclamou:

—Mas... elle é Jorge!

Os primos soltaram uma risada.

Jorge, que o leitor já tinha reconhecido, vendo emfim quem eram os seus suppostos aggressores, deixou outra vez cahir a manta sobre os hombros e perguntou em tom de leve despeito:

—Então que brincadeira é esta?

—Não é nada, primo Jorge—respondeu o doutor—quizemos apenas verificar uma suspeita. X

—Uma suspeita?!

—Vamos, perdoa-nos a indiscrição, mas bem vêes que ha poucos prazeres para uns peccadoraços como nós, iguaes ao que nos causa o vêr cahir um sancto nas mesmas fraquezas de que nos accusam.

Isto disse o padre, o doutor acrescentou:

—O que te pedimos de hoje em diante é menos severidade nos teus juizos e mais indulgencia para as misérias dos humanos.

Jorge principiou a irritar-se com as palavras dos primos; voltando-se para Mauricio disse-lhe com certa rispidez e quasi tremendo de indignação:

—Tu, que estás mais habituado do que eu a lidar com estes senhores, não me saberás explicar estes ditos, que não percebo, e ao mesmo tempo a significação da tua presença aqui, a tolher-me os passos, como um ladrão nocturno?

O silencio de Mauricio significava tambem muita indignação e cólera concentrada.

A presença de Jorge n'aquelle lugar sómente a podia explicar aceitando a hypothese maligna dos do Cruzeiro; e na recordação da conversa que tivera com o irmão, a respeito da filha de Thomé, via agora um excesso de dissimulação e hypocrisia, que o revoltavam tanto mais vehementeemente, quanto maior era o respeito que até alli lhe mereceu o character de Jorge.

Por isso a severa interpellação d'este fez rebentar em explosão aquella cólera mal reprimida.

—Escusas de te armares com os teus costumados ares de juiz e de censor, Jorge—exclamou Mauricio indignado—bem vês que, desde este momento, perdeste para mim todo o prestígio e toda a authoridade moral. Tive até hoje candura bastante para tomar a serio o teu character de prudencia e a tua lealdade, mas desde que vejo a hypocrisia, que havia em tudo isso, sou eu que domino e que tenho o direito de interrogar e de censurar.

—Enlouqueceste, Mauricio?—perguntou Jorge em tom quasi de piedade, que mais irritou o irmão.

—Que indigna e ridicula comedia andas tu a representar n'este mundo?—tornou este quasi allucinado—Na tua idade tens já coragem para tanto! Armares-te de severidades pedantes contra as minhas loucuras de rapaz, loucuras leaes a final de contas e a descoberto, loucuras, mas não vilezas, e occultares na sombra actos, que a mim, ao estouvado e perdido, fariam córar de vergonha. Oh! não te invejo o talento de comediante, Jorge.

—Mauricio, repara que não estás em ti.

—Sim, eu tenho esse defeito. Não sei medir as minhas palavras, não sei encobrir, nem disfarçar; tudo o que penso me vem aos labios. Hontem dizia que te estimava e respeitava, e era verdade; hoje digo-te que te desprezo e te lastimo, e é verdade tambem. Cuidas que não me recordo das tuas palavras e dos teus conselhos ha poucos dias? Invocaste o nome sagrado de nossa mãe, a memoria venerada de Beatriz, para quê? para exigires de mim uma promessa; dizias tu, que era a de respeitar a paz de coração de uma rapariga, que uma abençoára e a quem a outra quizera como a irmã; mas sob a capa d'essa promessa ia a de te deixar em paz no gozo das tuas aventuras nocturnas e dos teus amores traiçoeiros e escandalosos.

—Silencio!—exclamou Jorge, com um tom intimativo que cortou em meio as palavras do irmão.

—Podia perdoar-te todos os insultos feitos ao meu character; não posso consentir que calumnies quem não está aqui para se defender, e quem tinha direito a es-

perar encontrar em ti um defensor e não um calumniador. Ordeno-te silencio em nome de alguns restos de honra, que ainda te deixassem intacta as companhias de vassas que frequentas.

— Que é lá isso, priminho, que é lá isso? — acudiram immediatamente os dois manos.

Jorge não se intimidou.

— Não me assustam as suas ameaças. Sei agora o que significa esta espionagem e aquellas gargalhadas cynicas e alvares de ha pouco. Cabe-lhes bem o papel degradante que desempenham aqui, e nem é de estranhar o conceito que formam das intenções dos outros de que julgam pelas suas. O que lamento é vêr-te associado a esta empresa, Mauricio, porque, faço justiça ao teu carácter, deve repugnar-te intimamente o passo que deste.

— Em vez de sermões, priminho, não acha que seria melhor explicar-nos o que veio fazer a horas mortas a esta casa?

— Não sinto a necessidade de explicar as minhas acções diante de taes juizes. Pouco me importa a estima em que teem a minha reputação os senhores do Cruzeiro. Resignar-se-hão portanto a prescindirem das explicações que pedem.

Os dois riram-se maliciosamente. Jorge proseguiu:

— Entendo esse riso. Conheço-os. Sei que depois da espionagem se segue a calúnia; mas o meu desprezo é muito grande para transigir. Calumniem.

— Ora essa! Nós sabemos guardar um segredo. Socega.

— Sei qual é o alimento com que se nutre a sua ociosidade. Não importa. Á vontade, meus senhores, teem a estrada livre e contem que não serei eu que os estorvo n'aquella que costumam seguir, porque não a frequento.

Dizendo isto, deu alguns passos para se afastar; depois, voltando-se para Mauricio:

— Repara que já desceste o primeiro degrau da infamia; espiaste; agora vê se desces o segundo, caluniando. Ha n'aquella casa uma familia tranquilla e respeitada, ajuda agora esta gente a manchal-a de lama,

ajuda; o insulto é facil para quem não precisa de se abaixar muito para a apanhar.

Os primos, ainda que valentes e atrevidos, ouviram com excepcional prudencia a correcção que lhes infligira as palavras de Jorge e limitaram-se a acompanhal-o de risadas quando elle se retirou.

Mauricio estava já sentindo remorsos do que dissera ao irmão. Este adquirira sobre elle o seu antigo ascendente.

— Parece-me que foi bem infame o que fizemos aqui — disse Mauricio, arrependido.

— Sim? Parece-te isso? Pois vae pedir perdão ao mano — tornou-lhe o padre, rindo com desdem.

— Parvo! — exclamou o doutor — Querem vêr que engoliu a arara?!

— Deixa lá, então que queres? a innocencia tem d'estas canduras.

— Mas vocês ainda acreditam?...

— Ora adeus, adeus! Vae-te deitar e vê se nos arranjas umas indulgencias do mano Jorge.

E os primos deixaram Mauricio, e partiram zombandó da candura d'elle.

Mauricio voltou a casa desgostoso de si e com o espirito fluctuando entre o remorso e a suspeita.

## XVI

Amanheceu alvoroçada e ruidosa a Casa Mourisca no dia destinado para o jantar, em homenagem a Gabriella.

N'aquelle tranquillo e silencioso edificio, que parecia constantemente absorvido nas recordações dos seus tempos de gloria, notava-se um movimento excepcional.

O velho fidalgo não quizera faltar ás tradições de hospitalidade que a familia lhe legára.

Ordenou que, embora á custa de qualquer sacrificio, se celebrasse a chegada da sobrinha, segundo o velho estylo, convidando-se para jantar os representantes da mais preclara nobreza dos arredores.

Ainda que a tristeza e misanthropia, de que era victima, o trouxessem, havia muito tempo, arredado dos parentes e dos amigos de outras épocas, o senhor da Casa Mourisca preferiu sujeitar-se á impertinencia de lhes abrir mais outra vez as suas salas, a deixar de cumprir uma pratica que lhe impunham os brios de fidalgo creado nos habitos de grandeza e liberalidade de um solar de provincia.

Jorge tentára ainda oppôr algumas sensatas reflexões a esta dispendiosa exhibição de uma opulencia mentida; mas encontrou o pae inflexivel.

Frei Januario, que antevia a perspectiva d'um d'aquelles regalados jantares, que se tinham ido com os dizimos, com os foraes, com as luctuosas, com os conventos, com as milicias e com muitas outras coizas igualmente des-

pertadoras das suas clericas saudades, frei Januario, dizemos, sentia em si uns jubilos de criança, que nem podia nem procurava disfarçar.

Eloquente como nunca, corroborou a opinião do fidalgo, fazendo-lhe bem sentir o deslusto que soffreria o brazão da casa se não se observassem essas praticas senhoris dos tempos passados, e dando como facéis de aplanar todas as difficuldades que, á primeira vista, apresentava o projecto.

A Jorge, que lhe suscitava algumas objecções, o egresso sómente respondia:

— Tenha paciencia, snr. Jorge, a nobreza obriga!

— Obriga a ser nobre, que é ser leal, sincero, honrado, sem affectação, sem prodigalidade, e sem sumptuosidades que se sustentem á custa alheia.

— Á custa alheia?!

— Emquanto esta casa tiver uma divida é á custa alheia que vive, gere dinheiro de outros e não lhe é airoso gastar em festas e banquetes o que precisa para remir-se primeiro e para prosperar depois.

— Uma casa de fidalgos não é uma casa de commerciantes. Que estes, que não teem um nome a respeitar, se não mettam em cavallarias altas, entende-se. E é até muito para sentir vêr por ahi fazer o contrario, como se vê! Mas agora quem tem brazão na porta e retratos nas paredes...

— Quem tem brazão e retratos, e vive como n'esta casa se tem vivido, arrisca-se muito a ter de vender um dia brazões e avós, por preço modico, ao commerciante que teima em metter-se em cavallarias altas, e que tem a felicidade de não cahir do cavallo abaixo.

— Adeus, elle ahi vem com as suas! Eu já lhe disse, não percebo que ideias são essas com que o menino me anda ha tempos. Ora para o que lhe havia de dar! O filho mais velho de uma casa como esta, aparentado com as primeiras familias do reino, com marquezes e duques da melhor linhagem, tudo nobreza antiga e da que não admitte duvida a fallar como qualquer d'esses bacharelitos que veem de Coimbra, mações nos ossos e republicanos na alma! Uma coisa assim!

Apesar da repugnância que sentia pela festa ordenada por o pae, Jorge julgou prudente superintender nos aprestes d'ella, para obstar a que fôsem dirigidos pelos alvitres do padre procurador.

Um d'estes alvitres fôra o de se pedir emprestadas ás proprias familias convidadas diversas peças de baixela, de que estava desprevenida a cópa da Casa Mourisca.

Este ridiculo expediente era pelo padre tido na conta de engenhosa tactica, porque, explicava elle: cada familia, conhecendo apenas a prata que lhe pertencia, havia de suppôr que toda a mais era da casa, que em tempo fôra das mais bem providas n'esta especie. Por tal fórma, não se tornaria notada a falta, e cada qual se daria até por lisongeadado em haver merecido do proprietario esta prova de confiança.

Jorge não se deixou convencer, apesar do persuasivo da logica; e em despeito de vehementes protestos do padre, exigiu que o serviço se fizesse sómente com o pouco ou muito que houvesse em casa.

O padre appellou para o fidalgo, que n'isto porém decidiu a favor do filho.

Os convidados para o jantar eram todos da mais genuina fidalguia da provincia. Por muitas d'aquellas veias andava globulo de sangue, que já pertencêra a Fuas Roupinho ou a Egas Moniz e que por um mysterio physiologico, que só se dá n'aquella esmerilhada casta, conseguira transmittir-se inteiro de veias para veias, atravez de vinte gerações, com o fim providencial de manter inabalaveis os brios da raça.

Era um gosto seguir pelos seculos fôra a linha, pela qual alguns dos presentes procediam muito directamente de qualquer notavel heroe das origens da monarchia. Havia tal que tinha tirado a limpo o numero de ordem que lhe competia n'aquella illustre enfiada de morgados, e que deixava evidente, por um *autem genuit* nobiliario, ser o vigesimo ou o decimo-setimo rebentão de sua preclarissima cêpa. Bom fôra que elle se tivesse entregado a esses calculos, por não ser provavel que apparecesse, no succeder dos tempos, outro espirito de igual

alcance, que ousasse mergulhar em tão transcendentos e uteis computações; e assim ficaria a humanidade privada de uma noção valiosissima.

Embora estivessem um tanto enfiadas e pécas quasi todas aquellas vergontes, sempre derivavam de uma profunda cêpa; e quem não havia de preferil-as a ramos embora cheios de viço, cujas raizes estivessem á flôr da terra?

Os dotes physicos tinham, é verdade, soffrido um pouco com os extremos e cuidados empregados para conservar a crase aristocratica d'aquelle sangue livre de toda a mistura que o derrancasse; os dotes intellectuaes, em geral, resentiam-se do cordão sanitario, de que os chefes d'aquellas familias as haviam cingido para precavê-las da infecção de ideias novas, propagadas pelos livros e jornaes da actualidade. Mas lá estava o fermento da fidalguia, que era o essencial, e que suppria bem a saude e a illustração.

Algumas familias, que cedendo um pouco ás exigencias da época, não tinham trancado de todo os portões dos seus solares a certas innovações, eram por esse facto, olhadas com desconfiança por os puros, que as accusavam de eivadas pela lepra do seculo.

Emquanto se esperava pelo jantar, formavam os convidados na sala nobre da Casa Mourisca grupos variados e caracteristicos. As senhoras de idade madura, tias e mães, sentadas em semi-circulo em um dos angulos da sala, narravam pausadamente umas ás outras as occorrencias domesticas relativas ao intervallo de tempo em que se não tinham visto; exaltavam os dotes pessoaes do filho primogenito e as prendas da menina da casa.

Finalmente combinavam enlaces matrimoniaes entre os seus filhos e sobrinhos, de maneira que o sangue dos descendentes sahisse ainda mais rico em essencia aristocratica, se é que era susceptivel de maior apuro.

Os chefes de familia, passeando na sala, ou formando grupos nos vãos das janellas, lidavam na sua tarefa de vinte annos; a de demonstrar que o que perdêra a causa realista fôra a traição e o suborno; e, arvorados em prophetas, entoavam trenuos sob a imminente dissolução



social, periphraiseando os artigos de fundo da *Nação* e do *Direito*.

A abolição dos morgados e vinculos, definitivamente decretada poucos annos antes, fornecia forte alimento para aquellas jeremiades; os dissipadores fidalgos, que tinham arriscado o futuro e bem-estar dos filhos, desbaratando-lhes a legitima com a sua imprevidencia e prodigalidade, lançavam agora á conta da lei o que era a consequencia logica da sua má administração. X

As raparigas fallavam umas com as outras, de vestidos e de enfeites, e dispunham de quando em quando de algum olhar mais terno para qualquer dos primos presentes, em cujo numero se continham os namorados de cada uma ou de mais do que uma. Estas representantes das poeticas e vaporosas castellãs, que na meia idade premiavam os campeadores na liça, os guerreiros na volta dos combates, e os menestreis e pagens que lhes endereçavam conceituosos galanteios nos estrados das salas, tinham perdido muito da poesia do typo primitivo. Vivendo em uma época em que não havia campeões, guerreiros; nem trovadores para premiar, limitavam-se as meninas a acceitar a côrte dos primos, tambem muito pouco parecidos com os seus cavalleiros avós, e com a maior candura, que póde medrar na provincia, roubavam umas ás outras os noivos e os namorados.

Algumas havia alli mais revolucionarias, que tinham conseguido introduzir o piano em casa e com elle as musicas da moda, obtendo uma ou outra vez dos paes a concessão de dar uma partida, onde a nata da nobreza provinciana dançava os *Lanceiros* como qualquer sociedade de artistas.

Os rapazes reunidos no terraço fumavam e atiravam a revolver aos troncos das arvores ou ás avesitas que poisavam nos ramos.

A maioria, ou morgados ou filhos segundos, era de ignorantes e vadios; se alguns haviam descido até ao ponto de irem a Coimbra fazerem á sciencia a honra de a estudar, poucos d'esses mostravam as habilitações adquiridas, exercendo qualquer mester social. Seria do-

brar o desdouro. Commettida a fraqueza de sentar-se nos bancos das aulas ao lado dos filhos dos commerciantes e lavradores, devia-se pelo menos seguir o exemplo do mano bacharel do Cruzeiro, o qual evitára a circumstancia aggravante de servir depois para alguma coisa.

Formava grupo á parte frei Januario em animado colloquio com outros dois padres, tambem appensos a casas fidalgas, e igualmente fervorosos na defeza dos legitimos direitos da nobreza e abominadores dos pedreiros livres.

Mauricio, na companhia dos rapazes no terraço, entre os quaes se achavam os dois primos do Cruzeiro, tomava parte nas suas diversões, mas sem perder certo ar de melancolia, que lhe ficára das scenas da vespera.

Jorge attendia a todos, mas n'elle era ainda mais evidente do que em Mauricio a preocupação de espirito.

Desde a vespera os dois irmãos não haviam trocado uma palavra. Gabriella notára-o, e desconfiava de que alguma coisa se tivesse passado entre elles.

Não deixava porém a baroneza de desempenhar pela sua parte, com superior sciencia, o papel que lhe cumpria, como a pessoa em honra de quem tinha logar a festa de familia. Ia de grupo a grupo, tendo uma amabilidade certa para cada individuo, e conseguindo desvanecer com as inebriantes inhalações de lisonja a superciliosa desconfiança que os seus ares de côrte da actualidade despertavam n'aquelles espiritos, escrupulosos respeitadores da côrte velha.

Houve uma circumstancia que excitou a curiosidade da baroneza. Notára ella que a maior parte dos rapazes, com quem os manos do Cruzeiro haviam conversado e rido, seguiam Jorge com olhares maliciosos, e que sempre que este lhes voltava costas, trocavam uns com outros risos mal suffocados. Da roda dos rapazes communicára-se o mesmo effeito á das raparigas, por intermedio dos colloquios de alguns namorados, e dentro em pouco viu-as olharem tambem para Jorge com certa

estranheza, e cochicharem e rirem umas com as outras, quando livres da observação d'elle.

A mysteriosa confidencia passava de labios para ouvidos com rapidez tal, que momentos depois estava nas visinhanças de Gabriella.

Não pôde a curiosidade d'esta tardar mais tempo em informar-se do que assim agitava a sociedade moça, e que até já havia deixado estupefacta mais de uma respeitavel matrona, que por acaso fôra participe do segredo.

— O que é que se diz por ahi, priminha? — perguntou a baroneza á rapariga mais proxima — corre de certo alguma noticia estranha, porque as vejo todas em alto roço.

— E com razão. Então não sabe? O primo Jorge tem um namoro!

— E o caso é para taes espantos?

— Pudera não! Então não conhece o primo Jorge; já vejo. Ainda não houve quem lhe merecesse um compromisso, que não fosse de simples cerimonia! Todos iriam jurar que era impossivel que elle gostasse de alquem. E vejam lá.

— É porque pertence á especie rara dos que amam só uma vez, e dos que amam de maneira tal que não podem sem remorsos amar por passatempo.

— Pois será. Mas vejam aonde foi elle cahir!

— Então quem é ella?

— A Bertha, A filha do Thomé!

— Fico na mesma, priminha.

— Não conhece o Thomé? O Thomé da Herdade! Um lavrador que foi criado do tio Luiz e que está hoje rico!

— Ah! bem sei; então é uma rapariga do campo.

— Envernizada na cidade; onde o pateta do pae a mandou educar. Chegou ha dias a casa.

— E Jorge conhecia-a?

— Em criança, sim. Depois julgo que se não viram senão agora.

— E quem descobriu essa paixão?

— Viram-n'o sahir umas poucas de noites de casa d'ella.

— Jorge?!

— É verdade. Os primos do Cruzeiro viram-n'ô, e parece até que o primo Mauricio.

— Ah! Mauricio?!

— Sim, é o mais bonito é que esse também pelos modos tinha suas pretensões, por passatempo já se sabe, olha o outro! a esse então tudo lhe serve, De maneira que hoje estão que nem palavra dizem um ao outro.

— Isso já eu notei; mas custa-me a crêr que Jorge...

— E a todos. Pois aquelle sonsinha...

— Não é isso o que eu dizia. O que eu acredito é que, sendo o que me diz verdade, Jorge ama de veras essa rapariga, e elle não tem character para abusar de alguem. Deus sabe o que de tudo isso pôde resultar.

— Quer dizer a prima que é capaz de casar com ella?

— Sim, estou convencida de que se elle a ama, formou já essa tenção e ha de cumpril-a,

— Tinha que vêr a prima Bertha da Povoal!

— Eu lhe digo, para a menina talvez tivesse que vêr, para mim, que já estou costumada a esses espectaculos, seria a coisa mais natural do mundo.

Assim, informada do que se passava na sala, Gabriella observou com mais attenção Mauricio e Jorge, e estudou nas physionomias de ambos os vestígios d'aquelle mysterio.

Era manifesta a frieza que os separava n'aquella manhã. Evitavam-se tanto, quanto podiam. As frentes d'um e d'outro estavam contrahidas, e os sorrisos gelavam-se-lhes nos labios, sempre que queriam forçal-os a apparecerem.

— Será verdade que Jorge ame essa rapariga? N'esse caso deve ser uma paixão bem séria a d'elle — pensava Gabriella.

N'este tempo a porta da sala abriu-se e D. Luiz appareceu aos seus hospedes vestido com aquelle esmero e gravidade, que sabia guardar em todos os actos da vida.

O fidalgo não tivera pressa em apresentar-se na sala. Fizera-se substituir por Jorge na solemnidade da re-

cepção e na da apresentação de Gabriella a todos os primos, que ainda não a conhecessem.

Frei Januario explicara a ausencia do fidalgo, attribuindo-a a incommodos habituaes, que sómente mais tarde lhe permittiam sahir dos aposentos.

A verdade, porém, era que D. Luiz desejava encurtar, quanto lhe fosse possível, o tempo em que tinha de conviver com os seus parentes n'aquelle dia dedicado aos deveres de hospitalidade.

Produziu alvoroço na sala a entrada de D. Luiz.

Todos correram a cumprimental-o com aquella deferencia, que a indole séria e melancolica do fidalgo e a evidente superioridade da sua intelligencia e educação a todos impunha.

— Como vaes tu, D. Luiz? — disse, apertando-lhe a mão um ex-coronel de milicias, que havia acabado, pouco tempo antes, de ameaçar com a espada que tinha em casa na gaveta todas as constituições do mundo.

— Graças a Deus que deste signal de vida, homem!

— O primo D. Luiz devia procurar mais distracções — acudiu a vigesima descendente de um dos guerreiros de Ourique.

— Ainda bem que a priminha Gabriella o veio tirar do seu lethargo — acrescentou outra, ramo infructifero de arvore igualmente illustre.

O titulo de baroneza raros o concediam a Gabriella, porque era de origem suspeita para aquelles pechosos aristocratas.

D. Luiz respondeu com um forçado sorriso aos cumprimentos, dizendo:

— Devem procurar-se as distracções, quando o espirito não se dá bem com as ideias tristes. Mas isso não succede commigo. Já não posso viver sem esta escura companhia dos meus pensamentos. O esforço para fugir-lhe mais me afflige.

— Ora essa! Sentir-se um homem bem com a tristeza! Ora essa! — estranhou o ex-miliciano.

— São contradicções apparentes — disse Gabriella para o tio. — As saudades teem d'isso. Por isso lhes chamaram «gosto amargo e pungir delicioso.»

— Quem é que lhes chama isso? — perguntou uma fidalga de oculos, um pouco sentimental e litterata, que estava ao pé de Gabriella.

— Foi Almeida Garrett — respondeu esta, sorrindo, como quem suspeitava que não ficaria satisfeita a curiosidade da interrogante.

Effectivamente a historia litteraria de Portugal parára para ella em José Agostinho de Macedo.

— Almeida Garrett!! — repetiu um dos mais intractaveis realistas presentes que ouvira a resposta — eu conheci um d'esse nome, que era secretario ou coisa assim do duque de Palmella n'aquelles bons governos do Porto em 1834, isso era um liberalengo dos quatro costados.

Na linguagem pittoresca d'este sujeito, a palavra liberalengo era a mais eloquente expressão com que s. exc.<sup>a</sup> conseguia traduzir todo o desprezo que lhe mereciam as ideias e os homens de 1820 e 1832.

— E perdeu-o de vista depois? — inquiriu Gabriella com leve ironia.

— Sim, perdi. Eu conheci-o por acaso.

— Então não o conheceu orador no parlamento, ministro, poeta, prosador e chefe de uma revolução litteraria?

O fidalgo abriu os olhos, prolongou os labios e sacudiu a cabeça, dizendo:

— Olhe, prima; eu, a respeito de parlamento.... Temos conversado; não sei se me entende.. De ministros tambem não quero saber, porque tenho receio de que me digam que nos governa o filho do meu sapateiro. Agora a respeito de poetas... se quer tambem que lhe diga, eu nunca tive quédá para sonetos. Lá chefe de revolução estou convencido de que elle seria, porque para guerrilheiro estava talhado. X

A baroneza deu muita razão a este seu primo e foi para um grupo de raparigas, que passaram a interrogal-a sobre a ultima moda do talho dos vestidos.

Annunciou-se emfim o jantar. Houve geral reboição na sala, e a companhia seguiu mais ou menos anarchicamente para o banquete.

Frei Januario tinha meditado maduramente a ordem de collocação dos diversos convivas, segundo as regras da etiqueta em que elle era mestre. E como n'este ponto ninguem lhe contrariasse os planos, havia-se sahido muito á sua vontade da tarefa.

Assumindo pois as funcções de mestre de ceremonias, começou a designar a cada convidado o logar que lhe competia.

Infelizmente, porém, nem todos foram doces ás indicações do padre, e sobre tudo os rapazes que, sem lhe darem attenção, iam sentar-se onde muito bem queriam, e ao pé quasi sempre de alguma prima, que não desgostava da visinhança.

Isto transtornou completamente os estudos do padre, que tivera mais que tudo em vista a separação dos sexos e das idades; mas debalde protestou contra a anarchia que invadira a mesa.

Quem, porém, acabou por o perturbar foi D. Luiz, quando do alto da mesa e com a hospitaleira cordialidade, que conseguiu affectar, exclamou:

— Queiram sentar-se á vontade. É bom que os velhos se misturem com os moços para temperar os ardores da juventude com a prudencia dos annos. Outras desigualdades não ha aqui a attender.

Esta ultima parte fez torcer o nariz a um ou outro fidalgo que tinha motivos para se suppôr mais preclaro do que os primos, mas não houve protesto formulado, e todos obedeceram ao convite do dono da casa.

O padre esteve em risco de perder o appetite.

Valeu-lhe porém a judiciosa reflexão que lhe fez ao ouvido o collega, dizendo:

— Sentemo-nos, que bom logar é todo aquelle onde se come bem.

Jorge ficou aos pés da mesa e portanto fronteiro ao pae.

Os primos do Cruzeiro, um de cada lado da mesa e perto da cabeceira, continuavam a sorrir provocadoramente e a fazer rir os outros.

Ao passar perto de Jorge, para tomar logar, a baroneza murmurou-lhe:

— Falla-se muito de ti, Jorge.

Jorge fez um signal de quem estava informado do facto, e respondeu sorrindo de uma maneira especial:

— Talvez se falle mais e mais alto d'aqui a pouco.

O jantar não desdizia do puritanismo d'aquella sociedade.

Era um jantar á portugueza e digno de portuguezes, que não querem: *nostrum regnum ire fore de Portucalesibus*.

A Casa Mourisca, bem explorada, ainda deu para ostentar um esplendor, que se nada era em comparação com o dos magnificos festins, que em tempos passados a animaram, não envergonhava o seu brazão perante os fidalgos presentes que, pela maior parte, o tinham tanto ou mais deteriorado.

Os criados suppriram com diligencia o numero, de modo que o serviço correu regular.

Emquanto se servia a sôpa e não se havia encetado as libações, reinou na sala aquelle silencio momentaneo, proprio da occasião.

Só se ouve o tocar das colheres nos pratos, e o sôrvo mais ruidoso de alguns convivas, que se não estrangem. O appetite satisfaz-se, dão-se treguas ás conversas. Depois retiram-se os primeiros pratos, enchem-se os copos, repousam os commensaes, e de visinho para visinho trava-se a meia voz um dialogo cortado, sobre assumptos insignificantes. Depois o tinir das louças e dos crystaes, o vapor oloroso das iguarias, os effeitos excitantes dos vinhos animam o espirito; o tom das conversas eleva-se, o visinho fronteiro intervem, cresce a confusão, os risos misturam-se com as palavras, a timidez dissipa-se, cada qual sente-se com um arrojo que desconhece, vencem-se reservas e resistencias que pareciam insuperaveis, reina a vida na sala do banquete.

Por estas diversas e successivas phases passou o jantar em casa de D. Luiz. No meio d'elle, berrava-se politica alli, jogavam-se epigrammas acolá, segredavam-se requebros em outro ponto, e dava-se largas á maledicencia em quasi todos.



Jorge conservava-se serio e reservado, como estivera toda a manhã.

Mauricio fazia esforços para mostrar-se despreoccupado, porém mal o conseguia.

Para o fim do jantar percebia-se pelo tom de algumas risadas e pelo theor de algumas conversas, que os restos da garrafeira da Casa Mourisca não tinham desmentido os seus antigos creditos, firmados em tantas façanhas.

Os primos do Cruzeiro sobre todos fallavam em um tom de voz, que mais do que uma vez attrahira as geraes attentões e fizera contrahir o sobr'olho a D. Luiz.

A cada momento as allusões a Jorge, que elles entremeiavam nos seus informes discursos, tinham obrigado a maioria dos olhares a convergirem para o filho mais velho de D. Luiz, que os arrostava com uma serenidade desprezadora.

Encetaram-se os brindes. Brindou-se a baroneza, brindaram-se na pessoa dos seus chefes as familias illustres alli presentes, brindaram-se os caudilhos do partido realista, brindou-se em honra da sancta causa, em honra da imprensa fiel, em honra das velhas instituições, em honra do throno e do altar e de muitas outras coisas.

Frei Januario, para mostrar o seu fervor, esgotava o calix a cada brinde, e aproveitava os intervallos para fazer com os collegas, a meia voz, os seus brindes particulares.

Já quando os animos estavam um pouco excitados por estas successivas libações, o primo padre levantou-se, e com os olhos injectados e o gesto um tanto transornado, disse:

— Meus senhores, tenho notado que o primo Jorge está com um ataque de melancolia, de que não póde livrar-se. Os brindes que aqui se teem feito ainda o não desanuviaram. É verdade que se brindaram familias antigas e coisas velhas, e o passado não é lá das ideias mais alegres. Eu por isso vou propôr um brinde menos soturno, a vêr se o distraio. Bebo á saude do Thomé da Herdade e da sua familia, com particular menção da me-

nina Bertha, a quem Deus faça muito feliz, assim como a todos quantos lhe querem bem.

Este inesperado brinde produziu grande sensação. A parte moça da companhia, prevenida como estava, principiou a suffocar os risos e a fallar ao ouvido dos vizinhos; os velhos abriam os olhos espantados ou indignavam-se com o desconchavo de brindar uma familia plebeja depois de outras de tão apurada raça. A consequencia foi que ninguem correspondeu ao brinde e os calices ficaram na mesa intactos. Seguiu-se um silencio profundo na sala.

O primo do Cruzeiro, sem se intimidar, perguntou: — Então que é isto?! Ninguem me secunda?

E corria a vista em redor da mesa com expressão ironica, que, a seu pezar, se desvaneceu ao encontrar a vista de Jorge, que, pallido de intima commoção, tambem se erguera e levantára o calice para responder:

— Secundo eu, primo — disse elle, com um leve tremor na voz — e creia que da melhor vontade o faço. Brinda-se uma familia honrada, laboriosa e justa. A ninguem deve repugnar o brinde, e muito menos a mim, a quem motivos particulares obrigam a veneral-a.

— Ah! — murmurou provocadoramente o padre, sentando-se com ares de victoria.

Um meio sorriso passou por os labios de alguns dos espectadores d'esta scena.

— Levante-se! — ordenou Jorge ao padre com intimativa — ouça-me de pé, que eu tambem estou de pé para secundar o seu brinde.

É singular! O padre ergueu-se, como se não pudesse resistir ao olhar indignado e imperioso de Jorge.

— Repito — continuou este — brindo aquella familia honrada, porque é honrada e porque motivos particulares me levam a veneral-a. E para lhes não dar occasião de sorrirem outra vez, ou de afagarem a vibora venenosa, que ahi soltaram, eu lhes explico as minhas palavras. Se ouvirem verdades que lhes firam o orgulho de fidalgos, lancem a culpa da vexação a quem m'as provocou. Meus senhores, eu acordei um dia com a firme resolução de luctar contra esta torrente que nos arrasta

e afoga a todos, apesar dos nossos brazões, dos nossos solares, dos nossos pergaminhos e das nossas galerias de retratos. Todos quantos aqui estão podem contar das glórias passadas e da decadência e das humilhações presentes. E nós como todos. Eu era novo, tinha diante de mim a perspectiva de uma longa vida, pensava no futuro e não podia resignar-me á ideia de morrer assim cobarde e ingloriamente. Reagi, encontrei felizmente em meu pae o auxilio preciso, e, authorisado por elle, tomei sobre meus hombros a tarefa de sustentar as ruinas vacillantes d'esta casa. A empreza porém era mais difficil do que a suppozera. Tolhia-me os movimentos a rede complicada, em que a errada gerencia de muitos annos embarçara a administração. Cada passo dado para salvar-nos era mais um para a total ruina. Devem comprehender bem isto os que me escutam, porque a sorte das nossas casas é quasi a mesma. De todos os lados, para onde nos viramos, surge-nos a usura, o dolo e a má fé. N'estas circumstancias só me podia valer a experiencia dos negocios, e essa faltava-me, o credito, e quem m'o reconheceria e aceitaria? o capital, e por que preço poderia obtel-o? Perguntem ao nosso antigo administrador, aqui presente, o preço por que elle o encontrava. Pois bem, senhores, um homem chegou-se a mim n'estas condições e pôz á minha disposição, leal e desinteressadamente, a sua experiencia, o seu credito e o seu capital. Graças a este homem, era-me possivel libertar-me, sem baixeza, da usura que havia tantos annos nos devorava, applicar vantajosamente os capitaes obtidos e encetar um systema, lento mas seguro, de administração que preparasse o caminho para um futuro resgate d'esta casa. Graças a este homem, sorriam-me ás esperanças de poder dizer um dia ás cinzas dos nossos antepassados, que eu tambem respeito, que repousassem em paz na sepultura, pois não viriam estranhos disseminal-as; e á memoria querida de minha mãe e de minha irmã que os que ellas amaram não desertariam cobardemente dos logares que lhes eram caros e que as viram morrer. Mas contra o generoso auxilio d'este homem havia velhos preconceitos de familia, mais apaixonados do que

justos; era-me pois impossivel recorrer a elle abertamente. Entre as prevenções e a gloria da minha casa não hesitei porém. A consciencia dizia-me que não devia hesitar. Resolvi acolher o offerecimento leal, mas tive de occultar na sombra da noite actos que não se envergonhariam da mais clara luz do dia. Quando precisava do conselho experiente d'esse homem, procurava-o de noite e clandestinamente. Os diffamadores, que correm nas trevas á procura de alimento para a calumnia, surprenderam-me. Medindo as acções dos outros pela sua capacidade moral, suppõe-lhes sempre um motivo infame. O homem de quem lhes fallei tem uma filha. No que ha de mais puro e mais sensivel nas familias, é ahi que a calumnia gosta de ferir. Essa pobre menina foi pois a victima escolhida. Agora se querem saber o nome do homem honrado, a quem devo experiencia, credito e capital, dir-lhes-ei que se chama Thomé da Povoá, a filha é Bertha, a afilhada de meu pae; os calumniadores são esses que propõem o brinde, lançando no calice a peçonha de sua natureza de vibora; mas brinde que eu de novo secundo sem receio nem hesitação.

— E eu — exclamou a baroneza, imitando-o; mas por ninguem mais foi seguida, porque uma nova occorrença veio absorver as atenções.

D. Luiz, que revelára a mais profunda estranheza desde o principio da scena, provocada pelo fidalgo do Cruzeiro, crescêra em agitação á medida que as palavras de Jorge iam tendo para elle um sentido mais claro.

As ultimas fizeram-lhe passar o rosto por uma serie de mudanças, cada uma d'ellas denunciadora de uma paixão violenta.

Ao nome de Thomé da Povoá, á ingenua e leal declaração de Jorge, os olhos do irritado fidalgo faiscaram e um rubor fugaz e intenso correu-lhe nas faces, succedendo-lhe uma pallidez profunda.

Quando o filho terminou de fallar, foi elle quem, por sua vez, se ergueu na cabeceira da mesa.

A commoção que o dominava não lhe permittiu desde logo o uso da palavra.

Todos os olhares se desviaram para aquelle velho,

pallido, vestido de negro, severo e mudo, que, com as mãos apoiadas sobre a mesa e o olhar fulgurante, seguia com a vista por todos os espectadores d'esta scena.

A final com a voz tremula e meia abafada, mas que a pouco e pouco se foi animando, o velho fidalgo começou, dizendo:

— Meus senhores, quando ha dias os convidei para virem a esta casa solemnizar a honra que eu recebia da hospedagem da minha sobrinha, estava persuadido de que esta casa ainda era minha. Não sabia que, abusando da confiança que eu depositára n'elle, um filho meu, o mais velho, o primeiro representante, no futuro, do nome e das glorias da sua familia, havia empenhado a um dos criados d'ella o solar em que nascêra. Soube-o agora. Peço-lhes humildemente perdão de os haver, pela minha ignorancia, sujeitado a esta baixeza. Desde este momento estamos todos aqui em situações iguaes, todos somos hospedes do Thomé da Herdade. Em outros tempos, nos festins e saraus das nossas casas, os criados subiam disfarçadamente as escadas, para virem das ante-camaras e corredores espreitar para as salas, fascinados pelo esplendor que n'ellas viam; permittia-se-lhes isso. Hoje porém, senhores, se aqui nos demorássemos, vél-os-íamos subir com outro intento, para vigiar que nas expansões do nosso jubilo não deteriorássemos as alfaias, a mobilia, a baixella e a casa, que já lhes pertence. A esta espionagem não me sujeito eu. Meus senhores, as minhas obrigações de dono da casa terminaram. Hospede como os outros, tomo a liberdade de seguir o caminho que a dignidade me impõe. Cada um consulte o mesmo conselheiro.

E D. Luiz, curvando-se diante de todos que o escutaram espantados, sahiu da sala sem dar tempo a que o interrogassem ou detivessem.

Frei Januario foi o primeiro que pressurosamente o seguiu.

O resto da companhia parecia immobilizado nos seus logares.

Jorge, com os cotovêlos apoiados na borda da mesa, conservava o rosto escondido entre as mãos.

Gabriella foi quem se subtrahiu primeiro áquella influencia paralyzadora.

— Parece-me que, depois do que se passou, dá-se a triste necessidade de nos separarmos. O tio Luiz está muito agitado, é preciso dar-lhe tempo para serenar e vêr as coisas sob um aspecto mais racional do que aquelle em que a paixão lh'as apresenta agora. Por isso...

A reticencia foi seguida de um arrastar de cadeiras, prova de todos haverem comprehendido a conveniencia da retirada.

Formaram-se ainda na sala alguns grupos, conversando sobre o facto.

Os primos do Cruzeiro foram os primeiros a retirar-se. O padre ainda manifestou desejos de pedir a Jorge uma satisfação pelos insultos que elle lhe dirigira, mas intervieram terceiros que o dissuadiram.

Os fidalgos velhos tentaram procurar D. Luiz para o acalmarem; mas foi-lhe dito por frei Januario que o fidalgo não podia recebê-los.

Pouco e pouco foram os convidados abandonando a Casa Mourisca, e os caminhos que d'ella partiam eram momentos depois cobertos de cavalgadas, liteiras e carroções, em que aquellas nobres familias regressavam aos seus solares.

As occorrencias singulares do jantar foram entre ellas assumpto de conversa em toda a jornada. Todos, com quanto criticassem a exquisitice do velho D. Luiz, que tão pouco urbano se mostrou com os seus hospedes, eram accordes em attribuir a principal culpa a Jorge.

## XIVII

Ficaram apenas na sala Jorge, Mauricio e a baroneza.

A indignação de D. Luiz parecia haver desvanecido a energia de Jorge; a consciencia do pobre rapaz, como que vacillando ao embate das violentas paixões paternas, quasi lhe censurára a precipitação do passo que déra.

Igualmente abatido, Mauricio sentia remorsos ainda mais vivos. Não podendo já duvidar da innocencia do irmão; como perdoaria a si proprio as suspeitas e insultos com que o ferira?

Do vão da janella a baroneza observava-os immovel e silenciosa.

Mauricio ergueu enfim a cabeça, e tendo nos olhos ainda vestigios de lagrimas; hesitou alguns instantes; depois, por um d'esses movimentos promptos e irresistiveis, a que a violencia dos affectos o provocava, caminhou agitado para Jorge.

— Jorge — disse elle, intima e sinceramente commovido — se ainda se não esgotou a generosidade da tua nobre alma, não me retires a affeição, que por tanto tempo te mereci.

Jorge apertou-lhe a mão com affecto.

— Nunca t'a retirei, Mauricio. Podes crêl-o. Affligem-me alguns dos teus desvarios, principalmente porque sei que elles estão em contradicção com os nobres sentimentos da tua alma. Mas para te perder a affeição não é isso motivo. Para mim és n'esses momentos, como uma crian-

ça que se vê a dormir á beira de um precipicio. Inspiras-me, como ella, apenas sustos, e não cólera nem aversão.

E os dois rapazes abraçaram-se com effusão.

— Vamos — disse a baroneza, intervindo — a situação precisa de que se pense n'ella seriamente. As pazes estão feitas, em boa hora; pensemos agora como gente de juizo.

— Antes de mais nada, Jorge, o que ha de verdade em tudo isto?

— O que eu disse.

— Vê bem; falla-me com franqueza. Eu não acreditei no que de ti se espalhou. Concederia que Jorge podesse praticar uma loucura, mas uma acção indigna, um abuso de confiança, sabia que não. Porém não ha em toda esta historia alguma coisa que não dissesse ainda? Bertha é para ti completamente indifferente? Esta é que é a questão.

Só a muito custo Jorge pôde disfarçar a turbação em que a pergunta de Gabriella o lançou, mas respondeu com apparente serenidade:

— Bertha é uma rapariga, que pôr todos os motivos respeito.

E com mais custo ainda, acrescentou:

— E nada mais.

— E para Mauricio o que é Bertha? — continuou a baroneza, sorrindo ao voltar-se para o primo mais novo.

Não obteve logo resposta.

— Bem vêem — insistiu ella — que ha uma coisa que eu não posso ainda explicar. Assisti á vossa reconciliação, signal de que tinha havido uma desintelligencia. Qual foi pois o motivo d'ella?

— Uma das minhas loucuras — respondeu Mauricio a final — cedi a um movimento de paixão, encontrando-me com Jorge hontem, quando elle sahia da casa de Thomé da Povia, e soltei expressões, que parece que ainda me estão queimando os labios.

— Então, visto isto, achavas-te com direito de sentir ciumes. Segue-se que amas Bertha. E é devéras esse amor?



A fronte de Jorge contrahiui-se levemente ao ouvir a pergunta, e enquanto aguardava a resposta do irmão.

— Se responder pelo que penso d'elle — disse Mauricio — juro que é.

D'esta vez um ligeiro sorriso deslizou nos labios de Jorge.

— Isso quer dizer — tornou a baroneza — que respondendo pelo que pensas de ti, receias muito que não. Pois, meu caro priminho, a occasião exige que se ponham de lado caprichos e brinquedos de criança, e que se siga com sisudeza e tenacidade de homem um caminho qualquer. Não estamos em tempo de brincar. Dá-se uma grave crise, em que todos os bons planos de Jorge podem ser destruidos de encontro á resistencia do tio Luiz. Eu nem posso calcular o que resultará de tudo isto. E portanto...

Interrompeu-a n'este ponto a entrada de um criado, pedindo-lhe para chegar ao quarto de D. Luiz, que desejava fallar-lhe.

— N'este caso esperemos o resultado d'esta entrevista para adoptar um partido — dizia ella, apressando-se em satisfazer os desejos do tio.

Em caminho para o quarto de D. Luiz, a baroneza notou nos corredores e nas salas intermedias um movimento extraordinario, que não sabia a que attribuir.

Os criados iam e vinham apressurados, communicavam ordens uns aos outros, abriam e fechavam portas, desciam a duas e duas as escadas, e transportavam diferentes objectos, como se se tractasse dos preparativos de uma jornada.

Nos aposentos de D. Luiz achou Gabriella o fidalgo em pé no meio da sala, enquanto frei Januario, de joelhos junto de uma arca, introduzia n'ella algumas peças de roupa, que aquelle lhe ia indicando.

— Eu não sei o que v. exc.<sup>a</sup> vae fazer, snr. D. Luiz — murmurava no entretanto o egresso, que parecia cumprir a tarefa de má vontade, suando em bagas — isto não tem pés nem cabeça. Olhem agora, sem commodos nenhuns... assim de um momento para outro...

D. Luiz, sem responder ás reflexões do procurador,

continuava a indicar-lhe os objectos que devia arrecadar.

Gabriella dirigiu-se a elle:

— Mandou chamar-me, meu tio?

— Ah! mandei, sim, Gabriella. Desculpe importuná-la. Mas tenho que lhe pedir um favor — respondeu D. Luiz com forçada placidez.

— Mil que sejam.

— Depois do que se passou, não quero demorar-me n'esta casa uma só noite. Peço-lhe por isso hospitalidade na sua. Se me não engano, tencionava partir amanhã para lá. Não é verdade? Pois bem, faça o sacrificio de partir hoje e permitta-me que a acompanhe. Um quarto e uma enxerga bastam-me. Preciso de me ir costumando a tudo.

A baroneza ficou por alguns momentos muda de surpresa.

— Mas... Por quem é, meu tio... Grande prazer me dará a sua visita... porém em outras circumstancias e por outros motivos. Não tome resolução alguma emquanto assim está dominado pela paixão. Veja o que vae fazer! O que se dirá? O que se fallará por toda a parte!

— Já de sobra teem em que fallar. A vergonha não é maior — tornou o velho mais agitado.

— Pois sim — acudiu o padre — mas reunir a vergonha ao incommodo... a fallar a verdade... é... é...

— A vergonha... a vergonha... Mas tem a certeza, tio, de que julga bem e despreoccupado de paixões, os actos de seu filho? Quem lhe diz que outros não chamarão virtude áquillo a que chama baixeza?

A cólera relampagueou de novo nos olhos do velho:

— Gabriella, por quem é, desista de contrariar-me. Asseguro-lhe que me não demove da resolução em que estou e que sómente me afflige. Se não quer conceder-me o abrigo dos seus tectos, irei bater a outra porta.

Gabriella não insistiu.

— A minha casa é sua sempre, meu querido tio. Vou dar as ordens para partirmos.

— Não esperem por mim — recommendou ainda o fidalgo — eu irei com frei Januario mais tarde, porque te-

nho que fazer antes. Sinto o incommodo que isto lhe vae causar, Gabriella. Mas os criados ficarão na estalagem da Encruzilhada.

— Todos cabem; visto que tambem os quer levar, escusam de ficar a meio caminho. Então fecha-se a Casa Mourisca, ao que estou vendo? Muito bem. A casa de meu pae é bastante espaçosa, e com os arranjos que eu mandei fazer-lhe ultimamente, deve bem servir para nós todos. Agora um pedido.

— Qual é?

— Jorge está consternado, pelas suas asperas palavras ao jantar. Não ha de reconciliar-se com elle?

— Gabriella, se é amiga de Jorge, não procure trazê-lo á minha presença, e se quer que isto que sinto cá dentro contra meu filho não cresça ou degenerere em paixão peor, não pronuncie diante de mim por ora o nome d'elle.

Gabriella tinha certo dom para conhecer quando convinha luctar e quando era preferivel ceder. D'esta vez percebeu que o animo de D. Luiz não estava para acalmar de prompto.

Sahiu sem aventurar mais uma palavra a tal respeito e foi ordenar os preparativos da partida. x

Ao passar na sala onde ainda estavam Jorge e Mauricio, apenas lhes disse:

— Tracta-se de partir já.

— Para onde?

— Para a minha casa, nos Bacellos.

— E meu pae?

— Tudo parte. É uma emigração completa.

— E a Casa Mourisca?...

— Fechada, ao que parece, até... acabar o interdicto.

— Mas isso não pôde ser!

— Mas é, e eu vou já dar ordens precisas para a mudança.

— E eu vou fallar com meu pae—exclamou Jorge, erguendo-se.

A baroneza reteve-o.

— Não vás. É inutil e perigoso. Deixa que os factos succedam naturalmente. Eu já estou convencida de que

esse é o melhor expediente. É preciso que teu pai des-afogue a paixão que lá tem dentro. Entende que deve sair d'aqui, deixemol-o sair. Estas exterioridades acalmam-n'o. Depois lhe apparecerás.

— Então agora recusa vêr-me?

— Recusa. O que não tira que não possas estar muito á tua vontade na minha casa dos Bacellos. Ha lá um pavilhão na quinta, ao talhar para um refugiado como tu.

Passados poucos minutos os moradores da Casa Mourisca punham-se em movimento para a quinta dos Bacellos.

Os preparativos não occuparam muito tempo, porque o fidalgo mandára apenas levar o que fosse estritamente necessario.

A baroneza veio despedir-se do tio, que insistiu em querer ser o ultimo a sair de casa.

Jorge e Mauricio partiram em companhia de Gabriella.

O fidalgo ficou só com frei Januario, que continuava a protestar por todas as fórmãs contra a resolução da mudança de quartel a horas improprias.

D. Luiz nẽa lhe respondia.

Quando o procurador, a fim de suavisar as agruras do desterro, pretendia fazer transportar algum objecto que podia ser de utilidade para melhor accommodação da familia, o fidalgo ordenava-lhe sècamente que o deixasse ficar, o que cada vez mais exasperava o padre.

Vendo que tudo estava prompto, D. Luiz deixou por alguns instantes o procurador na sala e subiu vagarosamente as escadas que conduziã aos antigos aposentos da filha que perdêra.

Ao penetrar alli, que doloroso estremecer o do coração do velho! Ia desamparar tambem aquelle quartel! Esta ideia só poderia fazer vacillar-lhe a inabalavel coragem! Era um logar de reconhecimento aquelle para o desconfortado ancião. Tudo alli dentro se conservava como no fatal dia em que ella morrêra. Todos os objectos que haviam pertencido á infeliz criança alli se guardavam religiosamente. E ia deixal-os! O leito, o genuflexorio, o toucador, a harpa, parecia possuirem uma voz para fallar-lhe d'ella. E havia de fugir-lhes! A coragem

porém não sossobrou na lucta. D. Luiz fechou discretamente a porta para si; depois com fervorosa commoção beijou quasi um por um esses differentes objectos, e ao chegar junto do leito, o mesmo em que a vira adormecer do ultimo somno, ajoelhou soltando, e cobriu de beijos e de lagrimas as almofadas onde tantas vezes se encostára a pallida cabeça da sua Beatriz.

Mais tranquillo depois d'esta effusão de dôr, ergueuse, enxugou os olhos e desceu com a mesma lentidão as escadas até o portal, onde o padre o esperava já com impaciencia e inquieto pelo adiantado da hora.

Um criado segurava pela redea os cavallos, que deviam transportal-os.

—Vamos, vamos, snr. D. Luiz, olhe que nos apanha a noite na estrada e os caminhos não são lá essas coisas — exclamou o padre afflicto.

D. Luiz, em vez de responder-lhe, disse para o criado que segurava os cavallos:

—Vae esperar-nos na baixa do Paul. Nós já lá vamos ter.

—Então v. exc.<sup>a</sup> quer ir a pé até á baixa do Paul?! — perguntou o padre assustado.

—Vou?

—Mas... é um estirão e...

—Então que fazes? Parte — disse D. Luiz com impaciencia para o criado, e este obedeceu-lhe promptamente.

O padre ficou a resmonear:

—Eu cada vez ando mais ás aranhas com a gente d'esta casa. Sempre tenho visto e ouvido coisas ha tempos a esta parte! Olhem que preparos estes! Havemos de ceiar a boas horas, não tem duvida nenhuma!

—Agora feche a porta, frei Januario — ordenou D. Luiz.

O padre tomou com ambas as mãos a enorme chave do portão, e fê-la girar na fechadura.

Este movimento produziu um som agudo, semelhante ao gemido de uma ave, o qual resoou tristemente pelo interior d'aquella casa deserta.

O padre tirou a chave, que juntou ao môlho que tra-

zia, deu um encontrão á porta, para verificar se ella estaria bem fechada, e depois olhou para D. Luiz.

—Vamos—disse este.

O padre ia pôr-se a caminho, mas parou vendo o fidalgo seguir a direcção opposta á da quinta dos Bacellos.

—V. exc.<sup>a</sup> por onde vae?

—Por aqui—respondeu sêcamente o fidalgo, continuando a andar.

—Mas... v. exc.<sup>a</sup> está enganado. Esse não é o caminho.

—Bem sei.

O padre seguiu-o, murmurando contra as venêtas do fidalgo:

—Esta cabeça já não regula direita. Onde diabo quer ir este homem?

O caminho que D. Luiz continuava a seguir, ia tão divergente do que o padre esperava, que outra vez o interpellou:

—Mas v. exc.<sup>a</sup> onde quer ir?

—A casa do Thomé da Povoal—respondeu D. Luiz e acrescentou:—E advirto-lhe, frei Januario, que não me sinto com disposições para conversar.

O padre sabia que sempre que D. Luiz fazia certas observações em certo tom e com certa inflexão de voz, era inutil e imprudente contrariar-o. Por isso calou-se, o que augmentou o mau humor que já trazia accumulado.

—A casa do Thomé da Povoal!—resmungava elle —O homem está doido! Ora isto! E eu a atural-o! O que me estava reservado!

A intenção com que o fidalgo demandava a casa do fazendeiro era um mysterio indecifrável para o espirito do procurador.

Tinham descido a encosta, a meio da qual se erguia a Casa Mourisca. Aproximavam-se da ponte que atravessava o valle. A tarde ia no fim. Era já a claridade do crepusculo que illuminava a paisagem. A azafama do trabalho acalmára. Nos marcos dos campos, á soleira das portas e nos parapeitos das pontes repoisavam finalmente os lavradores das fadigas do dia. O gado ca-

minhava para as prêsas, conduzido por crianças de seis e sete annos. Nos arvoredos ouvia-se um cantar de aves, tímido como elle é, ao aproximar do outomno e ao aproximar da noite. Era tal a serenidade da tarde, que se percebia o sino de uma freguezia distante, dobrando a finados.

A suave melancolia d'aquella hora influiu no animo de D. Luiz. Que densidade de tristeza a que poisou n'aquelle coração! Saudades, mas saudades escuras de velhice, saudades de quem não tem futuro, era o que havia n'aquella alma. Com o passado lhe tinham ido todos os objectos das suas crenças, do seu amor, das suas affeições. Já não era capaz de enthusiasmo, e os olhos em que o enthusiasmo não influe, vêem tristemente coloridas todas as scenas da vida. Ao desencantamento do presente juntavam-se as apprehensões pelo futuro a entenebrece-lhe o espirito. Era devéras infeliz aquelle velho!

Depois da ponte seguia-se a collina, onde prosperava a Herdade de Thomé.

D. Luiz reuniu alento para subil-a.

O padre aventurou outra observação:

— Snr. D. Luiz, eu não atino com as razões que trazem v. exc.<sup>a</sup> aqui, mas não vejo que possa resultar bem algum de semelhante visita. Veja o que faz! A prudencia...

— Socegue, frei Januariario — atalhou D. Luiz com um sorriso amargo. — Não imagine que venho praticar alguma violencia. Já lá vae o tempo em que nós resolviamos á força de braço os nossos pleitos. A nossa vez passou, bem vê.

O padre conheceu pelo tom da resposta que o fidalgo estava já mais quebrado, mas ainda pouco disposto para explicar-se.

Para se chegar á casa de Thomé da Povia por o lado por onde D. Luiz seguia, tinha-se de tomar por uma avenida de olmeiros, orlada por sebes naturaes formadas de madresilvas e de rozeiras. No fim d'esta avenida ficava uma das entradas da quinta do fazendeiro, era a parte que elle cedéra ás predilecções da filha e da

mulher, e onde as balsaminas, os limonetes e hortensias cresciam vigorosas, e a relva rescendia com as violetas e malvas que a entremeiavam.

D. Luiz desceu lentamente a avenida, com os olhos fitos no portão da quinta.

— É aquella uma das entradas da propriedade, não é? — perguntou elle ao padre.

— É, sim, senhor. Repare v. exc.<sup>a</sup> que é um portão de quinta nobre. Falta-lhe o brazão.

O fidalgo calou-se e não tirou os olhos do portão da quinta, da qual se ia avisinhando. Passados alguns instantes respondeu á observação do procurador, dizendo:

— Dentro de alguns annos mais pôde comprar barato o da Casa Mourisca. Os meus filhos não serão exigentes no preço.

O padre não soube bem o que devia dizer n'este caso. Limitou-se por isso a expellir um simples « Oh! » sem entonação que o definisse.

Chegaram enfim ao portão. D. Luiz ordenou ao padre que tocasse a sineta.

Este ia a fazê-lo, quando se voltou dizendo:

— Anda gente cá dentro.

D. Luiz não foi superior a certo sobresalto ao ouvir a noticia; vencendo-se, porém, caminhou resolutamente e com a frente contrahida para diante. De repente estremeceu, parou, e comprimindo o peito como se fôra ferido alli, murmurou:

— Ó Sancto Deus!

— Que tem v. exc.<sup>a</sup>? — interrogou inquieto o padre, que reparára no gesto de D. Luiz — Foi pontada?! Estes passeios violentos e fôra d'horas...

O fidalgo não respondeu e continuou com os olhos fitos em não sei que ponto do interior da quinta.

Frei Januario desviou para alli a vista, a fim de elucidar-se na explicação do mysterio.

Chegava n'este momento ao portão uma rapariga, singelamente vestida de branco, que correu ao encontro d'elles.

Era Bertha. . .

— O meu padrinho! — exclamava ella dirigindo-se ao



fidalgo—O snr. D. Luiz! Até que enfim o vejo! Julguei que não chegava este dia!

E pegando-lhe na mão, beijou-a com respeito e affecto.

E D. Luiz não lh'a retirou, nem teve uma palavra que lhe dissesse. Continuava a olhá-la, como esquecido de tudo e profundamente perturbado.

O padre observava a scena boquiaberto.

—Ha que tempos o não via!—proseguiu Bertha com uma carinhosa volubilidade de criança—Pois tinha bem saudades! Quantas vezes olhava para aquellas janelas, a vêr se por acaso o descobria em alguma? Mas nunca, nunca! Que vontade que tinha de lá ir, mas... Disseram-me que o padrinho nunca sahia, e que vivia quasi sempre só no seu quarto. Para que é que vive assim? Isso faz-lhe mal. Mas... que tem, snr. D. Luiz? Meu Deus... está a chorar!

O padre deu um passo á frente, como duvidando do que ouvira.

D. Luiz afastou-o com a mão.

—É verdade—disse elle a final, profundamente comovido.—É singular isto em mim! Mas que quer, Bertha? Quando aqui cheguei e a vi...

—Não me tracta já por tu?—interrompeu-o Bertha, sorrindo tristemente.

O fidalgo, depois de uma curta hesitação, repetiu:

—Quando aqui cheguei e te vi, lembrei-me da minha pobre Beatriz. Parecias-me ella. Ella era mais moça quando morreu, mas ultimamente tinha deitado corpo e... depois trazia ás vezes um vestido d'essa côr, e enfim... ha tanto tempo que não via uma rapariga que se lhe assimilhasse... Sim, porque ha muitas por ahí, mas nenhuma ainda m'a recordou como tu. É notavel! a mesma côr de cabello, a mesma estatura, certas maneiras e até o metal de voz... Não é verdade, frei Januario? É notavel! A minha pobre filha! Como tu m'a recordas, Bertha, ai, como tu m'a recordas!

—Não se afflija.

—« Não se afflija » era mesmo assim que ella me dizia; não que era mesmo assim. Pois não era, frei Ja-

uario? « Não se afflija. » Se tu soubesses o que eu estou sentindo, Bertha? se tu soubesses o que vão de saudades aqui dentro?

— Então não sei? Não era eu amiga de Beatriz também? O tempo mais feliz da minha vida não foi aquelle em que a conheci? Inda hontem chorei ao reler as cartas que ella me escrevia.

— E ella escrevia-te?

— A ultima que tenho d'ella é datada de oito dias antes da sua morte.

— Pobre criança! E... e dizia-te que sabia o estado em que estava?

— Dizia; mas que fingia illudir-se para não affligir os seus.

— E era assim, era. Nunca se ouviu uma queixa d'aquella bôca. Morreu a sorrir o pobre anjo.

E o saudoso pae quasi soluçava ao avivar aquella permanente chaga do seu coração. x

— Snr. D. Luiz — acudiu frei Januario — olhe que lhe faz mal estar a recordar essas coisas. O passado, passado. A noite está comosco e...

— É verdade! — atalhou Bertha — e eu a demoral-o aqui! Faça favor de entrar, meu padrinho, a mãe anda lá para a quinta. Meu pae está para a cidade e julgo que só amanhã virá, mas...

Estas palavras recordaram a D. Luiz o motivo que o trouxera alli. Chamaram-n'o á realidade de sua presente situação, afugentando as memorias do passado, melancolicas, mas suaves para o seu espirito.

Mudou immediatamente de expressão, as lagrimas como que se lhe secaram aos estos da paixão que crescia n'elle. Ergueu a cabeça que a tristeza curvára. Assumiu aquella apparencia magestosa que costumava apresentar aos olhos dos estranhos, e em tom não rispido, porém menos cordial do que até alli, disse para Bertha, que era agora para elle a filha de Thomé da Povia e já não a companheira de Beatriz:

— Bertha, ia-me esquecendo o que me trouxe aqui. O coração domina-me ainda ás vezes. Mas a crise passou. Vinha procurar teu pae. Visto que não o encontro,

peço-te que lhe transmittas o meu recado. Soube hoje que um de meus filhos havia recebido d'elle adiantamentos de dinheiro a titulo de emprestimo para melhorar a nossa propriedade, e isto sem garantia alguma. Não sei a quanto monta a somma recebida, mas em todo o caso não posso aceitar o emprestimo... ou a esmola. A divida ha de ser paga em breve tempo; mas, enquanto não o fôr, deixo em penhor de minha palavra aquella casa, que hoje mesmo abandono, e tudo que n'ella se contém. As chaves aqui ficam. Virei a seu tempo buscal-as.

E, fazendo signal ao procurador, tomou as chaves das mãos d'este, que continuava a estar abysmado, e entregou-as a Bertha.

A estupefacção da rapariga era tal, que machinalmente as recebeu, sem bem saber o que fazia.

— Parece-me que será bastante garantia—acrescentou D. Luiz.— Se eu não sou victima de uma perseguição do céu, espero resgatal-as ainda. Senão... Adeus, Bertha.

— Mas— pôde emfim dizer a filha de Thomé, sahindo da sua abstracção— isto não pôde ser! Eu... nem sei o que estou fazendo. Por quem é, padrinho, meu pae não pôde querer...

— Não te pertence julgar d'estes negocios, Bertha. Faze o que te digo.

— Deixar a Casa Mourisca! a casa em que tem vivido sempre, onde nasceu e morreu Beatriz! E porque?... Que somos nós para si então, padrinho?

O fidalgo tornou-se de novo sombrio ao responder:

— Bertha, quando a minha consciencia me impõe um acto na vida, é inutil tentar demover-me.

— A consciencia!— repetiu Bertha, timidamente, como exprimindo uma duvida.

— Se queres tambem chamar a isto um preconceito de classe, como já lhe chamou um de meus filhos, chama-lh'o embora. Em todo o caso obedeço-lhe e de obedecer-lhe me orgulho.

E o fidalgo ia para retirar-se, quando Bertha lhe disse, hesitando:

— E não me consente que lhe beije outra vez a mão?

O animo irritado do senhor da Casa Mourisca abrandou outra vez ao som d'aquellas palavras meigas. D. Luiz estendeu a mão a Bertha, que lh'a beijou chorando.

Ao sentir-lhe as lagrimas o fidalgo ergueu-lhe amigavelmente a cabeça, perguntando-lhe:

— Porque choras, Bertha?

— Porque sinto que já não me tem a amizade que d'antes me tinha.

— Criança — disse o fidalgo com uma brandura que havia muito tempo ninguem conhecêra n'elle — que tens tu com as paixões áridas das nossas almas de homens? Os entes como tu e como aquelle que eu perdi, nasceram para as dissipar e não para soffrel-as.

E cedendo á commoção que de novo a dominava, o severo e implacavel D. Luiz, com admiração crescente de frei Januario, apertou a afilhada nos braços e pôs-lhe na fronte um beijo, como os que dava em Beatriz.

E ao separar-se d'aquelle logar ia outra vez com as lagrimas nos olhos.

Ao fim da avenida, d'onde se avistava o portão, voltou-se. Bertha permanecia no mesmo sitio, a segui-lo com a vista.

— Repare, frei Januario, repare; a quem vê d'aqui, a distancia, não parece mesmo a minha Beatriz, quando nos esperava á porta da Casa Mourisca?

— Sim, as raparigas ao longe todas se parecem; mas olhe que é noite fechada, snr. D. Luiz.

— Jesus! e agora a dizer-me adeus! — continuava D. Luiz, dizendo adeus tambem — é mesmo aquelle anjo que eu perdi. Fugamos, fugamos d'estes sitios, que tenho medo de enlouquecer.

— E até porque é noite fechada — acrescentou o padre. — Valha-nos Deus!

Depois de longo tracto de caminho andado em silencio, D. Luiz parou, e levantando os olhos ao céu, exclamou com paixão:

— Que tremendas culpas estou eu expiando, meu Deus! Porque me roubas tudo, para tudo dares áquelle

homem?! Até a filha! até a suave consolação d'aquelle amor de filha, que eu perdi, até esse elle possue! Que tremendo castigo, Senhor!

D'ahi até o termo da jornada, na quinta dos Bacellos, não tornou a pronunciar uma só palavra.

Quando lá chegaram ia a noite adiantada; e já havia desassocego pela demora dos dois.

O padre procurador estava furioso. Dizia elle completamente desconcertado:

—Uma estafa assim depois de um jantar lauto! Esta gente não tem consciencia! Deus queira que não me venha por ahi alguma apoplexia! Os filhos são doidos, o pae está pateta, e eu que os ature!

E correu á cozinha a vêr se havia alguma coisa quente que o confortasse.

## XVIII

O antigo solar da familia da baroneza, chamado a Casa dos Bacellos, como que ao despertar de um somno de muitos annos, abrira á luz do dia as suas amplas janelas, reacendêra o fogo nos lares apagados, e restaurára o movimento e a vida nos aposentos vazios.

Era a primeira vez, depois do seu casamento, que a baroneza voltava aos sitios onde lhe corrêra a infancia, cujas suaves memorias ainda os povoavam. Ao vêr de novo aquellas velhas paredes e aquellas arvores frondosas, ao seguir pelos extensos corredores, ao penetrar nas espaçosas salas e nos mais retirados gabinetes da casa, Gabriella, ainda que pouco propensa a melancolias, não pôde subtrahir o espirito a uma impressão de saudade.

Vestigios mal apagados d'aquelle tempo longinquo a cada passo lh'o relembravam; alli fôra o theatro dos seus brinquedos e jogos, além estava um objecto ao qual se prendia a reminiscencia de uma provação infantil, aquelle era o logar favorito de seu pae, acolá desenhava-lhe vagamente a sua recordação a imagem da mãe, que perdêra em criança, e dominada por esta influencia, Gabriella suspirava e conhecia que ainda não morrêra de todo em si o coração provinciano.

Mas uma tal disposição de espirito não podia durar muito. A baroneza era uma mulher de acção, e não se esquecia de que tinha muito em que pensar e que fazer em virtude dos acontecimentos ultimos da Casa Mourisca.

Não eram sómente as canceiras de dona de casa, que deseja accommodar convenientemente os seus hospedes, que a preocupavam, mas tambem, e mais ainda, o desejo de restituir áquella familia a harmonia tão inesperadamente interrompida e de reconciliar o irritado fidalgo com o filho, que pelo seu nobre proceder incorrêra no desagrado do velho. Gabriella tomava devéras a peito esta pacificadora empreza; mas para isso era ainda cêdo. A paixão ensurdecia ainda muito D. Luiz, para que lhe fosse possivel escutar conselhos.

Na manhã immediata á noite da installação solemne da familia de D. Luiz na casa dos Bacellos, Gabriella foi procurar Jorge ao pavilhão no fundo da quinta, onde elle desde a vespera se alojára, longe dos olhares paternos.

A baroneza tinha sabido de frei Januario tudo o que se passára entre D. Luiz e Bertha á porta da quinta de Thomé, e desejava fallar n'isto ao primo.

Jorge recebeu-a com umas apparencias de serenidade, que não eram de todo sinceras.

—E meu pae?— foi a primeira pergunta de Jorge, depois das palavras de comprimento.

—Um pouco menos affrontado, depois que realisou uma ideia cavalheirosa e vindicou, como entendeu, a sua dignidade aristocratica.

—Pois que fez elle?

—Foi entregar pessoalmente as chaves da Casa Mourisca nas mãos do Thomé da Povoá. O frei Januario contou-me tudo. A aristocracia é assim em toda a parte. Tem a cabeça cheia de tradições da idade media e por ellas se regula. Procura sempre dar ás suas acções uma feição dramatica, e sempre que o consegue, sahe desopprimida de qualquer situação apertada.

—E Thomé aceitou-as?

—O Thomé não estava em casa. A entrevista teve logar á porta da Herdade entre o tio Luiz e Bertha, a heroína de toda esta historia, e a proposito...

—Perdão, mas... o que se passou n'essa entrevista?

—Pelo que me disse o padre, correu muito sentimental ao principio. A vista de Bertha recordou ao tio

a imagem de Beatriz e commoveu-o a ponto de chorar. A rapariga parece que lhe disse algumas coisas ternas, que acabaram de o sensibilisar; abençoou-a, beijou-a e quasi se ia esquecendo do que o levára alli, mas de repente recordou-se e fez a entrega das chaves com uma gravidade igual á de Martim de Freitas, cuja vaga recordação foi o que provavelmente lhe suggeriu a ideia da scena. Tu sorris? Olha que é o que te digo. Eu conheço os achaques d'estes nobres. Os mais sérios e ajuizados são perdidos por umas coisas assim. Se em uma occasião de crise tiverem um dito sentencioso, uma acção, um gesto dramatico d'estes que se tornam proverbias, ficam muito satisfeitos e resignam-se ás consequencias da crise. O certo é que as chaves lá ficaram.

— Thomé por certo lh'as restitue.

— Póde ser, mas é peor. Teu pae socegará, sabendo que as chaves estão nas mãos de Thomé. Então que queres? É uma puerilidade que se deve respeitar. O acto em si, olhado á luz da actualidade, não tem o minimo valor. Bem sabemos. Mas visto como o tio Luiz o vê, illuminado pelo crepusculo dos bons tempos passados, é um desforço e uma acção fidalga, capaz de o desaffrontar perante os seculos passados e futuros. Mas vamos ao que importa. Em toda esta historia figura o nome de uma mulher. Ora é sabido que nos attribuem sempre as primeiras honras no travar e complicar da acção dos differentes dramas e comedias da vida; por isso, com quanto o papel de Bertha se nos tenha apresentado até aqui como secundario, ninguem me tira da ideia de que ella é a figura principal da historia. Que te parece, Jorge?

Jorge, evidentemente enleiado pela reflexão da baroneza, respondeu:

— Bem vê que não é. A prima está já ao corrente de tudo, póde portanto julgar da parte da acção que cabe a essa rapariga.

— Estou ao corrente de tudo? Isso é que eu não sei. Mauricio tem por ella uma grande paixão, ao que parece.

— Não creio — acudiu Jorge vivamente.



— Como se explica então que, sendo elle tão teu amigo, se irritasse por uma errada interpretação dos teus actos, a ponto de estar imminente uma acção tragica, de que nem quero lembrar-me?

— Ora essa! Então não conhece o genio de Mauricio?— tornou Jorge quasi impaciente— Os primeiros movimentos são n'elle sempre impetuosos. Aquelle rapaz não se conhece. A cada instante se engana comsigo proprio. Anda persuadido ha certo tempo de que ama Bertha, e essa persuasão é tal que dá logar a scenas como essa que sabe.

— E porque dizes que não a ama?

— Porque o conheço e porque o tenho visto amar assim muitas mulheres.

— Uma serie de amores verdadeiros, é o que se conclue d'ahi; verdadeiros, mas curtos.

Jorge sorriu.

— Parece-me que não acreditas que sejam verdadeiros os que são curtos? Tu amarias sempre, se amasses?

— Creio que sim. Ou pelo menos, quando visse acabar um amor, dizia commigo: enganei-me, não era amor ainda.

— Sympathica theoria, mas não sei se muito aceitavel. Porém quem te diz que Mauricio não se fixaria d'esta vez? E olha que não seria uma má resolução da vossa crise. O Thomé julgo que está em condições de ser um sogro salvador, assim não houvesse a prevenção do tio Luiz.

— D'essa maneira não quereria eu nunca regenerar a nossa casa— replicou Jorge gravemente.

— Ah! tambem tens d'esses escrupulos? Pois olha, filho, é o processo hoje mais seguido.

— Bem sei, mas em um homem acho-o ignobil.

— Não havendo amor, concordo; mas quando o amor absolve a alma...

— Mais honra haveria em vencê-lo.

— Esta provincia é um terreno onde as velhas plantas duram eternamente. Não ha vento revolucionario, nem corrente de ideias novas que as derrubem. X

— Mas deve confessar que são bellas e boas arvores essas!

— Algumas; outras são inuteis e damninhas, e fariam muito bem se cedessem o logar a melhor e mais productiva cultura. Agora outra pergunta: e Bertha ama a Mauricio?

Jorge còrou a esta pergunta e evidentemente contrariado respondeu apenas:

— Talvez.

A baroneza ia a insistir, quando o colloquio foi interrompido pela voz do padre procurador pedindo licença para entrar.

Frei Januario entrou tossindo e assuando-se de uma maneira particular, que para quem o conhecesse era indício claro de uma grave preocupação de espirito.

— Então, snr. frei Januario, como se tem dado n'estas ruínas?—perguntou-lhe a baroneza com a amabilidade de dona de casa.

— Excellentemente, minha senhora. Então até direi a v. exc.<sup>a</sup> que ha muito tempo não dei com um cozinheiro que melhor atinasse com o meu paladar.

— Sim? O Gavião merece-lhe esse conceito? Se o rapaz o sabe! É capaz de se me estragar de vaidade. Não o gabe na presença. Recommendo-lhe toda a discrição, snr. frei Januario. Olhe lá.

— Mas é que é verdade o que eu digo. Que lhe pareceu a v. exc.<sup>a</sup> aquelles bifes hoje ao almoço? Olhe que aquelles bifest... Não lhe digo nada! O rapaz é geitoso. Mas deixemos isso. Tracta-se de uma coisa que me dá cuidado.

— Então que é? —perguntou a baroneza, recostando-se — Não quer sentar-se, snr. frei Januario?

O padre puxou uma cadeira, sentou-se e tornou a tossir e a assuar-se.

— O snr. D. Luiz — disse elle, interrompendo-se a cada momento — enfim... eu ha tempos a esta parte ando assim a modo de doido...

— Vamos, snr. frei Januario, solte a grande nevidade que nos traz debaixo do capote. Depois fará os eommentarios, que entenderemos e apreciaremos melhor.

—O snr. D. Luiz chamou-me ha poucos momentos ao seu quarto para me dizer... para me ordenar...

—O quê?

—Para me confiar de novo a procuração que me retirára, e ordenar-me que participasse isto mesmo ao snr. Jorge para seu governo. Emfim...

—Cumpra-se a vontade de meu pae — disse Jorge — e Deus permitta que elle tenha motivos para se applaudir por ella.

—Eu fazia melhor conceito do bom senso do tio Luiz — observou francamente a baroneza — confesso que fazia. E o snr. frei Januario acha-se com forças de desenredar esta meiada, embaraçada como está?

—Pois ahi é que bate o ponto — acudiu o egresso. — Eu... é verdade que por mais de vinte annos dirigi estas coisas e, se mais não fiz, foi porque os tempos eram o que nós todos sabemos. Mas, depois que o snr. Jorge tomou conta d'isto, perdi o fio da meiada, entende v. exc.<sup>a</sup>? Eu tinha cá o meu systema e por elle me guiava. Agora porém venho encontrar as coisas todas mudadas e... emfim, póde ser que estejam muito bem, não digo menos d'isso, mas eu é que não as entendo. Para pôr tudo outra vez no pé de d'antes, isso leva um tempo dos meus peccados; para continuar no caminho em que isto vae, era preciso ter muito trabalho e a fallar a verdade, já não estou na idade d'isso.

—E então que tenciona fazer?

—Eu sei? O fidalgo não ha quem o convença. Credol! Vão lá hoje contrariar-o na mais pequena coisa! Vae tudo pelos ares! Por isso, a mim lembrava-me...

—O que lhe lembra, snr. frei Januario? — perguntou Gabriella, fitando-o com olhar penetrante.

—Lembrava-me dizer ao fidalgo que sim senhor, que tudo se havia de fazer como elle mandava, que eu me encarregaria da direcção da casa, mas, por baixo de mão, continuar o snr. Jorge a levar as coisas lá pelo seu systema.

—E quer tomar sobre si a responsabilidade dos meus actos, snr. frei Januario? Repare bem. Já sabe a que portas costume ir bater, quando preciso de capital,

e quaes os meios que adopto. As suas crenças e opiniões devem soffrer com isso.

— E a mim que me importa? — tornou o padre impaciente — A final de contas, a casa é sua e não minha. O mal que fizer mais o ha de sentir do que eu.

— Não depõe muito a favor da sinceridade do seu affecto á minha familia esse dizer. Eu queria antes vê-lo oppondo-se energicamente á administração viciosa que principiei.

O padre não tinha coragem para tomar conta da gerencia da casa sob a inspecção de Jorge, a quem tomára um médo excessivo; tentava porém colorir airosamente a proposta que alli viera fazer.

A baroneza interpellou-o muito terminantemente.

— A sua posição n'esta casa, snr. frei Januario, e as exigencias Moraes do seu character e da sua missão traçam-lhe distinctamente o caminho que deve seguir. Ou entende na sua consciencia que pôde fazer mais e melhor do que Jorge, e n'esse caso deve obedecer ao tio Luiz, ou tem a convicção contraria e só então é admissivel a sua proposta, mas depois de confessar com franqueza e lealdade o motivo d'ella.

O padre torceu-se, balbuciando:

— Eu não digo... isto é... quero dizer... no estado em que as coisas estão... no pé em que as puzeram... Sim... cada qual tem lá o seu systema... e eu... sim, v. exc.<sup>a</sup> bem sabe...

— Deixemo-nos d'isso. Claro, claro. Notou alguns defeitos na administração do primo?

— Defeitos... defeitos... não digo defeitos...

— Mereceu-lhe alguns reparos? Seja franco. Não se admittem palavras ambiguas.

— Não, minha senhora, eu não tenho reparos a fazer... quero dizer...

— Achou-a boa?

— Sim... achei... isto é...

— Parece-lhe que não é capaz de fazer melhor?

— Não tenho vaidades...

— Tem medo de estragar o bem que está feito?

— Todos podem errar... emfim...

— Temos entendido. Parece-me que Jorge, em vista d'isso, não discordará do seu parecer. Não é verdade, Jorge?

— Custa-me continuar a trabalhar clandestinamente; mas não me eximo a esforço algum para salvar a minha casa.

— Muito bem; agora o snr. frei Januario pôde dizer ao tio Luiz que se cumprirão as suas ordens, e o mais que terá a fazer é assignar, sem lér, alguns papeis que por ventura sejam necessarios, isto nos primeiros dias, porque eu confio ainda na boa razão do tio. E agora cõma, beba e durma, e deixe correr o mundo, que ha de correr para bom lado.

O padre retirou-se mais desafogado, mas pouco satisfeito com os modos da baroneza, que o obrigaram a despir-se de toda a diplomacia e a confessar a sua inaptidão administrativa.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

553921



